

Mais de  
400 mil livros  
vendidos em  
todo o mundo.

TATIANA DE ROSNAY

# A CHAVE DE SARAH

SUMA

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Índice

Para pular o índice clique: [AQUI](#)

Capa  
Capítulo 01  
Capítulo 02  
Capítulo 03  
Capítulo 04  
Capítulo 05  
Capítulo 06  
Capítulo 07  
Capítulo 08  
Capítulo 09  
Capítulo 10  
Capítulo 11  
Capítulo 12  
Capítulo 13  
Capítulo 14  
Capítulo 15  
Capítulo 16  
Capítulo 17  
Capítulo 18  
Capítulo 19  
Capítulo 20  
Capítulo 21  
Capítulo 22  
Capítulo 23  
Capítulo 24  
Capítulo 25  
Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28  
Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31

Capítulo 32  
Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Capítulo 37  
Capítulo 38  
Capítulo 39  
Capítulo 40  
Capítulo 41  
Capítulo 42  
Capítulo 43  
Capítulo 44  
Capítulo 45  
Capítulo 46  
Capítulo 47  
Capítulo 48  
Capítulo 49  
Capítulo 50  
Capítulo 51  
Capítulo 52  
Capítulo 53  
Capítulo 54  
Capítulo 55  
Capítulo 56  
Capítulo 57  
Capítulo 58  
Capítulo 59  
Capítulo 60  
Capítulo 61  
Capítulo 62  
Capítulo 63  
Capítulo 64  
Capítulo 65  
Capítulo 66  
Capítulo 67  
Capítulo 68  
Capítulo 69  
Capítulo 70  
Capítulo 71  
Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Conversão e Formatação

<https://www.facebook.com/juliochwmaciel>

## Capítulo 01

A MENINA FOI A PRIMEIRA a ouvir as fortes pancadas na porta. Seu quarto é o mais próximo à entrada do apartamento. No início, entorpecida pelo sono, pensou que era seu pai, subindo do esconderijo no porão. Ele havia esquecido suas chaves e estava impaciente porque ninguém ouvira sua primeira e tímida batida. Mas depois vieram as vozes, fortes e brutais no silêncio da noite, que não tinham nada a ver com seu pai.

– É a polícia! Abram a porta! Agora! As pancadas recomeçaram, desta vez mais fortes. Elas ecoavam até a medula dos ossos. O irmão mais novo, adormecido na cama ao lado, agitou-se.

– É a polícia! Abram a porta! Abram a porta! Que horas eram? Ela espiou pelas cortinas. Ainda estava escuro lá fora.

Ficou com medo. Lembrou-se das recentes conversas sussurradas que havia escutado, tarde da noite, quando seus pais pensavam que estava dormindo. Ela havia caminhado silenciosamente até a porta da sala de estar para ouvir e olhar através de uma pequena fresta. A voz nervosa de seu pai. O rosto ansioso da mãe. Eles conversavam em sua língua materna, que a menina compreendia, embora não fosse fluente como eles. Seu pai havia sussurrado que os tempos que estavam por vir seriam difíceis. Que eles teriam que ser corajosos e muito cuidadosos. Ele pronunciava palavras estranhas, desconhecidas: “campos”, “batida policial, uma grande batida policial”, “prisões de manhã cedo”, e a menina ficava imaginando o que tudo aquilo poderia significar. Seu pai havia murmurado que nem as mulheres nem as crianças estavam em perigo, somente os homens, e que ele ficaria escondido no porão todas as noites.

De manhã, o pai havia explicado à menina que seria mais seguro se ele dormisse lá embaixo durante algum tempo. Até “que as coisas voltassem a ficar mais seguras”. Que “coisas”, exatamente? pensou a menina. O que significava “seguras”? Quando as coisas voltariam a ficar “seguras”? Ela queria descobrir o que ele quisera dizer com “campos” e “batida policial”, mas ficou preocupada em admitir que havia escutado seus pais conversando às escondidas diversas vezes. Então, não ousou perguntar a ele.

– Abram a porta! É a polícia! E se os policiais houvessem encontrado seu pai no porão? ela se perguntava. Era essa a razão por que estavam aqui, a polícia tinha vindo para levar Papa para os lugares que ele havia mencionado durante aquelas conversas sussurradas no meio da noite: “os campos”, longe, fora da cidade? Com passos surdos, a menina percorreu rapidamente o caminho até o quarto da mãe, no fim do corredor. Sua mãe acordou no instante em que sentiu a mão sobre seu ombro.

– É a polícia, mamãe – a menina sussurrou. – Eles estão esmurrando a porta. Sua mãe girou as pernas, empurrando-as para fora dos lençóis, e afastou os cabelos dos olhos. A menina achou que ela parecia cansada, velha, muito mais velha do que seus 30 anos.

– Eles vieram para levar Papa embora? – suplicou a menina, com as mãos nos braços da mãe. – Eles vieram buscá-lo? A mãe não respondeu. Novamente, as vozes em altos brados no fim do corredor. A mãe rapidamente vestiu um peão por cima da

camisola, pegou a menina pela mão e dirigiu-se à porta. Sua mão estava quente e pegajosa, como a de uma criança, a menina pensou.

– Pois não? – sua mãe disse timidamente, sem abrir o ferrolho. Uma voz de homem. Ele berrou o nome dela.

– Sim, Monsieur, sou eu – ela respondeu. Seu sotaque saiu forte, quase desagradável.

– Abra a porta. Imediatamente. Polícia.

A mãe levou a mão à garganta e a menina notou como ela estava pálida. Parecia esgotada, paralisada. Como se não pudesse mais se mexer. A menina jamais havia visto aquele medo no rosto da mãe. Sentiu sua boca ficar seca de angústia.

Os homens bateram na porta novamente. A mãe a abriu com dedos trêmulos e desajeitados. A menina estremeceu, esperando ver ternos ver-de-acinzentados.

Havia dois homens lá. Um era policial, usando sua capa azul-escura até os joelhos e um quepe alto e redondo. O outro usava uma capa de chuva bege. Ele tinha uma lista nas mãos. Mais uma vez, disse o nome da mulher. E o nome do pai. Falava francês perfeitamente. Então estamos seguros, pensou a menina. Se eles são franceses e não alemães, não estamos em perigo. Se eles são franceses, não vão nos fazer mal.

A mãe puxou a menina para perto de si. Ela podia ouvir o coração da mulher batendo através do penhoar. Queria empurrar a mãe. Queria que ela se aprumasse e olhasse para os homens com coragem, que parasse de se curvar de medo, que impedisse seu coração de bater daquela maneira, como o de um animal apavorado. Ela queria que sua mãe fosse corajosa.

– Meu marido... não está aqui – gaguejou a mãe. – Eu não sei onde ele está. Eu não sei.

O homem com a capa de chuva bege adentrou o apartamento impetuosamente. – Apresse-se, Madame. Vocês têm dez minutos. Pegue algumas roupas. O suficiente para alguns dias.

A mãe não se mexeu. Ela olhava para o policial com os olhos arregalados. Ele estava de pé sobre a plataforma entre dois lances de escada, com as costas voltadas para a porta. Parecia indiferente, entediado.

Ela pôs uma das mãos sobre sua manga azul-marinho.

– Monsieur, por favor... – ela começou.

O policial se virou, afastando a mão dela com uma expressão dura e vazia nos olhos.

– A senhora me ouviu. Vocês virão conosco. Sua filha também. Faça exatamente o que estamos mandando.

## Capítulo 02

Paris, maio de 2002

BERTRAND ESTAVA ATRASADO, como sempre. Tentei não me importar com isso, mas me importei. Zoé estava encostada indolente-mente contra a parede, entediada. Parecia tanto com o pai que às vezes me fazia sorrir. Mas não hoje. Olhei para o prédio alto e antigo. A casa de Mame. O velho apartamento da avó de Bertrand. E nós iríamos morar lá. Iríamos sair do Boulevard du Montparnasse, com seu tráfego barulhento, com as ambulâncias incessantes por causa de três hospitais na vizinhança, com seus cafés e restaurantes, para esta rua estreita e tranqüila à margem direita do Sena.

O Marais não era um arrondissement com o qual eu estava familiarizada, embora admirasse sua beleza antiga caindo aos pedaços. Será que eu estava feliz com a mudança? Não tinha certeza. Bertrand não havia realmente pedido a minha opinião. Não havíamos conversado muito sobre isso. Como era seu estilo, ele havia tomado a dianteira da coisa toda. Sem mim.

– Lá está ele – disse Zoé. – Apenas meia hora atrasado.

Observamos Bertrand subir a rua, passeando, com seu característico andar sensual. Esguio, moreno, transpirando sensualidade, o arquétipo do homem francês. Ele estava ao telefone, como sempre. Arrastando-se atrás dele estava Antoine, seu colega de trabalho, barbudo e de rosto rosado. Seu escritório ficava na rue de l'Arcade, bem atrás da Madeleine. Bertrand tinha feito parte de uma firma de arquitetura durante muito tempo, desde antes do nosso casamento, mas abriu seu próprio negócio com Antoine cinco anos atrás.

Bertrand acenou para nós e depois apontou para o telefone, baixando as sobrancelhas e fazendo uma careta.

– Como se ele não conseguisse se livrar da pessoa ao telefone – zombou Zoé. – Com certeza.

Zoé tinha apenas 11 anos, mas às vezes parecia que já era uma adolescente. Primeiro por sua altura, que fazia com que todas as suas amigas parecessem anãs – assim como seus pés, ela acrescentaria austeramente – e, depois, por uma lucidez precoce que muitas vezes me deixava sem fôlego. Havia algo de adulto em seu olhar solene, cor de avelã, e no modo pensativo como levantava o queixo. Ela sempre foi assim, mesmo quando pequena. Calma, madura, às vezes madura demais para sua idade.

Antoine veio nos cumprimentar enquanto Bertrand continuava em sua conversa, alta o bastante para que a rua inteira ouvisse, agitando as mãos no ar, fazendo mais caretas, virando-se de vez em quando para certificar-se de que estávamos captando cada palavra.

– Um problema com outro arquiteto – explicou Antoine com um sorriso discreto. – Um concorrente? – indagou Zoé.

– É, um concorrente – respondeu Antoine. Zoé suspirou. – O que significa que podemos passar o dia todo aqui – ela disse. Tive uma idéia. – Antoine, por acaso você



está com a chave do apartamento de madame Tézac? – Sim, Julia, estou com ela – ele disse, sorrindo. Antoine sempre me respondia em inglês quando eu falava em francês com ele. Suponho que ele tinha a intenção de ser gentil, mas, secretamente, isso me deixava chateada. Eu sentia como se meu francês ainda não fosse bom, mesmo depois de estar morando aqui durante todos esses anos.

Antoine exibiu a chave. Decidimos subir, nós três. Zoé digitou a senha com vigor e dedos hábeis. Caminhamos pelo pátio frondoso e fresco que levava ao elevador.

– Odeio esse elevador – observou Zoé. – Papa deveria fazer algo sobre isso. – Querida, ele só está reformando a casa de sua bisavó – observei. – Não o prédio todo.

– Bem, ele deveria – respondeu ela.

Enquanto esperávamos pelo elevador, meu celular começou a tocar o tema de Darth Vader. Examinei o número que piscava no visor. Era Joshua, meu chefe.

Atendi.

– Sim? Joshua foi direto ao ponto. Como sempre.

– Preciso que você volte às três. Estamos fechando a pauta de julho. Câmbio final. – Putz! – respondi atrevidamente. Ouvi uma risadinha no outro lado da linha antes que ele desligasse. Joshua sempre parecia gostar quando eu dizia “putz”. Talvez isso o fizesse lembrar-se de sua juventude. Antoine parecia se divertir com minhas gírias fora de moda. Eu o imaginava colecionando-as e depois tentando repeti-las com seu sotaque francês.

O elevador era uma daquelas inimitáveis geringonças parisienses com uma cabine diminuta, uma grade de ferro manual e portas duplas de madeira que inevitavelmente batiam na sua cara. Espremida entre Zoé e Antoine – que exagerou ligeiramente com seu perfume de veti-ver - dei uma olhada no meu rosto no espelho enquanto deslizávamos para o alto. Eu parecia tão desgastada quanto o elevador que rangia. O que havia acontecido com a beldade cheia de frescor que veio de Boston, Massachusetts? A mulher que me encarava de volta estava na temida idade entre os 45 e os 50, a terra de ninguém cheia de flacidez, com a chegada das rugas e a furtiva aproximação da menopausa.

– Eu também odeio esse elevador – comentei secamente. Zoé sorriu e beliscou minha bochecha.

– Mamãe, até mesmo Gwyneth Paltrow ficaria horrorosa nesse espelho. Eu tive de sorrir. Era um comentário típico de Zoé.

## Capítulo 03

A MÃE COMEÇOU A SOLUÇAR , baixinho no início, e depois mais alto. A menina olhava para ela, atordoada. Em todos os seus 10 anos de idade, ela jamais vira a mãe chorar. Horrorizada, observava as lágrimas deslizarem pelo rosto pálido e amarrotado da mãe. Queria dizer à mãe para parar de chorar. Não conseguia agüentar a vergonha de ver sua mãe naquela choradeira na frente desses estranhos. Mas os homens não estavam prestando atenção às lágrimas da mãe. Eles disseram a ela que se apressasse. Não havia tempo a perder.

No quarto, o menino continuava a dormir.

– Mas para onde vocês vão nos levar? – suplicou sua mãe. – Minha filha é francesa, ela nasceu em Paris, por que vocês a querem também? Para onde estão nos levando? Os homens não disseram mais nada. Eles eram vultos assomando-a, fortes, ameaçadores. Os olhos da mãe estavam brancos de terror. Ela foi para o quarto e afundou na cama. Depois de alguns segundos, endireitou as costas e se virou para a menina. Sua voz era um sussurro, seu rosto uma máscara de tensão.

– Acorde seu irmão. Vistam-se, os dois. Pegue algumas roupas para ele para você. Depressa! Depressa, agora! Seu irmão ficou mudo de terror quando espiou pela porta e viu os homens. Ele viu sua mãe despenteada, soluçando, tentando arrumar a mala. Reuniu toda a força que seu corpo de 4 anos de idade possuía. Recusou-se a se mover. A menina tentou persuadi-lo. Ele não ouvia. Ficou ali, sem se mover, com seus bracinhos dobrados sobre o peito.

A menina tirou a camisola, apanhou uma blusa de algodão e uma saia. Enfiou os pés dentro dos sapatos. Seu irmão a observava. Eles podiam ouvir a mãe chorando em seu quarto.

– Vou para o nosso lugar secreto – ele sussurrou.

– Não! – ela respondeu num ímpeto. – Você vai conosco, você tem que ir. Ela o agarrou, mas ele conseguiu escapar do aperto e se esgueirou para dentro do armário longo e profundo escondido na superfície da parede do quarto. Aquele dentro do qual eles brincavam de esconde-esconde. Eles se escondiam ali a toda hora, como se fosse a própria casinha deles. Maman e Papa sabiam sobre ele, mas sempre fingiam que não. Eles os chamavam pelos nomes. Falavam alto, com suas vozes alegres: “Mas aonde foram essas crianças? Que estranho, elas estavam aqui agora mesmo!” E ela e o irmão davam risadinhas divertidas.

Eles tinham uma lanterna lá dentro e algumas almofadas, brinquedos e livros, e até mesmo uma garrafa d'água que Maman enchia todos os dias. Seu irmão ainda não sabia ler, então a menina lia alto para ele Um Bom Diabrete. Ele amava o conto do órfão Charles e a aterrorizante Madame Mac'miche, e como Charles se vingou dela por toda sua crueldade. Ela lia para ele repetidamente.

A menina podia ver o rostinho do irmão espreitando-a através da escuridão. Ele estava agarrado a seu ursinho favorito, e não tinha mais medo. Talvez ficasse a salvo lá, no fim das contas. Tinha água e a lanterna. Ele podia ver as figuras no livro da

Condessa de Ségur. Sua preferida era a da magnífica vingança de Charles. Talvez ela devesse deixá-lo lá por enquanto. Os homens jamais o encontrariam. Ela voltaria para pegá-lo mais tarde quando eles tivessem autorização para ir para casa novamente. E Papa, ainda no porão, saberia onde o menino estava escondido, caso subisse.

– Você está com medo aí dentro? – perguntou baixinho, ao mesmo tempo que os homens as chamavam.

– Não – ele respondeu. – Não estou com medo. Você me tranca aqui dentro. Eles não vão me pegar.

Ela fechou a porta diante do rostinho pálido do irmão e girou a chave na fechadura. Depois, colocou a chave no bolso. A fechadura ficava escondida por um dispositivo em forma de um interruptor de luz que girava em torno de si mesmo. Era impossível ver o contorno do armário no apanelamento da parede. Sim, ele estaria seguro ali. Ela tinha certeza.

A menina murmurou o nome dele e encostou a palma da mão sobre o painel de madeira.

– Volto mais tarde para buscar você. Prometo.

## Capítulo 04

ENTRAMOS NO APARTAMENTO E mexemos desajeitadamente nos interruptores de luz. Nada aconteceu. Antoine abriu duas venezianas. O sol precipitou-se para dentro do ambiente. Os cômodos estavam nus, empoeirados. Sem mobília, a sala de estar parecia imensa. Os raios dourados entravam oblíquos pelas longas vidraças encardidas, salpicando as tábuas do assoalho marrom-escuro.

Olhei em volta para as prateleiras vazias, para os quadrados mais escuros nas paredes em que costumavam pender lindas pinturas, para a lareira de mármore que me fazia lembrar de tantos invernos quando o fogo ardia, e de Mame estendendo suas mãos pálidas e delicadas na direção do calor das chamas.

Postei-me ao lado de uma das janelas e olhei para o pátio verde e tranqüilo lá embaixo. Fiquei feliz por Mame ter ido embora antes de ver seu apartamento vazio. Isso poderia tê-la deixado perturbada. Eu fiquei.

– Ainda tem o cheiro de Mame – comentou Zoé. – Shalimar. – E de Minette, aquele bicho horrível – acrescentei, levantando o nariz. Minette havia sido o último animal de estimação de Mame. Uma siamesa com incontinência urinária.

Antoine me olhou surpreso.

– A gata – expliquei. Desta vez, falei em inglês. É claro que eu sabia que la chatte era o feminino de “gato”, mas também podia significar “xoxota”. A última coisa que eu queria era fazer Antoine dar risada por causa de algum duplo sentido.

Antoine avaliou o lugar com olhar profissional.

– O sistema elétrico é antigo – ele observou, apontando para os fusíveis de porcelana brancos e antiquados. – O aquecimento também.

Os aquecedores gigantescos estavam negros de sujeira, escamosos como répteis. – Espere até ver a cozinha e os banheiros – retruquei.

– A banheira tem garras – disse Zoé. – Vou sentir falta delas. Antoine examinou as paredes, dando pancadinhas com o nó dos dedos.

– Suponho que você e Bertrand queiram reformá-lo completamente? – perguntou, olhando para mim.

Encolhi os ombros.

– Não sei exatamente o que ele quer fazer. Mudar para este lugar foi idéia dele. Eu não estava muito animada com a idéia de mudar para cá. Eu queria algo mais... prático. Algo novo.

Antoine sorriu.

– Mas vai ficar novinho em folha depois que a gente terminar. – Talvez. Mas, para mim, este sempre será o apartamento de Mame. O

apartamento ainda tinha as marcas de Mame, mesmo depois de ela ter se mudado para um asilo, nove meses antes. A avó de meu marido morou aqui durante anos. Lembrei-me do nosso primeiro encontro, 6 anos atrás. Eu havia ficado impressionada

com as pinturas antigas, e com lareira de mármore, que ostentava fotos de família emolduradas em prata lavrada, a mobília elegante, enganosamente simples, os inúmeros livros alinhados sobre as prateleiras da biblioteca, o piano de cauda coberto com um suntuoso veludo vermelho. A sala de estar ensolarada dava para um sereno pátio interno com uma espessa camada de hera que se estendia por sobre a parede oposta. Tinha sido bem ali que eu a encontrara pela primeira vez, que eu estendera minha mão para ela, sem jeito, não estando ainda habituada com o que minha irmã Charla chamava de “essa coisa beijoqueira francesa”.

Você não aperta a mão de uma mulher parisiense, mesmo que você esteja encontrando pela primeira vez. Você deve beijá-la uma vez em cada face.

Mas eu ainda não sabia disso na época.

## Capítulo 05

O HOMEM COM A CAPA de chuva bebe olhou para a lista novamente. – Espere – ele disse. – Está faltando uma criança. Um menino. Ele pronunciou o nome da criança.

O coração da menina sobressaltou-se. A mãe olhou na direção da filha. A menina levou prontamente o dedo aos lábios. Um movimento que os homens não captaram.

– Onde está o menino? – perguntou o homem.

A menina deu um passo à frente, torcendo as mãos.

– Meu irmão não está aqui, Monsieur – ela respondeu com seu francês perfeito, o francês de uma nativa. – No início deste mês ele foi com alguns amigos para o interior.

O homem de capa de chuva olhou para ela pensativamente. Depois, fez um gesto rápido com o queixo para o policial.

Vasculhe o lugar. Rápido. Talvez o pai esteja escondido também. O policial percorreu os cômodos, fazendo ruídos surdos, abrindo e fechando portas desajeitadamente, olhando debaixo das camas, dentro dos armários. Enquanto ele fazia seu serviço ruidosamente pelo apartamento, o outro homem caminhava pela sala. Quando ele estava de costas, a menina rapidamente mostrou a chave à mãe. “Papa vai subir e pegá-lo. Papa virá mais tarde”, ela movimentou os lábios sem fazer som. “Está bem”, ela pareceu dizer, “eu entendi onde o menino está”. Mas sua mãe começou a franzir o cenho, a fazer um gesto de chave com a mão como se a perguntar “onde você vai deixar a chave para Papa, como é que ele vai saber onde ela está?”. O homem virou-se rapidamente e ficou observando-as. A mãe ficou paralisada. A menina tremia de terror.

Ele fitou-as por alguns instantes. Depois, fechou abruptamente a janela. – Por favor – a mãe pediu - está tão quente aqui dentro! O homem sorriu. A menina achou que nunca tinha visto um sorriso mais feio do que aquele. – Vamos mantê-la fechada, Madame – ele respondeu. – Hoje pela manhã, uma senhora atirou o filho pela janela e, em seguida, pulou. Nós não queremos que o mesmo aconteça novamente.

A mãe nada respondeu, entorpecida de terror. A menina encarava o homem, odiando-o, odiando cada centímetro dele. Sentia repugnância por seu rosto rosado, sua boca reluzente. O olhar frio e mortal em seus olhos. O modo como ele ficava ali, com as pernas separadas e o chapéu de feltro pendendo para a frente, com suas mãos gordas entrelaçadas nas costas.

Ela o odiava com todas as forças, como jamais havia odiado ninguém na vida, mais do que ela havia odiado aquele menino horrível na escola, Daniel, que havia sussurrado coisas horríveis para ela, coisas horríveis sobre o sotaque de sua mãe, o sotaque de seu pai.

Ela ouviu o policial continuar sua busca desajeitada. Ele não iria encontrar o menino. O armário estava engenhosamente escondido. O menino estaria seguro. Eles nunca o encontrariam. Nunca.

O policial voltou. Encolheu os ombros e balançou a cabeça. – Não há ninguém

aqui – ele disse.

O homem com a capa de chuva empurrou a mãe na direção da porta. Pediu as chaves do apartamento. Ela as entregou silenciosamente. Desceram as escadas em fila, a descida retardada pelas bolsas e trouxas que a mãe carregava. A menina estava pensando rápido. Como ela conseguiria entregar a chave para o pai? Onde é que ela poderia deixá-la? Com a concierge? Será que ela estaria acordada àquela hora? Estranhamente, a concierge já estava acordada e esperando atrás de sua porta. A menina notou que ela tinha uma expressão estranha, uma satisfação maligna no rosto. Por que ela estava com aquele jeito – perguntou-se a menina - por que ela não olhava para sua mãe, ou para ela, mas somente para os homens, como se ela não quisesse vê-la ou à mãe, como se ela jamais as tivesse visto? E, no entanto, sua mãe sempre havia sido gentil com essa mulher. Ela havia tomado conta do bebê da concierge algumas vezes, a pequena Suzanne, que muitas vezes chorava por causa de dores de barriga, e sua mãe havia sido tão paciente, cantando interminavelmente para Suzanne em sua língua materna. O bebê adorava, adormecendo tranqüilamente.

– A senhora sabe onde o pai e o filho estão? – perguntou o policial. Ele entregou a ela as chaves do apartamento.

A concierge encolheu os ombros. Ela continuava sem olhar para a menina ou para sua mãe. Enfiou as chaves no bolso com um movimento rápido e ávido, do qual a menina não gostou.

– Não – ela respondeu ao policial. – Não tenho visto muito o marido ultimamente. Talvez ele tenha fugido para se esconder com o garoto. Vocês podem vasculhar os porões ou as áreas de serviço no último andar. Posso lhes mostrar.

O bebê no pequeno cercado começou a choramingar. A concierge olhou para trás, por sobre o ombro.

– Não temos tempo – respondeu o homem com a capa de chuva. – Precisamos prosseguir. Voltaremos mais tarde, se necessário.

A concierge entrou para pegar o bebê que chorava e segurou-o contra o peito. Ela disse que sabia que havia outras famílias no prédio vizinho. Ela proferiu seus nomes com uma expressão de desgosto, pensou a menina, como se estivesse dizendo palavrões, aquelas palavras sujas que você jamais deveria pronunciar.

## Capítulo 06

BERTRAND FINALMENTE ENFIOU o telefone no bolso e voltou sua atenção para mim. Ele me lançou um de seus sorrisos irresistíveis. Por que eu tinha um marido tão incredivelmente atraente? – pensei pela milionésima vez. Quando eu o vi pela primeira vez, há muitos anos, esquiando em Courchevel, nos Alpes franceses, ele era do tipo esguio e juvenil. Agora, aos 47 anos, maior, mais forte, transpirava masculinidade, “um jeito francês” e classe. Ele era como o bom vinho, amadurecendo com graça e força, ao passo que eu tinha certeza de que havia perdido minha juventude em algum lugar entre o rio Charles e o Sena e certamente não estava desabrochando na meia-idade. Se os cabelos prateados e as rugas pareciam realçar a beleza de Bertrand, eu tinha certeza de que eles diminuía a minha.

– Bem? – ele disse, apalpando minha bunda com uma mão descuidada e possessiva, embora seu sócio e nossa filha estivessem olhando. – Bem, isso não é excelente? – Excelente – repetiu Zoé. – Antoine acabou de nos dizer que tudo precisa ser reformado, o que significa que provavelmente não nos mudaremos por mais um ano.

Bertrand riu. Uma risada maravilhosamente contagiante, um misto de hiena com saxofone. Esse era o problema com o meu marido. Charme inebriante. E ele amava ligá-lo a toda força. Eu imaginava de quem ele o havia herdado. De seus pais, Colette e Edouard? Superinteligentes, refinados, cultos. Mas não charmosos. Suas irmãs, Cécile e Laure? Bem-criadas, brilhantes, maneiras perfeitas. Mas elas só riam quando se sentiam obrigadas. Supus que ele provavelmente havia herdado de Mame. A rebelde e beligerante Mame.

– Antoine é tão pessimista – Bertrand riu. – Estaremos aqui em breve. Vai dar um bocadinho de trabalho, mas teremos as melhores equipes trabalhando aqui.

Nós o seguimos pelo longo corredor de tábuas corridas que rangiam, visitando os quartos que davam para a rua.

– Esta parede precisa ser demolida – Bertrand declarou, apontando, e Antoine aquiesceu. – Precisamos trazer a cozinha para mais perto. De outra forma, a Miss Jarmond aqui não vai considerá-la “prática”.

Ele disse a palavra em inglês, olhando para mim com uma piscadela travessa e desenhando pequenas aspas no ar com os dedos.

– É um apartamento bem grande – observou Antoine. – Um tanto grandioso. – Agora, sim. Mas era muito menor antigamente, muito mais humilde – disse Bertrand. – Foram tempos difíceis para meus avós. Meu avô não ganhou dinheiro até os anos 1960. Depois, ele comprou o apartamento do outro lado do corredor e juntou os dois.

– Então, quando vovô era criança, ele morava nesta parte pequena? – perguntou Zoé.

– Isso mesmo – disse Bertrand. – Nesta parte daqui. Aquele era o quarto dos pais, e ele dormia aqui. Era muito menor.

Antoine batia nas paredes com os nós dos dedos pensativamente. – Sim, eu sei o



que você está pensando – Bertrand sorriu. – Você quer juntar estes dois cômodos, não é? – Ele – admitiu Antoine.

– Não é má idéia. Vai dar trabalho, no entanto. Há um trecho de parede complicado aqui, vou te mostrar mais tarde. Apainelamento espesso. Canos e outras coisas passando pelo meio dele. Não será tão fácil quanto parece.

Olhei para o meu relógio. Eram duas e meia.

– Preciso ir – eu disse. – Tenho uma reunião com Joshua. – O que faremos com Zoé? – perguntou Bertrand. Zoé revirou os olhos. – Eu posso de repente pegar um ônibus e voltar para Montparnasse. – E a escola? – perguntou Bertrand.

Nova revirada de olhos.

– Papa! Hoje é quarta-feira. Não tenho escola nas quartas à tarde, lembra? Bertrand coçou a cabeça.

– No meu tempo era...

– Era na quinta, não havia escola às quintas – disse Zoé, com um jeito cantado. – Esse sistema educacional francês ridículo! – suspirei. – E há aula nos sábados de manhã, para completar! Antoine concordou comigo. Seus filhos estavam matriculados em uma escola particular na qual não havia aulas aos sábados pela manhã. Mas Bertrand – como seus pais – acreditava firmemente no sistema escolar público francês. Eu quis colocar Zoé em uma escola bilingüe. Havia várias delas em Paris, mas a tribo dos Tézac não aceitou isso. Zoé era francesa, nascida na França. Ela iria para uma escola francesa. No momento, ela estava estudando no Lycée Montaigne, perto do Jardim de Luxemburgo. Os Tézac viviam se esquecendo de que Zoé tinha uma mãe americana. Felizmente, o inglês de Zoé era perfeito. Eu jamais havia falado outra língua com ela, e ela ia a Boston visitar meus pais com bastante frequência. Zoé passava a maioria dos verões em Long Island com minha irmã Charla e a família dela.

Bertrand virou-se para mim. Estava com aquele brilhinho no olhar, aquele que me deixava alerta, que significava que ele iria ser muito engraçado ou muito cruel, ou ambos. Antoine obviamente também sabia o que aquilo sugeria, a julgar pelo modo humilde com que ele mergulhou em um profundo estudo de seus mocassins de verniz com borlas.

– Ah, sim, é verdade, sabemos o que Miss Jarmond pensa de nossas escolas, nossos hospitais, nossas greves intermináveis, nossas longas férias, nosso sistema de encanamento, nosso serviço postal, nossa TV, nossa política, o cocô de nossos cachorros nas calçadas – disse Bertrand, exibindo seus dentes perfeitos para mim. – Já ouvimos isso tudo tantas vezes, mas tantas vezes, não é mesmo? “Gosto de estar nos Estados Unidos, tudo é limpo nos Estados Unidos, todo mundo recolhe o cocô do cachorro nos Estados Unidos!” – Papa, pare com isso, você está sendo grosso! – protestou Zoé, pegando na minha mão.

## Capítulo 07

DO LADO DE FORA , a menina viu um vizinho de pijama debruçado na janela. Ele era um bom homem, um professor de música. Tocava violino e ela gostava de ouvi-lo. Do outro lado do pátio, ele tocava com frequência para ela e para o irmão. Canções francesas antigas como Sur le Pont d'Avicjnon e A la Claire Fontaine, e também canções do país de seus pais, canções que sempre faziam seu pai e sua mãe dançarem alegremente, com os chinelos de sua mãe deslizando pelas tábuas do assoalho e seu pai rodopiando sem parar, até que ficassem tontos.

– O que vocês estão fazendo? Para onde os estão levando? – ele exclamou. Sua voz soou até o outro lado do pátio, encobrindo os gritos do bebê. O homem com a capa de chuva não respondeu.

– Mas vocês não podem fazer isso – disse o vizinho. – Eles são gente boa. honesta! Vocês não podem fazer isso! Ao som de sua voz, as venezianas começaram a se abrir e rostos surgiram por detrás das cortinas.

Mas a menina percebeu que ninguém se mexia, ninguém dizia nada. As pessoas apenas observavam.

A mãe ficou paralisada, com suas costas se contorcendo com os soluços. Os homens a empurraram.

Os vizinhos olhavam silenciosamente. Até mesmo o professor de música permaneceu silencioso.

Repentinamente, a mãe se virou e gritou com toda a força de seus pulmões. Ela gritou o nome do marido três vezes.

Os homens a agarraram pelos braços e a sacudiram com brutalidade. Ela deixou cair as bolsas e as trouxas. A menina tentou impedi-los, mas eles a empurraram.

Um homem surgiu à porta. Um homem franzino com as roupas amarrotadas, o queixo com a barba por fazer e os olhos vermelhos e cansados. Ele atravessou o pátio, mantendo a postura ereta.

Quando ele chegou até os homens, lhes disse quem era. Seu sotaque era forte, assim como o da mulher.

– Leve-me com minha família – ele disse.

A menina enfiou sua mão dentro da mão do pai.

Ela estava segura, pensou. Estava segura com sua mãe, com seu pai. Isso não iria durar muito. Essa era a polícia francesa, não eram os alemães. Ninguém iria fazer mal a eles.

Logo estariam de volta ao apartamento, e mamãe prepararia o café-da-manhã. E o menino sairia de seu esconderijo. E Papa iria para o armazém no fim da rua onde trabalhava como chefe de seção e fazia cintos, bolsas e carteiras junto com todos os seus colegas de trabalho e tudo voltaria a ser como antes. E as coisas logo voltariam a ficar seguras novamente.

Do lado de fora, era dia. A rua estreita estava vazia. A menina olhava para o seu prédio, para os rostos silenciosos nas janelas, para a concierge com a pequena Suzanne no colo.

O professor de música ergueu a mão lentamente em um gesto de despedida. Ela acenava de volta, sorrindo. Tudo iria ficar bem. Ela iria voltar, eles todos iriam voltar.

Mas o homem parecia aflito.

Havia lágrimas descendo pelo seu rosto, lágrimas silenciosas de impotência e vergonha que ela não conseguia compreender.

## Capítulo 08

GROSSO? POIS SUA MÃE adora – gargalhou Bertrand, piscando para Antoine. – Você não adora, meu amor? Não adora, chérié? Ele circulava pela sala de estar, estalando os dedos no ritmo da música de Amor, sublime amor.

Eu me senti uma boba, uma idiota, na frente de Antoine. Por que Bertrand tinha tanto prazer em me fazer parecer a americana maledi-cente e preconceituosa, sempre crítica dos franceses? E por que eu só conseguia ficar ali parada e o deixava fazer isso? Havia sido engraçado, num primeiro momento. No começo do nosso casamento, era uma piada clássica, do tipo que fazia com que tanto os amigos franceses quanto os americanos gargalhassem estrondosamente. No começo.

Eu sorri, como de costume. Mas hoje meu sorriso me pareceu um tanto tenso. – Você tem ido visitar Mame ultimamente? – perguntei. Bertrand já estava

ocupado, medindo alguma coisa.

– O quê? – Mame – repeti pacientemente. – Acho que ela gostaria de vê-lo. Para falar sobre o apartamento.

Os olhos dele encontraram os meus.

– Não tenho tempo, amour. Você vai? Um olhar suplicante. – Bertrand, eu vou toda semana. Você sabe disso. Ele suspirou. – Ela é sua avó – eu disse.

– E ela ama você, l'Américaine. – Ele sorriu maliciosamente. – E eu também, bébé. Aproximou-se para me beijar suavemente nos lábios. A americana. – Então você é a americana – Mame havia declarado, há tantos anos, nesta mesma sala, examinando-me com suas íris cinzentas e pensativas. L'Américaine. Como aquilo havia me feito sentir americana, com meus cachos em camadas, meus tênis e um sorriso saudável! E como extremamente francesa era essa senhora de 70 anos, com suas costas eretas, seu nariz aristocrata, seu coque impecável nos cabelos e seus olhos perspicazes. E, mesmo assim, gostei de Mame desde o começo, de sua risada surpreendente e gutural, de seu senso de humor seco.

Mesmo hoje, eu tinha de admitir que gostava mais dela do que dos pais de Bertrand, que ainda me faziam sentir “a americana”, embora eu já morasse em Paris há 25 anos, já estivesse casada com o filho deles há 15 e houvesse dado à luz a primeira neta deles, Zoé.

Ao descer, novamente confrontando-me com o desagradável reflexo no espelho do elevador, repentinamente me ocorreu que eu já tinha suportado as estocadas de Bertrand por tempo demais, e sempre encolhendo os ombros de maneira afável.

Hoje, pela primeira vez e por alguma razão obscura, senti que já tinha agüentado o bastante.

## Capítulo 09

A MENINA PERMANECEU PERTO DOS PAIS . Eles caminharam a rua inteira com o homem da capa de chuva bege mandando que se apressassem.

Para onde estavam indo? ela se perguntava. Por que eles tinham que correr tanto? Mandaram que entrassem numa grande garagem. Ela reconheceu a rua, que não era longe de onde morava, de onde seu pai trabalhava.

Na garagem, havia homens debruçados sobre motores, usando macacões azuis manchados de óleo. Os homens os olhavam fixamente, silenciosos. Ninguém dizia nada. Foi então que a menina viu um grupo grande de pessoas de pé na garagem com bolsas e cestas aos seus pés. Na maioria, mulheres e crianças, ela observou. Ela conhecia ligeiramente algumas delas. Mas ninguém ousava acenar ou dizer olá. Depois de algum tempo, dois policiais apareceram. Eles chamaram os nomes. O pai da menina levantou a mão quando o nome da família deles foi ouvido.

A menina olhou a sua volta. Viu um menino que conhecia da escola, Léon. Ele parecia cansado e assustado. Ela sorriu para ele, queria dizer-lhe que estava tudo bem, que eles iriam para casa em breve. Isso não ia durar muito, eles logo iriam ser mandados de volta. Mas Léon olhava fixamente como se ela fosse uma louca. Ela olhou para os próprios pés, com as bochechas vermelhas. Talvez ela tivesse entendido tudo errado. Seu coração estava aos pulos. Talvez as coisas não fossem acontecer como ela imaginara. Ela se sentiu muito ingênua, boba e criança.

Seu pai se inclinou sobre ela. O queixo com a barba por fazer fez cócegas em sua orelha. Ele disse o nome dela. Onde estava o irmão? Ela lhe mostrou a chave. O irmãozinho estava seguro no armário secreto deles, ela sussurrou, orgulhosa de si mesma. Ele estaria a salvo lá.

Os olhos de seu pai se arregalaram e ficaram estranhos. Ele apertou o braço da menina com força. Mas está tudo bem, ela disse, ele vai ficar bem. É um armário fundo e lá tem ar suficiente para ele respirar. E ele tem água e a lanterna. Ele vai ficar bem, Papa.

– Você não compreende – disse o pai - você não compreende. E, para seu pavor, ela viu que seus olhos se encheram de lágrimas. Ela puxou sua manga. Não conseguia suportar ver seu pai chorar.

– Papa – ela disse - nós vamos voltar para casa, não vamos? Nós vamos voltar depois que chamarem nossos nomes? O pai enxugou as lágrimas. Ele baixou o olhar para ela. Olhos tristes e terríveis que ela não suportava encarar.

– Não – ele disse - não vamos voltar. Eles não vão nos deixar voltar. Ela sentiu algo frio e horrível atravessá-la. Mais uma vez, ela se lembrou do que havia entreouvido, os rostos de seus pais observados por detrás da porta, o medo e a angústia deles no meio da noite.

– O que você quer dizer com isso, Papa? Para onde nós vamos? Por que não vamos voltar para casa? Me diz! Me diz! Ela quase gritou as últimas palavras.

O pai abaixou os olhos para encará-la. Ele disse seu nome mais uma vez, muito

suavemente. Os olhos ainda estavam úmidos. Seus cílios estavam pontilhados de lágrimas. Ele colocou a mão atrás de seu pescoço.

– Seja corajosa, meu amor. Seja corajosa, o mais corajosa que puder. Ela não podia chorar. Seu medo era tão grande que parecia engolir tudo ao redor, parecia sugar cada emoção de dentro dela, como um aspirador forte e monstruoso.

– Mas eu prometi a ele que eu ia voltar, Papa. Eu prometi a ele. A menina viu que ele havia começado a chorar novamente, que ele não a estava ouvindo. Ele estava envolvido em sua própria tristeza, em seu próprio medo. Foram todos mandados para fora. A rua estava vazia, exceto pelos ônibus alinhados ao longo da calçada. O tipo de ônibus comum que a menina costumava tomar com a mãe e o irmão para andar pela cidade – ônibus comuns, os verdes e brancos de todo dia, com plataformas na traseira.

Receberam ordens para que entrassem nos ônibus e foram empurrados uns contra os outros. A menina procurou novamente os uniformes cinza-esverdeados, pela língua rude e gutural que ela havia aprendido a temer. Mas estes eram apenas policiais. Policiais franceses.

Através do vidro empoeirado do ônibus, ela reconheceu um deles, o jovem ruivo que a havia ajudado a atravessar a rua muitas vezes no caminho para casa, de volta da escola. Ela deu pancadinhas no vidro para atrair sua atenção. Quando seus olhos encontraram com os dela, ele rapidamente olhou para o outro lado. Parecia constrangido, quase aborrecido. Ela se perguntou por quê. Quando estavam sendo todos empurrados para dentro dos ônibus, um homem protestou e foi forçado violentamente pela polícia. Um policial gritou que atiraria caso alguém tentasse escapar.

Com desânimo, a menina observou os prédios e as árvores passando. Ela só conseguia pensar em seu irmão no armário, na casa vazia, esperando por ela. Só conseguia pensar nele. Cruzaram uma ponte e ela viu o Sena reluzindo. Para onde eles estavam indo? Papa não sabia. Ninguém sabia. Estavam todos com medo.

Um alto estrondo de trovão assustou a todos. A chuva caiu tão pesadamente que o ônibus teve que parar. A menina ouvia as gotas martelando o teto do ônibus. Não durou muito. Logo, o ônibus retomou seu caminho, os pneus silvando sobre as pedras reluzentes da pavimentação. O sol apareceu.

O ônibus parou e todos saíram, carregados de trouxas, malas, crianças chorando. A menina não conhecia aquela rua. Ela nunca estivera ali. Viu o metrô elevado numa das extremidades da rua.

Eles foram levados para um grande prédio de cor pálida. Havia algo escrito nele em enormes letras escuras, mas ela não conseguia decifrar. Viu que toda a rua estava cheia de famílias como a dela, descendo dos ônibus. A polícia gritava com eles. A polícia francesa, novamente.

Agarrada à mão do pai, ela foi empurrada para dentro de uma enorme arena coberta. Grupos de pessoas estavam amontoados no meio da arena, assim como nos duros assentos de ferro das galerias. Quantas pessoas? Ela não sabia. Centenas. E havia mais chegando. A menina olhou para cima, para a imensa clarabóia azul em forma de abóbada. O sol impiedoso brilhava através dela.

Seu pai encontrou um lugar para se sentarem. A menina observava o ingresso constante de pessoas engrossando a multidão. O barulho aumentou mais e mais, um zumbido constante de milhares de vozes, crianças chorando, mulheres gemendo. A temperatura subiu de forma insuportável, ficando mais sufocante à medida que o sol se elevava no céu. Havia cada vez menos espaço, e estavam todos amontoados uns contra os outros. Ela observava os homens, as mulheres, as crianças e seus rostos oprimidos, seus olhos amedrontados.

– Papa – ela perguntou - quanto tempo vamos ficar aqui? – Não sei, meu amor. – Por que a gente está aqui? Ela colocou a mão sobre a estrela amarela costurada na frente de sua blusa.

– É por causa disso, não é? – ela disse. – Todo mundo aqui tem uma. Seu pai sorriu. Um sorriso triste, patético.

– É – ele respondeu. – É por causa disso. A menina franziu a testa. – Não é justo, Papa – ela reclamou. – Não é justo! Ele a abraçou, dizendo seu nome com ternura.

– Sim, minha querida, você está certa. Não é justo.

Ela se sentou, apoiando-se nele com a face pressionada contra a estrela que ele tinha no paletó.

Cerca de um mês antes, sua mãe havia costurado as estrelas em todas as suas roupas. Em todas as roupas da família, exceto nas do irmãozinho pequeno. Antes disso, suas carteiras de identidade haviam sido carimbadas com as palavras “Judeu” ou “Judia”. E depois, havia todas as coisas que eles não tinham mais permissão para fazer. Brincar no parque. Andar de bicicleta, ir ao cinema, ao teatro, ao restaurante, à piscina. Não poder mais pegar emprestados os livros da biblioteca.

Ela havia visto as placas que pareciam ter sido colocadas por toda parte: PROIBIDO PARA JUDEUS. E na porta do armazém onde seu pai trabalhava, um grande cartaz dizia: FIRMA JUDIA. Mamãe tinha que fazer compras depois das quatro horas da tarde, quando já não havia mais nada nas lojas por causa do racionamento. Eles tinham que tomar o último vagão do metrô. E tinham que estar em casa antes do toque de recolher e não podiam sair de casa até a manhã seguinte. O que eles tinham permissão para fazer? Nada. Nada, ela pensava.

Injusto. Tão injusto! Por quê? Por que eles? Por que tudo isso? De repente, parecia que ninguém podia explicar aquilo.

## Capítulo 10

JOSHUA JÁ ESTAVA NA sala de reuniões, bebendo o café ralo de que ele tanto gostava. Entrei apressada e me sentei entre Bamber, o diretor de fotografia, e Alessandra, a editora de matérias especiais.

A sala dava para a congestionada rue Marbeuf, a apenas alguns metros do Champs-Élysées. Não era a minha área favorita de Paris – tumultuada e espalhafatosa demais - mas eu estava acostumada a vir aqui todos os dias e caminhar pela avenida, seguindo as calçadas largas e empoeiradas, lotadas de turistas durante todas as horas do dia, não importando qual fosse a estação.

Eu vinha escrevendo para a revista americana semanal *Seine Scenes* durante os últimos seis anos. Publicávamos uma edição em papel, além da versão on-line. Em geral, eu escrevia crônicas sobre qualquer evento capaz de interessar a um público americano baseado em Paris. Isso incluía “a cor local”, o que ia desde a vida social e cultural – espetáculos, filmes, restaurantes, livros – até as eleições presidenciais francesas, que estavam próximas.

Na verdade, era um trabalho difícil. Os prazos eram apertados. Joshua era um tirano. Eu gostava dele, mas ele era um tirano. Era o tipo de chefe que tinha pouco respeito por vidas particulares, casamentos e filhos. Se alguém engravidasse, se tornava uma pessoa sem importância. Se alguém estivesse com o filho doente, era encarado com raiva. Mas ele tinha um olho perspicaz, excelente experiência editorial e um dom fantástico para a ocasião perfeita. Todos nós nos curvávamos para ele. Reclamávamos toda vez que virava as costas, mas não víamos um fim para isso. Cinquentão, nascido e criado em Nova York, ele havia passado os últimos dez anos em Paris. Joshua parecia enganosamente plácido. Tinha um rosto alongado e olhos caídos. Mas, no minuto em que abria a boca, ele dominava. As pessoas escutavam o que Joshua tinha a dizer. E ninguém jamais o interrompia.

Bamber era de Londres e tinha quase 30 anos. Com quase 2 metros de altura, usava óculos com lentes arroxeadas, ostentava vários piercings pelo corpo e tingia os cabelos de laranja. Ele tinha um maravilhoso senso de humor britânico que eu achava irresistível, mas que Joshua raramente compreendia. Eu tinha muita simpatia por Bamber. Ele era um colega eficiente e discreto. Era também um apoio maravilhoso quando Joshua estava em um dia ruim e descarregava sua fúria em cima de nós. Bamber era um aliado precioso.

Alessandra era meio italiana, de pele suave, e terrivelmente ambiciosa. Uma moça bonita com a cabeça coberta de cachos negros e brilhantes e o tipo de boca úmida e rechonchuda que fazia os homens ficarem chapados. Eu jamais consegui me decidir se gostava dela ou não. Ela tinha a metade da minha idade e já recebia um salário igual ao meu, mesmo que o meu nome estivesse acima do dela no expediente.

Joshua examinou as pautas para os próximos exemplares. Havia um artigo alentado sobre as eleições presidenciais, um tópico importante desde a controversa vitória de Jean-Marie le Pen no primeiro turno. Eu não estava muito ansiosa para escrever sobre isso e fiquei secretamente feliz quando a matéria foi designada para



Alessandra.

– Julia – disse Joshua, olhando para mim por cima dos óculos - esta aqui é a sua praia. A sexagésima comemoração do Vel' d'Hiv.

Eu pigarreei. O que foi que ele disse? Parecia “veldif”.

Deu um branco na minha cabeça.

Alessandra olhou para mim com superioridade.

– Dezesseis de julho de 1942? Isso lembra alguma coisa? – ela perguntou. Às vezes eu odiava sua voz anasalada de Senhora Sabe-tudo. Como ela fez hoje.

Joshua continuou.

– A grande concentração no Vélodrome d'Hiver. Vel' d'Hiv é a forma abreviada desse nome. Um famoso estádio fechado onde eram realizadas corridas de bicicleta. Milhares de famílias judias, trancadas lá durante dias, em condições aterrorizantes. Depois, enviadas para Auschwitz. E colocadas nas câmaras de gás.

Aquilo realmente me lembrou alguma coisa. Mas apenas ligeiramente. – Sim – eu disse com firmeza, olhando para Joshua. – Está bem, e daí? Ele encolheu os ombros.

– Bem, você poderia começar procurando sobreviventes ou testemunhas do Vel' d'Hiv. Depois verifique a comemoração em si, quem está organizando, onde, quando. Finalmente, os fatos. O que aconteceu exatamente. Será um trabalho delicado, você sabe. Os franceses não gostam de falar sobre Vichy, Pétain, essas coisas. Não é algo de que tenham muito orgulho.

– Há um homem que poderá ajudá-la – disse Alessandra, com um pouco menos de superioridade. – Franck Lévy. Ele criou uma das maiores associações para auxiliar judeus a encontrar suas famílias após o Holocausto.

– Já ouvi falar dele – eu disse, anotando o nome. E tinha mesmo. Franck Lévy era uma figura pública. Ele dava conferências e escrevia artigos sobre bens roubados de judeus e os horrores da deportação.

Joshua engoliu outro café.

– Nada de água-com-açúcar – ele disse. – Sem sentimentalismo. Fatos. Testemunhos. E – olhando para Bamber – fotos boas e eloqüentes. Procurem material antigo também. Não há muita coisa disponível, vocês irão descobrir, mas talvez esse Lévy possa ajudá-los.

– Vou começar por uma ida ao Vel' d'Hiv – disse Bamber. – Vou dar uma olhada. Joshua deu um sorriso estranho.

– O Vel' d'Hiv não existe mais. Foi demolido em 1959.

– Onde era? – perguntei, feliz por não ser a única ignorante. Alessandra respondeu mais uma vez.

– Rue Nélaton. No décimo quinto arrondissement.

– Ainda assim, podemos ir lá – eu disse, olhando para Bamber. – Talvez haja

peessoas morando na rua que se lembrem do que aconteceu.

Joshua deu de ombros.

– Você pode tentar – ele disse. – Mas acho que não vai encontrar muitas pessoas dispostas a falar com você. Como eu disse, os franceses são sensíveis. Esse assunto é extremamente delicado. Não se esqueça de que foi a polícia francesa que prendeu todas aquelas famílias judias. Não foram os nazistas.

Ouvindo Joshua, percebi como eu sabia pouco sobre o que aconteceu em Paris em julho de 1942. Eu não havia aprendido sobre isso na escola em Boston. E, desde que chegara a Paris há 25 anos, eu não lera muito sobre o assunto. Era como um segredo. Algo enterrado no passado. Algo que ninguém mencionava. Eu estava ansiosa por me sentar na frente do computador e começar a pesquisar na internet.

Assim que a reunião terminou, fui até meu escritório, que era um pequeno cubículo com vista para a barulhenta rue Marbeuf. Tínhamos um espaço de trabalho apertado. Mas eu estava acostumada. Não me incomodava. Eu não tinha espaço para escrever em casa. Bertrand havia prometido que eu teria um grande cômodo para mim no apartamento novo. Meu próprio escritório particular. Finalmente. Parecia bom demais para ser verdade. O tipo de luxo ao qual eu levaria um tempo para me acostumar.

Liguei o computador, conectei-me à internet e entrei no Google. Digitei: “vébdrome d’hiver vel’ d’hiv”. Os resultados da busca foram numerosos. A maioria deles em francês. Muitos eram bastante detalhados.

Fiquei lendo a tarde toda. Não fiz nada mais além de ler, armazenar informações e procurar livros sobre a Ocupação e as batidas policiais. Percebi que muitos dos livros estavam fora de catálogo. Perguntei-me qual era a razão. Por que ninguém queria ler sobre o Vel’ d’Hiv? Por que ninguém mais se importava? Liguei para algumas livrarias. Disseram-me que seria difícil conseguir alguns livros. Por favor, tente, insisti.

Quando desliguei o computador, sentime extremamente cansada. Meus olhos estavam doloridos. Minha cabeça e meu coração estavam pesados com tudo o que eu havia descoberto.

Mais de 4 mil crianças judias foram confinadas no Vel’ d’Hiv com idades entre 2 e 12 anos. A maioria das crianças era francesa.

Nenhuma delas voltou de Auschwitz.

## Capítulo 11

O DIA SE ARRASTAVA SEM FIM . Insuportável. Aconchegada com a mãe, a menina observava as famílias à sua volta lentamente perderem a sanidade. Não havia nada para beber, nada para comer. O calor era sufocante. O ar estava impregnado de uma poeira seca e leve que fazia arder os olhos e a garganta.

Os enormes portões do estádio estavam fechados. Ao longo de cada parede, policiais de rostos mal-encarados os ameaçavam silenciosamente com as mãos nas armas. Não havia lugar para onde ir. Nada para fazer, a não ser sentar ali e esperar. Esperar o quê? O que iria acontecer com eles, com sua família, com essa massa de gente? Junto com seu pai, eles tentaram encontrar os banheiros no outro lado da arena. Foram recebidos por um mau cheiro inimaginável. Havia muito poucos sanitários para tal multidão, e eles logo pararam de funcionar. A menina teve que se acocorar contra a parede para se aliviar, lutando contra uma avassaladora ânsia de vômito, com sua mão espalmada contra a boca. As pessoas estavam urinando e defecando onde podiam, envergonhadas, humilhadas, agachadas como animais perto do chão imundo. Ela viu uma senhora cheia de dignidade se escondendo atrás do casaco do marido. Outra mulher ofegava de horror, apertando as mãos contra a boca e o nariz, sacudindo a cabeça.

A menina seguiu o pai através da multidão, de volta ao local onde haviam deixado a mãe. Tiveram que abrir caminho. As galerias estavam abarrotadas de trouxas, sacolas, colchões e berços. A arena era uma massa negra de gente. Quantas – a menina se perguntava - quantas pessoas 40 havia ali? Crianças corriam pelos corredores, enlameadas, sujas, gritando por água. Uma mulher grávida, enfraquecida de calor e sede, gritava a plenos pulmões que ia morrer, que ia morrer naquela hora. Repentinamente, um senhor caiu estatelado no chão empoeirado. Seu rosto azulado se contorceu e estremeceu. Ninguém se moveu.

A menina sentou-se perto da mãe. A mulher estava calada. Ela quase não falava. A menina pegou sua mão e a apertou. A mãe não reagiu. O pai se levantou para pedir água um policial para sua filha e esposa. O homem respondeu rispidamente que não havia água naquele momento. O pai disse que aquilo era abominável, que eles não podiam ser tratados como cães. O policial virou-lhe as costas.

A menina viu Léon novamente, o menino que ela vira na garagem. Ele estava perambulando no meio da multidão, procurando os portões. Ela percebeu que ele não estava usando sua estrela amarela. Ela havia sido arrancada. Ela se levantou e foi até ele. Seu rosto estava encardido. Havia um hematoma em sua face esquerda e outro sobre a clavícula. Ela se perguntou se também estava com aquela aparência cansada e abatida.

– Vou sair daqui – ele disse em voz baixa. – Meus pais me disseram para ir embora. Agora.

– Mas como? – ela perguntou. – A polícia não vai deixar você passar. O menino olhou para ela. Tinha a sua idade, 10 anos, mas parecia ser mais velho. Já não havia mais nada de menino nele.

– Vou descobrir um jeito – ele disse. – Meus pais me disseram para ir embora.

Eles arrancaram a minha estrela. É a única forma. De outro modo, será o fim. O fim de todos nós.

Novamente, ela sentiu o medo tomar conta dela. O fim? Esse menino estaria certo? Era mesmo o fim? Ele a encarava firmemente, com um leve desdém.

– Você não está acreditando em mim, não é? Você devia vir junto comigo. Arranque sua estrela e venha comigo agora. Vamos nos esconder. Eu vou tomar conta de você. Eu sei o que fazer.

Ela pensou em seu irmãozinho esperando no armário. Com os dedos, ela mexeu na chave lisa em seu bolso. Poderia ir com esse menino ágil e esperto. Poderia salvar seu irmão e a si mesma.

Mas se sentia pequena demais, vulnerável demais para fazer algo assim, sozinha. Estava com muito medo. E seus pais... Sua mãe, seu pai... O que aconteceria com eles? Será que esse menino estava dizendo a verdade? Será que ela podia confiar nele? Ele colocou uma das mãos no braço dela, percebendo sua relutância.

– Vem comigo – ele insistiu.

– Eu não sei – ela murmurou. Ele se afastou.

– Eu já me decidi. Estou indo embora. Adeus.

Ela o observou aproximar-se da entrada. A polícia estava fazendo com que mais pessoas entrassem: senhores em macas e cadeiras de rodas, grupos intermináveis de crianças choramingando, mulheres aos prantos. Ela observou Léon se esgueirar por entre a multidão, esperando pelo momento certo.

A certa altura, um policial o agarrou pela gola e o empurrou de volta. Ágil e rápido, ele se levantou, voltando sorrateiramente na direção dos portões, como um nadador lutando habilmente contra a correnteza. A menina observava, fascinada.

Um grupo de mães gritava na entrada, exigindo com fúria água para as crianças. A polícia pareceu momentaneamente confusa, sem saber o que fazer. A menina viu o garoto deslizar facilmente em meio ao pandemônio, rápido como um raio. Depois, ele sumiu.

Ela voltou para perto de seus pais. A noite começou a cair lentamente e, com ela, a menina sentiu que seu desespero, e o das milhares de pessoas trancadas lá dentro com ela, começou a crescer, como algo monstruoso, fora de controle, um desespero completo e absoluto que a encheu de pânico.

Ela tentou fechar os olhos, o nariz e os ouvidos para bloquear o mau cheiro, a poeira, o calor, os uivos de sofrimento, a visão de adultos chorando, de crianças gemendo, mas não conseguia.

Conseguia apenas observar, impotente, silenciosa. Lá no alto, perto da clarabóia, onde as pessoas estavam sentadas em pequenos grupos, ela percebeu uma súbita comoção. Um grito de cortar o coração, uma chuva de roupas caindo em cascata por sobre os balcões e um baque surdo sobre o chão duro da arena. Depois, um suspiro na multidão.

– Papa, o que foi aquilo? – ela perguntou.

O pai tentou virar o rosto dela para o outro lado.

– Nada, querida, nada. Apenas algumas roupas caindo lá de cima. Mas ela tinha visto. Ela sabia o que era. Uma jovem, da idade de sua mãe, e uma criança pequena. A mulher havia saltado do parapeito mais alto, abraçada ao seu filho. De onde a menina estava, ela podia ver o corpo desconjuntado da mulher, o crânio ensangüentado da criança, aberto como um tomate maduro. A menina baixou a cabeça e chorou.

## Capítulo 12

QUANDO EU ERA MENINA, morando na da Hyslop Road em Brookline, Massachusetts, jamais imaginei que um dia me mudaria para a França e me casaria com um francês. Pensei que iria ficar nos Estados Unidos durante toda a minha vida. Aos 11 anos, eu tinha uma quedinha pelo Evan Frost, nosso vizinho. Sardento, um tipo característico de Norman Rockwell, usava aparelho nos dentes e tinha um cão, Inky, que gostava de fazer travessuras sobre os lindos canteiros de flores de meu pai.

Meu pai, Sean Jarmond, era professor do MIT. Do tipo “cientista louco”, com o cabelo desalinhado e óculos que pareciam os olhos de uma coruja. Ele era bastante popular, os estudantes gostavam dele. Minha mãe, Heather Carter Jarmond, era uma ex-campeã de tênis de Miami, aquele tipo de mulher esportista, bronzeadada, magra, que parecia nunca envelhecer. Ela gostava de ioga e de comida saudável.

Aos domingos, meu pai e o vizinho, sr. Frost, embarcavam em intermináveis embates de gritos através da cerca viva pelo fato de Inky ter estragado as tulipas de meu pai, enquanto minha mãe fazia bolinhos de farelo de cereais e mel na cozinha e suspirava. Ela era avessa a conflitos. Sem dar atenção ao pandemônio, minha irmãzinha Charla assistia a Gilligans Island ou a Speed Racer na sala de TV, devorando quilos de alçaçuz vermelho. No andar de cima, Katy Lacy, minha melhor amiga, e eu ficávamos olhando por detrás das cortinas para o lindo Evan Frost se divertindo com o objeto do furor de meu pai, um labrador negro.

Foi uma infância feliz e protegida. Sem acessos, sem cenas. A Runkle School ficava no fim da rua. Calmos dias de Ação de Graças. Natais aconchegantes. Longos verões preguiçosos em Nahant. Semanas pacíficas fundindo-se em meses pacíficos. A única coisa que me deixava morta de medo era quando minha professora da quinta série, a loura pálida Miss Sebold, lia O Coração Delator de Edgar Allan Poe. Graças a ela, tive pesadelos durante anos.

Foi durante a minha adolescência que senti os primeiros anseios pela França, uma fascinação insidiosa que aumentou com a passagem do tempo. Por que a França? Por que Paris? A língua francesa sempre tinha me atraído. Eu a achava mais suave, mais sensual do que o alemão, o espanhol ou o italiano. Eu costumava fazer excelentes imitações do gambá francês dos Looney Tunes, Pepe Le Pew. Mas, lá no fundo, eu sabia que minha crescente atração por Paris não tinha nada a ver com os típicos clichês americanos de romance, sofisticação e sensualidade. Era algo além disso.

Quando descobri Paris, fui rapidamente atraída por seus contrastes. Os bairros toscos e espalhafatosos me atraíram tanto quanto os majestosos bairros Haussmannianos. Eu adorava seus paradoxos, seus segredos, suas surpresas. Levei 25 anos para conseguir me encaixar na paisagem, mas consegui. Aprendi a suportar os garçons impacientes e os grosseiros motoristas de táxi. Aprendi a dirigir pela Place de l’Etoile, imune aos insultos berrados contra mim pelos irados motoristas de ônibus e – ainda mais surpreendente – por louras elegantes e radiantes em brilhantes Minis pretos. Aprendi a domar concierges arrogantes, vendedoras esnobes, telefonistas blasées e médicos pomposos. Aprendi como os parisienses se consideram superiores ao restante do mundo, e especificamente a todos outros cidadãos franceses que morem de

Nice a Nancy, com um desdém particular dirigido aos habitantes dos subúrbios da Cidade das Luzes. Aprendi como o restante da França apelidou os parisienses de “caras de cachorro” com a rima “Parisien, tête de chier! Obviamente, eles não eram muito chegados aos parisienses. Ninguém amava Paris mais do que um verdadeiro parisiense. Ninguém tinha mais orgulho de sua cidade do que um verdadeiro parisiense. Ninguém era mais arrogante, mais convencido e tão irresistível. Por que eu amava tanto Paris? Eu ficava imaginando. Talvez porque ela jamais tenha se rendido a mim. Ela pairava sedutoramente perto, e ainda assim me fazia saber qual era o meu lugar. A americana. Eu seria sempre a americana. L’Américaine.

Eu sabia que queria ser jornalista quando tinha a idade de Zoé. Primeiro, comecei a escrever para o jornal da escola, e nunca parei desde então. Vim morar em Paris quando tinha pouco mais de 20 anos, depois de me formar pela Universidade de Boston em língua inglesa. Meu primeiro emprego foi como assistente júnior para uma revista americana de moda que logo abandonei. Eu procurava tópicos mais substanciais do que comprimentos de saias ou as cores para a primavera.

Peguei o primeiro emprego que surgiu. Reescrever press releases para uma rede TV americana. O salário não era exatamente fantástico, mas era suficiente para que eu me mantivesse, morando no décimo oitavo arrondissement, dividindo um apartamento com dois gays, Hervé e Christophe, que se tornaram amigos constantes desde então.

Naquela semana, eu tinha um jantar com eles na rue Berthe, onde eu havia morado antes de conhecer Bertrand. Ele raramente me acompanhava. Às vezes eu me perguntava por que ele não tinha o menor interesse em Hervé e Christophe.

– Porque seu querido marido, cocotte, como quase todo cavalheiro francês burguês abastado, prefere mulheres a homossexuais! Eu quase podia ouvir a voz lânguida de minha amiga Isabelle, sua risadinha maliciosa. Sim, ela estava certa. Bertrand era definitivamente fã das mulheres. Em larga escala, Charla diria.

Hervé e Christophe ainda moravam no mesmo lugar que eu havia dividido com eles. Exceto que meu pequeno quarto era agora um grande closet. Christophe era uma vítima da moda e tinha orgulho disso. Eu me deliciava com os jantares deles. Sempre havia uma mistura interessante de pessoas – uma modelo famosa ou um cantor, um escritor controvertido, um vizinho gay e bonito, um ou outro jornalista americano ou canadense ou algum jovem editor em início de carreira. Hervé trabalhava como advogado para uma firma internacional e Christophe era professor de ioga.

Eles eram meus verdadeiros e queridos amigos. Eu tinha outros amigos aqui, expatriados americanos – Holly, Susannah e Jan – que conheci por meio da revista ou do colégio americano onde eu ia com frequência para colocar anúncios procurando babás. Eu tinha até mesmo algumas amigas francesas – como Isabelle, amizade feita nas aulas de balé de Zoé na Salle Pleyel – mas Hervé e Christophe eram aqueles para quem eu ligava à uma da manhã quando Bertrand estava sendo difícil. Aqueles que foram ao hospital quando Zoé quebrou o tornozelo ao cair da patinete. Aqueles que jamais esqueciam meu aniversário. Aqueles que sabiam a que filmes assistir, que discos comprar. As refeições com eles eram invariavelmente uma delícia, primorosas e à luz de velas.

Cheguei com uma garrafa de champanhe gelado. Christophe ainda estava no chuveiro, explicou Hervé, cumprimentando-me à porta. Em torno dos 40 anos, Hervé era magro, usava bigode e era muito cordial. Fumava como uma chaminé. Era impossível fazê-lo parar. Por isso, todos nós desistimos.

– Que casaco bonito – ele comentou, colocando o cigarro no cinzeiro para abrir o champanhe.

Hervé e Christophe sempre notavam o que eu estava vestindo, se eu estava com um perfume novo, uma nova maquiagem, um novo penteado. Quando eu estava com eles, jamais me sentia como rAméricaine tentando desesperadamente acompanhar os chiques parisienses. Eu me sentia eu mesma. E eu amava isso neles.

– Esse verde-azulado fica muito bem em você, combina divinamente com seus olhos. Onde você comprou? – perguntou Hervé.

– Na H&M, na rue de Rennes.

– Você está esplêndida. Então, como vão indo as coisas no apartamento? – ele perguntou, entregando-me um copo e uma torrada quente coberta com tarama cor-de-rosa.

– Há muita coisa ainda por fazer – suspirei. – Vai levar meses. – E eu imagino que o arquiteto em forma de marido esteja excitado com a coisa toda.

Estremeci.

– Você quer dizer que ele é infatigável.

– Ah – disse Hervé. – E, portanto, um pé no saco para você. – Acertou – respondi, bebendo o champanhe.

Hervé me olhou de perto através de seus óculos minúsculos e sem aro. Ele tinha olhos cinza-pálido e cílios ridiculamente longos.

– Diga, Juju – ele falou - você está bem? Sorri animadamente. – Sim, estou bem.

Mas “bem” estava longe do que eu realmente sentia. O conhecimento recente sobre os eventos de julho de 1942 havia despertado uma vulnerabilidade dentro de mim, precipitando algo profundo e silencioso que me assombrava, que me sobrecarregava. Eu havia carregado aquele peso comigo durante toda a semana, desde que começara a pesquisar sobre a concentração no Vel’ d’Hiv – Você está estranha – disse Hervé, preocupado. Veio se sentar perto de mim, colocando sua mão branca e longilínea sobre o meu joelho. – Eu conheço este rosto, Julia. Este é o seu rosto triste. Agora me diga o que está acontecendo.



## Capítulo 13

A ÚNICA FORMA DE BLOQUEAR todo aquele inferno à sua volta era enterrar a cabeça entre os joelhos pontudos e tampar os ouvidos com as mãos. Ela balançava para a frente e para trás, pressionando o rosto contra as pernas. Pense em coisas boas, pense em todas as coisas de que você gosta, em todas as coisas que fazem você feliz, em todos aqueles momentos mágicos e especiais de que você se lembra. Sua mãe levando-a para o cabeleireiro e todos a cumprimentando pelos cabelos encorpados cor de mel. Você vai ter orgulho desse cabelo mais tarde, ma petite! As mãos de seu pai trabalhando o couro no armazém, rápidas e fortes, e como ela admirava sua habilidade. Seu aniversário de 10 anos e o relógio novo, a linda caixa azul, a correia de couro que seu pai havia feito, seu aroma delicioso e inebriante, e o discreto tique-taque do relógio que a fascinou. Ela havia ficado tão orgulhosa! Mas mamãe havia dito para não usá-lo na escola. Poderia quebrá-lo ou perdê-lo. Apenas sua melhor amiga, Armelle, o vira. E ela tinha ficado com tanta inveja! Onde estaria Armelle agora? Ela morava no fim da rua e frequentavam a mesma escola. Mas Armelle havia saído da cidade no início das férias escolares. Fora para algum lugar com os pais, algum lugar no sul. Ela escrevera uma carta e nada mais. Armelle era miúda, ruiva e muito inteligente. Sabia de cor toda a tabuada de multiplicar, e dominava até mesmo a gramática mais complicada.

Armelle nunca tinha medo, e a menina admirava isso nela. Mesmo quando as sirenes disparavam no meio da aula, uivando como lobos furiosos, fazendo todos darem um sobressalto, Armelle permanecia calma, controlada, tomando a mão da menina e guiando-a ao descer para o mofado porão da escola, impermeável a todos os amedrontados sussurros das outras crianças e às ordens trêmulas de Mademoiselle Dixsaut. E eles se amontoavam com os ombros colados, na umidade escura, com a luz das velas bruxuleando sobre os rostos pálidos, durante o que pareciam horas, e ouviam o ronco dos aviões bem acima de suas cabeças, enquanto Mademoiselle Dixsaut lia Jean de La Fontaine ou Molière e tentava fazer com que suas mãos parassem de tremer. Olhe para as mãos dela, Armelle falava dando risadinhas. Ela está com medo, ela quase não consegue ler, olhe só. E a menina olhava para Armelle, maravilhada, e sussurrava: “Você não está com medo? Nem um pouquinho?” Um desdenhoso balançar de sedosos cachos vermelhos. Não, não estou com medo. E, às vezes, quando o estremecimento causado pelas bombas penetrava no chão encardido, fazendo com que a voz de Mademoiselle Dixsaut vacilasse e parasse, Armelle agarrava a mão da menina e a apertava com força.

Sentia saudade de Armelle e queria que ela estivesse aqui agora para segurar sua mão e dizer-lhe para não ter medo. Sentia saudades das sardas de Armelle, de seus travessos olhos verdes e seu sorriso insolente. Pense nas coisas que você ama, nas coisas que fazem você feliz.

No verão passado, ou dois verões antes, ela não conseguia se lembrar, Papa os havia levado para passar alguns dias no campo perto de um rio. Ela não conseguia lembrar o nome do rio. Mas a água havia proporcionado uma sensação muito suave e maravilhosa em sua pele. Seu pai havia tentado ensinar-lhe a nadar. Após alguns dias, ela conseguiu um nado desleante estilo cachorrinho que fez todos rirem. Na beira do rio, seu irmão tinha ficado louco de felicidade e excitação. Ele era pequeno na época, apenas havia começado a andar. Ela havia passado o dia correndo atrás dele enquanto ele

escorregava e emitia sons agudos na margem lamacenta. E mamãe e Papa pareciam tão calmos, jovens e apaixonados, a cabeça da mãe encostada no ombro do pai. Ela se lembrou do pequeno hotel à beira do rio, onde eles haviam desfrutado de refeições simples e succulentas sob o caramanchão fresco e frondoso, e de quando a patronne havia pedido a ela que a ajudasse atrás do balcão. E lá estava ela servindo café e se sentindo muito adulta e orgulhosa, até derramar café no pé de alguém, mas a patronne havia sido muito gentil com relação a isso.

A menina levantou a cabeça e viu sua mãe conversando com Eva, uma moça que morava perto deles. Eva tinha quatro filhos pequenos, uma penca de meninos barulhentos de quem a menina não gostava muito. O rosto de Eva, como o de sua mãe, parecia abatido e envelhecido. Ela imaginava como é que eles podiam ficar parecendo muito mais velhos de uma hora para outra. Eva era polonesa também. Seu francês, como o de sua mãe, não era muito bom. Como a mãe e o pai da menina, Eva tinha família na Polônia. Seus pais, tios e tias. A menina se lembrava do terrível dia – quando tinha sido? - não muito tempo antes, quando Eva recebera uma carta da Polônia e aparecera no apartamento com o rosto coberto de lágrimas e desabara nos braços de sua mãe. Sua mãe tinha tentado confortá-la, mas a menina podia sentir que ela também estava abalada. Ninguém queria lhe dizer exatamente o que havia acontecido, mas a menina compreendeu, prestando atenção a cada palavra em iídiche que conseguia entender por entre os soluços. Era alguma coisa terrível na Polônia. Famílias inteiras haviam sido assassinadas, casas queimadas, somente cinzas e ruínas haviam restado. Ela perguntara a seu pai se seus avós, os pais de sua mãe, estavam a salvo, aqueles cuja fotografia em preto-e-branco estava sobre a lareira de mármore na sala de estar. Seu pai havia dito que não sabia. Que ele havia recebido notícias muito ruins da Polônia. Mas ele não havia contado a ela que notícias eram essas.

Enquanto ela olhava para Eva e para sua mãe, se perguntava se seus pais tinham razão em protegê-la de tudo, se eles tinham razão em manter as notícias ruins e perturbadoras longe dela. Se eles tinham razão em não explicar por que tantas coisas haviam mudado para eles desde o início da guerra. Como quando o marido de Eva nunca mais voltara, desde o ano passado. Ele havia desaparecido. Onde? Ninguém lhe dizia. Ninguém explicava. Ela odiava ser tratada como um bebê. Ela odiava as vozes que se abaixavam quando ela entrava na sala.

Se eles houvessem contado a ela, se eles houvessem contado tudo o que sabiam, isso não teria tornado o dia de hoje mais fácil?

## Capítulo 14

ESTOU BEM, APENAS CANSADA, só isso. Então, quem é que vem hoje à noite? Antes que Hervé pudesse responder, Christophe entrou na sala – uma visão do chique parisiense em tons caquis e creme, exalando perfume masculino caro. Christophe era um pouco mais jovem do que Hervé, bronzeado o ano inteiro, era magro e estava usando seus longos cabelos grisalhos presos na nuca em um grosso rabo-de-cavalo, à la Karl Lagerfeld. Quase ao mesmo tempo, a campainha tocou.

– Aha – disse Christophe, jogando-me um beijo - deve ser Guillaume. Ele correu para a porta da frente.

– Guillaume? – perguntei baixinho para Hervé.

– Nosso novo amigo. Trabalha na área de marketing. Divorciado. Um rapaz brilhante. Você vai gostar dele. É o nosso único convidado. Todo mundo está fora da cidade por causa do feriado prolongado.

O homem que entrou na sala era alto, moreno, na casa dos trinta e tantos anos. Estava trazendo uma vela perfumada embrulhada e rosas.

– Esta é Julia Jarmond – disse Christophe. – Nossa queridíssima amiga jornalista desde há muito, muito tempo, quando éramos jovens.

– O que foi apenas ontem – murmurou Guillaume, no verdadeiro estilo francês galante.

Tentei manter um sorriso simpático no rosto, consciente dos olhos inquiridores de Hervé movendo-se para mim de vez em quando. Era 52 esquisito, porque normalmente eu teria confiado em Hervé. Eu lhe teria dito como andava me sentindo estranha na última semana. E a questão com Bertrand. Eu sempre tinha aturado o senso de humor provocativo, às vezes francamente maldoso, de Bertrand. Isso nunca havia me magoado. Nunca havia me incomodado. Até agora. Eu costumava admirar sua inteligência, seu sarcasmo. Isso tinha feito com que eu o amasse ainda mais.

As pessoas riam de suas piadas. Elas até tinham um pouco de receio dele. Atrás da risada irresistível, dos olhos cintilantes cinza-azulados, do sorriso charmoso, havia um homem duro e exigente que estava acostumado a conseguir o que queria. Eu tinha aceitado isso porque ele se desculpava todas as vezes que percebia que havia me magoado. Ele me cobria de presentes, flores e sexo apaixonado. A cama era provavelmente o único lugar em que Bertrand e eu verdadeiramente nos comunicávamos, o único lugar onde ninguém dominava o outro. Eu me lembro de Charla me dizendo uma vez, depois de testemunhar uma tirada particularmente mordaz lançada por meu marido: – Esse cara insuportável alguma vez é gentil com você? E, vendo meu rosto enrubescer lentamente, disse: – Meu Deus. Já entendi. Coisas de cama. As ações falam mais alto do que as palavras.

E ela havia suspirado e afagado minha mão. Por que eu não abri o jogo para Hervé esta noite? Algo havia me impedido. Algo havia selado meus lábios.

Depois de estarmos sentados em torno na mesa de mármore octo-gonal, Guillaume me perguntou para que jornal eu trabalhava. Quando respondi, seu rosto

permaneceu impassível. Não fiquei surpresa. Os franceses nunca haviam ouvido falar do Seine Scenes. Ele era lido principalmente por americanos que moravam em Paris. Isso não me incomodou; eu jamais almejei a fama. Estava feliz com um emprego que me pagava bem e me deixava com muitas horas livres, apesar do despotismo ocasional de Joshua.

– E sobre o que você está escrevendo no momento? – perguntou Guillaume educadamente, enrolando o macarrão verde no garfo.

– O Vel’ d’Hiv – respondi. – O sexagésimo aniversário está chegando. – Você está falando da batida policial durante a guerra? – perguntou Christophe com a boca cheia.

Eu estava prestes a responder quando percebi que o garfo de Guillaume havia parado a meio caminho entre o prato e a boca.

– Sim, a grande concentração no Velodrome d’Hiver – respondi. – Isso não aconteceu em algum lugar fora de Paris? – Christophe continuou, mastigando a comida.

Guillaume havia baixado o garfo, silenciosamente. De alguma forma, seus olhos haviam ficado presos aos meus. Ele tinha olhos escuros e uma boca fina e sensível.

– Foram os nazistas, creio eu – disse Hervé, servindo-se de mais Chardonnay. Nenhum deles pareceu ter percebido o rosto tenso de Guillaume. – Os nazistas que prenderam judeus durante a Ocupação.

– Na verdade, não foram os alemães – comecei.

– Foi a polícia francesa – interrompeu Guillaume. – E aconteceu no meio de Paris. Em um estádio onde costumavam ser realizadas famosas corridas de bicicleta.

– É mesmo? – perguntou Hervé. – Pensei que tivessem sido os nazistas, nos subúrbios.

– Andei pesquisando sobre isso na última semana – eu disse. – Ordens alemãs, sim, mas foi uma ação da polícia francesa. Vocês não

aprenderam isso na escola? – Eu não me lembro. Acho que não – admitiu Christophe. Os olhos de Guillaume olharam-me novamente, como se ele estivesse puxando algo de dentro de mim, sondando-me. Sentime perturbada. – É impressionante – disse Guillaume, com um sorriso irônico – o número de franceses que ainda não sabem o que aconteceu. E os americanos? Você sabia disso, Julia? Não desviei os olhos.

– Não, eu não sabia, e ninguém me ensinou sobre isso na escola em Boston nos anos 1970. Mas agora eu sei muito mais. E o que eu descobri me deixou arrasada.

Hervé e Christophe permaneceram em silêncio. Eles pareciam perdidos, sem saber o que dizer. Guillaume finalmente falou.

– Em julho de 1995, Jacques Chirac foi o primeiro presidente a chamar a atenção para o papel do governo francês durante a Ocupação. E especificamente para essa batida policial. Seu discurso virou manchete dos jornais. Vocês se lembram disso? Eu havia lido o discurso de Chirac durante a minha recente pesquisa. Ele certamente havia se

exposto. Mas eu não me lembrava disso, embora eu deva ter lido nos jornais seis anos antes. E os meninos – eu não conseguia evitar chamá-los assim, sempre o fiz – obviamente não haviam lido ou não se lembravam do discurso de Chirac. Eles fitavam Guillaume, embaraçados. Hervé fumava como uma chaminé e Christophe roía as unhas, o que ele sempre fazia quando ficava nervoso ou se sentia desconfortável.

O silêncio tomou conta do ambiente. Era esquisito haver silêncio nesta sala. Houve tantas festas alegres e barulhentas aqui, pessoas urrando de tanto rir, piadas sem fim, música alta. Tantos jogos, discursos de aniversário, dança até de madrugada, apesar dos vizinhos do andar de baixo batendo irados no teto com uma vassoura.

O silêncio era pesado e doloroso. Quando Guillaume começou a falar novamente, sua voz havia mudado. Seu rosto havia mudado também. Ele estava pálido e não conseguia mais olhar para nós. Ele olhava para baixo, para o prato cheio de macarrão intocado.

– Minha avó tinha 15 anos no dia da batida. Disseram-lhe que ela estava livre porque estavam pegando somente crianças pequenas, entre 2 e 12 anos, com os pais. Ela foi deixada para trás. E eles levaram todos os outros. Seus irmãos menores, sua irmãzinha, sua mãe, seu pai, sua tia, seu tio. Seus avós. Foi a última vez que ela os viu. Ninguém voltou. Ninguém.

## Capítulo 15

OS OLHOS DA MENINA estavam vidrados com o horror da noite. No início da madrugada, a mulher grávida havia dado à luz uma criança prematura natimorta. A menina havia testemunhado os gritos, as lágrimas. Ela viu a cabeça do bebê, manchada de sangue, aparecer entre as pernas da mulher. Ela sabia que deveria desviar o olhar, mas não conseguia evitar encarar, aterrorizada, fascinada. Ela viu o bebê morto, acinzentado e pálido, como um boneco enrugado, prontamente escondido atrás de um lençol sujo. A mulher gemia constantemente. Ninguém conseguiu silenciá-la.

Ao amanhecer, seu pai havia apanhado no bolso da menina a chave para o armário secreto. Ele a pegou e foi conversar com um policial. Brandindo a chave, ele explicou a situação. Estava tentando ficar calmo, a menina podia ver, mas estava em seu limite. Ele tinha que ir buscar o filho de 4 anos, disse ao homem. Voltaria para cá, ele prometia. Apanharia o filho e voltaria imediatamente. Mas o policial riu na cara dele e escarneceu: – Você acha que eu vou acreditar nisso, meu pobre homem? O pai insistiu que o homem fosse com ele, para acompanhá-lo, só iria buscar o filho e voltar imediatamente. O policial ordenou-lhe que saísse da frente dele. O pai voltou para seu lugar com os ombros caídos. Estava chorando.

A menina pegou a chave de sua mão trêmula e a recolocou no bolso. Por quanto tempo seu irmão poderia sobreviver? ela imaginava. Ele ainda deve estar esperando por ela. Ele confiava nela. Confiava nela totalmente.

Ela não conseguia suportar a idéia de o irmão esperar no escuro. Ele deve estar com fome, com sede. A água provavelmente já havia acabado. E a pilha da lanterna. Mas qualquer coisa era melhor do que aqui, ela pensou. Qualquer coisa era melhor do que este inferno, o mau cheiro, o calor, a poeira, as pessoas gritando, morrendo.

Ela olhou para sua mãe agachada, sozinha, que não havia emitido um único lamento nas últimas horas. Olhou para o pai, para o seu rosto fatigado e abatido, para seus olhos fundos. Olhou à sua volta, para Eva e seus filhos exaustos, dignos de pena, e para todas as outras famílias, para todas essas pessoas desconhecidas que, como ela, tinham estrelas amarelas no peito. Ela olhou para os milhares de crianças correndo para lá e para cá, famintas, com sede, os pequenos que não entendiam, que pensavam que aquilo era alguma brincadeira estranha que já estava ficando longa demais, e que queriam ir para casa, para suas camas e para seus ursinhos de pelúcia.

Ela tentou descansar, colocando o queixo pontudo novamente sobre os joelhos. O calor voltou com o sol nascente. Ela não sabia como iria suportar outro dia ali. Sentia-se fraca, cansada. Sua garganta estava ressecada. Seu estômago doía com o vazio.

Depois de algum tempo, ela cochilou. Sonhou que estava de volta em casa, de volta ao seu quartinho de frente para a rua, de volta à sala de estar onde o sol costumava brilhar através das janelas e formar figuras sobre a lareira e sobre a fotografia de sua avó polonesa. E ela ouvia o professor de violino tocar do outro lado do pátio frondoso: “Sur le pont d’Avignon, on y danse, on y danse. Sur le pont d’Avignon, on y danse tous en rond.” Sua mãe ia preparar o jantar, cantando junto, Les beaux messieurs font comme ça, et puis encore comme ça. Seu irmão estaria brincando com o trenzinho vermelho pelo corredor, fazendo-o deslizar sobre as tábuas escuras do

assoalho com estrépito e estrondo. Les belles dames font comme ça, et puis encore comme ça. Ela podia sentir o cheiro de casa, seu aroma reconfortante de cera de vela e temperos, e todas as coisas tentadoras sendo preparadas na cozinha. Ela podia ouvir a voz do pai lendo para a mãe. Eles estavam seguros. Estavam felizes.

Ela sentiu uma mão fria sobre a testa. Olhou para cima e viu uma moça usando um véu azul marcado com uma cruz.

A moça sorriu para ela e lhe entregou uma caneca com água fresca, que ela bebeu com avidez. Depois, a enfermeira lhe deu um biscoito com consistência de papel e um pouco de peixe enlatado.

– Você precisa ser corajosa – murmurou a jovem enfermeira. Mas a menina viu que ela também, como o pai da menina, tinha lágrimas nos olhos.

– Eu quero sair daqui – sussurrou a menina. Ela queria voltar para o sonho, para a paz e a segurança que havia sentido.

A enfermeira assentiu. Ela deu um pequeno sorriso triste. – Eu compreendo. Não há nada que eu possa fazer. Sinto muitíssimo. Ela se levantou e se dirigiu para outra família. A menina a interrompeu, agarrando sua manga.

– Por favor, quando é que a gente vai sair? – ela perguntou. A enfermeira sacudiu a cabeça. Ela acariciou a face da menina suavemente. Depois, prosseguiu em direção à próxima família.

A menina pensou que ia ficar louca. Queria gritar e chutar e berrar, queria sair daquele lugar horrível, medonho. Queria voltar para casa, voltar para o que sua vida havia sido antes da estrela amarela, antes que os homens batessem à sua porta.

Por que isso estava acontecendo com ela? O que é que ela ou seus pais haviam feito para merecer isso? Por que ser judeu era tão terrível? Por que os judeus estavam sendo tratados assim? Ela se lembrou do primeiro dia em que havia usado a estrela na escola. Aquele momento quando ela havia entrado na sala de aula e os olhos de todos se voltaram para a estrela. Uma grande estrela amarela do tamanho da palma da mão de seu pai sobre seu pequeno peito. E depois ela viu que havia outras meninas na classe que também tinham estrelas. Armelle também usava uma. Isso fez com que ela se sentisse um pouco melhor.

No recreio, todas as meninas com as estrelas se agruparam. Os outros estudantes apontavam para elas, todos aqueles que antes eram seus amigos. Mademoiselle Dixsaut fez questão de explicar que as estrelas não deveriam mudar nada. Todos os estudantes seriam tratados da mesma forma que antes, com ou sem estrela.

Mas o discurso de Mademoiselle Dixsaut não havia ajudado. A partir daquele dia, a maioria das meninas parou de falar com as crianças com estrelas. Ou, ainda pior, as encaravam com desdém. Ela não conseguia suportar o desdém. E aquele menino, Daniel, havia sussurrado algo para ela e Armelle na rua, na frente da escola, com a boca cruel e crispada: – Seus pais são judeus sujos, vocês são judias sujas.

Por que sujas? Por que ser judeu era ser sujo? Isso a fez sentir-se envergonhada, triste. Ela sentiu vontade de chorar. Armelle não havia dito nada, mordendo o lábio até

sair sangue. Foi a primeira vez que viu Armelle amedrontada.

A menina queria arrancar a estrela. Ela disse aos pais que se recusava a voltar à escola com ela. Mas sua mãe havia dito que não, que deveria ter orgulho dela, que deveria ter orgulho de sua estrela. Seu irmão havia dado um ataque porque ele também queria uma estrela. Mas ele tinha menos de 6 anos, explicou pacientemente sua mãe, e tinha que esperar mais alguns anos. Ele choramingou a tarde toda.

Ela pensou em seu irmão no armário fundo e escuro. Ela queria tomar seu corpinho quente nos braços, beijar seus cabelos louros cacheados, seu pescoço roliço. Ela agarrou a chave em seu bolso com toda a força que tinha.

– Eu não me importo com o que os outros digam – ela sussurrou para si mesma.  
– Vou encontrar um jeito de voltar e salvá-lo. Vou encontrar um jeito.



DEPOIS DO JANTAR, HERVÉ nos ofereceu um pouco de limoncello, um licor italiano gelado feito de limão que tinha uma linda cor amarela. Guillaume bebericou o seu lentamente. Ele não havia falado muito durante a refeição. Parecia contido. Eu não ousei trazer à baila novamente o assunto do Vel' d'Hiv. Mas foi ele que se virou para falar comigo enquanto os outros escutavam.

– Minha avó está velha agora – ele disse. – Ela não fala mais sobre esse assunto. Mas ela me contou tudo o que eu preciso saber, ela me disse tudo sobre aquele dia. Acho que a pior coisa para ela foi ter que continuar vivendo sem os outros. Ter que continuar sem eles. Sua família inteira.

Eu não conseguia pensar em algo para dizer. Os meninos estavam em silêncio. – Depois da guerra, minha avó ia ao Hotel Lutétia, no Boulevard Raspail, todos os dias – continuou Guillaume. – Era onde você tinha que ir para descobrir se alguém havia voltado dos campos de concentração. Havia listagens e organizações. Ela ia lá todos os dias e esperava. Mas, depois de algum tempo, parou de ir. Ela começou a ouvir sobre os campos. Começou a compreender que estavam todos mortos. Que ninguém iria voltar. Antes, ninguém realmente sabia. Mas depois, com os sobreviventes voltando e contando suas histórias, todos souberam.

Outro silêncio.

– Sabe o que eu acho mais chocante sobre o Vel' d'Hiv? – disse Guillaume. – O nome em código da operação.

Eu sabia a resposta para aquilo, graças à minha extensa pesquisa. – Operação Brisa da Primavera – murmurei.

– Um nome suave, não é, para algo tão horrível? – ele disse. – A Gestapo havia pedido à polícia francesa para “arrebatar” um determinado número de judeus entre 16 e 50 anos de idade. A polícia foi tão aplicada em deportar o número máximo de judeus que eles decidiram aperfeiçoar as ordens, então prenderam todas aquelas criancinhas nascidas na França. Crianças francesas.

– A Gestapo não havia pedido essas crianças? – perguntei. – Não – ele respondeu. – Não no início. Deportação de crianças teria revelado a verdade: teria se tornado óbvio para todos que os judeus não estavam sendo enviados para campos de trabalho, mas para a morte.

– Então por que as crianças foram presas? – Perguntei. Guillaume tomou um gole de seu limoncello.

– A polícia provavelmente pensou que os filhos de judeus, mesmo tendo nascido na França, ainda assim eram judeus. No fim das contas, a França enviou quase 80 mil judeus para os campos da morte. Somente alguns milhares conseguiram voltar. E quase nenhuma criança conseguiu.

No caminho para casa, eu não conseguia tirar os olhos tristes de Guillaume da minha mente. Ele havia se oferecido para me mostrar fotografias de sua avó e de sua família, e eu havia dado a ele o número do meu telefone. Ele prometeu me ligar em

breve.

Bertrand estava assistindo à televisão quando entrei. Ele estava deitado no sofá, com um dos braços sob a cabeça.

– Então – ele disse, mal tirando os olhos da tela - como estavam os meninos? À altura de seus padrões usuais de refinamento? Tirei minhas sandálias e sentei-me no sofá ao lado dele, olhando para seu perfil bonito e elegante.

– Uma refeição perfeita. Havia um homem interessante, Guillaume. – Aha – disse Bertrand, olhando para mim, divertido. – Gay? – Não, acho que não.

Mas eu nunca presto atenção nessas coisas, de qualquer modo. – E o que havia de tão interessante nesse cara, Guillaume? – Ele estava nos

contando sobre sua avó, que escapou da concentração do Vel' d'Hiv em 1942. – Humm – ele respondeu, trocando de canal com o controle remoto. – Bertrand – eu disse - quando você estava na escola, aprendeu alguma coisa

sobre o Vel' d'Hiv? – Não faço idéia, chérie.

– É nisso que estou trabalhando no momento para a revista. O sexagésimo aniversário será em breve.

Bertrand pegou um dos meus pés descalços e começou a massageá-lo com dedos firmes e quentes.

– Você acha que os seus leitores irão se interessar pelo Vel' d'Hiv? – ele perguntou. – É passado. Não é um assunto sobre o qual a maioria das pessoas queira ler.

– Porque os franceses têm vergonha, é isso que você quer dizer? – perguntei. – Então devemos enterrar tudo e seguir em frente, como eles? Ele tirou meu pé do joelho e o brilho em seu olhar apareceu. Eu me retesei.

– Puxa! – ele disse com um sorriso perverso. – Mais uma chance de mostrar aos seus compatriotas quanto nós franceses somos desonestos, colaborando com os nazistas e enviando aquelas pobres famílias inocentes para a morte. A pequena Miss Nahant descobre a verdade! O que você vai fazer, amour, esfregar isso nos nossos narizes? Ninguém mais se importa. Ninguém se lembra. Escreva sobre alguma outra coisa. Algo divertido, algo bonitinho. Você sabe como fazer isso. Diga a Joshua que o Vel' d'Hiv é um erro. Ninguém vai ler. Eles vão bocejar e voltar a atenção para a próxima coluna.

Eu me levantei, irritada.

– Eu acho que você está errado – respondi, agitada. – Acho que as pessoas não sabem o suficiente sobre o assunto. Mesmo Christophe não sabia muito sobre isso, ele é francês.

Bertrand bufou.

– Ah, Christophe mal sabe ler! As únicas palavras que ele consegue decifrar são Gucci e Prada.

Sai da sala em silêncio, entrei no banheiro e comecei a encher a banheira. Por que eu não disse a ele para ir para o inferno? Por que eu o suportava, todas as vezes? Porque você é louca por ele, certo? Desde que você o conheceu, mesmo que ele seja autoritário, grosseiro e egoísta? Ele é inteligente e bonito, podendo ser tão engraçado e um amante tão maravilhoso, não é? Memórias de noites sensuais sem fim, beijos e carícias, lençóis amarrotados, seu lindo corpo, sua boca quente, seu sorriso travesso. Bertrand. Tão charmoso. Tão irresistível. Tão difícil. É por isso que você o atura. Não é mesmo? Mas por quanto tempo? Uma conversa recente com Isabelle voltou à minha mente: Julia, você atura Bertrand porque você tem medo de perdê-lo? Nós estávamos sentadas em um pequeno café perto da Salle Pleyel, enquanto nossas filhas estavam na aula de balé, e Isabelle havia acendido seu milésimo cigarro e me olhava diretamente nos olhos. Não, eu havia respondido. Eu o amo. Eu realmente o amo. Eu o amo do jeito como ele é. Ela havia assobiado, impressionada, mas não convencida. Bem, que sorte a dele, então. Mas, pelo amor de Deus, quando ele estiver indo longe demais, diga a ele. Você tem que dizer a ele.

Deitada na banheira, lembrei-me de quando conheci Bertrand. Foi numa prosaica discoteca em Courchevel. Ele estava com um grupo de amigos barulhentos e levemente embriagados. Eu estava com meu namorado, Henry, que havia conhecido alguns meses antes na rede de TV em que eu trabalhava. Tínhamos uma relação informal, despreocupada. Nenhum de nós estava profundamente apaixonado pelo outro. Éramos apenas dois compatriotas americanos curtindo a vida na França.

Bertrand me chamou para dançar. Não parecia incomodá-lo o fato de que eu estivesse acompanhada por outro homem. Irritada, recusei. Ele foi muito insistente.

– Apenas uma dança. Somente uma dança. Mas será uma dança maravilhosa, eu lhe prometo.

Olhei para Henry, que encolheu os ombros.

– Vá em frente – ele disse, piscando o olho.

Então eu me levantei e dancei com o francês audacioso. Eu era muito bonita quando tinha 27 anos. E eu tinha sido Miss Nahant aos 17.

Ainda tinha a minha tiara de strass guardada em algum lugar. Zoé gostava de brincar com ela quando era pequena. Nunca fui vaidosa com relação à minha aparência. Mas eu havia percebido que, morando em Paris, eu recebia muito mais atenção do que do outro lado do Atlântico. Também descobri que os homens franceses eram mais ousados, mais abertos, no que se relacionava a flertar. E eu também compreendi que, a despeito do fato de eu não ter nada das parisienses sofisticadas – alta demais, loura demais, com os dentes grandes demais – meus encantos de Nova Inglaterra pareciam ser exatamente o tipo que mais fazia sucesso. Nos meus primeiros meses em Paris, fiquei impressionada com a forma como os homens franceses – e as mulheres – encaram fixamente uns aos outros. Medindo—se constantemente. Verificando silhuetas, roupas, acessórios. Lembrei-me da minha primeira primavera em Paris e de caminhar pelo Boulevard Saint-Michel com Susannah, do Oregon, e Jan, da Virginia. Nós nem sequer estávamos vestidas para sair, estávamos usando jeans, camisetas e sandálias havaianas. Mas nós três éramos altas, atléticas, louras e parecíamos definitivamente

americanas. Os homens vinham a nós constantemente.

– Bonjour, Mesdemoiselles, vous êtes américaines, Mesdemoiselles? Homens jovens, homens maduros, estudantes, executivos, uma infinidade de homens, exigindo números de telefone, convidando-nos para jantar, para uma bebida, pedindo coisas, fazendo piadas, alguns charmosos, outros bem menos. Isso não acontecia lá onde nós morávamos. Os homens americanos não perseguem as moças nas ruas e nem declaram a sua paixão. Jan, Susannah e eu dávamos risadinhas que não conseguíamos prender, sentindo-nos lisonjeadas e espantadas ao mesmo tempo.

Bertrand diz que se apaixonou por mim durante aquela primeira dança na boate em Courchevel. Exatamente naquele momento. Eu não acredito nisso. Acho que, para ele, aconteceu um pouco mais tarde. Talvez na manhã seguinte, quando ele me levou para esquiar.

– Merde alors, as francesas não esquiavam desse jeito! – Ele suspirou, encarando-me com admiração ostensiva.

– Desse jeito como? – eu havia perguntado.

– Elas não esquiavam nem com a metade dessa velocidade, ele riu, e me beijou apaixonadamente. Entretanto, eu havia me apaixonado por ele instantaneamente. Tanto que havia dado ao pobre Henry um olhar de despedida enquanto saía da discoteca de braço dado com Bertrand.

Bertrand falou quase imediatamente sobre casamento. Não havia passado pela minha cabeça que isso fosse acontecer tão depressa, eu estava bem feliz sendo sua namorada por uns tempos. Mas ele havia insistido e tinha sido tão encantador e tão amoroso que eu finalmente concordei em casar-me com ele. Acredito que ele sentia que eu iria ser a esposa perfeita, a mãe perfeita. Eu era inteligente, culta, instruída (summa cum laude pela Universidade de Boston) e bem-comportada – “para uma americana”, eu quase podia ouvi-lo pensando. Eu era saudável e forte. Não fumava, não tomava drogas, quase não bebia e acreditava em Deus. E então, de volta a Paris, conheci a família Tézac. Como eu tinha ficado nervosa naquele primeiro dia! O apartamento clássico e impecável na rue de l’Université. Os frios olhos azuis de Edouard e seu sorriso seco. Colette e sua maquiagem cuidadosa, suas roupas perfeitas, tentando ser amável, servindo-me café e açúcar com dedos elegantes e unhas bem-feitas. E as duas irmãs. Uma era angulosa, loura e pálida: Laure. A outra era ruiva, com bochechas cor de rubi e voluptuosa: Cé-cile. Thierry, o noivo de Laure, estava lá. Ele quase não conversou comigo. As duas irmãs haviam olhado para mim com aparente interesse, perplexas com o fato de o irmão Casanova ter escolhido uma americana sem sofisticação, quando ele tinha le tout Paris a seus pés.

Eu sabia que Bertrand – e sua família também – esperava que eu tivesse três ou quatro filhos em rápida sucessão. Mas as complicações começaram logo após nosso casamento. Complicações sem fim que não esperávamos. Uma série de abortos espontâneos me deixaram perturbada.

Consegui ter Zoé depois de seis anos difíceis. Bertrand esperou durante bastante tempo pelo filho número dois. Eu também. Mas nós nunca mais falamos sobre o

assunto.

E depois, havia Amélie.

Mas eu certamente não queria pensar em Amélie esta noite. Eu já tinha feito muito isso no passado.

A água do banho estava morna, então saí tiritando de frio. Bertrand ainda estava assistindo à televisão. Normalmente, eu teria ido até ele, que teria me tomado nos braços, sussurrado e me beijado, e eu teria dito que ele fora rude demais, mas eu teria dito isso com voz de menininha e feito beicinho de criança. E nós teríamos nos beijado e ele teria me levado para nosso quarto e feito amor comigo.

Mas esta noite eu não fui até ele. Mergulhei na cama e li um pouco mais sobre as crianças do Vel' d'Hiv.

E a última coisa que eu vi antes de apagar a luz foi o rosto de Guillaume quando ele nos contou sobre sua avó.

## Capítulo 17

HÁ QUANTO TEMPO ELES estavam lá? A menina não conseguia se lembrar. Se sentia enfraquecida, entorpecida. Os dias se misturavam com as noites. A certa altura ela tinha ficado enjoada, vomitando bÍlis, gemendo e com dor. Ela havia sentido a mão de seu pai sobre ela, confortando-a. A Única coisa que tinha na mente era o irmão. Não conseguia parar de pensar nele. Ela tirava a chave do bolso e a beijava febrilmente, como se estivesse beijando suas bochechinhas arredondadas, seus cabelos cacheados.

Algumas pessoas haviam morrido ali durante os Últimos dias, e a menina vira tudo. Ela havia visto mulheres e homens enlouquecerem no calor sufocante e malcheiroso e serem espancados até caÍrem e serem amarrados a macas. Ela vira ataques cardíacos, suicídios e febres altas. A menina havia observado os corpos sendo carregados para fora. Ela jamais presenciara tamanho horror. Sua mãe havia se transformado em um animal submisso. Ela quase não falava. Chorava em silêncio e rezava.

Uma manhã, gritaram ordens ásperas pelos alto-falantes. Eles deveriam pegar seus pertences e se reunir perto da entrada. Em silêncio. Ela se levantou, fraca e cambaleante. Suas pernas estavam bambas e mal podiam sustentá-la. Ela ajudou seu pai a levantar a mãe. Eles pegaram suas sacolas. A multidão arrastava os pés vagorosamente na direção dos portões. A menina percebeu como todos se moviam lenta e dolorosamente. Até as crianças coxeavam como velhos, com as costas curvadas, as cabeças baixas. A menina se perguntou para onde estavam indo. Quis perguntar ao pai, mas seu rosto magro e fechado significava que ela não ia conseguir nenhuma resposta naquele momento. Será que finalmente estavam indo para casa? Seria o fim? Estava terminado? Ela poderia ir para casa e libertar o irmão? Eles desceram a rua estreita, com a polícia mandando que continuassem. A menina olhou para os estranhos que os observavam da calçada, pelas janelas, varandas e portas. A maioria deles tinha rostos vazios, sem compaixão. Continuavam olhando, sem dizer palavra. Eles não se importam, pensou a menina. Eles não se importam com o que estão fazendo conosco, para onde estamos sendo levados. Um homem riu, apontando para eles. Ele estava segurando uma criança pela mão. A criança estava rindo também. Por quê, pensou a menina, por quê? Parecemos engraçados com nossas roupas fedorentas e miseráveis? É por isso que estão rindo? O que é tão engraçado? Como eles podem rir, como podem ser tão cruéis? Ela quis cuspir neles, gritar com eles.

Uma mulher de meia-idade atravessou a rua e rapidamente enfiou algo em sua mão. Era um pequeno pedaço de pão macio. A mulher foi afugentada por um policial. A menina só teve tempo suficiente para vê-la voltar para o outro lado da rua. A mulher havia dito: "Coitadinha da menina! Que Deus tenha piedade dela!" O que Deus estava fazendo? pensou a menina, lerdamente. Deus havia desistido deles? Ele os estava punindo por algo que ela não sabia? Seus pais não eram religiosos, embora ela soubesse que acreditavam em Deus. Eles não a haviam criado dentro da tradição religiosa, como Armelle havia sido criada pelos pais, respeitando todos os rituais. A menina imaginava se essa não seria a punição deles. A punição por não praticar a religião bem o bastante.

Ela entregou o pão para o pai. Ele lhe disse para comê-lo. Ela o devorou rápido demais e quase se sufocou.

Foram levados nos mesmos ônibus municipais para uma estação de trens de frente para o rio. Ela não sabia que estação era aquela. Nunca havia estado lá antes. Ela raramente havia saído de Paris em todos os seus 10 anos de idade. Quando viu o trem, sentiu o pânico tomar conta dela. Não, ela não podia ir embora, tinha que ficar, tinha que ficar por causa de seu irmão, havia prometido voltar para salvá-lo. Puxou a manga da camisa do pai, sussurrando o nome do irmão. O pai abaixou o olhar para ela.

– Não há nada que possamos fazer – ele disse com determinação impotente. – Nada.

Ela pensou no menino inteligente que escapara, aquele que havia saído. A raiva tomou conta dela. Por que seu pai estava sendo tão fraco, tão covarde? Ele não se importava com o próprio filho? Ele não se importava com o menininho? Por que ele não tinha coragem de fugir? Como ele podia continuar lá e ser conduzido para dentro de um trem, como um carneiro? Como ele podia apenas ficar ali sem sair correndo e não voltar depressa para o apartamento, para o filho, para a liberdade? Por que ele não pegou a chave com ela e fugiu? O pai olhou para ela, e a menina soube que ele tinha lido todos os pensamentos que passavam por sua cabeça. Disse a ela muito calmamente que estavam em grande perigo. Ele não sabia para onde estavam sendo levados. Não sabia o que iria acontecer a eles. Mas sabia que, se tentasse escapar agora, seria morto. Atiriam nele, instantaneamente, na frente dela, na frente da mãe dela. E, se isso acontecesse, esse seria o fim. Ela e a mãe estariam sozinhas. Ele tinha que ficar com elas para protegê-las.

A menina ouvia. Ele jamais havia usado aquele tom de voz com ela antes. Era a voz que ela havia escutado escondida durante aquelas preocupantes conversas secretas. Ela tentava entender. Tentava não deixar transparecer sua angústia no rosto. Mas seu irmão... Era culpa dela! Ela é quem havia dito a ele para ficar no armário. Era tudo culpa dela. Ele poderia estar aqui com eles agora. Ele poderia estar aqui, segurando sua mão, se não fosse o que ela tinha feito.

Ela começou a chorar lágrimas que ardiam e queimavam seus olhos, suas faces. – Eu não sabia! – ela soluçava. – Papa, eu não sabia, pensei que a gente ia voltar, pensei que ele fosse ficar seguro! – Então, ela levantou os olhos para ele, com fúria e dor em sua voz, e esmurrou o peito dele com seus pequenos punhos. – Você nunca me disse, Papa, você nunca explicou, você nunca me contou sobre o perigo, nunca! Por quê? Você pensou que eu era muito pequena para entender, não foi? Você queria me proteger? Era isso que você estava tentando fazer? O rosto de seu pai. Ela não podia mais olhar para ele. Ele baixou os olhos para ela com tanto desespero, tanta tristeza! Suas lágrimas levaram embora a imagem do rosto dele. Ela chorou sozinha com o rosto escondido entre as mãos. Seu pai não a tocou. Naqueles terríveis minutos solitários, a menina compreendeu. Ela não era mais uma menina feliz de 10 anos. Era alguém com muito mais idade. Nada jamais seria como antes para ela, para sua família, para seu irmão.

Ela explodiu uma última vez, puxando com força o braço do pai, com uma violência que era nova para ela.

– Ele vai morrer! Ele vai morrer! – Estamos todos em perigo – ele finalmente respondeu. – Você e eu, sua mãe, seu irmão, Eva e seus filhos, e todas essas pessoas.

Todos aqui. Eu estou aqui com você. E nós estamos com seu irmão. Ele está em nossas orações, em nossos corações.

Antes que ela pudesse responder, eles foram empurrados para dentro do trem, um trem que não possuía assentos, apenas vagões vazios. Um trem coberto para gado. Era sujo e cheirava mal. De pé, perto das portas, a menina olhou para fora, para a estação cinzenta e empoeirada.

Em uma plataforma perto dali, uma família esperava por outro trem. O pai, a mãe duas crianças. A mãe era bonita, com os cabelos presos em um coque bem-feito. Eles provavelmente estavam passando férias ali. Havia uma menina que devia ter a sua idade. Ela estava usando um vestido lilás muito bonito, seus cabelos estavam limpos e os sapatos brilhavam.

As duas meninas olharam uma para a outra, cada uma de um lado da plataforma. A mãe, bonita e com os cabelos arrumados, estava olhando também. A menina no trem sabia que seu rosto coberto de lágrimas estava negro de sujeira e seus cabelos ensebados. Mas ela não curvou a cabeça de vergonha. Manteve-se ereta, com o queixo erguido. Enxugou as lágrimas.

E quando as portas foram fechadas, quando o trem deu um solavanco, com as rodas tinindo e rangendo, ela olhou através de uma pequenina fenda no metal. Ela não parava de olhar a menininha na plataforma. Ficou olhando até que a figura com o vestido lilás desaparecesse completamente.



## Capítulo 18

EU NUNCA GOSTEI DO décimo quinto arrondissement. Provavelmente por causa da monstruosa quantidade de prédios altos e modernos que desfiguravam as margens do Sena próximo à Torre Eiffel, e a isso eu jamais me acostumei, embora eles tenham sido construídos no início dos anos 70, muito antes de eu chegar a Paris. Mas, quando eu virei na rue Nélaton com Bamber, onde o Vel' d'Hiv ficava antigamente, pensei comigo mesma que eu gostava dessa área de Paris menos ainda.

– Que rua medonha – murmurou Bamber. Ele tirou algumas fotos com a câmera. A rue Nélaton era escura e silenciosa. Ela obviamente nunca recebia muita luz do sol. De um lado, prédios burgueses de pedra construídos no fim do século XIX. Do outro, onde costumava ficar o Velódrome d'Hiver, havia uma grande construção acastanhada, típica do início dos anos 60, horrenda tanto na cor quanto na proporção, MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR – dizia a placa sobre as portas giratórias de vidro.

– Que lugar estranho para construir prédios do governo – observou Bamber. – Você não acha? Bamber havia encontrado somente algumas fotos ainda existentes do Vel' d'Hiv. Eu segurava uma delas na mão. Grandes letras negras diziam: VEL' D'HIV sobre uma fachada pálida. Um enorme portão. Um agrupamento de ônibus estacionados ao longo da calçada, e o alto das cabeças das pessoas. Tinha sido tirada provavelmente de uma janela do outro lado da rua na manhã da batida policial.

Procuramos por uma placa, algo que mencionasse o que havia acontecido aqui, mas nada encontramos.

– Não consigo acreditar que não há nada – comentei.

Finalmente encontramos algo no Boulevard de Grenelle, logo depois da esquina. Uma placa mínima. Melhor dizendo, humilde. Imaginei se alguém alguma vez tinha olhado para ela. Dizia: Nos dias 16 e 17 de julho de 1942, 13.152 judeus foram presos em Paris e nos subúrbios, deportados e assassinados em Auschwitz. No Velódrome d'Hiver, que no passado estava situado neste local, 1.129 homens, 2.916 mulheres e 4.115 crianças foram aqui reunidos em condições subumanas pela polícia do governo de Vichy, seguindo ordens dos ocupantes nazistas. Que aqueles que tentaram salvá-los recebam nossos agradecimentos. Passante, não se esqueça jamais! – Interessante – refletiu Bamber. – Por que tantas crianças e mulheres, e tão poucos homens? – Estavam circulando rumores sobre uma grande batida policial – expliquei. – Já haviam ocorrido algumas antes, especialmente em agosto de 1941. Mas, até então, somente homens haviam sido presos. E elas não haviam sido tão grandes, tão planejadas em detalhes como esta. É por isso que esta é infame. Na noite de 16 de julho, a maioria dos homens se escondeu, pensando que as mulheres e as crianças estariam seguras. Foi aí que eles se enganaram.

– Por quanto tempo isso foi planejado? – Meses – respondi. – O governo francês estava trabalhando nisso atentamente desde abril de 1942, listando todos os judeus que seriam presos. Mais de 6 mil policiais parisienses foram encarregados de executar a ordem. No início, a data escolhida havia sido 14 de julho. Mas é afete nacional aqui. Então, foi adiada para um pouco mais tarde.

Caminhamos na direção da estação do metrô. Era uma rua sombria. Sombria e triste.

– E depois? – perguntou Bamber. – Para onde foram levadas todas aquelas famílias? – Ficaram confinadas no Vel' d'Hiv por alguns dias. Um grupo de enfermeiras e médicos finalmente teve permissão para entrar. Todos eles descreveram o caos e o desespero. Depois, as famílias foram levadas para a Estação Austerlitz, e para os campos nos arredores de Paris. E depois, enviados diretamente para a Polônia.

Bamber ergueu uma das sobrancelhas.

– Campos? Você quer dizer campos de concentração na França? – Campos que são considerados as antecâmaras francesas para Auschwitz. Drancy, o mais próximo de Paris, Pithiviers e Beaune-la-Rolande.

– Estou imaginando como esses lugares estarão hoje – disse Bamber. – Deveríamos ir lá e descobrir.

– Iremos – respondi.

Paramos na esquina da rue Nélaton para um café. Dei uma olhada no relógio. Eu havia prometido ir ver Mame hoje. Sabia que não conseguiria. Amanhã, então. Isso nunca era um sacrifício para mim. Ela era a avó que eu jamais tivera. Minhas duas avós haviam falecido quando eu era pequena. Eu só queria que Bertrand fizesse um pouquinho mais de esforço, considerando que ela se derretia por ele.

Bamber me trouxe de volta ao Vel' d'Hiv.

– Com certeza isso me deixa feliz por não ser francês – ele disse. Depois, se lembrou.

– Opa, desculpe. Agora você é, certo? – Sim – respondi. – Por causa do casamento. Tenho dupla nacionalidade.

– Eu não quis ofender – ele tossiu. Parecia envergonhado. – Não se preocupe – eu sorri. – Mesmo após todos esses anos, os parentes do meu marido ainda me chamam de “a americana”.

Bamber riu.

– Isso incomoda você? Dei de ombros.

– Às vezes. Morei aqui mais da metade da minha vida. Eu realmente sinto que este é o meu lugar.

– Você está casada há quanto tempo? – Vamos completar 16. Mas moro aqui há 25 anos.

– Você teve um daqueles pomposos casamentos franceses? Soltei uma risada. – Não, foi bem simples. Na Borgonha, onde os meus sogros possuem uma casa, perto de Sens.

Lembrei-me rapidamente daquele dia. Não houve muito entrosamento entre Sean e Heather Jarmond e Edouard e Colette Tézac. Parecia que todo o lado francês da

família havia esquecido de como falar inglês. Mas não me importei. Eu estava tão feliz! O sol brilhava maravilhosamente. A tranqüila igreja interiorana. Meu vestido simples cor de marfim que minha sogra aprovara. Bertrand, estonteante em sua casaca cinza. O jantar na casa dos Tézac foi esplendidamente realizado. Champagne, velas e pétalas de rosas. Charla fazendo um discurso muito engraçado em seu péssimo francês, e que só fez rir a mim. Laure e Cécile sorriram de maneira afetada. Minha mãe, com seu terninho magenta claro, e seu sussurro em meu ouvido “eu realmente espero que você seja feliz, meu amor”. Meu pai valsando com a empertigada Colette. Parecia que havia sido há tanto tempo! – Você sente saudade dos Estados Unidos? – Bamber perguntou.

– Não. Sinto saudade da minha irmã. Mas não dos Estados Unidos. Um garçom jovem veio trazer nossos cafés. Ele deu uma olhada no cabelo cor de fogo de Bamber e sorriu. Depois, ele viu o impressionante arsenal de câmeras e lentes.

– Turistas? – perguntou. – Tirando belas fotos de Paris? – Não somos turistas. Estamos apenas tirando belas fotos do que restou do Vel' d'Hiv – disse Bamber em francês, com seu lento sotaque britânico.

O garçom pareceu perplexo.

– Ninguém pergunta muito sobre o Vel' d'Hiv – ele disse. – Sobre a Torre Eiffel, sim, mas não sobre o Vel' d'Hiv.

– Somos jornalistas – eu disse. – Trabalhamos para uma revista americana. – Às vezes há famílias judias que vêm aqui – lembrou o rapaz. – Depois dos

discursos de comemoração no memorial que fica mais abaixo no rio. Tive uma idéia.

– Você não conheceria alguém, um vizinho nesta rua, que saiba sobre a batida policial, que pudesse conversar conosco? – perguntei. Nós já tínhamos conversado com diversos sobreviventes. A maioria deles havia escrito livros sobre sua experiência, mas nos faltavam testemunhas. Parisenses que tivessem visto tudo isso acontecer.

Depois eu me senti tola. Afinal, o rapaz não tinha mais do que 20 anos. Seu pai provavelmente ainda não era nascido em 1942.

– Conheço sim – ele respondeu, para minha surpresa. – Se vocês subirem a rua, verão uma loja que vende jornais à sua esquerda. Xavier, o encarregado da loja, irá contar a vocês. A mãe dele sabe, ela mora lá desde que nasceu.

Deixamos-lhe uma bela gorjeta.

## Capítulo 19

NA PEQUENA ESTAÇÃO DE TREM, houve uma caminhada empoeirada e sem fim através de uma pequena cidade, onde a maioria das pessoas olhava e apontava. Seus pais doíam. Para onde estavam indo agora? O que iria acontecer com eles? Estavam longe de Paris? A viagem de trem havia sido rápida, não chegara a duas horas. Como sempre, ela pensava no irmão. Seu coração ficava mais apertado a cada quilômetro percorrido. Como ela iria voltar para casa? Como ela iria conseguir? Sentia o estômago embrulhado ao imaginar que ele provavelmente estava pensando que ela o havia esquecido. Era no que ele acreditava, trancado no armário escuro. Ele pensava que ela o havia abandonado, que ela não se importava, que ela não o amava. Ele não tinha água, não tinha luz e estava com medo. Ela o havia desapontado.

Onde eles estavam? Ela não tivera tempo de olhar para o nome da estação quando desceram. Mas havia percebido as primeiras coisas a que uma criança urbana presta atenção: o campo viçoso, as campinas verdes, os campos dourados. O aroma inebriante de ar fresco e de verão. O zumbido de uma abelha. Pássaros no céu. Nuvens brancas e fofas. Ela sentia que isso era glorioso, depois do fedor e do calor dos últimos dias. Talvez as coisas não fiquem tão ruins, afinal.

Ela seguiu os pais através dos portões de arame farpado, com guardas de aparência ríspida dos dois lados empunhando armas. Depois, ela viu as fileiras de barracões escuros, a austeridade do lugar, e então ficou desanimada. Agarrou-se ao corpo da mãe. Os policiais começaram a gritar ordens. Mandaram que as mulheres e crianças fossem para os galpões à direita, os homens para os da esquerda. Impotente, agarrada à mãe, ela observou o pai ser empurrado juntamente com um grupo de homens. Ela sentiu medo sem ele ao lado dela. Mas não havia nada que ela pudesse fazer. As armas a aterrorizavam. Sua mãe não se moveu. Seus olhos estavam embotados, mortos. Seu rosto estava branco e com uma aparência doentia.

A menina pegou a mão da mãe enquanto elas eram empurradas na direção dos barracões. O interior estava vazio e encardido. Tábuas e palha. Sujeira e mau cheiro. As latrinas ficavam do lado de fora, meras tábuas de madeira em volta de buracos. Ordenaram-lhes que se sentassem lá, em grupos, para urinar e defecar à vista de todos, como animais. Isso a revoltou. Sentiu que não podia ir. Não podia fazer isso. Olhou enquanto a mãe abria as pernas sobre um dos buracos. Ela curvou a cabeça de vergonha. Mas ela finalmente fez o que lhe foi mandado, encolhida, esperando que ninguém estivesse olhando para ela.

Logo acima do arame farpado, a menina podia vislumbrar o vilarejo. A torre negra de uma igreja. Uma caixa-d'água elevada. Telhados e chaminés. Árvores. Lá, a menina pensou, naquelas casas próximas, as pessoas tinham camas, lençóis, cobertores, comida e água. Elas estavam limpas e tinham roupas limpas. Ninguém gritava com elas. Ninguém as tratava como gado. E elas estavam bem ali, do outro lado da cerca. No vilarejozinho limpo onde ela podia ouvir o sino da igreja tocando.

Havia crianças de férias lá, ela pensou. Crianças indo a piqueniques, brincando de esconde-esconde. Crianças felizes, mesmo que houvesse uma guerra e menos comida para comer do que o normal, e mesmo que talvez seus pais houvessem ido embora para

lutar. Crianças felizes, amadas, tratadas com carinho. Ela não podia imaginar por que havia tanta diferença entre ela e aquelas crianças. Ela não podia imaginar por que todas aquelas pessoas junto com ela tinham que ser tratadas daquela forma. Quem havia decidido isso, e para quê? Deram-lhes sopa morna de repolho. Era rala e arenosa. Nada mais. Depois, ela observou as fileiras de mulheres se despirem e brigarem para lavar seus corpos sujos sob um filete de água em cima de tinas de ferro enferrujadas. Ela as achou feias, grotescas. Odiou as flácidas, as magras, as velhas, as jovens. Odiou ter que ver sua nudez. Não queria olhar para elas. Odiou ter que vê-las.

Ela se aconchegou no calor da mãe e tentou não pensar no irmão. Sua pele coçava, seu couro cabeludo também. Queria um banho, sua cama, seu irmão. Queria jantar. Ela imaginou se algo poderia ser pior do que o que estava acontecendo com ela nos últimos dias. Pensou em seus amigos, nas outras meninhas na escola que também tinham estrelas. Dominique, Sophie, Agnès. O que acontecera a elas? Alguma delas teria conseguido escapar? Algumas estariam a salvo, escondidas em algum lugar? Será que Armelle estaria escondida com sua família? Será que conseguiria vê-la novamente, ver seus outros amigos de novo? Será que voltaria para a escola em setembro? Naquela noite, ela não conseguiu dormir. Precisava do toque tranquilizador do pai. Seu estômago doía. Sentiu que ele se contraía de dor. Sabia que eles não tinham permissão para sair dos barracões durante a noite. Cerrou os dentes, abraçando a barriga com os braços. Mas a dor ficou pior. Lentamente ela se levantou, andou na ponta dos pés por entre as fileiras de mulheres e crianças adormecidas, para as latrinas do lado de fora.

Holofotes ofuscantes varriam o campo enquanto ela se precipitava sobre as tábuas. A menina olhou lá dentro e viu grossos vermes pálidos contorcendo-se na massa escura de fezes. Ela ficou com medo de que algum policial sobre as torres de vigia pudesse ver suas nádegas e puxou a saia até os quadris. Voltou rapidamente para o barracão.

Lá dentro, o ar estava fedido e abafado. Algumas crianças se lamentavam durante o sono. Ela pôde ouvir uma mulher soluçando. Ela se virou para a mãe, olhando para o rosto branco e encovado.

Aquela mulher feliz e amorosa já não existia mais. Já não existia mais a mãe que costumava arrebatá-la nos braços e sussurrava palavras de amor, apelidos em iídiche. A mulher com os brilhantes cachos cor de mel e silhueta voluptuosa, aquela que todos os vizinhos e lojistas cumprimentavam pelo primeiro nome. Aquela que tinha um cheiro cálido, reconfortante, maternal: comida deliciosa, sabonete novinho, roupas de cama limpas. Aquela com a risada contagiante. Aquela que dizia que, mesmo que houvesse uma guerra, eles iriam se sair bem, porque eram uma família boa e forte, uma família cheia de amor.

Aquela mulher havia desaparecido aos poucos. Havia se tornado pálida e esquisita, e jamais ria ou sorria. Tinha um cheiro rançoso e acre. Seus cabelos haviam se tornado secos e quebradiços, com fios grisalhos.

A menina sentiu como se a mãe já estivesse morta.

## Capítulo 20

A VELHA SENHORA OLHOU PARA Bamber e para mim com olhos úmidos e translúcidos. Ela deve estar perto de fazer 100 anos, pensei. Seu sorriso não tinha dentes, como o de um bebê. Mame era uma adolescente, comparada com ela. Morava bem em cima da loja do filho, o jornaleiro da rue Nélaton. Um apartamento apertado e atravancado com mobília empoeirada, tapetes comidos pelas traças e plantas sem viço. A velha senhora estava sentada em uma poltrona que afundava, perto da janela. Ela nos observou enquanto entrávamos e nos apresentávamos. Pareceu satisfeita por estar recebendo visitantes inesperados.

– Jornalistas americanos, então – disse com voz trêmula, avaliando-nos. – Americana e inglês – corrigiu Bamber.

– Jornalistas interessados no Vel' d'Hiv? – ela perguntou. Peguei minha caneta e meu bloco de anotações e os equilibrei sobre meu joelho.

– A senhora se lembra de alguma coisa sobre a batida policial, madame? – perguntei-lhe. – Poderia nos dizer alguma coisa, mesmo o menor dos detalhes? Ela soltou uma risada que parecia um cacarejo.

– Você pensa que eu não me lembro, minha jovem? Você pensa que talvez eu tenha esquecido? – Bem – eu disse – foi há bastante tempo, afinal de contas.

– Quantos anos você tem? – ela perguntou abruptamente. Senti meu rosto enrubescer. Bamber escondeu um sorriso por detrás da câmera. – Quarenta e cinco – respondi.

– Vou fazer 95 anos – ela disse, ostentando as gengivas desdentadas. – No dia 16 de julho de 1942, eu tinha 35 anos. Dez a menos do que você tem agora. E eu me lembro. Me lembro de tudo.

Ela fez uma pausa. Seus olhos turvos olharam para fora, para a rua. – Eu me lembro de ter acordado muito cedo por causa do ronco dos ônibus que

estavam bem debaixo da minha janela. Olhei para fora e os vi chegarem. Cada vez mais. Nossos próprios ônibus municipais, os ônibus que eu usava todos os dias. Os verdes e brancos. Havia muitos deles. Eu me perguntei por que motivo eles estavam aqui. Depois, eu vi as pessoas saírem. E todas as crianças. Tantas crianças! Sabe, é difícil esquecer as crianças.

Eu tomava notas enquanto Bamber lentamente clicava a câmera. – Depois de algum tempo me vesti e descí com meus filhos, que eram pequenos

na época. Nós estávamos curiosos e queríamos saber o que estava acontecendo. Nossos vizinhos e a concierge vieram também. Então, nós vimos as estrelas amarelas, e entendemos tudo. Os judeus. Eles estavam arrebanhando os judeus.

– A senhora tinha alguma idéia do que iria acontecer a essas pessoas? – perguntei. Ela encolheu os velhos ombros.

– Não – ela respondeu. – Nós não tínhamos idéia. Como poderíamos? Foi depois da guerra que descobrimos. Pensávamos que eles estavam sendo enviados para

trabalhar em algum lugar. Nós não imaginávamos que algo de ruim estava acontecendo. Eu lembro que alguém disse: “É a polícia francesa, ninguém vai fazer mal a eles.” Então, nós não nos preocupamos. E, no dia seguinte, mesmo isso tendo acontecido no meio de Paris, não havia nada nos jornais, nada no rádio. Ninguém parecia preocupado. Então nós também não ficamos. Até que eu vi as crianças.

Ela fez uma pausa.

– As crianças? – repeti.

– Alguns dias mais tarde, os judeus foram levados novamente de ônibus – ela continuou. – Eu estava na calçada, e eu vi as famílias saindo do velódrome, todas aquelas crianças sujas e chorando. Elas pareciam amedrontadas, imundas. Fiquei chocada. Percebi que no velódrome elas não haviam tido muito para comer ou beber. Eu me senti impotente e com raiva. Tentei jogar-lhes pães e frutas, mas a polícia não deixou.

Ela fez uma pausa novamente, por um longo tempo. De repente, parecia cansada, esgotada. Bamber calmamente colocou sua câmera de lado. Esperamos. Não nos movemos. Fiquei imaginando se ela falaria novamente.

– Depois de todos esses anos... – ela disse finalmente, com a voz abrandada, quase num sussurro. – Depois de todos esses anos, eu ainda vejo as crianças, sabe? Eu as vejo subindo nos ônibus e sendo levadas embora. Eu não sabia para onde elas estavam indo, mas tinha um pressentimento. Um pressentimento horrível. A maioria das pessoas à minha volta estava indiferente. Elas achavam que aquilo era normal. Era normal para elas que os judeus estivessem sendo levados embora.

– Por que a senhora acha que elas estavam achando tudo normal? – perguntei. Outra risada.

– Disseram a nós, franceses, durante anos, que os judeus eram inimigos do nosso país, é por isso! Em 1941 ou 1942, houve uma exposição no Palais Berlitz, se não me falha memória, no Boulevard des Italiens, chamada “O Judeu e a França”. Os alemães fizeram com que ela ficasse aberta durante meses. Um grande sucesso junto à população parisiense. E o que era? Uma chocante demonstração anti-semita.

Seus velhos dedos deformados alisaram a saia.

– Eu me lembro dos policiais, sabe? Nossos próprios bons policiais parisienses. Nossos próprios, bons e honestos gendarmes. Empurrando as crianças para dentro dos ônibus. Gritando. Usando seus cassetetes.

Ela encostou o queixo no peito e resmungou algo que eu não compreendi. Parecia algo como “que vergonha para nós todos por não termos impedido aquilo”.

– A senhora não sabia – eu disse suavemente, emocionada por seus olhos repentinamente úmidos. – O que a senhora poderia ter feito? – Ninguém se lembra das crianças do Vel’ d’Hiv, sabe? Ninguém está interessado.

– Talvez este ano elas se lembrem – respondi. – Talvez este ano seja diferente. Ela franziu seus lábios enrugados.

– Não. Você vai ver. Nada mudou. Ninguém se lembra. Por que deveriam?  
Aqueles foram os dias mais sombrios do nosso país.



## Capítulo 21

ELA FICOU IMAGINANDO ONDE seu pai estaria. Em algum lugar no mesmo campo, em um dos galpões, certamente, mas ela só o viu uma ou duas vezes. Ela não tinha noção dos dias que passavam. A única coisa que a atormentava era o irmão. Ela acordava à noite, tremendo, pensando nele dentro do armário. Tirou a chave do bolso e ficou olhando para ela com dor e horror. Talvez ele esteja morto agora. Talvez tenha morrido de sede, de fome. Ela tentou contar os dias desde aquela quinta-feira negra quando os homens vieram prendê-los. Uma semana? Dez dias? Não sabia. Sentia-se perdida, confusa. Havia sido um vendaval de terror, fome e morte. Mais crianças haviam morrido no campo. Seus corpinhos haviam sido levados em meio a gritos e lágrimas.

Um dia, de manhã, ela percebeu um grande número de mulheres conversando exaltadamente. Elas pareciam preocupadas, aflitas. Perguntou à mãe o que estava acontecendo, mas a mãe respondeu que não sabia. Sem se deixar intimidar, a menina perguntou a uma mulher que tinha um menininho da idade de seu irmão, e que havia dormido perto delas durante os últimos dias. O rosto da mulher estava avermelhado, como se estivesse com febre. Ela disse que havia boatos circulando pelo campo. Os pais iam ser enviados para o leste, para trabalhar. Eles deveriam preparar a chegada das crianças, que iriam mais tarde, depois de alguns dias. A menina ouviu, chocada. Ela repetiu a conversa para a mãe. Os olhos da mãe pareceram se abrir com um clique. Ela balançou a cabeça veementemente. Disse que não, que aquilo não podia acontecer. Eles não podiam fazer isso. Eles não podiam separar as crianças dos pais.

Naquela vida calma e protegida que parecia tão distante, a menina teria acreditado na mãe. Ela costumava acreditar em tudo o que a mãe dizia. Mas neste cruel mundo novo, a menina sentia que havia crescido. Sentia-se mais velha do que a mãe. Ela sabia que as outras mulheres estavam dizendo a verdade. Sabia que os boatos eram verdadeiros. Ela não sabia como explicar isso para a mãe. A mãe havia se tornado uma criança.

Quando os homens entraram nos barracões, ela não sentiu medo. Sentiu que estava endurecida. Sentiu que uma grossa muralha havia crescido em torno dela. Pegou a mão da mãe e a apertou. Queria que a mãe fosse corajosa e forte. Mandaram que fossem para fora. Tinham que fazer uma fila para entrar em outro galpão, em pequenos grupos. Ela esperou na fila pacientemente com a mãe. Ficava olhando em volta para tentar localizar o pai, mas ele não estava em lugar nenhum.

Quando chegou a vez de elas entrarem no galpão, ela viu alguns policiais sentados atrás de uma mesa. Havia duas mulheres de pé perto deles, usando roupas comuns. Mulheres do vilarejo, olhando com rostos duros e frios para as filas de pessoas. Ela as ouviu dar ordens à senhora na frente dela para entregar o dinheiro e as jóias. Ela observou a senhora apalpar a aliança de casamento e o relógio. Uma menininha de uns 6 ou 7 anos estava perto dela, tremendo de medo. Um policial apontou para as pequeninas argolas de ouro que a menina tinha nas orelhas. Ela estava com medo demais para retirá-las sozinha. A avó se curvou para tirá-las. O policial soltou um suspiro de irritação. Aquilo estava demorando demais. Nessa velocidade, eles ficariam ali a noite inteira.

Uma das mulheres do vilarejo se aproximou da menina e, com um gesto rápido, arrancou-lhe as argolas das orelhas, rasgando os pequenos lóbulos. A menininha gritou, com as mãos esfregando o pescoço ensangüentado. A velha senhora gritou também. Um policial deu-lhe um tapa no rosto. Elas foram empurradas para fora. Um murmúrio de medo varreu a fila. Os policiais brandiram suas armas e fez-se silêncio.

A menina e a mãe não tinham nada para entregar. Apenas a aliança de casamento da mãe. Uma mulher do vilarejo de rosto corado rasgou o vestido da mãe do pescoço até o umbigo, revelando sua pele pálida e as roupas íntimas desbotadas. Suas mãos apalparam as pregas do vestido, as roupas íntimas, as aberturas do corpo da mãe. A mãe se retraiu, mas nada disse. A menina observava, com o medo crescendo dentro dela. Ela odiou o modo como os homens olhavam para o corpo da mãe, odiou o modo como a mulher do vilarejo a tocava, manuseando-a como um pedaço de carne. Será que eles iam fazer aquilo com ela também? ela se perguntou. Iam rasgar suas roupas do mesmo modo? Talvez tomassem a chave dela. Ela a apertou no bolso com toda a sua força. Não, eles não podiam pegar a chave. Ela não iria deixar. Não deixaria que lhe tirassem a chave do armário secreto. Nunca.

Mas os policiais não estavam interessados no que ela tinha nos bolsos. Antes que ela e a mãe saíssem, ela olhou mais uma vez para as pilhas que cresciam sobre a mesa: colares, pulseiras, broches, anéis, relógios, dinheiro. O que iam fazer com tudo aquilo? ela pensou. Vender? Usar? Para que eles precisavam daquelas coisas? Do lado de fora, elas entraram em outra fila. Era um dia quente e em-poeirado. A menina tinha sede, sua garganta estava seca e arranhava. Elas ficaram lá durante um longo tempo, sob o olhar silencioso dos policiais. O que estava acontecendo? Onde estava seu pai? Por que elas estavam ali de pé? A menina conseguia ouvir sussurros incessantes atrás dela. Ninguém sabia. Ninguém sabia responder. Mas ela sabia. Ela sentia. E, quando aconteceu, ela já estava esperando por aquilo.

Os policiais caíram sobre elas como um bando de enormes pássaros negros. Eles arrastaram as mulheres para um lado do campo e as crianças para o outro. Mesmo as crianças menores foram separadas de suas mães. A menina observava tudo, como se estivesse em outro mundo. Ela ouviu os gritos, os berros, viu as mulheres se jogando no chão, com suas mãos puxando as crianças pelas roupas, pelos cabelos. Ela observou os policiais levantarem os cassetetes e baterem nas cabeças das mães, nos rostos. Ela viu uma mulher cair. Seu nariz tinha se tornado uma polpa ensangüentada.

Sua própria mãe estava ao lado dela, paralisada. Ela podia ouvi-la respirando em suspiros curtos e ofegantes. Segurou na mão fria da mãe. Sentiu o policial puxá-las com violência para separá-las, ouviu a mãe soltar um grito agudo, e depois a viu mergulhar novamente na direção dela, com seu vestido rasgado e aberto, seu cabelo desgrenhado, sua boca contorcida, gritando o nome da filha. Ela tentou agarrar as mãos da mãe, mas os homens a empurraram para o lado, fazendo-a ficar de joelhos. A mãe lutou como uma criatura enlouquecida, dominando os policiais por alguns segundos, e, naquele preciso momento, a menina viu sua verdadeira mãe emergir, a mulher forte e passional que ela tanto admirava e de quem sentia saudades. Ela sentiu os braços da mãe envolvendo-a mais uma vez, sentiu o cabelo denso e grosso acariciar seu rosto. De repente, torrentes de água fria a cegaram. Cuspindo, tentando respirar,

ela abriu os olhos para ver os homens arrastarem sua mãe para longe pela gola de seu vestido encharcado.

Para ela, parecia que aquilo havia durado horas. Crianças perdidas, chorando. Baldes de água jogados em seus rostos. Mulheres se debatendo, subjugadas. Os sons surdos dos golpes. Mas ela sabia que tudo havia acontecido muito rapidamente.

Silêncio. Estava acabado. Finalmente, a multidão de crianças estava de um lado e as mulheres do outro. Entre elas, uma cerrada fileira de policiais. Os policiais ficavam repetindo que as mães e as crianças com mais de 12 anos iam preceder as outras, e que as mais novas iriam na semana seguinte para juntar-se a elas. Os pais já haviam ido, disseram. Todos deveriam cooperar e obedecer.

Ela viu a mãe de pé com as outras mulheres. Sua mãe olhava para a filha com um pequeno sorriso corajoso. Ela parecia dizer: "Viu, minha querida? Nós vamos ficar bem, a polícia disse. Você virá nos encontrar daqui a alguns dias. Não se preocupe, meu amor." A menina olhou em volta para a multidão de crianças. Tantas crianças! Ela olhou para as menores, que mal sabiam andar, com seus rostos contraídos de tristeza e medo. Ela viu a menininha dos lóbulos ensangüentados com as palmas das mãos viradas na direção da mãe. O que iria acontecer com todas essas crianças, com ela? pensava. Para onde os pais estavam sendo transportados? As mulheres foram levadas embora, para fora dos portões do campo. Ela viu sua mãe se virar e caminhar pela longa estrada que passava pelo vilarejo e levava à estação. O rosto de sua mãe se virou para ela uma última vez.

Depois, ela se foi.

## Capítulo 22

ESTAMOS TENDO UM DOS nossos “bons” dias hoje, Madame Tézac – disse Véronique, sorrindo para mim quando entrei no quarto branco e ensolarado. Ela fazia parte da equipe que cuidava de Mame na casa de repouso limpa e alegre no 177 arrondissement, não muito longe do Pare Monceau.

– Não a chame de Madame Tézac – vociferou a avó de Bertrand. – Ela odeia. Chame-a de Miss Jarmond.

Não pude evitar um sorriso. Véronique pareceu desconcertada. – E, de qualquer forma, Madame Tézac sou eu – disse a velha senhora com um

toque de arrogância e total desdém pela outra Madame Tézac, sua nora Colette, a mãe de Bertrand. Tão típico de Mame, pensei. Tão mal-humorada, mesmo nessa idade. Seu primeiro nome era Marcelle. Ela tinha aversão a esse nome. Ninguém nunca a chamava de Marcelle.

– Eu sinto muito – disse Véronique humildemente. Pus uma das mãos em seu braço.

– Por favor, não se preocupe com isso – eu disse. – Eu não uso meu nome de casada.

– É coisa de americano – disse Mame. – Miss Jarmond é americana. – Sim, eu percebi – disse Véronique, mais animada. Percebeu o quê? Senti vontade

de perguntar. Meu sotaque, minhas roupas, meus sapatos? – Então, você está tendo um bom dia hoje, Mame? – Sentei-me perto dela e cobri sua mão com a minha.

Comparada com a velha senhora da rue Nélaton, Mame parecia ter o frescor da juventude. Sua pele quase não tinha rugas. Seus olhos cinzentos eram brilhantes. Mas a velha senhora da rue Nélaton, a despeito de sua aparência decrépita, tinha a cabeça no lugar, e Mame, aos anos, sofria do mal de Alzheimer. Havia dias em que ela simplesmente não sabia quem era.

Os pais de Bertrand haviam decidido transferi-la para a clínica de repouso quando perceberam que ela era incapaz de morar sozinha. Ela era capaz de acender o queimador do fogão e deixá-lo aceso o dia todo. Deixava a banheira transbordar. Ou saía regularmente do apartamento e era encontrada perambulando pela rue de Saintonge de camisola. Ela havia resistido, naturalmente. Não quis ir para a clínica de repouso de jeito nenhum. Mas havia se adaptado bem, apesar dos ocasionais acessos de mau humor.

– Estou tendo um “bom” dia – ela sorriu quando Véronique nos deixou a sós. – Ah, estou vendo – eu disse - aterrorizando tudo aqui, como sempre? – Como

sempre – ela respondeu. Depois, ela se virou para mim. Seus afetuosos olhos cinzentos passaram pelo meu rosto. – Onde está aquele inútil do seu marido? Ele nunca vem, sabe? E não me venha com uma daquelas desculpas do tipo “ele está muito ocupado”.

Suspirei.

– Bem, pelo menos você está aqui – ela disse asperamente. – Você parece cansada. Está tudo bem? – Tudo bem – respondi.

Eu sabia que estava com a aparência cansada. Não havia muito que eu pudesse fazer a respeito. Sair de férias, eu acho. Mas não planejava tirar férias antes do verão.

– E o apartamento? Eu havia acabado de passar por lá para ver o andamento das obras antes de ir para a clínica. Uma colméia de atividades. Bertrand supervisionando tudo com a energia de sempre. Antoine com a aparência esgotada.

– Vai ficar maravilhoso – eu disse. – Quando estiver pronto. – Sinto saudades de lá – disse Mame. – Sinto saudades de morar lá. – Tenho certeza disso – respondi. Ela encolheu os ombros. – Você fica apegada aos lugares, sabe? Como às pessoas, eu acho. Imagino se André sente saudade.

André era seu falecido marido. Eu não o conhecera. Ele havia morrido quando Bertrand era adolescente. Eu estava acostumada a ouvir Mame falar dele no tempo presente. Eu jamais a corrigia, jamais a lembrava de que ele morreria anos antes de câncer no pulmão. Ela adorava falar dele. Quando a conheci, muito antes de começar a perder a memória, ela me mostrava os álbuns de fotos toda vez que eu ia vê-la na rue de Saintonge. Eu sentia como se conhecesse o rosto de André Tézac de cor. Os mesmos olhos azuis-acinzentados de Edouard. Um nariz mais arredondado. Um sorriso mais caloroso, talvez.

Mame havia me contado com todos os detalhes como eles haviam se conhecido, como haviam se apaixonado, e como tudo havia ficado difícil durante a guerra. Os Tézac eram originalmente da Borgonha, mas quando André herdou os vinhedos da família de seu pai, não foi capaz de pagar as contas. Então, ele se mudou para Paris e abriu um pequeno antiquário na rue de Turenne, perto da Place des Vosges. Levou algum tempo para que ele firmasse sua reputação, para que o negócio prosperasse. Edouard assumiu as rédeas depois da morte do pai e mudou a loja para a rue du Bac, no sétimo arrondissement, onde os mais prestigiados antiquários de Paris podiam ser encontrados. Cécile, a irmã mais nova de Bertrand, agora comandava o lugar e estava se saindo muito bem.

O médico de Mame – o melancólico mas competente Docteur Roche – disse-me uma vez que era uma excelente terapia perguntar a Mame sobre o passado. De acordo com ele, ela provavelmente tinha uma melhor percepção do que acontecera trinta anos antes do que naquele dia de manhã.

Era como um jogo. Durante cada uma das minhas visitas, eu fazia perguntas. Eu fazia isso de forma natural, sem fazer grande alarde. Ela sabia perfeitamente qual era o meu objetivo, mas fingia ignorar.

Foi divertido descobrir coisas sobre Bertrand de quando ele era pequeno. Mame me contou histórias muito interessantes. Ele tinha sido um adolescente desajeitado, não o cara legal de quem eu havia ouvido falar. Foi um aluno relutante, não o estudante brilhante que seus pais tanto elogiavam. Aos 14 anos, houve uma briga memorável com o pai sobre a filha do vizinho, uma loura oxigenada promíscua que fumava maconha.

Às vezes, no entanto, não era divertido sondar a memória defeituosa de Mame. Muitas vezes havia longas e horríveis lacunas. Ela não conseguia se lembrar de nada. Nos dias “ruins”, ela se fechava como uma concha. Olhava fixamente para a televisão e fechava a boca de um jeito que fazia com que o queixo se projetasse.

Um dia, de manhã, ela não conseguia ter idéia de quem era Zoé. Ela ficava perguntando: “Quem é esta criança? O que ela está fazendo aqui?” Zoé, como sempre, havia se comportado de maneira adulta com relação ao assunto. Porém, mais tarde, naquela noite, eu a ouvi chorando na cama. Quando perguntei carinhosamente qual era o problema, ela admitiu que não agüentava ver sua bisavó envelhecendo.

– Mame – eu disse – quando foi que a senhora e André se mudaram para o apartamento da rue de Saintonge? Eu esperava que ela contorcesse o rosto, fazendo com que se parecesse com um velho macaco sábio, e viesse com algo como “ah, eu não consigo me lembrar...”.

Mas a resposta veio como uma chicotada.

– Julho de 1942.

Eu me sentei ereta, olhando para ela.

– Julho de 1942? – repeti.

– Isso mesmo – ela disse.

– E como foi que vocês encontraram o apartamento? Estava ocorrendo uma guerra e deve ter sido difícil, não é mesmo? – De forma alguma – ela disse despreocupadamente. – Ele ficou vago de repente. Ouvimos falar dele pela concierge, Madame Royer, que era amiga de nossa antiga concierge. Nós morávamos na rue de Turenne, bem em cima da loja de André, num apartamentozinho apertado, desconfortável, com apenas um quarto. Então, nós nos mudamos com Edouard, que tinha 10 ou 12 anos na época. Estávamos animados com a oportunidade de ter um apartamento maior. E o aluguel era barato, eu me lembro. Naquela época, aquele quartier não tinha nem a metade da elegância de agora.

Eu a observei cuidadosamente e pigarreei.

– Mame, a senhora se lembra se era o início de julho? Ou o fim? Ela sorriu, satisfeita por estar se saindo tão bem.

– Eu me lembro perfeitamente. Era fim de julho.

– E a senhora se lembra por que o apartamento ficou vago tão repentinamente? Outro sorriso radiante.

– Mas é claro. Houve uma grande batida policial. As pessoas foram presas, sabe? Muitas moradias ficaram vagas repentinamente.

Fiquei olhando para ela. Seus olhos me encararam também. Eles se obscureceram quando ela viu a expressão em meu rosto.

– Mas como isso aconteceu? Como vocês se mudaram? Ela ajeitou as mangas, movendo a boca com dificuldade.

– Madame Royer disse à nossa concierge que um apartamento de três quartos estava vazio na rue de Saintonge. Foi isso que aconteceu. Só isso.

Silêncio. Ela parou de movimentar as mãos e as pousou sobre o colo. – Mas, Mame – sussurrei - vocês não pensaram que aquelas pessoas poderiam

voltar algum dia? Seu rosto ficou sóbrio e percebi algo tenso, doloroso, em seus lábios. – Nós não sabíamos de nada – ela disse finalmente. – Nada. E ela baixou os olhos

para as próprias mãos e não disse mais nada.

## Capítulo 23

AQUELA FOI A PIOR NOITE. A pior noite da vida de todas aquelas crianças e da vida dela, pensou a menina. Os galpões haviam sido inteiramente saqueados. Não havia restado nada – roupas, lençóis, nada. Os edredons haviam sido rasgados em dois e as plumas brancas cobriam o chão como neve de mentirinha.

Crianças chorando, gritando, soluçando de terror. As crianças menores não conseguiam entender, ficavam gemendo, chamando por suas mães. Elas urinavam nas roupas, rolavam no chão, soltavam gritos agudos de desespero. As mais velhas, como ela, ficavam sentadas no chão sujo, com as cabeças entre as mãos.

Ninguém olhava para elas. Ninguém cuidava delas. Raramente recebiam comida. Elas estavam com tanta fome que mordiscavam a grama seca e pedacinhos de palha. Não havia ninguém para confortá-las. A menina pensou: esses policiais... Eles não têm família também? Eles não têm filhos? Não têm casas para onde voltam no fim do dia de trabalho para encontrá-los? Como é que eles podem tratar crianças dessa maneira? Eles receberam ordens para isso ou estão agindo assim naturalmente? Na verdade, eles são máquinas e não seres humanos? Ela olhou para eles atentamente. Pareciam ser feitos de carne e osso. Eles eram homens. Ela não conseguia entender.

No dia seguinte, a menina percebeu um punhado de pessoas observando-as pelo arame farpado. Mulheres com pacotes e comida. Elas estavam tentando empurrar a comida através das cercas. Mas os policiais ordenaram-lhes que fossem embora. Ninguém mais veio olhar novamente.

A menina se sentia como se houvesse se tornado outra pessoa. Uma pessoa endurecida, rude e selvagem. As vezes brigava com as outras crianças, aquelas que tentavam pegar o pão velho e seco que ela havia encontrado. Ela as xingava. Batia nelas. Sentia-se perigosa, selvagem.

No início, ela não havia olhado para as crianças menores. Elas faziam com que ela se lembrasse demais do irmão. Mas agora sentia que tinha que ajudá-las. Elas eram pequenas e vulneráveis. Tão patéticas! Tão sujas! Muitas delas estavam com diarreia. Suas roupas estavam duras de fezes. Não havia ninguém para lhes dar banho, ninguém para lhes dar comida.

Aos poucos, ela aprendeu seus nomes e suas idades, mas algumas das crianças eram tão pequenas que quase não conseguiam responder. Elas ficavam agradecidas por uma voz calorosa, um sorriso, um beijo, e elas a seguiam por todo o campo, dezenas delas, fazendo fila atrás dela como pardais sujos e molhados.

Ela lhes contava as histórias que costumava contar ao irmão antes de ele ir para a cama. A noite, deitada na palha infestada de piolhos, na qual as ratas faziam sons farfalhantes, ela sussurrava as histórias, fazendo com que ficassem mais compridas do que eram normalmente. As crianças mais velhas também se sentavam em volta. Algumas fingiam não ouvir, mas ela sabia que estavam escutando.

Havia uma garota de 11 anos, uma menina alta de cabelos negros chamada Rachel, que olhava para ela freqüentemente com um toque de desdém. Mas, noite após noite, ela ouvia as histórias, arrastando-se para mais perto da menina, de modo a não perder



uma só palavra. E, uma vez, quando a maioria das crianças pequenas estava finalmente adormecida, ela falou com a menina.

Ela disse com uma voz profunda e áspera: – Precisamos ir embora. Precisamos fugir. A menina sacudiu a cabeça.

– Não há como. A polícia tem armas. Não vamos conseguir fugir. Rachel encolheu os ombros ossudos.

– Eu vou fugir.

– E sua mãe? Ela está esperando por você no outro campo, como a minha. Rachel sorriu.

– Você acredita nisso? Você acredita no que eles disseram? A menina odiou o sorriso sabido de Rachel.

– Não – ela disse firmemente. – Eu não acredito neles. Eu não acredito em mais nada.

– Nem eu – disse Rachel. – Eu vi o que eles fizeram. Eles nem escreveram os nomes das crianças direito. Eles colocaram aquelas etiquetazinhas que se misturaram quando a maioria das crianças as arrancou. Eles não se importam. Todos eles mentiram para nós. Para nós e para as nossas mães.

E, para surpresa da menina, Rachel estendeu a mão e pegou a dela. Ela a apertou firmemente, como Armelle costumava fazer. Depois, ela se levantou e desapareceu.

Na manhã seguinte, elas foram acordadas muito cedo. Os policiais entraram nos barracões, empurrando-as com seus cassetetes. As crianças menores, ainda sonolentas, começaram a gritar. A menina tentou acalmar aquelas que estavam perto dela, mas elas estavam aterrorizadas. Foram levadas para um galpão. A menina segurava duas crianças pequenas pela mão. Ela viu um policial segurando um instrumento em uma das mãos. Tinha um formato estranho. Ela não sabia o que era aquilo. As crianças pequenas ofegaram de medo e recuaram. Elas levaram tapas e chutes do policial, e depois foram arrastadas na direção do homem com o instrumento. A menina observava, horrorizada. Depois, ela compreendeu. Os cabelos iriam ser raspados. Todas as crianças teriam as cabeças raspadas.

Ela ficou olhando enquanto o grosso cabelo negro de Rachel caía no chão. Seu crânio nu era branco e pontudo como um ovo. Rachel olhava para o homem com ódio e desprezo. Ela cuspiu nos sapatos dele. Um dos gendarmes a empurrou para o lado com brutalidade.

As crianças menores estavam fora de si. Tiveram que ser agarradas e imobilizadas por dois ou três homens. Quando foi a vez dela, a menina não lutou. Curvou a cabeça. Sentiu a fria pressão da máquina e fechou os olhos, incapaz de suportar a visão dos longos fios dourados caindo a seus pés. Seus cabelos. Seus lindos cabelos que todos admiravam. Ela sentiu soluços brotando em sua garganta, mas fez força para não chorar. Nunca chorar na frente desses homens. Nunca chorar. Nunca. São apenas cabelos. Vão crescer novamente.

Estava quase acabado. Ela abriu os olhos novamente. O policial que a segurava tinha gordas mãos cor-de-rosa. Ela levantou os olhos para ele enquanto o outro raspava os últimos cachos.

Era o policial ruivo e amigável do bairro dela. Aquele com quem a mãe costumava conversar. Aquele que sempre tinha uma piscadela para ela a caminho da escola. Aquele para quem ela acenou no dia da batida policial, aquele que havia virado o rosto. Agora, ele estava perto demais para olhar para o outro lado.

Ela sustentou o olhar, sem baixar os olhos uma única vez. Os olhos dele tinham uma cor estranha, amarelada como ouro. Seu rosto estava vermelho de vergonha, e ela pensou ter sentido que ele tremia. Ela não disse nada, olhando para ele com todo o desprezo que conseguia reunir.

Ele apenas conseguia devolver o olhar, sem fazer um único movimento. A menina sorriu um sorriso amargo para uma criança de 10 anos e afastou as mãos pesadas dele.

DEIXEI A CLÍNICA DE REPOUSO em um tipo de torpor. Eu tinha que ir para o escritório, onde Bamber me esperava, mas me peguei voltando para a rue de Saintonge. Havia tantas perguntas em minha cabeça que eu me sentia assoberbada. Mame estava dizendo a verdade ou havia se confundido por causa da doença? Realmente teria havido uma família judia morando lá? Como é que os Tézac puderam se mudar para lá sem saber de nada, como Mame havia afirmado? Caminhei lentamente pelo pátio. O alojamento da concierge provavelmente teria sido aqui, pensei. Anos antes, ele havia sido transformado em um pequeno apartamento. Uma fileira de caixas de correio metálicas ladeava o corredor. Não havia mais uma concierge que entregava a correspondência todos os dias em cada porta. Madame Royer – esse era o nome dela – Mame havia dito. Eu havia lido muito sobre as concierges e o papel que elas desempenharam durante as prisões. A maioria delas havia cumprido as ordens da polícia, e algumas haviam ido além, mostrando aos policiais onde determinadas famílias judias haviam se escondido. Outras haviam saqueado os apartamentos vagos e acumulado bens logo após a batida policial. Apenas algumas, eu li, haviam protegido as famílias judias da melhor maneira que puderam. Eu me perguntava que tipo de papel Madame Royer havia desempenhado. Pensei rapidamente em minha concierge no Boulevard du Montparnasse. Ela tinha a minha idade, era de Portugal e não havia conhecido a guerra.

Ignorei o elevador e subi os quatro andares de escada. Os operários estavam fora, em horário de almoço. O prédio estava silencioso. Quando abri a porta da frente, senti algo estranho me engolir, uma sensação desconhecida de vazio e desespero. Caminhei para a parte mais antiga do apartamento, a parte que Bertrand havia me mostrado no outro dia. Foi ali que tudo havia acontecido. Foi ali que os homens vieram bater à porta naquela manhã quente de julho, um pouco antes do amanhecer. Parecia-me que tudo o que eu havia lido nas últimas semanas, tudo o que eu havia aprendido sobre o Vel' d'Hiv tinha se juntado aqui, neste exato lugar onde em breve eu iria morar. Todos os depoimentos que eu havia examinado, todos os livros que eu tinha estudado, todos os sobreviventes e testemunhas que eu havia entrevistado me fizeram compreender, me fizeram ver, com uma clareza quase irreal, o que havia acontecido entre as paredes que eu tocava agora.

O artigo que eu havia começado a escrever alguns dias atrás estava quase concluído. Meu prazo final estava se aproximando. Eu ainda tinha que visitar os campos de Loiret e Drancy fora de Paris, e tinha uma reunião marcada com Franck Lévy, cuja associação estava organizando a maior parte das comemorações do sexagésimo aniversário da batida policial. Em breve, minha investigação estaria encerrada e eu escreveria sobre algum outro assunto.

Mas agora que eu sabia o que havia acontecido aqui, tão perto de mim, tão intimamente ligado a mim, à minha vida, eu sentia que tinha que descobrir mais. Minha pesquisa ainda não estava terminada. Eu sentia que tinha que saber tudo. O que havia acontecido à família judia que morava neste lugar? Quais eram os seus nomes? Havia alguma criança? Alguém havia voltado dos campos da morte? Estavam todos mortos? Perambulei pelo apartamento vazio. Em um aposento, a parede estava sendo demolida.

Perdida no meio do entulho, percebi uma longa e profunda abertura, enghosadamente escondida atrás de um painel. Estava agora parcialmente à mostra. Teria sido um bom esconderijo. Se essas paredes pudessem falar... Mas eu não precisava que elas falassem. Eu sabia o que havia acontecido ali. Eu podia ver. Os sobreviventes haviam me contado sobre a noite quente e calma, os muros nas portas, as ordens ríspidas, o trajeto de ônibus atravessando Paris. Eles haviam me contado sobre o inferno fétido do Vel' d'Hiv. Aqueles que me contaram foram os que conseguiram sobreviver, que conseguiram escapar, que arrancaram suas estrelas e fugiram.

Imaginei de repente se eu poderia lidar com esse conhecimento, se eu poderia morar aqui sabendo que em meu apartamento uma família havia sido presa e enviada para suas prováveis mortes. Eu me perguntava como os Tézac conviveram com isso.

Peguei meu celular e liguei para Bertrand. Quando ele viu meu número aparecer, ele murmurou "reunião". Aquele era o nosso código para "estou ocupado".

– É urgente – insisti.

Eu o ouvi murmurar algo, e depois sua voz soou clara.

– O que foi, amour? – ele perguntou. – Diga rápido, tem uma pessoa me esperando.

Respirei fundo.

– Bertrand – eu disse - você sabe como seus avós conseguiram o apartamento da rue de Saintonge? – Não – ele respondeu. – Por quê? – Acabei de ver Mame. Ela me disse que eles se mudaram para cá em julho de 1942. Ela disse que o lugar estava vago porque uma família judia foi presa durante a batida policial do Vel' d'Hiv.

Silêncio.

– E então? – perguntou Bertrand, finalmente.

Senti meu rosto queimar. Minha voz ecoou pelo apartamento vazio. – Mas não incomoda você o fato de sua família ter se mudado sabendo que a família judia havia sido presa? Eles alguma vez contaram isso a você? Eu quase podia ouvi-lo encolher os ombros daquele típico jeito francês, com os cantos da boca curvados para baixo e as sobrancelhas arqueadas.

– Não, não me incomoda. Eu não sabia, eles nunca me disseram, mas ainda assim não me incomoda. Tenho certeza de que muitos parisienses se mudaram para apartamentos vazios em julho de 1942, depois da batida policial. Certamente isso não faz com que minha família seja colaboracionista, faz? Sua risada feriu meus ouvidos.

– Eu nunca disse isso, Bertrand.

– Você está ficando muito sensível com relação a tudo isso, Julia – ele disse, num tom mais carinhoso. – Isso aconteceu há sessenta anos, sabe? Havia uma guerra, lembre-se disso. Tempos difíceis para todo mundo. Suspirei.

– Eu só queria saber como tudo aconteceu. Eu não compreendo. – É simples, mon ange. Meus avós passaram por tempos difíceis durante a guerra.

O antiquário não estava indo bem. Eles provavelmente ficaram aliviados ao se mudarem para um lugar maior e melhor. Afinal de contas, tinham um filho. Eles eram jovens. Estavam felizes por encontrar um teto. Eles provavelmente não pensaram duas vezes sobre a família judia.

– Ah, Bertrand – sussurrei. – Como eles puderam não pensar sobre aquela família? Como não? Ele jogou beijos pelo telefone.

– Eles não sabiam, eu acho. Tenho que ir, amor. Nos vemos à noite. E desligou.

Fiquei no apartamento durante algum tempo, andando pelo longo corredor, parando na sala de estar vazia, correndo a palma da mão pelo mármore liso da lareira, tentando compreender, tentando não deixar minhas emoções me dominarem completamente.

JUNTO COM RACHEL, ela havia se decidido. Elas iam fugir. Iam abandonar aquele lugar. Era isso ou morrer. Ela sabia. Sabia que, se ficasse aqui com as outras crianças, seria o fim. Muitas delas estavam doentes. Meia dúzia já havia morrido. Uma vez, ela vira uma enfermeira, como aquela no estádio, uma mulher com um véu azul. Uma única enfermeira para tantas crianças doentes e com fome.

A fuga era o segredo delas, que não haviam contado a nenhuma das outras crianças. Ninguém deveria desconfiar de nada. Elas iriam escapar em plena luz do dia. Elas haviam percebido que, durante o dia, na maioria das vezes, os policiais quase não prestavam atenção a elas. Poderia ser rápido e fácil. Atrás dos galpões, na direção da caixa-d'água, onde as mulheres do vilarejo haviam tentado empurrar comida através do arame farpado, elas haviam encontrado uma pequena fenda nos rolos de arame. Pequena, mas talvez grande o bastante para uma criança passar engatinhando.

Algumas crianças já haviam deixado o campo, cercadas pelos policiais. Ela as havia observado saírem, criaturas pequenas e frágeis com suas roupas rasgadas e cabeças raspadas. Para onde estavam sendo levadas? Para longe? Para as mães e os pais? Ela não acreditava nisso. Rachel também não. Se todas elas estivessem sendo enviadas para o mesmo lugar, por que os policiais haviam separado os pais das crianças, para começar? Por que tanta dor, tanto sofrimento? a menina pensou.

– É porque eles nos odeiam – Rachel havia dito a ela com sua voz rouca e profunda. – Eles odeiam os judeus.

Tanto ódio!, pensou a menina. Por que tanto ódio? Ela nunca havia odiado ninguém na vida, exceto talvez uma professora, uma vez. Uma professora que a punira severamente porque ela não havia aprendido a lição. Alguma vez tinha desejado que aquela mulher morresse? ela pensou. Tinha sim. Então talvez fosse assim que a coisa funcionava. Eis como tudo tinha acontecido. Odiar tanto as pessoas que você queria matá-las. Odiá-las porque usavam uma estrela amarela. Ela sentiu como se todo o mal e todo o ódio do mundo estivessem concentrados bem ali, estocados em volta dela, nos rostos duros dos policiais, em sua indiferença, em seu desdém. E, fora do campo, todos odiavam os judeus também? Era assim que sua vida iria ser dali por diante? Ela se lembrou, em junho passado, de ter ouvido os vizinhos comentarem na escada quando voltava para casa da escola. Vozes femininas, falando em voz baixa, em sussurros. Ela

havia feito uma parada nas escadas, com os ouvidos em pé como os de um cachorrinho.

– E, sabe? o paletó dele se abriu e lá estava ela, a estrela. Eu jamais imaginaria que ele fosse judeu.

Ela ouviu a outra mulher inspirar, soltando um som agudo. – Um judeu! Um cavalheiro tão distinto, também. Que surpresa! Ela havia perguntado à sua mãe por que alguns dos vizinhos não gostavam de pessoas judias. Sua mãe havia encolhido os ombros, suspirado, curvando a cabeça sobre as roupas que estava passando a ferro. Mas ela não havia respondido. Então, a menina foi ver o pai. O que havia de errado em ser judeu? Por que algumas pessoas odeiam os judeus? Seu pai havia coçado a cabeça, havia baixado os olhos para ela com um sorriso perplexo. Ele havia dito, hesitantemente: – Porque elas pensam que somos diferentes. Por isso, elas têm medo de nós.

Mas o que era tão diferente? pensou a menina. O que era tão diferente? Sua mãe. Seu pai. Seu irmão. Ela tinha tanta saudade deles que se sentia fisicamente doente. Era como se houvesse caído em um buraco sem fundo. Fugir era a única maneira de ter algum tipo de controle sobre sua vida, sobre essa nova vida que ela não compreendia. Talvez seus pais tivessem conseguido escapar também. Talvez todos eles tivessem conseguido fugir. Talvez todos eles tivessem conseguido voltar para casa. Talvez... Talvez...

Ela pensou no apartamento vazio, nas camas desfeitas, na comida lentamente apodrecendo na cozinha. E seu irmão naquele silêncio. No silêncio morto do lugar.

Rachel tocou em seu braço, fazendo-a dar um salto.

– Agora – ela sussurrou. – Vamos tentar, agora.

O campo estava silencioso, quase deserto. Depois que os adultos foram levados embora, havia menos policiais, ela percebera. E os policiais quase não falavam com as crianças. Eles as deixavam sozinhas.

O calor pesava insuportavelmente nos galpões. Dentro, crianças frágeis e doentes estavam deitadas na palha úmida. As meninas podiam ouvir vozes masculinas e risadas que vinham de mais longe. Os homens provavelmente estavam num dos barracões, mantendo-se afastados do sol.

O único policial que elas podiam ver estava sentado na sombra, com o fuzil aos seus pés. Sua cabeça estava reclinada e encostada na parede e ele parecia profundamente adormecido, com a boca aberta. Elas se esgueiraram na direção das cercas, como animais pequenos e ágeis, e conseguiram avistar os prados e os campos verdes estendendo-se diante delas.

Silêncio, calma. Calor e silêncio. Alguém as teria visto? Elas rastejavam na grama, com o coração aos saltos. Olharam para trás, por cima dos ombros. Nenhum movimento. Nenhum som. Era assim tão fácil? pensou a menina. Não, não podia ser. Nada era tão fácil. Não mais.

Rachel estava apertando uma trouxa de roupas em seus braços. Ela insistiu com a menina para vesti-las. As camadas extras iriam proteger a pele contra o arame farpado,

ela disse. A menina estremeceu ao lutar para entrar na suéter suja e em trapos e na calça apertada e esfarrapada. A quem essas roupas teriam pertencido? ela pensou. A alguma pobre criança, agora morta, cuja mãe havia ido embora, e que havia sido deixada aqui para morrer sozinha? Ainda rastejando, elas se aproximaram da pequena fenda nos rolos de arame. Havia um policial de pé a alguma distância dali. Elas não podiam distinguir seu rosto, apenas o contorno de seu quepe alto e redondo. Rachel apontou para a abertura no arame. Elas teriam que se apressar agora. Não havia tempo a perder. Elas se deitaram de bruços e serpentearam na direção do buraco. Parecia tão pequeno!, pensou a menina. Como elas conseguiriam passar rastejando sem se cortarem no arame farpado, apesar das roupas extras? Como elas alguma vez imaginaram que iriam conseguir? Que ninguém iria vê-las? Que elas iriam se livrar dessa? Elas estavam loucas, ela pensou. Loucas.

A grama fazia cócegas em seu nariz. O cheiro era delicioso. Queria enterrar o rosto nela e sentir o aroma verde e penetrante. Ela viu que Rachel já havia alcançado a fenda e estava cuidadosamente passando sua cabeça através dela.

De repente, a menina ouviu sons surdos e pesados sobre a grama. Seu coração parou. Ela levantou os olhos para uma enorme forma que assomava sobre ela. Um policial. Ele a arrastou e a levantou pela gola puída da blusa e a sacudiu. Ela se sentiu fraca de terror.

– Mas o que é que vocês pensam que estão fazendo? Sua voz sibilou em seu ouvido.

Rachel estava na metade do caminho através dos rolos de arame farpado. O homem, ainda segurando a menina pela nuca, abaixou-se e segurou o tornozelo de Rachel. Ela lutou e chutou, mas ele era forte demais, puxando-a de volta com o rosto e as mãos sangrando através do arame farpado.

Elas ficaram de pé na frente dele, Rachel soluçando, a menina ereta, com o queixo erguido. Por dentro, ela estava tremendo, mas havia decidido que não mostraria seu medo. Ao menos, iria tentar.

E aí, então, ela olhou para ele e ficou sem fôlego.

Era o policial ruivo. Ele a reconheceu instantaneamente. Ela viu seu pomo-de-adão se agitar, sentiu a mão grossa em seu colarinho estremeecer.

– Vocês não podem fugir – ele disse asperamente. – Vocês precisam ficar aqui, vocês compreendem? Ele era jovem, tinha pouco mais de 20 anos, era corpulento e tinha a pele cor-de-rosa. A menina percebeu que ele estava suando sob o uniforme escuro. Sua testa brilhava com a umidade, seu lábio superior também. Seus olhos piscaram, e ele jogou o peso do corpo de um pé para o outro.

Ela percebeu que não estava com medo. Sentiu um tipo de estranha pena dele, o que a deixou perplexa. Colocou sua mão sobre o braço dele. Ele abaixou os olhos para ela com surpresa e embarço.

– O senhor se lembra de mim, não lembra? – ela disse. Não era uma pergunta. Era um fato.

Ele acenou com a cabeça que sim, esfregando a área úmida sob o nariz. Ela pegou a chave do bolso e mostrou para ele. A mão dele não vacilou.

– O senhor se lembra do meu irmãozinho – ela disse. – O menino louro com os cabelos cacheados? Ele novamente acenou com a cabeça.

– O senhor tem que me deixar ir embora, Monsieur. Meu irmãozinho, Monsieur. Ele está em Paris. Sozinho. Eu o tranquei no armário porque pensei... – sua voz falhou. – Eu pensei que ele fosse ficar seguro lá! Eu preciso voltar! Deixe-me passar por este buraco. O senhor pode fingir que nunca me viu, Monsieur.

O homem olhou para trás por cima do ombro, na direção dos galpões, como se estivesse com receio de que alguém pudesse vir, que alguém pudesse vê-los ou ouvi-los.

Ele levou um dos dedos aos lábios. Olhou novamente para a menina. Ele contorceu o rosto e sacudiu a cabeça.

– Não posso fazer isso – ele disse, em voz baixa. – Tenho ordens. Ela pressionou sua mão contra o peito dele.

– Por favor, Monsieur – ela disse baixinho.

Perto dela, Rachel fungava, com o rosto coberto de coágulos de sangue e lágrimas. O homem olhou por sobre o ombro novamente. Ele parecia profundamente perturbado. Ela novamente percebeu a estranha expressão em seu rosto, aquela que ela vira no dia da batida policial. Uma mistura de pena, vergonha e raiva.

A menina sentiu os minutos passarem opressivos, pesados. Intermináveis. Ela sentiu os soluços e as lágrimas crescendo dentro dela novamente. O pânico. O que ela iria fazer se ele as mandasse de volta para os barracões? Como ela iria continuar? Como? Tentaria escapar novamente, pensou furiosa. Sim, ela faria tudo de novo. Tudo de novo.

De repente, ele disse o nome dela e pegou em sua mão. A palma da mão do policial estava quente e pegajosa.

– Vá – ele disse por entre os dentes cerrados, com o suor gotejando pelos lados de seu rosto pálido. – Vá, agora! Rápido! Desconcertada, ela olhou para os olhos dourados. Ele a empurrou na direção do buraco, forçando-a com a mão. Ele segurou o arame e a empurrou violentamente. O arame farpado feriu sua testa. Depois, estava terminado. Ela lutou para ficar de pé. Ela estava livre, de pé do outro lado.

Rachel olhava fixamente, imóvel.

– Eu quero ir também – Rachel disse.

O policial apertou uma das mãos na parte de trás do pescoço dela. – Não, você vai ficar – ele disse. Rachel começou a chorar. – Isso não é justo! Por que ela e não eu? Por quê? Ele a silenciou, levantando a outra mão. Atrás da cerca, a menina continuava paralisada no mesmo lugar. Por que Rachel não podia vir com ela? Por que Rachel tinha que ficar? – Por favor, deixe-a vir – disse a menina. – Por favor, Monsieur. Ela falou com voz baixa e calma. A voz de uma moça.

O homem pareceu desconfortável, impaciente. Mas ele não hesitou por muito



tempo.

– Vá, então – ele disse, empurrando Rachel. – Rápido.

Ele levantou o arame para Rachel rastejar. Ela se levantou e parou ao lado da menina, sem fôlego.

O homem remexeu nos bolsos, puxou algo para fora e entregou para a menina, através da cerca.

– Pegue isso – ele ordenou.

A menina olhou para o grosso maço de dinheiro em suas mãos. Ela o colocou no bolso, junto com a chave.

O homem olhou novamente na direção dos galpões com a testa enrugada. – Pelo amor de Deus, corram! Corram agora, rápido, vocês duas. Se eles virem

vocês... Arranquem as estrelas. Tentem encontrar ajuda. Tenham cuidado. Boa sorte! Ela quis agradecer-lhe pela ajuda, pelo dinheiro, ela quis estender a mão para ele, mas Rachel a segurou pelo braço e elas partiram. Correram o mais rápido que puderam através do trigo dourado e alto, sempre em frente, com os pulmões quase se rompendo, os braços e as pernas em confusão, para longe do campo, para o mais longe possível.

## Capítulo 25

AO CHEGAR EM CASA , percebi que vinha me sentindo enjoada durante os últimos dias. Eu não havia me preocupado com isso, ocupada que estava na pesquisa para o artigo sobre o Vel' d'Hiv. Depois, na semana anterior, houve a revelação relativa ao apartamento de Mame. Mas foi a sensibilidade e a maciez dos meus seios que me fez prestar atenção ao meu enjôo pela primeira vez. Verifiquei meu ciclo. Sim, ele estava atrasado. Mas aquilo havia acontecido também em anos anteriores. Finalmente fui até a pharmacie no Boulevard para comprar um teste de gravidez. Só para confirmar.

E lá estava ela. Uma linhazinha azul. Eu estava grávida. Grávida. Eu não conseguia acreditar.

Sentei-me na cozinha e nem ousava respirar.

A última gravidez, cinco anos antes, depois de dois abortos espontâneos, havia sido um pesadelo. Dores e sangramentos precoces, depois a descoberta de que o óvulo estava se desenvolvendo fora do útero, em uma das minhas trompas. Fora uma cirurgia difícil, com consequências complicadas, tanto física quanto emocionalmente. Levei muito tempo para superar tudo. Um dos meus ovários havia sido removido. O cirurgião disse que tinha dúvidas quanto à possibilidade de uma outra gravidez. E, na época, eu já tinha 40 anos. A decepção, a tristeza no rosto de Bertrand... Ele nunca falou sobre isso, mas eu sentia. Eu sabia. O fato de ele nunca querer conversar sobre os sentimentos dele só fez piorarem as coisas. Ele se reprimia, não se abria comigo. As palavras que nunca foram ditas cresceram como um ser tangível entre nós. Eu só tinha falado a respeito com o meu psiquiatra. E com meus amigos muito íntimos.

Lembrei-me de um fim de semana recente na Borgonha, quando convidamos Isabelle, seu marido e os filhos para se hospedarem conosco. A filha deles, Mathilde, tinha idade de Zoé, e havia o pequeno Matthieu. O modo como Bertrand olhava para o menininho, uma agradável criaturinha de 4 ou 5 anos. Os olhos de Bertrand seguindo-o, Bertrand brincando com ele, carregando-o nos ombros, sorrindo, mas com alguma coisa triste e melancólica nos olhos. Foi insuportável para mim. Isabelle me encontrou chorando sozinha na cozinha enquanto todos terminavam a quiche Lorraine do lado de fora. Ela me deu um abraço apertado, encheu um grande copo de vinho, ligou o CD player e amorteceu o som do meu choro com velhos sucessos de Diana Ross.

– Não é culpa sua, ma cocotte, não é culpa sua. Lembre-se disso. Eu me senti incompetente por muito tempo. A família Tézac foi gentil e discreta

com relação ao assunto, mas ainda assim eu sentia que não havia sido capaz de dar a Bertrand o que ele mais queria na vida – um segundo filho. E, ainda mais importante, um menino. Bertrand tinha duas irmãs e nenhum irmão. O nome da família iria desaparecer se não houvesse ninguém para perpetuá-lo. Eu não havia percebido como esse fator era importante para esta família em particular.

Quando deixei bem claro que, embora fosse a esposa de Bertrand, eu deveria ser chamada de Julia Jarmond, todos me dirigiram um silêncio surpreso. Minha sogra, Colette, explicou-me com um sorriso desajeitado que na França esse tipo de atitude era moderno. Moderno demais. Uma postura feminista que não caía bem de jeito nenhum.

Uma mulher francesa deveria ser chamada pelo nome do marido. Eu iria ser, pelo resto da minha vida, Madame Bertrand Tézac. Eu me lembro de devolver-lhe um sorriso branco cheio de dentes e dizer-lhe sem constrangimento que eu iria continuar usando o nome Jarmond. Ela não disse nada e, dali por diante, ela e Edouard, meu sogro, sempre me apresentavam como a “esposa de Bertrand”.

Baixei os olhos para a linha azul. Um bebê. Um bebê! Um sentimento de alegria, de absoluta felicidade, tomou conta de mim. Eu ia ter um bebê. Olhei em volta para a cozinha excessivamente familiar.

Fui até a janela e olhei para o pátio escuro e encardido para onde dava a cozinha. Menino ou menina, isso não importava. Eu sabia que Bertrand esperaria que fosse menino. Mas ele adoraria se fosse menina, também. Eu sabia disso. Um segundo filho. A criança por quem esperávamos há tanto, tanto tempo. Aquela por quem havíamos parado de esperar. A irmã ou o irmão que Zoé havia parado de mencionar. A criança sobre a qual Mame havia parado de ter curiosidade.

Como eu iria contar a Bertrand? Eu não podia simplesmente ligar para ele e despejar a notícia pelo telefone. Tínhamos que estar juntos, apenas nós dois. Precisávamos de privacidade e intimidade. E tínhamos que ter cuidado depois disso, sem deixar ninguém saber até que eu estivesse com pelo menos três meses de gravidez. Eu estava doida para ligar para Hervé e Christophe, para Isabelle, para minha irmã e meus pais, mas me contive. Meu marido deveria ser o primeiro a saber. Depois, minha filha. Acabei tendo uma idéia.

Peguei o telefone e liguei para Elsa, a babá. Perguntei se ela estava livre hoje à noite para tomar conta de Zoé. Depois, fiz reservas em nosso restaurante favorito, uma brasserie na rue Saint-Dominique que freqüentávamos regularmente desde o começo do nosso casamento. Finalmente, liguei para Bertrand, caiu na caixa postal e deixei recado para que ele me encontrasse no Thoumieux às nove horas em ponto.

Ouvi o clique da chave de Zoé na porta da frente. A porta bateu e depois ela entrou na cozinha com sua pesada mochila na mão.

– Oi, mãe – ela me disse. – Você teve um bom dia? Eu sorri. Como sempre, todas vezes que eu punha os olhos em Zoé, eu ficava tocada por sua beleza, sua figura esbelta, seus luminosos olhos cor de aveia.

– Venha cá, você – eu disse, envolvendo-a em um abraço voraz. Ela recuou e me encarou.

– Foi um dia bom, não foi? – ela perguntou. – Posso sentir no seu abraço. – Você tem razão – respondi, doida para contar a ela. – Foi um dia muito bom. Ela olhou para mim.

– Fico feliz. Você tem estado esquisita ultimamente. Pensei que era por causa daquelas crianças.

– Aquelas crianças? – eu disse, afastando seus sedosos cabelos castanhos do rosto. – Você sabe... as crianças – ela disse. –As crianças do Vel’ d’Hiv. Aquelas que nunca voltaram para casa.

– Você está certa – eu disse. – Isso me deixou triste. Ainda deixa. Zoé pegou na minha mão, girando minha aliança de casamento, algo que ela fazia desde pequena.

– E depois eu ouvi você falando no telefone na semana passada – ela disse, sem olhar para mim.

– E...? – Você pensou que eu estivesse dormindo.

– Ah – eu disse.

– Eu não estava. Era tarde. Você estava falando com Hervé, eu acho. Vocês estavam conversando sobre o que Mame havia contado a você.

– Sobre o apartamento? – perguntei.

– Isso – ela disse, finalmente olhando para mim. – Sobre a família que morava lá. E o que havia acontecido àquela família. E como Mame tinha morado lá todos esses anos e não parecia se importar muito com isso.

– Você ouviu tudo isso – eu disse. Ela fez um aceno com a cabeça. – Você sabe alguma coisa sobre aquela família, mãe? Você sabe quem eles eram?

O que aconteceu? Sacudi a cabeça.

– Não, meu bem, eu não sei.

– É verdade que Mame não se importou? Eu tinha que ser cuidadosa. – Meu amor, tenho certeza de que ela se importava. Eu não acho que ela realmente soubesse o que tinha acontecido.

Zoé continuava girando minha aliança, desta vez mais rapidamente. – Mãe, você vai descobrir sobre eles? Segurei os dedos nervosos que puxavam minha aliança.

– Vou, Zoé. É exatamente o que eu vou fazer – eu disse.

– Papa não vai gostar – ela disse. – Ouvi Papa dizendo a você para parar de pensar sobre o assunto. Para parar de se preocupar com isso. Ele parecia aborrecido.

Eu a puxei para perto de mim, pousando meu queixo sobre o ombro dela. Pensei no segredo maravilhoso que eu carregava dentro de mim. Pensei na noite que teria no Thoumieux. O rosto incrédulo de Bertrand, sem fôlego de tanta alegria.

– Meu bem – eu disse - Papa não vai se importar. Prometo.

## Capítulo 26

EXAUSTAS, AS CRIANÇAS FINALMENTE pararam de correr, abaixando-se atrás de um grande arbusto. Elas estavam com sede e sem fôlego. A menina estava com uma dor aguda num dos lados do corpo. Se ela apenas pudesse beber um pouco de água! Descansar um pouco. Recuperar as forças. Mas ela sabia que não podia ficar ali. Ela tinha que continuar, tinha que voltar para Paris. De algum jeito.

– Arranquem as estrelas – o homem havia dito.

Elas se desvencilharam das roupas extras, rasgadas e esfarrapadas pelo arame farpado. A menina baixou os olhos para seu peito. Lá estava ela, a estrela, em sua blusa. Ela puxou. Rachel, seguindo seu olhar, arrancou sua própria estrela com as unhas. A dela saiu facilmente. Mas a estrela da menina estava muito bem costurada. Ela tirou a blusa e levantou a estrela até o rosto. Pontos pequenos e perfeitos. Ela se lembrou da mãe, curvada sobre a pilha de trabalhos manuais, costurando cada estrela pacientemente, uma após a outra. A memória levou-a às lágrimas. Ela chorou com o rosto escondido na blusa com um desespero que não conhecia.

Sentiu os braços de Rachel envolvendo-a, com suas mãos ensangüentadas acariciando-a e puxando-a para mais perto. Rachel disse: – É verdade, aquilo sobre seu irmão? Ele realmente está no armário? A menina fez que sim com a cabeça. Rachel a abraçou mais forte e acariciou sua cabeça desajeitadamente. Onde estaria sua mãe agora? a menina se perguntava. E seu pai? Para onde teriam sido levados? Estariam juntos? Estariam a salvo? Se eles pudessem vê-la neste exato momento... Se eles pudessem vê-la chorando atrás do arbusto, imunda, perdida, faminta...

Ela se pôs de pé, fazendo o melhor possível para sorrir para Rachel por entre os cílios molhados. Sim, imunda, faminta talvez, mas sem medo. Enxugou as lágrimas com os dedos sujos. Estava crescida demais para ficar com medo. Já não era um bebê. Seus pais teriam orgulho dela. É o que ela queria. Orgulho porque havia escapado daquele campo. Orgulho porque estava a caminho de Paris para salvar o irmão. Orgulho porque ela não estava com medo.

Ela se lançou à estrela com os dentes, roendo os pontos miúdos da mãe. Finalmente, o pedaço de tecido amarelo saiu da blusa. Ela olhou para ele. Havia grandes letras negras. JUDIA. Ela enrolou a estrela na mão.

– Não parece pequena, de repente? – ela disse para Rachel. – O que vamos fazer com elas? – disse Rachel. – Se nós as guardarmos nos bolsos, e se formos revistadas, será o nosso fim.

Elas decidiram enterrar as estrelas sob o arbusto juntamente com as roupas que haviam usado para a fuga. O solo era macio e seco. Rachel cavou um buraco, colocou as estrelas e as roupas dentro dele e cobriu tudo com a terra marrom.

– Pronto – ela disse, exultante. – Estou enterrando as estrelas. Elas estão mortas. Nesta sepultura. Para todo o sempre.

A menina riu com Rachel. Depois elas sentiram vergonha. Sua mãe havia lhe dito para ter orgulho da estrela. Orgulho de ser judia.

Ela não queria pensar em tudo isso agora. As coisas estavam diferentes. Tudo era diferente. Elas tinham que encontrar água, comida e abrigo, e ela tinha que ir para casa. Como? Ela não sabia. Sequer sabia onde estavam. Mas ela tinha dinheiro. O dinheiro daquele homem. Ele não havia sido tão mau, afinal de contas, aquele policial. Talvez isso significasse que havia outras pessoas boas que poderiam ajudá-la também. Pessoas que não as odiavam. Pessoas que não pensavam que elas eram “diferentes”.

Não estavam longe do vilarejo e podiam ver uma placa com o nome do lugar onde estavam.

– Beaune-la-Rolande – leu Rachel em voz alta.

O instinto disse-lhes que não fossem para o vilarejo. Não iriam encontrar ajuda lá. Os habitantes do vilarejo sabiam sobre o campo, e ainda assim ninguém havia ido ajudar, com exceção daquelas mulheres, uma única vez. E, além do mais, o vilarejo ficava perto demais do campo. Elas poderiam encontrar com alguém que as mandasse de volta para lá. Viraram as costas para Beaune-la-Rolande e começaram a caminhar, mantendo-se próximas ao capim alto na lateral da estrada. Se elas apenas pudessem beber alguma coisa, pensou a menina. Ela se sentia fraca de sede e de fome.

Caminharam por um longo tempo, fazendo paradas e escondendo-se quando ouviam um carro ocasional, um fazendeiro levando suas vacas para casa. Será que elas estavam indo na direção correta? Para Paris? Ela não sabia. Mas, finalmente, ela sabia que estavam indo para cada vez mais longe do campo. Ela olhou para os seus sapatos. Eles estavam se desfazendo. Ainda assim, eram o segundo melhor par de sapatos que ela tinha, o par usado em ocasiões especiais como aniversários, para ir ao cinema e para visitar amigos. Ela os havia comprado no ano passado com a mãe, perto da Place de la Republique. Parecia que tanto tempo havia passado! Como se fosse outra vida. Os sapatos estavam pequenos demais agora, apertando os dedos de seus pés.

No fim daquela tarde, elas chegaram a uma floresta, um longo trecho fresco e frondoso. O cheiro era doce e úmido. Elas saíram da estrada, esperando encontrar morangos ou mirtilos selvagens. Depois de algum tempo, chegaram a uma moita carregada de frutas. Rachel soltou um grito de prazer. Elas se sentaram e devoraram as frutinhas. A menina se lembrou de ter colhido frutas com o pai, quando eles haviam passado aqueles dias deliciosos perto do rio, tanto tempo atrás.

Seu estômago, des abituado àquele luxo, se contorceu. Sentiu ânsia de vômito, segurando o abdômen. Vomitou uma massa de frutas não digeridas. Sua boca estava com um gosto amargo. Ela disse a Rachel que tinham que encontrar água. Ela se forçou a ficar de pé e se encaminharam para dentro da floresta, um misterioso mundo cor de esmeralda salpicado com a luz dourada do sol. Ela viu um cervo trotando por entre as samambaias e sua respiração parou de admiração. Ela não estava acostumada com a natureza, era uma verdadeira criança da cidade.

Chegaram a um pequeno lago de águas claras mais para dentro da floresta. Ao tocarem nele, sentiram-no puro e fresco. A menina bebeu água por um longo tempo, enxaguou a boca, lavou as manchas de mirtilo e depois deslizou as pernas para dentro da água calma. Ela não nadava desde aquelas férias perto do rio, e não ousou entrar completamente no lago. Rachel sabia nadar, e disse-lhe para entrar, que ela a seguraria.

A menina entrou na água, agarrada aos ombros de Rachel, que a segurava pela barriga e pelo queixo, como seu pai costumava fazer com ela. A água proporcionou-lhe uma sensação maravilhosa, uma carícia calmante e aveludada. Ela molhou a cabeça raspada, onde os cabelos já começavam a crescer, uma penugem dourada como a barba curta no queixo do pai.

De repente, a menina se sentiu esgotada. Ela queria deitar sobre o musgo verde e fresco e dormir. Apenas por algum tempo. Somente para um descanso rápido. Rachel concordou. Elas poderiam descansar um pouquinho. Estavam seguras ali.

Aconchegaram-se uma perto da outra, deleitando-se com o cheiro do musgo fresco, tão diferente da palha malcheirosa dos barracões! A menina adormeceu rapidamente. Foi um sono profundo e tranqüilo, do tipo que ela não tinha há muito tempo.

ERA A NOSSA MESA HABITUAL . Aquela no canto, à direita de quem entra, passando pelo antigo bar de zinco e seus espelhos matizados. A banquetta estofada de veludo formava um L. Sentei-me e observei os garçons em sua azáfama com os longos aventais brancos. Um deles me trouxe um kir royal. Era uma noite movimentada. Bertrand havia me levado lá em nosso primeiro encontro, anos antes. Nada havia mudado desde então. O mesmo teto baixo, as paredes cor de marfim, os globos de luz pálida, as toalhas de mesa engomadas. A mesma comida substanciosa de Corrèze e Gascogne, as favoritas de Bertrand. Quando eu o conheci, ele morava perto da rue Malar, num apartamento antiquado de cobertura que me era insuportável no verão. Sendo americana, criada em ar-condicionado permanentemente ligado, me perguntava como ele agüentava aquilo. Naquela época, eu ainda morava na rue Berthe com os meninos, e meu pequeno quarto escuro e fresco parecia o paraíso durante os verões abafados de Paris. Bertrand e suas irmãs haviam sido criados naquela área de Paris, o distinto e aristocrático sétimo arrondissement, onde seus pais haviam morado durante anos na comprida e curva rue de la Université, e onde o antiquário da família havia prosperado, na rue du Bac.

Nossa mesa habitual. Onde estávamos sentados quando Bertrand me pediu em casamento. Onde eu contei a ele que estava grávida de Zoé. Onde eu havia dito a ele que sabia sobre Amélie.

Amélie.

Esta noite não. Agora não. Amélie era coisa do passado. Era mesmo? Será que era passado mesmo? Eu tinha que admitir que não tinha certeza. Mas, por enquanto, eu não queria saber. Eu não queria ver. Eu ia ter outro bebê. Amélie não podia lutar contra isso. Sorri, um pouco amarga, fechando os olhos. Não era essa a típica atitude francesa, “fechar os olhos” para as escapadelas do marido? Eu me perguntava se seria capaz disso.

Iniciei uma tremenda briga quando descobri que ele estava sendo infiel, dez anos atrás. Estávamos sentados bem aqui, refleti. E decidi contar-lhe bem aqui. Ele não negou nada. Permaneceu calmo, relaxado, e me ouviu com os dedos cruzados sob o queixo. Recibos de cartão de crédito. Hotel de la Perle, rue des Canettes. Hotel Lenox, rue Delambre, Le Relais Christine, rue Christine. Um recibo de hotel atrás do outro.

Ele não havia sido particularmente cuidadoso. Nem com relação aos cartões de crédito, nem com o perfume dela que impregnava as roupas, a pele, o cabelo dele, o cinto de segurança no assento do carona da caminhonete Audi e que foi a primeira pista, o primeiro sinal, eu me lembrava. EHeure Bleue. O perfume mais poderoso e enjoativo de Guerlain. Não foi difícil descobrir quem ela era. Na verdade, eu já a conhecia. Ele havia me apresentado a ela logo depois do nosso casamento.

Divorciada. Três filhos adolescentes. Na casa dos 40, com cabelos castanhos grisalhos. A imagem da perfeição parisiense. Pequena, esguia, vestida com perfeição. A bolsa e os sapatos certos. Um emprego excelente. Um espaçoso apartamento com vista para o Trocadéro. Um sobrenome francês antigo e magnífico que soava como um vinho famoso. Um anel de brasão na mão esquerda.



Amélie. A antiga namorada de Bertrand do Lycée Victor Duruy, de tantos anos antes. Aquela que ele jamais parou de encontrar. Aquela com quem ele nunca parou de transar, apesar do casamento, dos filhos e dos anos que passavam.

– Agora somos amigos – ele havia jurado. – Apenas amigos. Bons amigos. Depois do jantar, no carro, eu me transformei em uma leoa, com as presas à mostra, as garras de fora. Ele ficou lisonjeado, suponho. Ele prometeu, ele jurou. Havia só eu, somente eu. Ela não era importante, ela era apenas uma passage, uma coisa passageira. E, por muito tempo, acreditei nele.

Mas recentemente comecei a pensar. Dúvidas estranhas, passageiras. Nada de concreto, apenas dúvidas. Eu ainda acreditava nele? – Você está louca em acreditar nele – disseram Hervé e Christophe.

– Talvez você deva perguntar a ele diretamente – disse Isabelle. – Você está maluca, se acreditar nele – disseram Charla, minha mãe, Holly, Susannah e Jan.

Nada de Amélie hoje, decidi firmemente. Apenas Bertrand e eu, e a maravilhosa novidade. Tomei meu drinque vagorosamente. Os garçons sorriam para mim. Eu me sentia bem. Eu me sentia forte. Que Amélie fosse para o inferno. Bertrand era o meu marido. Eu ia ter um filho dele.

O restaurante estava cheio. Olhei em volta para as mesas ocupadas. Um casal de idosos comendo ao meu lado, cada um com um copo de vinho, cuidadosamente inclinados sobre suas refeições. Um grupo de mulheres jovens, na casa dos 30, sem forças de tanto rirem, enquanto uma mulher de aparência austera, que jantava sozinha em uma mesa próxima, olhava e franzia as sobrancelhas. Executivos em seus ternos cinza, acendendo charutos. Turistas americanos tentando decifrar o menu. Uma família e seus filhos adolescentes. O nível de barulho estava alto. O de fumaça também. Mas não me importava. Eu estava acostumada.

Bertrand iria chegar atrasado, como sempre. Não tinha importância. Eu tivera tempo de trocar de roupa e fazer o cabelo. Estava usando minha calça marrom-chocolate, aquela de que eu sabia que ele gostava, e uma blusa simples, justa, de cor viva. Brincos de pérola Agatha e meu relógio de pulso Hermes. Dei uma olhada no espelho à minha esquerda. Meus olhos pareciam maiores e mais azuis do que o habitual, minha pele brilhava. Bom demais para uma mulher grávida de meia-idade, pensei. E o modo como os garçons sorriam para mim me fazia pensar que eles concordavam comigo.

Peguei a agenda na minha bolsa. A primeira coisa a fazer amanhã de manhã. Eu tinha que ligar para a minha ginecologista. Precisava marcar consultas, e rápido. Eu provavelmente teria que realizar alguns exames. Uma amniocentese, sem dúvida. Eu já não era mais uma mãe “jovem”. O nascimento de Zoé parecia muito distante.

De repente, entrei em pânico. Eu seria capaz de passar por tudo isso, 11 anos depois? A gravidez, o nascimento, as noites sem dormir, as mamadeiras, o choro, as fraldas? Bem, claro que eu seria, zombei de mim mesma. Eu ansiei por isso durante os últimos dez anos. Claro que eu estava preparada. Bertrand também.

Mas enquanto eu esperava por ele, a ansiedade cresceu. Tentei ignorá-la. Abri meu

notebook e li as recentes anotações que eu havia escrito sobre o Vel' d'Hiv naquele dia, mais cedo. Logo fiquei absorta em meu trabalho. Eu não ouvia mais o tumulto do restaurante à minha volta, as pessoas rindo, os garçons movendo-se agilmente por entre as mesas, as pernas das cadeiras arranhando o piso.

Levantei os olhos para ver meu marido sentado à minha frente, observando-me. – Oi, você chegou há quanto tempo? – perguntei. Ele sorriu e cobriu minha mão com a dele.

– Tempo suficiente. Você está linda.

Ele estava usando seu casaco de veludo cotelê azul-escuro e uma camisa branca e bem passada.

– Você está lindo – respondi.

Eu quase deixei escapar, nessa hora. Mas não, era cedo demais. Rápido demais. Eu me contive com dificuldade. O garçom trouxe um kir royal para Bertrand.

– Bem? – ele disse. – Por que estamos aqui, amour? Algo especial? Uma surpresa? – Sim – eu disse, erguendo meu copo. – Uma surpresa muito especial. Beba! Brindemos à surpresa.

Nossos copos tilintaram.

– Será que eu devo adivinhar o que é? – ele perguntou. Eu me senti travessa como uma menininha.

– Você nunca vai adivinhar! Nunca. Ele riu, divertido.

– Você está parecendo a Zoé! Ela sabe o que é essa surpresa? Sacudi a cabeça, sentindo-me cada vez mais excitada.

– Não. Ninguém sabe. Ninguém, exceto... eu.

Estendi o braço e peguei numa das mãos dele de pele macia e bronzeada. – Bertrand – eu comeci.

O garçom pairava à nossa volta. Decidimos fazer os pedidos. Foi feito em um minuto: confit de canard para mim e cassoulet para Bertrand. Aspargos de entrada.

Observei as costas do garçom se afastarem na direção da cozinha e depois eu contei. Rapidamente.

– Estou esperando um bebê.

Examinei o rosto dele. Esperei a boca se curvar para cima, os olhos se arregalarem de prazer. Mas cada músculo de seu rosto permaneceu imóvel, como uma máscara. Seus olhos piscaram para mim.

– Um bebê? – ele repetiu. Apertei sua mão.

– Não é maravilhoso? Bertrand, não é maravilhoso? Ele não disse nada. Eu não conseguia entender.

– Você está grávida há quanto tempo? – ele finalmente perguntou. – Acabei de

descobrir – murmurei, preocupada com a insensibilidade dele. Ele esfregou os olhos, algo que sempre fazia quando estava cansado ou chateado.

Ele não disse nada. Nem eu.

O silêncio se interpôs entre nós como uma névoa. Eu quase podia senti-la com os dedos.

O garçom veio nos trazer o primeiro prato. Nenhum de nós tocou nos aspargos. – Qual é o problema? – perguntei, incapaz de suportar mais. Ele suspirou, sacudiu a cabeça e esfregou os olhos novamente.

– Pensei que você fosse ficar feliz, emocionado – continuei, com as lágrimas descendo pelo meu rosto.

Ele descansou o queixo sobre a mão e olhou para mim.

– Julia, eu já havia desistido – Mas eu também! Eu havia desistido totalmente. Os olhos dele estavam sérios. Eu não estava gostando da determinação que havia neles.

– O que você quer dizer com isso? – continuei. – Só porque você havia desistido, significa que não pode...? – Julia. Vou fazer cinquenta anos em menos de três anos.

– E daí? – eu disse com as faces ardendo.

– Não quero ser um pai velho – ele disse suavemente.

– Ah, pelo amor de Deus – respondi. Silêncio.

– Não podemos ter esse bebê, Julia – ele disse, carinhosamente. – Agora temos outra vida. Zoé logo será uma adolescente. Você tem 45 anos. Nossas vidas não são mais as mesmas. Não há espaço para um bebê em nossas vidas.

As lágrimas desceram nesse momento, molhando meu rosto, caindo na minha comida.

– Você está tentando me dizer... – engasguei – você está tentando me dizer que eu tenho que fazer um aborto? A família na mesa ao lado nos encarava abertamente. Eu nem me importei.

Como sempre, nos momentos de crise, eu falava na minha língua materna. Não era possível falar em francês em momentos como esse.

– Um aborto, depois de três abortos espontâneos? – eu disse, tremendo. O rosto dele estava triste. Meigo e triste. Eu quis lhe dar um tapa, chutá-lo. Mas não podia. Tudo o que eu podia fazer era chorar em meu guardanapo. Ele acariciou meus cabelos, murmurou infinitas vezes que me amava. Excluí a voz dele da minha cabeça.

QUANDO AS CRIANÇAS ACORDARAM , já havia anoitecido. A floresta já não era o lugar pacato e frondoso que elas haviam percorrido naquela tarde. Era grande, nua, repleta de sons estranhos. Lentamente, elas caminharam através das samambaias, de mãos dadas, fazendo paradas a cada som. Parecia que a noite se tornava cada vez mais negra para elas. Cada vez mais. Elas continuaram andando. A menina pensou que ia cair de exaustão. Mas a mão quente de Rachel a encorajava.

Elas finalmente chegaram a uma larga trilha que serpenteava através das campinas planas. A floresta havia ficado para trás. Elas ergueram os olhos para um céu sombrio e sem lua.

– Olhe – disse Rachel, apontando para a frente. – Um carro. Elas viram faróis brilharem através da noite. Faróis que haviam sido escurecidos com tinta preta, permitindo passar somente um feixe de luz. Elas ouviram o motor barulhento se aproximando.

– O que devemos fazer? – indagou Rachel. – Devemos fazer sinal para pará-lo? A menina viu outro par de faróis pintados e depois outro. Era uma longa fila de carros se aproximando.

– Abaixese – ela sussurrou, puxando a saia de Rachel. – Rápido! Não havia arbustos atrás dos quais se esconder. Ela ficou deitada no chão sobre a barriga, com o queixo afundado na terra.

– Por quê? O que você está fazendo? – perguntou Rachel. Então, ela também compreendeu.

Eram soldados. Soldados alemães fazendo o patrulhamento noturno. Rachel se acomodou ao lado da menina.

Os carros chegaram mais perto, com os poderosos motores roncando. As meninas podiam distinguir os capacetes redondos e lustrosos dos homens sob a luz diminuída dos faróis. Eles vão nos ver, pensou a menina. Não temos como nos esconder. Não há lugar onde se esconder, eles vão nos ver.

O primeiro jipe passou, seguido pelos outros. Os olhos das meninas foram invadidos por uma poeira pesada e branca. Elas tentaram não tossir e nem se mover. A menina permaneceu deitada com o rosto para baixo, na terra, e as mãos sobre os ouvidos. A fila de carros parecia interminável. Os homens conseguiriam ver suas silhuetas escuras na lateral da estrada de terra? Ela se preparou para os gritos, os carros parando, portas batendo, passos rápidos e mãos brutas em seus ombros.

Mas os carros passaram por elas, zumbindo dentro da noite. O silêncio voltou. Elas levantaram os olhos. A estrada de terra estava vazia, exceto pelas nuvens de poeira branca que se elevavam. Elas esperaram um momento e depois rastejaram ao longo da trilha, indo na direção oposta. Uma luz bruxuleava por entre as árvores. Uma luz branca que acenava para elas. Elas se aproximaram, mantendo-se nas laterais da estrada. Abriram o portão e caminharam furtivamente até uma casa. Parecia uma fazenda, pensou a menina. Pela janela aberta, viram uma mulher lendo perto da lareira e um

homem fumando um cachimbo. Um delicioso aroma de comida flutuou até suas narinas.

Sem hesitar, Rachel bateu na porta. Uma cortina de algodão foi puxada. A mulher que olhou para elas através do painel de vidro tinha um rosto longo e ossudo. Ela encarou as meninas e fechou a cortina novamente. Não abriu a porta. Rachel bateu de novo.

– Por favor, senhora, gostaríamos de um pouco de comida, um pouco de água. A cortina não se mexeu. As meninas ficaram de pé na frente da janela aberta. O homem com o cachimbo se levantou da cadeira.

– Vão embora – ele disse, com a voz baixa e ameaçadora. – Saiam daqui. Atrás dele, a mulher de rosto ossudo olhava, silenciosa.

– Por favor, um pouco de água – pediu a menina. A janela foi fechada com um estrondo.

A menina sentiu vontade de chorar. Como esses fazendeiros podiam ser tão cruéis? Ela viu que havia pão sobre a mesa. Havia um jarro de água também. Rachel a puxou para continuarem a andar. Elas voltaram para a sinuosa estrada de terra. Havia mais casas de fazenda. A cada vez, a mesma coisa acontecia. Elas eram mandadas embora. A cada vez, elas fugiam.

Já era tarde. Elas estavam cansadas, famintas, e quase não conseguiam andar. Chegaram a uma casa velha e grande, um pouco afastada da estrada de terra, iluminada por um poste alto cuja luz se refletia sobre elas. A fachada da casa era coberta de hera. Elas não ousaram bater. Na frente da casa, perceberam um grande canil vazio. Foram furtivamente para dentro dele. Estava limpo e quente. Tinha um reconfortante cheiro de cachorro. Havia uma tigela de água e um osso velho. Elas lamberam a água com a língua, uma depois da outra. A menina estava receosa de que o cachorro pudesse voltar e mordê-las. Ela sussurrou isso para Rachel. Mas Rachel já havia caído no sono, enroscada como um animalzinho. A menina baixou os olhos para o rosto exausto dela – as faces magras, as órbitas fundas dos olhos. Rachel parecia uma velha.

A menina cochilou espasmodicamente, encostando-se em Rachel. Teve um sonho horrível e estranho. Ela sonhou com seu irmão, morto no armário. Sonhou com seus pais sendo espancados pela polícia. Ela gemeu em seu sono.

Latidos furiosos a acordaram, assustada. Ela cutucou Rachel com força, com o cotovelo. Elas ouviram uma voz de homem e passos se aproximando. O cascalho rangia. Era tarde demais para escapar. Elas somente podiam ficar abraçadas em desespero. Agora estamos mortas, pensou a menina. Agora vamos ser mortas.

O cão foi contido por seu dono. Ela sentiu uma mão tateando dentro do canil agarrar seu braço e o braço de Rachel. Elas se esgueiraram para fora.

O homem era pequeno, murcho, com a cabeça careca e um bigode prateado. – Mas o que é que temos aqui? – ele murmurou, examinando as meninas à luz do poste.

A menina sentiu Rachel retesar-se, adivinhou que ela ia escapar, rápido como um coelho.

– Vocês estão perdidas? – perguntou o velho. Sua voz parecia preocupada. As crianças ficaram surpresas. Esperavam ameaças, pancadas, qualquer coisa, exceto bondade.

– Por favor, senhor, estamos com muita fome – disse Rachel. O homem assentiu. – Dá para ver isso.

Ele se curvou para silenciar o cachorro que gania. Então, ele disse: – Entrem, crianças. Sigam-me.

Nenhuma das crianças se moveu. Será que elas poderiam confiar nesse velho? – Ninguém irá fazer mal a vocês aqui – ele disse. Elas se abraçaram, ainda amedrontadas.

O homem deu um sorriso bondoso, gentil.

– Geneviève! – ele gritou, voltando-se para a casa.

Uma mulher idosa usando uma camisola azul apareceu na grande soleira da porta. – Por que esse seu cão idiota está latindo agora, Jules? – ela perguntou, aborrecida. Depois, ela viu as crianças. Suas mãos se ergueram até o rosto. – Santo Deus! – ela murmurou.

Aproximou-se. Tinha um rosto plácido, redondo, e uma grossa trança branca. Ela olhou para as crianças com pena e consternação.

O coração da menina deu um salto. A velha senhora parecia com a fotografia de sua avó da Polônia. Os mesmos olhos claros, os cabelos brancos, a mesma obesidade reconfortante.

– Jules – a senhora sussurrou - elas são... O velho assentiu. – Sim, acho que sim.

A senhora disse firmemente: – Elas precisam entrar. Devem se esconder imediatamente.

Ela caminhou num andar cambaleante para a estrada de terra e observou atentamente em ambas as direções.

– Rápido, crianças, venham agora – ela disse, pegando nas mãos das duas. – Vocês estão seguras aqui. Vocês estão seguras conosco.

## Capítulo 29

A NOITE FOI HORRÍVEL. Acordei com o rosto inchado por falta de sono. Fiquei feliz por Zoé já ter saído para a escola. Eu odiaria se ela me visse assim. Bertrand estava meigo, carinhoso. Disse que precisávamos conversar um pouco mais sobre o assunto. Poderíamos conversar à noite, depois que Zoé tivesse ido dormir. Ele disse tudo isso perfeitamente calmo, com grande delicadeza. Eu sabia que ele já havia tomado uma decisão. Nada, nem ninguém, iria fazê-lo querer que eu tivesse essa criança.

Eu ainda não conseguia falar sobre o assunto com meus amigos ou com minha irmã. A opção de Bertrand havia me perturbado a tal ponto que eu preferia manter o assunto em segredo, pelo menos por enquanto.

Foi difícil passar aquela manhã. Todi que eu fazia parecia extenuante. Cada movimento era um esforço. Eu ficava tendo flashbacks da noite anterior. Do que ele havia dito. Não havia outra solução além de me atirar no trabalho. Naquela tarde, iria me encontrar com Franck Lévy em seu escritório. De repente, o Vel' d'Hiv parecia muito distante. Eu me sentia como se tivesse envelhecido durante a noite. Nada mais parecia importar. Nada, exceto a criança que eu carregava dentro de mim e que meu marido não queria.

Eu estava a caminho do escritório quando o celular tocou. Era Guillaume. Ele havia encontrado na casa da avó alguns daqueles livros de que eu precisava sobre o Vel' d'Hiv cujas edições estavam esgotadas. Poderia emprestá-los a mim. Será que eu poderia encontrá-lo mais tarde ou à noite para um drinque? Sua voz estava alegre, amistosa. Respondi imediatamente que sim. Concordamos em nos encontrar às seis horas, no Select, no Boulevard du Montparnasse, a dois minutos de casa. Nós nos despedimos e meu telefone tocou novamente.

Desta vez era meu sogro. Fiquei surpresa. Edouard raramente me ligava. Nós nos dávamos bem, daquele jeito francês educado. Nós dois éramos primorosos em conversas triviais. Mas eu nunca me sentia verdadeiramente confortável com ele. Falando nisso, eu sempre sentia que ele estava escondendo alguma coisa, nunca mostrando seus reais sentimentos para mim ou para qualquer outra pessoa.

Ele era o tipo de homem que as pessoas ouvem. O tipo de homem a quem se olha com respeito. Eu não conseguia imaginá-lo mostrando qualquer outro sentimento além de raiva, orgulho e presunção. Nunca vi Edouard usando jeans, nem mesmo durante aqueles fins de semana na Borgonha quando ele se sentava no jardim, debaixo do carvalho, lendo Rousseau. Acho que jamais o vi sem gravata, também. Lembrei-me de quando o conheci. Ele não havia mudado muito nos últimos 17 anos. A mesma postura de realza, os cabelos prateados e os olhos frios como aço. Meu sogro era exacerbadamente apaixonado por culinária e estava constantemente enxotando Colette da cozinha, preparando refeições simples e deliciosas – pot-au-feu, sopa de cebolas, uma saborosa ratatouille ou uma omelete de trufas. A única pessoa que tinha permissão para estar na cozinha com ele era Zoé. Ele se derretia por Zoé, embora Cécile e Laure tivessem filhos homens, Arnaud e Louis. Ele adorava minha filha. Eu nunca sabia o que acontecia durante aquelas sessões de culinária. Atrás da porta fechada, eu ouvia Zoé rindo e legumes sendo picados, água borbulhando, gordura sendo derretida em uma

frigideira e o profundo estrépito ocasional de uma risada de Edouard.

Edouard perguntou como ia Zoé, como estavam indo as obras do apartamento. E depois ele foi direto ao assunto. Ele tinha ido visitar Mame no dia anterior. Foi um dia “ruim”, ele acrescentou. Mame estava em um de seus dias de mau humor. Ele esteve a ponto de deixá-la com o beijo espichado vendo televisão quando de repente, do nada, ela disse algo a meu respeito.

– E o que ela disse? – perguntei, curiosa.

Edouard pigarreou.

– Minha mãe disse que você andou fazendo todo tipo de perguntas sobre o apartamento da rue de Saintonge.

Inspirei profundamente.

– Bem, é verdade, fiz perguntas – admiti. Eu me perguntei aonde ele queria chegar. Silêncio.

– Julia, eu prefiro que você não pergunte mais nada a Mame sobre a rue de Saintonge.

Ele falou repentinamente em inglês, como se quisesse estar absolutamente certo de que eu compreendia. Aflita, respondi em francês.

– Desculpe-me, Edouard. Acontece que no momento eu estou pesquisando fatos sobre a batida policial do Vel’ d’Hiv para a revista. Fiquei surpresa com a coincidência.

Outro silêncio.

– Coincidência? – ele repetiu, usando o francês novamente. – Bem, sim – respondi – sobre a família judia que morava lá logo antes de sua família se mudar para o apartamento e que foi presa durante a batida policial. Acho que Mame ficou aborrecida quando me contou sobre isso. Então, eu parei de fazer perguntas.

– Obrigado, Julia – ele disse. Fez uma pausa. – Esse assunto realmente deixa Mame aborrecida. Não o mencione novamente para ela, por favor.

Parei no meio da calçada.

– Está bem, não mencionarei – eu disse – mas não tive intenção de fazer nenhum mal, eu só queria saber como sua família foi parar naquele apartamento, e se Mame sabia alguma coisa sobre a família judia. Você sabe, Edouard? Você sabe alguma coisa? – Sinto muito, não entendi – ele respondeu suavemente. – Agora preciso ir. Até logo, Julia.

A linha ficou muda.

Ele me deixou confusa a tal ponto que, por um breve momento, esqueci sobre Bertrand e a noite passada. Mame teria realmente reclamado com Edouard sobre as minhas perguntas? Eu lembro que ela não quis responder mais nada naquele dia. Havia se fechado, não abrindo mais a boca até o momento em que fui embora, perplexa. Por que Mame havia ficado tão aborrecida? Por que Mame e Edouard estavam tão interessados em fazer com que eu parasse de perguntar sobre o apartamento? O que



eles não queriam que eu soubesse? Bertrand e o bebê voltaram a cair sobre os meus ombros como uma carga pesada. De repente, eu não conseguia encarar a ida ao escritório. O olhar curioso de Alessandra. Ela seria indiscreta, como sempre, e faria perguntas. Tentando ser amigável, mas não conseguindo. Bamber e Joshua espiando meu rosto inchado. Bamber, um verdadeiro cavalheiro, não diria nada, mas apertaria meu ombro discretamente. E Joshua. Ele seria o pior de todos. “Bem, amorzinho, qual é o drama? O marido francês novamente?” Eu quase podia ver seu sorriso sarcástico, entregando-me uma xícara de café. Não havia como ir ao escritório naquela manhã.

Dirigi-me de volta ao Arco do Triunfo, escolhendo um caminho que me deixava impaciente, mas que eu percorreria com habilidade em meio aos turistas que caminhavam morosamente, olhando para o Arco e parando para tirar fotos. Peguei meu caderno de endereços e liguei para a associação de Franck Lévy. Perguntei se eu poderia ir naquela hora, e não à tarde. Disseram-me que não haveria problema. Naquele momento seria perfeito. Não era longe, logo depois da avenue Hoche. Levei apenas dez minutos para chegar lá. Uma vez fora da artéria obstruída do Champs-Élysées, as outras avenidas que saem dela estavam surpreendentemente vazias.

Franck Lévy estava na casa dos 60 anos, supus. Havia algo profundo, nobre e cansado em seu rosto. Entramos em seu escritório, uma sala com pé-direito alto, cheia de livros, arquivos, computadores, fotografias. Meus olhos se demoraram sobre as imagens em preto-e-branco penduradas na parede. Bebês. Crianças pequenas. Crianças usando a estrela.

– Muitas delas são crianças do Vel’ d’Hiv – ele disse, seguindo o meu olhar. – Mas há outras também. Todas fazem parte das 11 mil crianças deportadas da França.

Sentamo-nos à escrivadinha. Eu lhe havia enviado um e-mail com algumas perguntas antes de nossa entrevista.

– Você queria saber sobre os campos de Loiret? – ele perguntou. – Sim – respondi. – Beaune-la-Rolande e Pithiviers. Há muito mais informações

disponíveis sobre Drancy, que fica mais perto de Paris. Muito menos sobre os outros dois. Franck Lévy deu um suspiro.

– Você está certa. Há muito pouco a ser encontrado sobre os campos de Loiret em comparação com Drancy. E você verá, quando for lá, que não há muito ali que explique exatamente o que aconteceu. As pessoas que moram lá também não querem se lembrar. Não querem falar. Houve poucos sobreviventes também.

Olhei novamente para as fotos, para as filas de rostos pequenos e vulneráveis. – Em primeiro lugar, o que eram esses campos? – perguntei. – Eram campos militares normais, construídos em 1939 para aprisionar soldados alemães. Mas, sob o governo de Vichy, os judeus foram enviados para lá a partir de 1941. Em 1942, saíram de Beaune-la-Rolande e Pithiviers os primeiros trens diretos para Auschwitz.

– Por que as famílias do Vel’ d’Hiv não foram enviadas para Drancy, nos subúrbios de Paris? Franck Lévy deu um sorriso triste.

– Os judeus sem filhos foram enviados para Drancy após a batida policial. Drancy

fica perto de Paris. Os outros campos ficavam a mais de uma hora de viagem, perdidos no meio do pacato interior de Loiret. E foi lá, com toda liberdade de ação, que a polícia francesa separou as crianças de seus pais. Eles não poderiam ter feito isso com tanta facilidade em Paris. Suponho que você tenha lido acerca da brutalidade desses policiais.

– Não há muito que ler. O sorriso triste esmoreceu.

– Você tem razão. Não há muito que ler. Mas sabemos como aconteceu. Tenho alguns livros que terei prazer em lhe emprestar. As crianças foram arrancadas de suas mães. Espancadas com cassetetes, chutadas, encharcadas com água fria.

Meus olhos passearam mais uma vez pelos rostinhos nas fotos. Pensei em Zoé, sozinha, arrancada de mim e de Bertrand. Sozinha, faminta e suja. Estremeci.

– Aquelas 4 mil crianças do Vel’ d’Hiv foram uma grande dor de cabeça para as autoridades francesas – disse Franck Lévy. – Os nazistas haviam pedido que os adultos fossem deportados imediatamente. Não as crianças. A rígida programação dos trens não deveria ser alterada. Daí a brutal separação das mães no início de agosto.

– E depois, o que aconteceu com essas crianças? – perguntei. – Seus pais foram deportados dos campos de Loiret diretamente para Auschwitz.

As crianças foram deixadas praticamente sozinhas em condições sanitárias aterrorizantes. Em meados de agosto, a decisão de Berlim chegou. As crianças deveriam ser deportadas também. Entretanto, para evitar suspeitas, deveriam ser enviadas para Drancy, e depois para a Polônia, misturadas com adultos desconhecidos do campo de Drancy, de modo que a opinião pública pensasse que aquelas crianças não estavam sozinhas, viajando para o leste com suas famílias para algum campo de trabalho para judeus.

Franck Lévy fez uma pausa, olhando como eu para as fotografias penduradas na parede.

– Quando essas crianças chegaram a Auschwitz, não houve “seleção”. Não foram colocadas em fila com os homens e as mulheres. Não houve verificação de quem estava forte, quem estava doente, quem podia trabalhar, quem não podia. Elas foram enviadas diretamente para as câmaras de gás.

– Pelo governo francês, em ônibus franceses, em trens franceses – acrescentei. Talvez porque eu estivesse grávida, porque meus hormônios estavam em polvorosa ou porque eu não havia dormido, mas de repente me senti desolada. Eu olhava as fotos fixamente, pesarosa.

Franck Lévy me observava em silêncio. Depois ele se levantou e colocou uma das mãos sobre o meu ombro.

## Capítulo 30

A MENINA SE LANÇOU SOBRE a comida que foi colocada à sua frente, enfiando-a na boca com ruídos que sua mãe teria detestado. Era o paraíso. Parecia que ela nunca havia provado uma sopa tão saborosa, tão deliciosa. Pão tão fresco, tão macio! Queijo brie, cremoso, substancioso. Pêssegos aveludados, suculentos. Rachel comia mais lentamente. Do outro lado da mesa, olhando para ela, a menina viu que Rachel estava pálida. Suas mãos tremiam, seus olhos estavam febris.

O casal de idosos estava alvoroçado pela cozinha, servindo mais potage, enchendo copos de água fresca. A menina ouvia suas perguntas suaves e gentis, mas não conseguia respondê-las. Foi somente mais tarde, quando Geneviève levou a ela e a Rachel para o andar de cima para que tomassem banho, que ela começou a falar. Contou sobre o grande lugar para onde todos foram levados e trancafiados durante dias, quase sem água, sem comida. Depois, a viagem de trem pelo interior, o campo e a horrível separação de seus pais. E, finalmente, a fuga.

A velha senhora ouvia, assentia, despindo com habilidade uma Rachel de olhos apáticos. A menina observava enquanto surgia o corpo ossudo, coberto de bolhas vermelhas inflamadas. A senhora sacudiu a cabeça, horrorizada.

– O que fizeram com você? – ela murmurou.

Os olhos de Rachel vacilaram levemente. A velha senhora ajudou-a a entrar na água quente e cheia de sabão. Ela a lavou do modo como a mãe da menina costumava dar banho em seu irmãozinho.

Em seguida, Rachel foi embrulhada em uma grande toalha e carregada para uma cama próxima.

– Agora é a sua vez – disse Geneviève, preparando um novo banho. – Qual é o seu nome, pequenina? Você ainda não me disse.

– Sirka – respondeu a menina.

– Que nome bonito! – disse Geneviève, entregando a ela uma esponja limpa e o sabão. Ela percebeu que a menina estava tímida com relação a ficar nua na frente dela, então ela se virou para deixá-la se despir e entrar na água. A menina se lavou cuidadosamente, deliciando-se na água quente. Depois, saiu da banheira agilmente e se embrulhou em uma toalha deliciosamente perfumada com lavanda.

Geneviève estava ocupada, lavando as roupas imundas das meninas, na grande pia esmaltada. A menina a observou por alguns instantes e depois, timidamente, colocou sua mão no braço redondo e macio da velha senhora.

– Madame, a senhora poderia me ajudar a voltar para Paris? A velha senhora, surpresa, virou-se para olhar para ela.

– Você quer voltar para Paris, petite? A menina começou a tremer dos pés à cabeça. Aflita, a velha senhora olhou-a fixamente. Ela largou na pia as coisas por lavar e enxugou as mãos com uma toalha.

– O que foi, Sirka? Os lábios da menina começaram a tremer. – Meu irmãozinho

Michel. Ele ainda está no apartamento. Em Paris. Ele está

trancado em um armário, em nosso esconderijo especial. Ele está lá desde o dia em que a polícia foi nos prender. Pensei que ele fosse ficar seguro lá. Prometi voltar e salvá-lo.

Geneviève baixou os olhos para ela com preocupação e tentou acalmá-la colocando suas mãos sobre os ombrinhos ossudos.

– Sirka, há quanto tempo seu irmãozinho está no armário? – Eu não sei – a menina sussurrou desanimadamente. – Não consigo me lembrar. Não me lembro! De repente, toda a esperança que ela havia acumulado dentro de si desapareceu. Nos olhos da velha senhora ela leu o que mais temia. Michel estava morto. Morto no armário. Ela sabia. Era tarde demais. Ela havia esperado demais. Ele não havia sobrevivido. Ele não havia conseguido.

Ele havia morrido lá, sozinho, no escuro, sem água ou comida, apenas com o urso e o livro de histórias. E ele havia confiado nela, havia esperado, provavelmente havia chamado o nome dela, gritado o nome dela muitas e muitas vezes: “Sirka, Sirka, onde é que você está? Onde é que você está?” Ele estava morto, Michel estava morto. Ele tinha 4 anos, e estava morto por causa dela. Se ela não o tivesse trancado naquele dia, ele poderia estar aqui agora, ela poderia estar dando banho nele agora, neste momento. Ela deveria ter tomado conta dele, deveria tê-lo trazido para cá, para a segurança. Era culpa dela. Era tudo culpa dela.

A menina caiu no chão como um ser despedaçado. Várias ondas de desespero a inundavam. Jamais, em sua curta vida, havia conhecido dor tão aguda. Ela sentiu Geneviève puxá-la para perto, acariciar sua cabeça raspada, murmurar palavras de conforto. Ela se deixou entregar, rendendo-se completamente aos bondosos braços que a circundavam. Depois, teve a doce sensação de um colchão macio e lençóis limpos envolvendo-a. Ela caiu em um sono estranho, agitado.

Acordou cedo, sentindo-se perdida, confusa. Não conseguia se lembrar de onde estava. Havia sido estranho dormir em uma cama de verdade, depois de todas aquelas noites nos galpões. Ela foi até a janela. As venezianas estavam levemente abertas, revelando um grande jardim que exalava um perfume adocicado. Galinhas passeavam pela grama, perseguidas pelo cachorro brincalhão. Sobre um banco de ferro trabalhado, um gato ruivo e roliço lentamente lambia suas patas para limpá-las. A menina ouviu pássaros gorjeando, um galo cantando. Uma vaca mugindo perto dali. Era uma manhã fresca e ensolarada. A menina pensou que nunca havia visto um lugar mais adorável, mais calmo. A guerra, o ódio, o horror pareciam estar longe. O jardim e as flores, as árvores e todos os animais, nenhuma dessas coisas poderia ser manchada pelo mal que ela havia testemunhado nas últimas semanas.

Ela examinou as roupas que estava vestindo. Uma camisola branca, um pouco comprida demais para ela. Ela se perguntou a quem pertenceria. Talvez o casal de idosos tivesse filhos ou netos. Ela olhou à sua volta para o quarto espaçoso. Era simples, mas confortável. Havia uma estante perto da porta. Foi examiná-la. Seus livros favoritos estavam lá: Júlio Verne, Condessa de Ségur. Nas guardas dos livros, uma caligrafia cuidada e juvenil: Nicolas Dufaure. Ela imaginou quem seria.

Ela desceu os degraus de madeira fazendo-os ranger, seguindo o murmúrio de vozes que ouvia vindo da cozinha. A casa era silenciosa e acolhedora, de uma forma normal, sem cerimônia. Seus pés deslizaram sobre a cerâmica quadrada cor de vinho. Ela olhou para dentro de uma sala de estar ensolarada que tinha cheiro de lavanda e de cera de abelhas. Um grande relógio de pêndulo fazia tique-taque solenemente.

Ela caminhou na ponta dos pés na direção da cozinha, espiando pela porta. Lá, viu o casal sentado à mesa comprida bebendo em tigelas redondas e azuis. Eles pareciam preocupados.

– Estou preocupada com Rachel – Geneviève estava dizendo. – Ela está com uma febre muito alta e não está conseguindo manter nada no estômago. E as erupções em sua pele são horríveis. Realmente horríveis. – Ela suspirou profundamente. – O estado dessas crianças, Jules! Uma delas tinha até piolhos nos cílios.

A menina entrou na cozinha, hesitante.

– Eu estava pensando... – ela começou.

O casal de idosos ergueu os olhos para ela e sorriu.

– Bem – sorriu o senhor - você parece uma pessoa completamente diferente hoje de manhã, Mademoiselle. As bochechas estão até um pouquinho rosadas.

– Tinha umas coisas nos meus bolsos – disse a menina. Geneviève se levantou. Ela apontou para uma prateleira.

– Uma chave e um pouco de dinheiro. Estão bem ali.

A menina foi até lá para pegar os objetos, embalando-os. – Esta é a chave do armário – ela disse em voz baixa. – O armário onde Michel

está. Nosso esconderijo especial.

Jules e Geneviève se entreolharam.

– Eu sei que vocês pensam que ele está morto – disse a menina, vacilante. – Mas eu vou voltar lá. Eu preciso saber. Talvez alguém tenha conseguido ajudá-lo, como vocês me ajudaram! Talvez ele esteja esperando por mim. Eu preciso saber, preciso descobrir! Posso usar o dinheiro que o policial me deu.

– Mas como você vai voltar para Paris, petite? – perguntou Jules. – Vou de trem. Paris não é longe daqui, certo? Novamente eles se entreolharam. – Sirka, nós moramos no sudeste de Orléans. Você andou uma grande distância com Rachel. Mas vocês se distanciaram ainda mais de Paris. A menina se empertigou. Ela voltaria para Paris, voltaria para Michel, para ver o que havia acontecido, não interessava o que a esperava. – Preciso ir – ela disse com firmeza. – Há trens de Orléans para Paris, certamente.

Eu vou hoje.

Geneviève aproximou-se dela e segurou suas mãos.

– Sirka, aqui você está segura. Você pode ficar durante algum tempo conosco. Pelo fato de vivermos nesta fazenda, temos leite, carne e ovos, e não precisamos de tiquetes de racionamento. Você pode descansar, comer e melhorar.

– Obrigada – disse a menina - mas já estou melhor. Preciso voltar a Paris. Vocês não têm que vir comigo. Eu posso me arranjar sozinha. Apenas me digam como chegar à estação.

Antes que a senhora pudesse responder, ouviu-se um longo pranto vindo do andar de cima. Rachel. Eles correram para o quarto. Rachel estava se contorcendo e se revirando de dor. Seus lençóis estavam encharcados com uma substância escura e fétida.

– É o que eu temia – sussurrou Geneviève. – Disenteria. Ela precisa de um médico. É rápido.

Jules desceu novamente as escadas, coxeando.

– Vou à cidade ver se o Docteur Thévenin está por lá – ele falou por sobre o ombro.

Voltou uma hora mais tarde, ofegante sobre a bicicleta. A menina o observava pela janela da cozinha.

– O sujeito foi embora – ele disse à esposa. – A casa está vazia. Ninguém soube me dizer nada. Então fui mais além, na direção de Orléans. Encontrei um rapaz novo, consegui fazer com que viesse, mas ele foi um tanto arrogante, disse que tinha coisas mais urgentes para cuidar primeiro.

Geneviève mordeu o lábio.

– Espero que ele venha logo.

O médico só apareceu no fim da tarde. A menina não ousara mencionar Paris novamente. Ela sentiu que Rachel estava muito doente. Jules e Geneviève estavam preocupados demais com Rachel para se concentrarem nela.

Quando eles ouviram o médico chegar, saudado pelo latido do cachorro, Geneviève se virou para a menina e disse-lhe para se esconder, rápido, no porão. Eles não conheciam esse rapaz, ela explicou rapidamente, esse não era o médico de sempre. Eles tinham que agir com cautela.

A menina deslizou pelo alçapão. Ela se sentou no escuro, ouvindo cada palavra que vinha de cima. Não dava para ver o rosto do médico, mas ela não gostou da voz dele. Era estridente, nasal. Ele ficava perguntando de onde Rachel vinha. Onde eles a haviam encontrado? Ele era insistente, teimoso. A voz de Jules manteve-se firme. A menina era a filha de um vizinho que havia ido a Paris por alguns dias.

Mas a menina sabia, pelo tom de voz do médico, que ele não acreditava em uma só palavra do que Jules estava dizendo. Ele tinha uma risada desagradável. Ficava falando sobre lei e ordem. Sobre o marechal Pétain e uma nova visão da França. Sobre o que o Kommandantur pensaria sobre essa menininha pequena e morena.

Finalmente, ela ouviu a porta da frente bater.

Depois ela ouviu a voz de Jules novamente. Parecia aterrorizada. – Geneviève – ele disse. – O que foi que nós fizemos?



## Capítulo 31

GOSTARIA DE FAZER UMA PERGUNTA , Monsieur Lévy. Algo que não tem nada a ver com o meu artigo. Ele olhou para mim e voltou a sentar-se em sua cadeira.

– Mas é claro. Por favor, pergunte. Eu me inclinei por sobre a mesa. – Se eu lhe desse um endereço, o senhor poderia me ajudar a ras-trear uma

família? Uma família que foi presa em Paris em 16 de julho de 1942? – Uma família do Vel' d'Hiv – ele disse.

– Isso – respondi. – É importante.

Ele olhou para meu rosto cansado. Meus olhos inchados. Senti como se ele pudesse ler dentro de mim, ler a nova tristeza que eu estava carregando, ler que eu sabia sobre o apartamento. Ler tudo o que eu era naquela manhã, enquanto estava sentada à frente dele.

– Miss Jarmond, durante os últimos quarenta anos venho investigando cada judeu deportado deste país entre 1941 e 1944. Um longo e doloroso processo. Mas um processo necessário. Sim, é possível dar-lhe o nome dessa família. Está tudo neste computador, bem aqui. Podemos obter o nome em alguns segundos. Mas a senhora pode me dizer por que quer saber sobre essa família em particular? É apenas mera curiosidade jornalística ou alguma outra coisa? Senti minhas faces ruborizarem.

– É pessoal – respondi. – E não é fácil explicar.

– Tente – ele disse.

Hesitante no início, eu lhe contei sobre o apartamento na rue de Saintonge. Sobre o que Mame havia dito. Sobre o que meu sogro havia dito. Finalmente, com mais fluência, eu lhe disse que não conseguia parar de pensar sobre aquela família judia. Sobre quem eles eram, o que havia acontecido a eles. Ele me ouviu, assentindo de vez em quando.

Depois ele disse: – Às vezes, Miss Jarmond, não é fácil trazer o passado de volta. Há surpresas desagradáveis. A verdade é mais difícil do que a ignorância.

Concordei com um movimento de cabeça.

– Tenho consciência disso – respondi. – Mas preciso saber. Ele me olhou de volta com olhos firmes.

– Eu vou lhe dar os nomes. Para a senhora saber, e somente a senhora. Não para a sua revista. Tenho sua palavra? – Sim – respondi, surpresa com sua solenidade. Ele se virou para o computador.

– Por favor, o endereço. Dei a informação.

Seus dedos voaram sobre o teclado. O computador soltou um pequeno estalido. Senti meu coração dar um salto. Depois a impressora gemeu e cuspiu uma folha branca de papel. Franck Lévy a entregou para mim, sem uma palavra. Li:

26, rue de Saintonge, 75003 Paris STARZYNSKI W Ladyslaw, nascido em Varsóvia, 1910. Preso em 16 de julho de 1942. Garagem, rue de Bretagne. Vel' d'Hiv.



Beaune-la-Rolande. Comboio número 15, 5 de agosto de 1942.

• Rywka, nascida em Okuniew, 19 12. Presa em 16 de julho de 1942. Garagem, rue de Bretagne. Vel' d'Hiv. Beaune-la-Rolande. Comboio número 15, 5 de agosto de 1942.

• Sarah, nascida em Paris, 12 arrondissement, 1932. Presa em 16 de julho de 1942. Garagem, rue de Bretagne. Vel' d'Hiv. Beaune-la-Rolande.

A impressora emitiu outro gemido.

– Uma fotografia – disse Franck Lévy. Ele olhou para ela antes de me entregá-la. Era de uma menina de 10 anos de idade. Li a legenda: junho de 1942. Tirada na escola, na rue des Blancs-Manteaux. Bem ao lado da rue de Saintonge. A menina tinha olhos claros e oblíquos. Deveriam ser azuis ou verdes, pensei.

Cabelos claros na altura dos ombros com um laço levemente torto. Um lindo sorriso tímido. Um rosto em forma de coração. Ela estava sentada atrás da carteira da escola com um livro aberto à sua frente. Sobre o peito, a estrela.

Sarah Starzynski. Um ano mais nova do que Zoé.

Tornei a olhar a lista de nomes. Eu não precisava perguntar a Franck Lévy para onde o comboio número 15 que saiu de Beaune-la-Rolande havia ido. Eu sabia que era Auschwitz.

– E a garagem na rue de Bretagne? – perguntei.

– É onde a maioria dos judeus que moravam no terceiro arrondissement foi reunida antes de ser levada para a rue Nélaton e o vélodrome.

Percebi que depois do nome de Sarah não havia menção a um comboio. Fiz essa observação para Franck Lévy.

– Isso significa que ela não estava em nenhum dos trens que saíram para a Polônia. Até onde sabemos.

– Será que ela conseguiu escapar? – perguntei.

– É difícil dizer. Algumas crianças realmente conseguiram escapar de Beaune-la-Rolande e foram salvas por fazendeiros franceses que viviam nas redondezas. Outras crianças, que eram muito menores do que Sarah, foram deportadas sem que suas identidades fossem esclarecidas. Nesse caso, elas eram listadas, por exemplo, como “menino, Pithiviers”. Meu Deus, eu não sei lhe dizer o que aconteceu a Sarah Starzynski, Miss Jarmond. Tudo o que posso dizer é que ela aparentemente nunca chegou em Drancy com as outras crianças de Beaune-la-Rolande e Pithiviers. Ela não está nos arquivos de Drancy.

Baixei os olhos para aquele lindo rosto inocente.

– O que pode ter acontecido a ela? – murmurei.

– O último rastro dela que temos é Beaune-la-Rolande. Ela pode ter sido salva por uma família da vizinhança. Ela pode ter permanecido escondida durante a guerra sob um outro nome.

– Isso aconteceu com frequência?

– Aconteceu, sim. Um grande número de crianças judias sobreviveu, graças à ajuda e à generosidade de famílias francesas ou instituições religiosas.

Olhei para ele.

– O senhor acha que Sarah Starzynski foi salva? Que ela sobreviveu? Ele baixou os olhos para a fotografia daquela criança sorridente e adorável.

– Espero que sim. Mas agora a senhora já sabe o que queria. A senhora sabe quem morava em seu apartamento.

– Sim – eu disse. – Sim, obrigada. Mas ainda fico pensando como a família de meu marido pôde viver lá depois da prisão dos Starzynski. Não consigo entender isso.

– Você não deve julgá-los com tanta severidade – advertiu-me Franck Lévy. – Houve, realmente, uma grande quantidade de indiferença parisiense, mas não se esqueça de que Paris estava ocupada. As pessoas temiam por suas vidas. Aqueles foram tempos muito diferentes.

Enquanto eu saía do escritório de Franck Lévy, de repente sentime frágil, à beira das lágrimas. Havia sido um dia sobrecarregado e cansativo. Meu mundo estava se fechando à minha volta, pressionando-me de todos os lados. Bertrand. O bebê. A decisão impossível que eu iria ter de tomar. A conversa que eu teria com meu marido hoje à noite.

E, depois, o mistério relativo ao apartamento da rue de Saintonge. A família Tézac se mudando para lá, tão rapidamente depois da prisão dos Starzynski. Mame e Edouard não querem falar a respeito. Por quê? O que havia acontecido? O que eles não queriam que eu soubesse? Enquanto eu caminhava na direção da rue Marbeuf, me sentia como se estivesse sendo assoberbada por algo enorme, algo com que eu não conseguia lidar.

Mais tarde, naquela noite, encontrei Guillaume no Select. Nós nos sentamos perto do bar, longe do barulhento farras. Ele tinha alguns livros com ele. Fiquei encantada. Eram exatamente os livros nos quais eu não tinha conseguido colocar as mãos. Particularmente um deles, relativo aos campos de Loiret. Agradei muito.

Eu não havia planejado dizer nada sobre o que descobrira naquela tarde, mas saiu tudo em um turbilhão. Guillaume ouviu cada palavra, atentamente. Quando terminei, ele disse que sua avó havia lhe contado sobre apartamentos judeus sendo saqueados logo depois da batida policial. Outros tinham lacres fixados nas portas pela polícia, lacres que seriam rompidos muitos meses ou anos mais tarde quando ficou óbvio que ninguém iria voltar. De acordo com a avó de Guillaume, a polícia muitas vezes trabalhou secretamente com as concierges, que eram capazes de encontrar novos moradores rapidamente por meio do boca a boca. Foi assim que provavelmente havia acontecido com meus sogros.

– Por que isso é tão importante para você, Julia? – Guillaume perguntou finalmente.

– Quero saber o que aconteceu àquela menina. Ele me olhou com olhos sérios, inquiridores.

– Eu compreendo. Mas tenha cuidado ao questionar a família de seu marido. – Eu sei que eles estão escondendo alguma coisa. Eu quero saber o que é. – Tenha cuidado, Julia – ele repetiu. Ele sorriu, mas seus olhos permaneceram sérios. – Você está brincando com a caixa de Pandora. As vezes, é melhor não abri-la. Às vezes, é melhor não saber.

Franck Lévy havia me dito a mesma coisa naquela manhã.

## Capítulo 32

DURANTE DEZ MINUTOS, JULES e Geneviève haviam corrido pela casa, como animais frenéticos, sem falar, apertando as mãos. Pareciam estar em agonia. Eles tentaram transportar Rachel, carregá-la para o andar de baixo, mas ela estava fraca demais. Finalmente resolveram mantê-la na cama. Jules fez o que pôde para acalmar Geneviève, sem muito sucesso. Ela continuava desmoronando sobre o sofá ou sobre a cadeira mais próxima e explodindo em lágrimas.

A menina os seguia como um cãozinho preocupado. Eles não respondiam a nenhuma de suas perguntas. Ela percebeu Jules lançando olhares contínuos pela janela e para os portões. A menina sentiu que o medo arrebatava seu coração.

Ao cair da noite, Jules e Geneviève se sentaram cara a cara em frente à lareira. Eles pareciam ter se recuperado. Pareciam calmos e tranqüilos. Mas a menina percebeu que as mãos de Geneviève tremiam. Os dois estavam pálidos e olhavam incessantemente para o relógio.

A certa altura, Jules se virou para a menina. Falou baixo. Ele lhe disse para voltar para o porão. Havia grandes sacos de batatas. Ela teria que entrar em um deles e se esconder lá da melhor maneira que conseguisse. Ela havia entendido? Era muito importante. Se alguém entrasse no porão, ela teria que ficar invisível.

A menina congelou. Ela disse: – Os alemães estão vindo! Antes que Jules ou Geneviève pudessem dizer qualquer palavra, o cão latiu, fazendo com que todos se sobressaltassem. Jules fez um sinal para a menina, apontando para o alçapão. Ela obedeceu instantaneamente, deslizando para dentro do porão escuro e bolorento. Ela não conseguia enxergar, mas conseguiu encontrar os sacos de batatas no fundo do celeiro, sentindo o tecido grosso com as palmas das mãos. Havia vários sacos delas, empilhados uns em cima dos outros. Rapidamente, ela os separou com os dedos e escorregou por entre eles. Ao fazer isso, um dos sacos se rasgou e as batatas caíram rolando em torno dela, ruidosamente, numa série de rápidos golpes surdos. Ela rapidamente as colocou em camadas à sua volta e sobre si mesma.

Então ela ouviu os passos. Altos e ritmados. Ela ouvira aqueles passos antes em Paris, tarde da noite, depois do toque de recolher. Sabia o que significavam. Ela havia espiado pela janela, e vira os homens marcharem pela rua fracamente iluminada, com seus capacetes redondos e seus movimentos precisos.

Homens marchando. Diretamente para a casa. Passos de uma dúzia de homens. Uma voz masculina abafada, mas ainda assim clara, chegou a seus ouvidos. Ele estava falando em alemão.

Os alemães estavam ali. Eles haviam vindo pegar Rachel e ela. Sentiu sua bexiga afrouxar.

Passos bem acima de sua cabeça. O murmúrio de uma conversa que ela não conseguiu entender. Depois a voz de Jules: – Sim, tenente, há uma menina doente aqui.

– Uma criança ariana, senhor? – disse a voz estrangeira e gutural. – Uma criança que está doente, tenente.

– Onde está a criança? – No andar de cima. – A voz de Jules estava cansada agora. Ela ouviu os passos pesados balançarem o teto. Depois o fraco grito de Rachel vindo do alto da casa. Rachel foi arrancada da cama pelos alemães. Rachel gemia, débil demais para reagir.

A menina pôs as mãos sobre os ouvidos. Ela não queria ouvir, não podia ouvir. Sentiu-se protegida pelo repentino silêncio criado por ela.

Deitada sob as batatas, ela viu um fraco raio de luz penetrando a escuridão. Alguém havia aberto o alçapão. Alguém estava descendo os degraus da escada que chegava ao porão. Ela tirou as mãos dos ouvidos.

– Não há ninguém aqui – ela ouviu Jules dizer. – A menina estava sozinha. Nós a encontramos em nosso canil.

A menina ouviu Geneviève assoando o nariz. Depois, sua voz chorosa, esgotada. – Por favor, não levem a menina. Ela está muito doente. A resposta gutural foi irônica.

– Madame, a criança é judia. Provavelmente escapou de um dos campos próximos. Não há razão para ela estar em sua casa.

A menina observou a luz alaranjada vacilante de uma lanterna movendo-se lentamente ao longo das paredes de pedra do porão, chegando mais perto. Depois, aterrorizada, viu a enorme sombra negra de um soldado, recortada como um desenho. Ele estava se aproximando dela. Ele iria apanhá-la. Ela tentou se tornar o menor possível. Parou de respirar. Sentiu como se seu coração houvesse parado de bater.

Não, ele não iria encontrá-la! Seria monstruosamente injusto, horrível demais, se ele a encontrasse. Eles já tinham a pobre Rachel. Não era o bastante? Para onde haviam levado Rachel? Estaria do lado de fora, em um caminhão com os soldados? Será que teria desmaiado? Ela imaginou para onde a estariam levando. Para um hospital? Ou de volta ao campo, esses monstros sedentos de sangue? Monstros! Ela os odiava. Ela desejava vê-los todos mortos. Os filhos-da-puta. Ela usou todos os xingamentos que conhecia, todas as palavras que sua mãe a havia proibido de usar. Malditos filhos-da-puta! Ela gritava as palavras em sua mente, tão alto quando podia, fechando bem os olhos, longe do ponto laranja de luz que se aproximava, percorrendo o topo dos sacos onde ela estava se escondendo. Ele não iria encontrá-la. Nunca. Filhos-da-puta, malditos filhos-da-puta! A voz de Jules, novamente.

– Não há ninguém lá embaixo, tenente. A menina estava sozinha. Ela mal conseguia ficar de pé. Tínhamos que cuidar dela.

A voz do tenente chegou até a menina.

– Estamos apenas verificando. Vamos vasculhar seu porão, depois vocês irão conosco até o Kommandantur.

A menina tentou não se mexer, não suspirar, não respirar, enquanto a lanterna passeava sobre sua cabeça.

– Ir com vocês? – A voz de Jules parecia tomada de pânico. – Mas por quê? Uma

risada áspere.

– Uma judia em sua casa e o senhor pergunta por quê? Depois veio a voz de Geneviève, surpreendentemente calma. Parecia que ela havia parado de chorar.

– Vocês viram que não a estávamos escondendo, tenente. Nós a estávamos ajudando a melhorar. Só isso. Nós não sabíamos o nome dela. Ela não conseguia falar.

– Sim – continuou a voz de Jules - nós até mesmo chamamos um médico. Não a estávamos escondendo, de jeito nenhum.

Houve uma pausa. Ela ouviu o tenente tossir.

– Na verdade foi isso mesmo que Guillemain nos disse. Vocês não estavam escondendo a menina. Ele disse isso mesmo, o bom Herr Doktor.

A menina sentiu as batatas sendo mexidas acima de sua cabeça. Ela permaneceu imóvel como uma estátua, sem respirar. Seu nariz coçava e ela estava com vontade de espirrar.

Ela ouviu a voz de Geneviève novamente. Calma, animada, quase forte. Um tom que ela nunca ouvira Geneviève usar.

– Será que os cavalheiros gostariam de um pouco de vinho? As batatas pararam de se mover em volta dela.

No andar de cima, o tenente gargalhou: – Vinho? Jawohl! – E talvez um pouco de patê? – disse Geneviève, com a mesma voz animada.

Os passos recuaram para o andar de cima e a porta do alçapão se fechou com um estrondo. A menina sentiu que desfalecia de alívio. Ela se abraçou a si própria, com as lágrimas descendo pelo rosto. Por quanto tempo eles ficaram lá em cima com os copos tilintando, os pés se arrastando, com as risadas entusiasmadas reverberando? Infinitamente. Parecia a ela que os berros do tenente ficavam cada vez mais alegres. Ela captou até mesmo um arrote asqueroso. Ela não ouvia nada de Jules e Geneviève. Eles ainda estariam lá em cima? O que estaria acontecendo? Ela tinha vontade de saber. Mas sabia que tinha que ficar onde estava até que Jules ou Geneviève viessem buscá-la. Seus membros estavam enrijecidos, mas ela ainda não ousava se mexer.

Finalmente, a casa ficou silenciosa. O cachorro latiu uma vez, e depois não mais. A menina escutava. Teriam os alemães levado Jules e Geneviève com eles? Será que ela estava completamente sozinha na casa? Depois, ela ouviu o som abafado de soluços. O alçapão se abriu com um gemido e a voz de Jules chegou até ela.

– Sirka! Sirka! Quando ela surgiu, com as pernas doloridas, os olhos vermelhos por causa da poeira e as faces úmidas e sujas, viu que Geneviève havia desmoronado, com o rosto escondido nas mãos. Jules estava tentando confortá-la. A menina observava, impotente. A velha senhora levantou os olhos. Seu rosto havia envelhecido, estava encovado. A menina ficou assustada.

– Aquela menina – ela sussurrou - levada para a morte. Eu não sei onde, ou como, mas eu sei que ela irá morrer. Eles não me ouviram. Tentamos fazê-los beber, mas eles mantiveram as mentes claras. Eles nos deixaram ficar, mas levaram Rachel.

As lágrimas de Geneviève desciam por suas faces enrugadas. Ela sacudiu a cabeça em desespero, agarrou a mão de Jules e puxou-a para si.

– Meu Deus, em que nosso país está se transformando? Geneviève chamou a menina com um gesto e segurou sua mãozinha com a mão envelhecida. Eles me salvaram, a menina não parava de pensar. Eles me salvaram. Eles salvaram a minha vida. Talvez alguém como eles tenha salvado Michel, salvado Papa e Maman. Talvez ainda haja esperança.

– Pequena Sirka! – suspirou Geneviève, apertando os dedos da menina. – Você foi tão corajosa lá embaixo! A menina sorriu. Um sorriso lindo e corajoso que tocou fundo os corações do velho casal.

– Por favor – ela disse - não me chamem mais de Sirka. Esse era o meu apelido quando eu era bebê.

– Como devemos chamá-la, então? – perguntou Jules. A menina endireitou os ombros e ergueu o queixo.

– Meu nome é Sarah Starzynski.

## Capítulo 33

AO SAIR DO APARTAMENTO , onde estive para verificar o andamento das obras com Antoine, parei na rue de Bretagne. A garagem ainda estava lá. E também uma placa, lembrando aos passantes que famílias judias do terceiro arrondissement haviam sido arrebanhadas ali na manhã de 16 de julho de 1942, antes de serem levadas para o Vel' d'Hiv e deportadas para os campos da morte. Foi aqui que a odisséia de Sarah começou, pensei. Onde teria terminado? Enquanto fiquei lá, esquecida do tráfego, senti como se quase pudesse ver Sarah descendo a rue de Saintonge naquela quente manhã de julho com sua mãe, seu pai e os policiais. Sim, eu podia ver tudo, eu podia vê-los sendo empurrados para a garagem, bem aqui onde eu estava agora. Eu podia ver o rosto delicado em forma de coração, a confusão, o medo. Os cabelos lisos puxados para trás com um laço, os olhos obliquos cor de turquesa. Sarah Starzynski. Será que ela ainda estaria viva? Ela deve ter uns 70 anos agora, pensei. Não, ela não poderia estar viva. Ela havia desaparecido da face da Terra, com o restante das crianças do Vel' d'Hiv. Ela jamais voltara de Auschwitz. Ela era agora um punhado de pó.

Sai da rue de Bretagne e voltei para o meu carro. De acordo com o verdadeiro estilo americano, nunca fui capaz de dirigir um carro com câmbio manual. Meu carro era um pequeno modelo hidramático japonês do qual Bertrand debochava. Eu nunca o usava para dirigir em Paris. Os ônibus e a rede de metrô eram excelentes. Eu sentia que não precisava de um carro para me movimentar pela cidade. Bertrand zombava disso também.

Bamber e eu íamos visitar Beaune-la-Rolande naquela tarde, a uma hora de carro de Paris. Eu havia estado em Drancy naquela manhã com Guillaume. Ficava bem perto de Paris, espremida entre os subúrbios cinzentos e miseráveis de Bobigny e Pantin. Durante a guerra, mais de sessenta trens haviam saído de Drancy – situada diretamente no coração do sistema ferroviário francês – para a Polônia. Até passarmos caminhando por uma grande e moderna escultura comemorativa do lugar, eu não havia me dado conta de que o campo agora estava obviamente habitado. Mulheres passeavam com carrinhos de bebê e cães, crianças corriam e gritavam, cortinas se balançavam com a brisa, plantas cresciam nos peitoris das janelas. Eu estava perplexa. Como alguém podia morar entre estas paredes? Perguntei a Guillaume se ele sabia sobre isso. Ele concordou com a cabeça. Olhando para o rosto dele eu podia dizer que estava emocionado. Sua família inteira havia sido deportada daqui. Não era nada fácil para ele vir a este lugar. Mas ele quis me acompanhar. Havia insistido.

O curador do Museu Memorial de Drancy era um homem de meia-idade, de aparência cansada, chamado Menetzky. Estava esperando por nós do lado de fora do minúsculo museu que só era aberto caso alguém telefonasse e agendasse um horário. Perambulamos pela pequena e modesta sala, olhando as fotografias, os artigos e os mapas. Havia algumas estrelas amarelas em exposição por trás de um painel de vidro. Era a primeira vez que eu via uma de verdade. Sentime impressionada e nauseada.

O campo havia mudado muito pouco nos últimos sessenta anos. O grande prédio em forma de U, construído no fim dos anos 1930 como um projeto residencial inovador, e requisitado em 1941 pelo governo de Vichy para a deportação de judeus,



agora abrigava quatrocentas famílias em pequeninos apartamentos, e essa era a sua função desde 1947. Drancy tinha os aluguéis mais baixos que se podia encontrar na vizinhança.

Perguntei ao triste Monsieur Menetzky se os residentes da Cite de la Muette – o nome do local, que curiosamente significa “Cidade da Muda” – tinham alguma idéia sobre o lugar onde estavam morando. Ele sacudiu a cabeça. A maioria das pessoas era jovem. Na opinião dele, elas não sabiam e não se importavam. Depois, perguntei se muitos visitantes compareciam àquele memorial. Ele respondeu que havia escolas que enviavam turmas de alunos, e às vezes vinham turistas. Folheamos o livro de visitantes. “Para Paulette, minha mãe. Eu te amo e nunca vamos te esquecer. Voltarei aqui todos os anos para pensar em você. Foi daqui que você partiu para Auschwitz em 1944 e de onde jamais voltou. Sua filha, Danielle.” Senti lágrimas alfinetarem o fundo dos meus olhos.

Depois, ele nos mostrou o único vagão de gado que havia no meio do gramado, do lado de fora do museu. Estava trancado, mas o curador tinha a chave. Guillaume me ajudou a subir, e nós dois ficamos de pé no meio do pequeno espaço vazio e nu. Tentei imaginar o vagão lotado de pessoas, amontoadas umas contra as outras – crianças pequenas, avós, pais de meia-idade e adolescentes a caminho da morte. O rosto de Guillaume tinha empalidecido. Ele me disse mais tarde que nunca havia entrado no vagão. Nunca tinha ousado. Perguntei-lhe se ele se sentia bem. Ele assentiu, mas eu podia ver quanto estava perturbado.

Enquanto caminhávamos, distanciando-nos do prédio, com diversos livros e folhetos debaixo do braço que me foram entregues pelo curador, não conseguia parar de pensar no que eu sabia sobre Drancy. Sua desumanidade durante aqueles anos de terror. Uma quantidade sem fim de trens cheios de judeus enviados diretamente para a Polônia.

Eu não conseguia parar de pensar nas descrições que havia lido e que me deixavam com o coração apertado sobre as 4 mil crianças do Vel’ d’Hiv que chegaram aqui no fim do verão de 1942, sem seus pais, fétidas, doentes e esfomeadas. Sarah estivera entre elas, afinal de contas? Teria ela deixado Drancy e ido para Auschwitz, aterrorizada e sozinha num vagão de gado cheio de estranhos? Bamber estava esperando por mim em frente ao nosso escritório. Ele posicionou sua silhueta magricela no assento do carona depois de colocar seu equipamento fotográfico no banco de trás. Depois, ele olhou para mim. Eu sabia que ele estava preocupado. Colocou uma mão delicada sobre o meu antebraço.

– Hum... Julia, você está bem? Os olhos escuros não ajudaram, imaginei. Minha noite miserável estava escrita no meu rosto. A conversa com Bertrand até de manhã cedo. Quanto mais conversamos, mais inflexível ele ficou. Não, ele não queria esse bebê. Para ele, a essa altura, ainda nem era um bebê. Não era nem mesmo um ser humano. Era uma sementinha. Não era nada. Ele não queria. Ele não podia lidar com isso. Era demais para ele. Sua voz havia ficado embargada, deixando-me estupefata. Seu rosto parecia devastado, envelhecido. Onde estava meu marido despreocupado, convencido, irreverente? Fiquei olhando para ele com franca surpresa. E se eu decidisse ter esse bebê contra a vontade dele, disse com voz rouca, isso seria o fim. O fim de

quê? Olhei para ele, horrorizada. O fim de nós dois, ele disse, com a terrível voz embargada que eu não reconhecia. O fim do nosso casamento. Permanecemos em silêncio, encarando um ao outro por sobre a mesa da cozinha. Perguntei a ele por que o nascimento do bebê o aterrorizava tanto. Ele se virou e suspirou, esfregando os olhos. Estava ficando velho, respondeu. Estava se aproximando dos 50 anos. Isso por si só já era terrível – envelhecer. A pressão em sua profissão para se manter atualizado com relação aos caras mais jovens. Competir com eles, dia após dia. E ver sua aparência se degradar. O rosto no espelho com o qual ele se esforçou tanto para se entender. Eu nunca havia tido esse tipo de conversa com Bertrand anteriormente. Jamais havia percebido que envelhecer estava sendo um problema tão grande para ele.

– Eu não quero ter 70 anos quando essa criança tiver 20 – ele murmurava várias vezes. – Não posso. Não vou. Julia, você tem que enfiar isso na sua cabeça. Se você tiver essa criança, isso vai me matar. Você está ouvindo? Isso vai me matar.

Respirei fundo. O que é que eu podia dizer a Bamber? Como eu poderia sequer começar? O que ele seria capaz de entender? Era tão jovem, tão diferente! Ainda assim, eu apreciava sua solidariedade, sua preocupação. Endireitei os ombros.

– Bem, não vou esconder isso de você, Bamber – eu disse, sem olhar para ele e apertando o volante com toda a minha força. – Tive uma noite horrrosa.

– Seu marido? – ele perguntou, tentando adivinhar.

– Isso mesmo, meu marido – gracieji.

Ele sacudiu a cabeça. Depois, se virou para mim.

– Se você quiser falar sobre isso, Julia, estou aqui – disse, com o mesmo tom grave e vigoroso que Churchill havia usado para pronunciar “Nunca nos renderemos”.

Não pude evitar um sorriso.

– Obrigada, Bamber. Você é o máximo. Ele abriu um largo sorriso. – Hum... como foi Drancy? Soltei um resmungo.

– Ai, meu Deus, foi horrível. O lugar mais deprimente que você já viu. Há pessoas morando no prédio, você acredita nisso? Fui com um amigo cuja família foi deportada de lá. Você não vai se divertir tirando fotos de Drancy, acredite em mim. É dez vezes pior do que a rue Nélaton.

Saí de Paris e peguei a A6. Felizmente não havia muitas pessoas na estrada nessa hora do dia. Viajamos em silêncio. Percebi que eu tinha que conversar com alguém, e logo, sobre o que estava acontecendo. Sobre o bebê. Eu não podia continuar guardando esse segredo só para mim. Charla. Era cedo demais para ligar para ela. Ainda não eram seis da manhã em Nova York, embora seu dia de trabalho como obstinada advogada bem-sucedida estivesse para começar. Ela tinha dois filhos pequenos que eram a imagem perfeita de seu ex-marido, Ben. E agora ela tinha um novo marido, Barry, que era charmoso e estava no ramo da informática, mas eu ainda não o conhecia bem.

Eu ansiava por ouvir a voz de Charla, o modo suave e caloroso com que ela dizia “Oi!” ao telefone quando sabia que era eu. Charla jamais havia se dado bem com

Bertrand. Eles meio que se aturavam. Havia sido assim desde o início. Eu sabia o que ele pensava dela: uma feminista americana linda, brilhante, arrogante. E Charla, com relação a ele: um sapo vaidoso, lindo e chauvinista. Eu sentia saudades de Charla. De sua vitalidade, seu riso, sua honestidade. Quando troquei Boston por Paris, há muitos anos, ela ainda era uma adolescente. Não senti tanta falta dela no início. Ela era apenas minha irmã mais nova. Agora é que eu estava sentindo. Sentia uma falta danada dela.

– Hum... – veio a voz suave de Bamber – aquela não era a nossa saída? Era. – Merda! – exclamei.

– Não tem importância – disse Bamber, mexendo no mapa. – A próxima também serve.

– Desculpe – murmurei. – Estou um pouco cansada.

Ele sorriu de modo compreensivo. E ficou de boca calada. Eu gostava disso em Bamber.

Beaune-la-Rolande se aproximava – uma cidadezinha melancólica perdida em meio a campos de trigo. Estacionamos no centro, perto da igreja e da prefeitura. Caminhamos pela cidade e Bamber tirava uma foto aqui e ali. Percebi que havia poucas pessoas. Era um lugar triste e vazio.

Eu tinha lido que o campo ficava na parte nordeste da cidade e que uma escola técnica havia sido construída sobre ele nos anos 1960. O campo ficava a alguns quilômetros da estação, exatamente no lado oposto, o que significava que as famílias deportadas tiveram que andar através do coração da cidade. Deve haver gente aqui que se lembra, eu disse a Bamber. Pessoas que viram de suas janelas, da entrada de suas casas, os incontáveis grupos caminhando penosamente.

A estação de trem não estava mais operante. Ela havia sido reformada e transformada numa creche. Havia algo de irônico naquilo, pensei, olhando através das janelas para os desenhos coloridos e animais empalhados. Um grupo de crianças pequenas estava brincando em uma área cercada à direita do prédio.

Uma mulher de quase 30 anos carregando uma criança nos braços veio perguntar se eu precisava de alguma coisa. Respondi que eu era jornalista, pesquisando o velho campo de concentração que ficava ali nos anos 40. Ela nunca tinha ouvido falar de um campo naquela área. Aponte para a placa afixada sobre a porta da creche.

Em memória das milhares de crianças, mulheres e homens judeus que, entre maio de 1941 e agosto de 1943, passaram por esta estação e pelo campo de concentração em Beaune-la-Rolande, antes de serem deportadas para Auschwitz, o campo de extermínio, onde foram assassinadas. Nunca se esqueçam.

Ela encolheu os ombros, sorrindo para mim como quem pede desculpas. Ela não sabia. Era jovem demais, de qualquer maneira. Isso havia acontecido muito antes do seu tempo. Perguntei se havia pessoas que iam à estação para olhar para a placa. Ela respondeu que não havia percebido ninguém desde que havia começado a trabalhar lá, no ano passado.

Bamber tirou mais fotos enquanto eu caminhava pelo imóvel branco e reocupado.

O nome da cidade estava gravado com letras negras em ambos os lados da estação. Olhei por sobre a cerca.

Os antigos trilhos estavam cobertos de ervas daninhas e de capim, mas ainda permaneciam no lugar, com seus velhos dormentes de madeira e o aço enferrujado. Sobre aqueles trilhos abandonados, vários trens haviam saído diretamente para Auschwitz. Senti meu coração ficar apertado conforme observava os dormentes. De repente, ficou difícil respirar.

O comboio número 15 de 5 de agosto de 1942 havia transportado os pais de Sarah Starzynski diretamente para a morte.

SARAH DORMIU MUITO MAL naquela noite. Ela ficava escutando Rachel gritar o tempo todo. Onde estaria Rachel agora? Será que ela estava bem? Alguém estaria cuidando dela, ajudando-a a se curar? Para onde foram levadas todas aquelas famílias judias? E sua mãe? E seu pai? E as crianças lá no campo de Beaune-la-Rolande? Sarah, deitada de costas na cama, ouvia o silêncio da velha casa. Tantas perguntas! E nenhuma resposta. Seu pai costumava responder a todas as suas indagações. Por que o céu era azul, de que eram feitas as nuvens e como os bebês vinham ao mundo. Por que o mar tinha marés, como as flores cresciam e por que as pessoas se apaixonavam. Ele sempre tinha tempo para responder a ela, pacientemente, calmamente, com gestos e palavras claras e fáceis de entender. Ele nunca havia dito que estava ocupado demais. Ele amava suas perguntas incessantes e costumava dizer que ela era uma menininha muito inteligente.

Mas ela lembrou que, nos últimos tempos, o pai não respondia às suas perguntas do modo como fazia antes. Suas perguntas sobre a estrela amarela, sobre não poder ir ao cinema, à piscina pública. Sobre o toque de recolher. Sobre aquele homem, na Alemanha, que odiava os judeus, e cujo nome a fazia tremer. Não, ele não havia respondido às perguntas dela apropriadamente. Ele permanecera vago, silencioso. E quando ela perguntara novamente, pela segunda ou terceira vez, logo antes de os homens virem buscá-los naquela quinta-feira negra, o que é que havia exatamente em ser judeu que fazia com que outras pessoas os odiassem – certamente não podia ser que eles tivessem medo dos judeus pelo fato de eles serem “diferentes” - ele havia virado o rosto, como se não tivesse ouvido. Mas ela sabia que ele tinha escutado.

Ela não queria pensar no pai. Doía demais. Não conseguia nem mesmo se lembrar da última vez que o tinha visto. No campo... Mas quando, exatamente? Ela não sabia. Com relação à sua mãe, tinha havido aquela última vez, quando viu o rosto de sua mãe se virar para ela, indo embora com as outras mulheres, chorando, caminhando por aquela longa estrada poeirenta para a estação. Ela tinha uma imagem clara colada em sua mente, como uma fotografia. O rosto pálido de sua mãe, o azul surpreendente de seus olhos. O fantasma de um sorriso.

Mas não tinha havido uma última vez com seu pai. Não havia uma última imagem à qual ela pudesse se agarrar, que ela pudesse invocar. Então, ela tentava se lembrar dele, trazer à mente seu rosto magro e escuro, seus olhos assombrados. Os dentes brancos no rosto moreno. Ela sempre havia ouvido falar que parecia com sua mãe, e Michel também. Eles tinham os traços claros dos eslavos, as maçãs do rosto proeminentes e largas, os olhos oblíquos. Seu pai costumava reclamar que nenhum dos filhos se parecia com ele. Mentalmente, ela mandou o sorriso do pai embora. Era doloroso demais. Profundo demais.

Amanhã ela tinha que ir a Paris. Tinha que chegar em casa. Tinha que descobrir o que havia acontecido com Michel. Talvez ele também estivesse em segurança, como ela estava agora. Talvez algumas pessoas boas e generosas tivessem conseguido abrir a porta do esconderijo e libertá-lo. Mas quem? Ela se perguntava. Quem poderia tê-lo ajudado? Ela jamais confiaria em Madame Royer, a concierge de olhos maliciosos e um sorriso de lábios finos. Não, ela não. Talvez o simpático professor de violino, aquele

que gritou naquela negra manhã de quinta-feira: “Para onde vocês os estão levando? Eles são pessoas boas e honestas! Vocês não podem fazer isso!” Sim, talvez ele tivesse conseguido salvar Michel, talvez ele estivesse seguro na casa daquele homem, que estaria tocando melodias polonesas para ele no violino. A risada de Michel com suas bochechas rosadas. Michel batendo palmas, dançando e rodopiando. Talvez Michel estivesse esperando por ela, talvez ele dissesse para o professor de violino todas as manhãs: “Sirka vai vir hoje? Quando é que Sirka vai chegar? Ela prometeu que ia voltar e viria me buscar, ela prometeu!” De manhã, quando acordou com o canto do galo, ela percebeu que o travesseiro estava molhado, encharcado por suas lágrimas. Vestiu-se rapidamente, colocando as roupas que Geneviève havia separado para ela. Roupas de menino limpas, fortes e fora de moda. Ela se perguntou a quem pertenceriam. Aquele Nicolas Duf aure que havia escrito diligentemente seu nome em todos aqueles livros? Ela colocou a chave e o dinheiro no bolso.

No primeiro andar, a cozinha grande e fresca estava vazia. Ainda era cedo. O gato continuava dormindo, enroscado em cima de uma cadeira. A menina mordiscou um pedaço de pão macio e bebeu um pouco de leite. Ela continuava apalpando o bolso em busca do maço de dinheiro e da chave, certificando-se de que estavam seguros.

Era uma manhã quente e cinzenta. Haveria tempestades violentas à noite, ela sabia. Aquelas tempestades barulhentas e assustadoras que costumavam amedrontar tanto Michel. Ela imaginou como iria chegar à estação. Orléans seria longe? Ela não tinha idéia. Como iria fazer? Como ela iria conseguir chegar lá? Eu cheguei até aqui, ela continuava dizendo para si mesma. Cheguei até aqui, então não posso desistir agora, vou descobrir um jeito. Vou encontrar um modo. E ela não poderia ir embora sem se despedir de Jules e Geneviève. Então esperou, postando-se na soleira da porta, atirando migalhas de pão para as galinhas e os pintinhos.

Geneviève desceu meia hora depois. Seu rosto ainda carregava os vestígios da crise da noite anterior. Alguns minutos mais tarde, Jules surgiu, plantando um beijo afetuoso na cabeça raspada de Sarah. A menina os observou preparar o café-da-manhã com gestos lentos e cuidadosos. Ela havia se afeiçoado a eles, pensou. Mais do que se afeiçoado. Como ela iria lhes contar que estava indo embora hoje? Eles ficariam arrasados, ela tinha certeza. Mas não havia escolha. Ela tinha que voltar para Paris.

Quando ela lhes contou, eles haviam terminado o café-da-manhã e estavam recolhendo tudo.

– Ah, mas você não pode fazer isso – falou a velha senhora de modo ofegante, quase deixando cair a xícara que estava enxugando. – As estradas estão sendo patrulhadas e os trens estão sendo vigiados. Você nem sequer possui uma carteira de identidade. Vai ser impedida de continuar e será enviada de volta ao campo.

– Eu tenho dinheiro – disse Sarah.

– Mas ele não irá impedir que os alemães...

Jules interrompeu a esposa com a mão levantada. Ele tentou convencer Sarah a ficar um pouco mais. Conversou com ela de forma calma e com firmeza, como seu pai costumava fazer, ela pensou. Ela ouviu, balançando a cabeça distraidamente. Mas tinha

que fazê-los entender. Como conseguiria explicar sua necessidade de chegar em casa? Como conseguiria permanecer calma e firme como Jules? Suas palavras saíram impetuosas e desordenadas. Ela estava cansada de tentar ser adulta. Bateu o pé no chão com irritação.

– Se vocês tentarem me impedir... – disse seriamente – se vocês me impedirem, eu vou fugir.

Ela se levantou e dirigiu-se para a porta. Eles não haviam feito nenhum movimento, observando-a petrificados e com os olhos arregalados.

– Espere! – disse Jules finalmente. – Espere um minuto.

– Não. Não vou esperar. Vou para a estação – disse Sarah, com a mão na maçaneta.

– Você nem sabe onde fica a estação – disse Jules.

– Vou descobrir. Vou encontrar um jeito. Ela destrancou a porta. – Adeus – ela disse para o velho casal. – Adeus e obrigada. Ela se virou e caminhou para os portões. Tinha sido simples. Tinha sido fácil. Mas, quando passou pelos portões, curvando-se para acariciar o cachorro, repentinamente percebeu o que havia feito. Ela agora estava sozinha. Completamente sozinha. Ela se lembrou do grito agudo de Rachel. Os passos ruidosos dos homens marchando. O riso amedrontador do tenente. Sua coragem diminuiu. Contra a sua vontade, virou a cabeça e olhou novamente para a casa.

Jules e Geneviève ainda a estavam observando pela janela, estáticos. Quando ambos se moveram, foi exatamente ao mesmo tempo. Jules apanhou seu boné, e Geneviève, sua bolsa. Eles correram para fora e trancaram a porta da frente. Quando chegaram até ela, Jules colocou uma das mãos em seu ombro.

– Por favor, não me impeçam – murmurou Sarah, corando. Ela estava feliz, mas também aborrecida com o fato de eles a terem seguido.

– Impedi-la? – Jules sorriu. – Não vamos impedi-la, sua menina tola e teimosa. Nós vamos com você.

## Capítulo 35

ENTRAMOS NO CEMITÉRIO SOB um sol quente e seco. Sentime enjoada de repente. Tive que parar e respirar. Bamber estava preocupado. Eu lhe disse para não se preocupar, que era apenas falta de sono. Mais uma vez ele pareceu duvidar, mas não fez nenhum comentário.

O cemitério era pequeno, mas levamos um bom tempo até acharmos algo. Já tínhamos quase desistido quando Bamber percebeu que havia seixos sobre um dos túmulos, uma tradição judaica. Nós nos aproximamos. Sobre a pedra branca e achatada, pudemos ler: Os veteranos judeus deportados erigiram este monumento dez anos depois de seu aprisionamento, a fim de perpetuar a memória de seus mártires, vítimas da barbaridade de Hitler. Maio de 1941 – Maio de 1951.

– Barbaridade de Hitler! – observou Bamber secamente. – Soa como se os franceses não tivessem tido nada a ver com a coisa toda.

Havia vários nomes e datas na lateral da lápide. Inclinei-me para observar mais de perto. Crianças. Apenas 2 ou 3 anos de idade. Crianças que haviam morrido no campo, em julho e agosto de 1942. Crianças do Vel' d'Hiv.

Eu sempre havia estado intensamente consciente de que tudo o que havia lido sobre a batida policial era verídico. E ainda assim, naquele dia quente de primavera, enquanto observava o túmulo, eu me senti atingida. A realidade inteira dos fatos me atingiu.

E eu sabia que não descansaria mais, não ficaria mais em paz, até que descobrisse precisamente o que havia acontecido a Sarah Starzynski. E o que os Tézac sabiam e estavam tão relutantes em me contar.

No caminho de volta para o centro da cidadezinha, vimos um velho senhor caminhando, arrastando os pés, carregando uma sacola de legumes. Ele devia ter seus 80 anos, com um rosto redondo e vermelho e cabelos brancos. Perguntei-lhe se sabia onde ficava o antigo campo dos judeus. Ele nos olhou desconfiado.

– O campo? – ele perguntou. – Vocês querem saber onde ficava o campo? Fizemos que sim com a cabeça.

– Ninguém pergunta sobre o campo – ele murmurou. Ele mexia nos alhos-porós em seu cesto, evitando nossos olhos.

– O senhor sabe onde ficava? – insisti. Ele tossiu.

– Claro que sei. Moro aqui desde que nasci. Quando era garoto, eu não sabia o que era aquele campo. Ninguém o mencionava. Agíamos como se ele não existisse. Sabíamos que tinha algo a ver com os judeus, mas não perguntávamos. Tínhamos muito medo. Então, nós não nos metíamos no assunto.

– O senhor se lembra de qualquer coisa específica sobre o campo? – perguntei. – Eu tinha uns 15 anos de idade – ele contou. – Eu me lembro do verão de 1942, das multidões de judeus chegando da estação, percorrendo esta mesma rua. Bem aqui. – Seu dedo torto apontou para a grande rua em que estávamos. – Avenue de la Gare. Hordas



de judeus. E um dia ouviu-se um barulho. Um barulho horrível. Meus pais moravam a certa distância do campo. Mas ouvimos mesmo assim. Um estrondo que varreu toda a cidade. Continuou o dia todo. Eu ouvi meus pais conversando com os vizinhos. Eles estavam dizendo que as mães haviam sido separadas das crianças lá no campo. Para quê? Nós não sabíamos. Eu vi um grupo de mulheres judias caminhando para a estação. Não, elas não estavam caminhando. Estavam cambaleando pela estrada, chorando, intimidadas pelos policiais.

Seus olhos se voltaram novamente para a rua, rememorando. Depois, ele pegou seu cesto com um grunhido.

– Um dia – ele continuou – o campo ficou vazio. Os judeus haviam ido embora. Eu não sabia para onde. Parei de pensar nisso. Todos nós paramos. Nós não falamos sobre o assunto. Não queremos nos lembrar. Algumas pessoas daqui nem sabem disso.

Ele se virou e foi embora. Anotei tudo, sentindo meu estômago revirar novamente. Mas desta vez eu não tinha certeza se era enjôo matinal ou se era o que eu havia decifrado nos olhos daquele velho senhor, sua indiferença, seu desdém.

Pegamos o carro e subimos a rue Roland vindo da Place du Marche e estacionamos na frente da escola. Bamber comentou que a rua era chamada rue des Deportes – rua dos Deportados. Fiquei grata por isso. Eu acho que não teria agüentado se ela se chamasse avenue de la Republique.

A escola técnica era um prédio sóbrio e moderno com uma velha torre d'água assomando em seu topo. Era difícil imaginar que o campo havia sido aqui, sob o cimento pesado e as áreas de estacionamento. Havia estudantes fumando perto da entrada. Estava na hora do intervalo para o almoço. Sobre um quadrado de mato abandonado na frente da escola, percebemos esculturas arqueadas e estranhas com figuras entalhadas. Em uma delas, pudemos ler: “Eles precisam agir com os outros e pelos outros, em espírito de fraternidade.” Nada mais. Bamber e eu nos entreolhamos, perplexos.

Perguntei a um dos estudantes se as esculturas tinham alguma coisa a ver com o campo. Ele perguntou: “Que campo?” Um colega dele soltou uma risada nervosa. Expliquei a natureza do campo. Pareceu acalmá-lo um pouco. Depois, a outra estudante, uma moça, disse que havia uma espécie de placa, um pouquinho mais abaixo na rua, na direção da cidade. Nós não a havíamos notado quando passamos de carro. Perguntei à moça se era um memorial. Ela respondeu que achava que sim.

O monumento era de mármore negro com letras douradas desbotadas. Havia sido erigido em 1965 pelo prefeito de Beaune-la-Rolande. Uma estrela-de-davi dourada havia sido gravada no topo. E havia nomes. Nomes sem fim. Notei dois nomes que haviam se tornado dolorosamente familiares: “Starzynski, Wladyslaw. Starzynski, Rywka.” Na base da coluna de mármore, percebi uma pequena urna quadrada. “Aqui estão depositadas as cinzas de nossos mártires de Auschwitz-Bir-kenau.” Um pouco mais acima, sob a lista de nomes, li outra frase: “Para as 3.500 crianças judias arrancadas de seus pais, internadas em Beaune – la-Rolande e Pithiviers, deportadas e exterminadas em Auschwitz.” Em seguida, Bamber leu em voz alta, com seu educado sotaque britânico: “Vítimas dos nazistas, enterradas no cemitério de Beaune-la-Rolande.”

Abaixo, descobrimos os mesmos nomes entalhados na tumba no cemitério. As crianças do Vel' d'Hiv que haviam morrido no campo.

– Vítimas do nazismo, novamente – murmurou Bamber. – Parece-me um caso grave de amnésia.

Permanecemos ali, olhando em silêncio. Bamber havia tirado algumas fotos, mas agora sua câmera estava novamente guardada. No mármore preto, não havia qualquer menção de que apenas a polícia francesa havia sido responsável pela administração do campo, e por tudo o que acontecera atrás do arame farpado.

Olhei novamente na direção do vilarejo, com o sinistro pináculo escuro da igreja à minha esquerda.

Sarah Starzynski havia caminhado penosamente por aquela mesma estrada. Ela passara pelo lugar onde eu estava agora e havia virado à esquerda, entrando no campo. Vários dias mais tarde, seus pais haviam saído novamente, para serem levados para a estação, para suas mortes. As crianças haviam sido deixadas sozinhas durante semanas e depois enviadas para Drancy. E então para suas mortes solitárias, depois da longa viagem até a Polônia.

O que acontecera a Sarah? Teria ela morrido aqui? Não havia sinal do nome dela no túmulo ou no memorial. Será que ela teria escapado? Olhei para além da torre d'água, erigida no limite do vilarejo, voltada para o norte. Será que ela ainda estaria viva? Meu celular tocou novamente, fazendo com que nós dois nos sobressaltássemos. Era minha irmã Charla.

– Você está bem? – ela perguntou, com sua voz soando surpreendentemente clara. Parecia que ela estava bem ao meu lado e não a milhares de quilômetros de distância, do outro lado do Atlântico. – Tive um pressentimento de que deveria ligar para você.

Meus pensamentos foram arrancados de Sarah Starzynski para o bebê que eu estava carregando. Para o que Bertrand, noite passada, havia dito: “O fim de nós dois.” Mais uma vez, senti o peso abrupto do mundo sobre meus ombros.

A ESTAÇÃO DE TREM DE Orléans era um lugar movimentado, barulhento, um formigueiro fervilhando com uniformes cinzentos. Sarah se comprimiu contra o velho casal. Ela não queria demonstrar seu medo.

Se ela havia conseguido chegar até aqui, isso significava que ainda havia esperança para ela. Esperança de chegar a Paris. Ela tinha que ser corajosa, tinha que ser forte.

– Se alguém perguntar – sussurrou Jules, enquanto esperavam na fila para comprar as passagens para Paris - você é nossa neta Stéphanie Dufaure. Seu cabelo foi raspado porque você pegou piolho na escola.

Geneviève endireitou o colarinho de Sarah.

– Pronto – ela disse, sorrindo. – Você está com um ar asseado e agradável. E bonita. Exatamente como nossa neta! – Vocês realmente têm uma neta? – perguntou Sarah. – Estas roupas são dela? Geneviève deu uma risada.

– Temos apenas netos bagunceiros, Gaspard e Nicolas. E um filho, Alain. Ele tem cerca de 40 anos. Mora em Orléans com Henriette, sua esposa. Essas roupas são de Nicolas, ele é um pouquinho mais velho do que você. E ele só nos dá dor de cabeça, isso sim! Sarah admirou-se com a maneira como o velho casal fingia estar à vontade, sorrindo para ela, agindo como se aquela fosse uma manhã perfeitamente normal, uma viagem a Paris perfeitamente normal. Mas ela percebeu o modo rápido como seus olhos se moviam em torno deles constantemente, sempre alertas, sempre se deslocando. Seu nervosismo aumentou quando ela viu soldados revistando todos os passageiros que embarcavam nos trens. Ela estendeu o pescoço para observá-los. Alemães? Não, franceses. Soldados franceses. Ela não tinha identificação consigo. Nada. Nada, exceto a chave e o dinheiro. Silenciosamente, discretamente, ela entregou o grosso maço de notas para Jules. Ele baixou os olhos para ela, surpreso. Ela apontou com o queixo na direção dos soldados que bloqueavam o acesso aos trens.

– O que você quer que eu faça com isso, Sarah? – ele sussurrou, perplexo. – Eles vão pedir minha identidade a vocês. E eu não tenho. Isso pode ajudar. Jules observou a fileira de homens postados em frente ao trem. Ele ficou aturdido.

Geneviève cutucou-o com o cotovelo.

– Jules! – ela falou. – Isso pode funcionar. Precisamos tentar. Não temos outra opção.

O velho senhor se endireitou. Ele fez que sim com a cabeça para a esposa. Parecia ter recuperado a serenidade. As passagens foram compradas e, em seguida, eles se dirigiram para o trem.

A plataforma estava lotada. Os passageiros se comprimiam contra eles de todos os lados, mulheres com bebês que choravam, senhores com rostos austeros, empresários impacientes usando ternos. Sarah sabia o que tinha que fazer. Ela se lembrou do menino que escapara do estádio, aquele que havia fugido no meio da confusão. Era isso que ela tinha que fazer agora. Tirar o máximo proveito dos empurrões e do barulho, das ordens berradas pelos soldados, da multidão alvoroçada.

Ela soltou a mão de Jules e se abaixou. Era como submergir na água, ela pensou. Uma massa compacta de saias e calças, sapatos e tornozelos. Ela avançou com dificuldade, abrindo caminho com os punhos, e depois o trem surgiu, bem à sua frente.

Quando estava subindo no trem, uma mão a agarrou pelo ombro. Ela instantaneamente acalmou a expressão de seu rosto e moldou os lábios em um sorriso simpático. O sorriso de uma menininha normal. Uma menininha normal tomando o trem para Paris. Uma menininha normal como aquela de vestido lilás, aquela que ela vira na plataforma, quando foram levados para o campo, naquele dia que parecia tão distante.

– Estou com a minha avó – ela disse, lançando seu sorriso inocente, apontando para o interior do vagão. Com um aceno de cabeça, o soldado a soltou. Sem fôlego, ela se contorceu para chegar ao trem e olhou para fora pela janela. Seu coração estava aos pulos. Lá estavam Jules e Geneviève emergindo da multidão, erguendo os olhos para ela com assombro. Ela acenou para eles triunfalmente. Sentiu-se orgulhosa de si mesma. Ela conseguira entrar no trem sozinha, e os soldados nem mesmo a haviam importunado.

Seu sorriso desapareceu quando viu o número de oficiais alemães que embarcavam no trem. Suas vozes eram altas e rudes enquanto abriam caminho através do corredor lotado. As pessoas desviavam os rostos, baixavam os olhos, tentavam fazer-se tão pequenas tanto quanto possível.

Sarah estava em um canto do vagão, meio escondida por Jules e Geneviève. A única parte que era visível era seu rosto, espreitando por entre os ombros do velho casal. Ela observou os alemães se aproximarem e os encarou, fascinada. Ela não conseguia tirar os olhos deles. Jules sussurrou para que ela olhasse para o outro lado. Mas ela não conseguia.

Havia um homem em particular que a repugnava – alto, magro, com seu rosto branco e anguloso. Seus olhos tinham um tom de azul tão pálido que pareciam transparentes sob as pesadas pálpebras rosadas. Quando o grupo de oficiais passou por eles, o homem alto e magro estendeu o braço comprido, com a faixa cinza, e deu um puxão na orelha de Sarah. Ela sentiu um calafrio, chocada.

– Bem, garoto – riu o oficial - não precisa ter medo de mim. Um dia, você também vai ser um soldado, certo? Jules e Geneviève tinham sorrisos pintados, fixos, que não vacilaram em seus rostos. Eles seguravam Sarah despreocupadamente, mas ela podia sentir suas mãos tremendo.

– Que bonito neto vocês têm aqui – sorriu o oficial, esfregando sua imensa palma sobre a cabeça raspada de Sarah. – Olhos azuis, cabelos louros, como as crianças do meu país, não é? Um último piscar de apreciação dos olhos pálidos de pálpebras pesadas. Depois ele se virou e seguiu o grupo de homens. Ele achou que eu era um menino, pensou Sarah. E ele não achou que eu era judia. Ser judia era algo que alguém podia notar imediatamente? Ela não tinha certeza. Perguntou a Armelle uma vez. Armelle havia dito que ela não parecia judia por causa de seus cabelos louros e olhos azuis. Então meus olhos e meus cabelos me salvaram hoje, ela pensou.

Ela passou a maior parte da viagem aninhada junto à maciez morna do velho casal. Ninguém falou com eles, ninguém lhes perguntou nada. Olhando fixamente a paisagem através da janela, ela pensava que Paris se aproximava cada vez mais a cada minuto, levando-a para mais perto de Michel. Ela observou as nuvens baixas e cinzentas se juntarem, as primeiras gotas grossas de chuva respingarem no vidro, escorrerem devagar e desaparecerem, achatadas pelo vento.

O trem parou na estação de Austerlitz. A estação de onde ela tinha saído com seus pais naquele dia quente e poeirento. A menina seguiu o velho casal para fora do trem, seguindo para a plataforma e para o metrô.

O andar de Jules vacilou. Eles levantaram os olhos. Diretamente à frente, viram filas de policiais em seus uniformes azul-marinho, parando passageiros, exigindo carteiras de identidade. Geneviève nada disse e gentilmente os empurrou para que continuassem. Ela caminhava a passo firme, erguendo seu queixo arredondado. Jules a seguiu, subitamente desperto, agarrando a mão de Sarah.

De pé na fila, Sarah estudou o rosto do policial. Um homem de seus 40 anos, usando uma grossa aliança de casamento de ouro. Ele parecia indiferente. Mas ela percebeu que seus olhos se moviam com rapidez do papel em sua mão para a pessoa à frente dele. Ele estava fazendo seu trabalho diligentemente.

Sarah fez com que sua mente ficasse vazia. Não queria pensar no que poderia acontecer. Ela não se sentia forte o bastante para visualizar. Deixou seus pensamentos vagarem. Pensou no gato que tinham, um gato que a fazia espirrar. Qual era mesmo o nome do gato? Não conseguia se lembrar. Algo bobo como Bonbon ou Réglysse. Eles deram o gato para alguém porque ele causava coceira no nariz dela e seus olhos ficavam vermelhos e inchados. Ela ficou triste e Michel chorou o dia inteiro. Michel disse que era tudo culpa dela.

O homem estendeu a mão de forma entediada. Jules entregou-lhe as carteiras de identidade em um envelope. O homem baixou os olhos e remexeu dentro dele, com os olhos disparando para Jules e depois para Geneviève. Em seguida, ele disse: – A criança? Jules apontou para as carteiras.

– A carteira da criança está aí, Monsieur. Junto com as nossas. Com um polegar hábil, o homem abriu o envelope ainda mais. Uma grande nota

dobrada em três apareceu no fundo do envelope. O homem não se mexeu. Ele baixou os olhos novamente para o dinheiro e depois para o rosto de Sarah. Ela

olhou para ele também. Ela não se encolheu nem suplicou. Ela simplesmente olhou para ele.

O momento pareceu se arrastar, interminável, como aquele interminável minuto quando o homem finalmente a deixou escapar do campo.

O homem fez um sinal ríspido com a cabeça. Ele devolveu as carteiras para Jules e colocou o envelope no bolso com um gesto fluido. Depois, deu um passo para o lado para deixá-los passar.

– Obrigado, Monsieur – ele disse. – O próximo, por favor.



## Capítulo 37

A VOZ DE CHARLA ECOOU dentro do meu ouvido. – Julia, você está falando sério? Ele não pode ter dito isso. Ele não pode colocar você nessa situação. Ele não tem esse direito.

Era a voz da advogada que eu estava ouvindo, a advogada tenaz e agressiva de Manhattan que não tinha medo de nada nem de ninguém.

– Pois ele disse – respondi, desanimada. – Ele disse que seria o fim de nós dois. Ele disse que me deixaria se eu tivesse essa criança. Disse que se sente velho, que não pode lidar com outra criança, que ele simplesmente não quer ser um pai velho.

Houve uma pausa.

– Isso tem algo a ver com a mulher com quem ele teve aquele caso? – perguntou Charla. – Não lembro o nome dela.

– Não, Bertrand não falou nela nem uma vez.

– Não o deixe pressioná-la a fazer nada, Julia. Essa criança é sua também. Jamais se esqueça disso, minha querida.

A frase de minha irmã ficou ecoando dentro de mim o dia todo. “Essa criança é sua também Eu havia conversado com minha médica. Ela não ficou surpresa com a decisão de Bertrand. Sugeriu que talvez ele estivesse passando pela crise da meia-idade. Que a responsabilidade de outro filho era demais para ele suportar. Que ele estava frágil. Acontecia com muitos homens chegando aos 50.

Estaria Bertrand realmente passando por uma crise? Se fosse esse o caso, eu não havia percebido a chegada dela. Como isso era possível? Eu estava pensando que ele estava simplesmente sendo egoísta, que ele estava pensando em si mesmo, como sempre. Eu disse isso a ele durante a nossa conversa. Disse a ele tudo o que estava na minha cabeça. Como ele poderia impor um aborto depois dos vários abortos espontâneos pelos quais eu tinha passado, depois da dor, das esperanças destruídas, do desespero? Ele me amava? perguntei, desesperada. Ele realmente me amava? Ele me olhou, assentindo com a cabeça. Claro que ele me amava. Como eu podia ser tão boba? ele perguntou. E sua voz comovida voltou à minha mente, o modo afetado como ele admitiu seu medo de envelhecer. Uma crise de meia-idade. Talvez minha médica estivesse certa, afinal de contas. E talvez eu não tenha percebido porque estava com muitas coisas na cabeça durante os últimos meses. Sentime totalmente perdida. Incapaz de lidar com Bertrand e sua ansiedade.

Minha médica me informou que eu não tinha muito tempo para tomar minha decisão. Já estava com seis semanas de gravidez. Se eu fosse abortar, teria que fazê-lo dentro das próximas duas semanas. Teríamos que fazer testes, encontrar uma clínica. Ela sugeriu que Bertrand e eu conversássemos sobre isso com um conselheiro matrimonial. Tínhamos que discutir o assunto, tínhamos que tratar da questão abertamente.

– Se você abortar contra a sua vontade – minha médica observou – você jamais irá

perdoá-lo. E se você não o fizer, ele já admitiu para você como essa situação é intolerável para ele. Tudo isso precisa ser resolvido, e rápido.

Ela tinha razão. Mas eu não podia me forçar a apressar as coisas. Cada minuto que eu ganhava representava mais sessenta segundos para essa criança. Uma criança que eu já amava. Ela ainda não era maior do que um grão de feijão e eu já a amava tanto quanto amava Zoé.

Fui à casa de Isabelle. Ela morava em um pequeno e colorido duplex na rue de Tolbiac. Eu simplesmente não tinha vontade de voltar para casa depois do escritório e esperar pela volta do meu marido. Eu não conseguiria encarar a situação. Liguei para Elsa, a babá, e pedi-lhe que assumisse a casa. Isabelle preparou para mim algumas torradas com crottin de chavignol e fez rapidamente uma delicada salada. Seu marido estava viajando a negócios.

– Tudo bem, cocotte – ela começou, sentando-se à minha frente e fumando, soprando a fumaça para longe de mim - tente visualizar sua vida sem Bertrand. Tente imaginar. O divórcio. Os advogados. As conseqüências. Como tudo isso iria afetar Zoé. Como seriam suas vidas. Casas separadas. Existências separadas. Zoé saindo de sua casa e indo para a dele. Da casa dele para a sua. Não haveria mais uma família de verdade. Cafés-da-manhã juntos, Natais juntos, férias juntos, nunca mais. Você pode fazer isso? Você consegue imaginar isso? Eu a encarei. Parecia impensável. Impossível. E, ainda assim, acontecia com muita frequência. Zoé era praticamente a única criança em sua turma com pais que estavam casados há 15 anos. Eu disse a Isabelle que não podia mais falar no assunto. Ela me ofereceu um pouco de musse de chocolate e assistimos a Duas Garotas Românticas no DVD. Quando cheguei em casa, Bertrand estava no chuveiro e Zoé, na terra dos sonhos. Fui direto para a cama. Meu marido foi assistir a televisão na sala de estar. Na hora em que ele foi para a cama, eu já estava dormindo.

Hoje foi dia de “visitar Mame”. Pela primeira vez, quase telefonei para cancelar. Eu me sentia exausta. Queria ficar na cama e dormir a manhã toda. Mas eu sabia que ela estaria esperando por mim. Eu sabia que ela estaria usando seu melhor vestido cinza e lilás, com seu batom cor de rubi e seu perfume Shalimar. Eu não podia desapontá-la. Quando cheguei, pouco antes do meio-dia, percebi a Mercedes prata de meu sogro estacionada no jardim da clínica de repouso. Isso me irritou.

Ele estava ali porque queria me ver. Ele nunca vinha visitar a mãe ao mesmo tempo que eu. Todos nós tínhamos nossos agendamentos específicos. Laure e Cécile vinham nos fins de semana, Colette nas tardes de segunda-feira, Edouard às terças e sextas, eu geralmente vinha nas tardes de quarta-feira com Zoé, e sozinha às quintas-feiras ao meio-dia. E cada um de nós cumpria essa agenda.

Pois bem, lá estava ele, sentado muito ereto, ouvindo sua mãe. Ela havia acabado almoço, sempre servido ridiculamente cedo. De repente, sentime nervosa, como uma estudante culpada de alguma travessura. O que ele queria comigo? Ele não podia simplesmente pegar o telefone e me ligar, se quisesse me ver? Por que esperar até agora? Disfarçando todos os ressentimentos e a ansiedade com um sorriso caloroso, eu o beijei nas faces e me sentei perto de Mame, tomando a mão dela, como sempre fiz. Eu meio que esperava que ele fosse embora, mas ele permaneceu lá, observando-nos com



uma expressão amável. Era desconfortável. Eu sentia como se tivesse minha privacidade invadida, que cada palavra que eu dizia a Mame estava sendo ouvida e julgada.

Depois de meia hora, ele se levantou, olhando para o relógio, lançando-me um sorriso estranho.

– Preciso falar com você, Julia, por favor – ele murmurou, baixando a voz de modo que os velhos ouvidos de Mame não pudessem captar. Percebi que ele parecia repentinamente nervoso, arrastando os pés, olhando para mim com impaciência. Então, dei um beijo de despedida em Mame e o segui até o carro dele. Ele fez um gesto para que eu entrasse. Ele se sentou ao meu lado, remexeu as chaves com os dedos, mas não as colocou na ignição. Esperei, surpresa com os movimentos ansiosos dos dedos dele. O silêncio imperava, total e pesado. Olhei à nossa volta para o jardim pavimentado, observando enfermeiras auxiliando idosos em cadeiras de rodas a entrar e a sair das dependências da clínica.

Finalmente, ele começou a falar.

– Como você vai indo? – perguntou, com o mesmo sorriso forçado. – Estou bem – respondi. – E você? – Vou indo bem. Colette também vai bem.

Outro silêncio.

– Falei com Zoé na noite passada, quando você não estava – ele continuou, sem olhar para mim.

Estudei seu perfil, o nariz imperial, o queixo régio.

– Sim? – eu disse, cuidadosa.

– Ela me contou que você anda fazendo uma pesquisa... Ele parou, com as chaves tilintando nas mãos.

– Pesquisa sobre o apartamento – ele disse, finalmente voltando os olhos para mim.

Fiz que sim com a cabeça.

– Sim, eu descobri quem morava lá antes de vocês se mudarem. Zoé provavelmente lhe contou isso também.

Ele suspirou, e seu queixo afundou no peito, com pequenas dobras de pele cobrindo o colarinho.

– Julia, eu lhe avisei, lembra-se? Meu sangue começou a ferver rapidamente. – Você me disse para parar de fazer perguntas a Mame – retruquei bruscamente. – E foi isso que eu fiz.

– Então, por que você tinha que continuar indagando sobre o passado? – ele perguntou. Seu rosto havia ficado pálido. Estava respirando dolorosamente, como se isso o machucasse.

Então era isso. Agora eu sabia por que ele queria falar comigo hoje. – Descobri quem morou lá – continuei acaloradamente - e isso é tudo. Eu tinha que saber quem eles eram. E não sei nada mais do que isso. Eu não sei o que sua família teve a ver com a

história toda...

– Nada! – ele interrompeu, quase gritando. – Não tivemos nada a ver com a prisão daquela família.

Permaneci em silêncio, encarando-o. Ele estava tremendo, mas eu não sabia dizer se era raiva ou alguma outra coisa.

– Não tivemos nada a ver com a prisão daquela família – ele repetiu veementemente. – Eles foram presos durante a batida policial do Vel' d'Hiv. Nós não os denunciámos, nem fizemos nada parecido, você está entendendo? Olhei para ele, chocada. – Edouard, eu nunca imaginei tal coisa. Nunca! Ele tentou recobrar a calma, alisando sua sobrancelha com dedos nervosos.

– Você estava fazendo muitas perguntas, Julia. Você estava sendo muito curiosa. Deixe-me contar como aconteceu. Ouça-me. Havia aquela concierge, Madame Royer. Ela era amiga de nossa concierge quando morávamos na rue de Turenne, não muito longe da rue de Saintonge. Madame Royer gostava de Mame, que era simpática com ela. Em primeiro lugar, foi ela quem disse a meus pais que o apartamento estava vago. O aluguel era bom e barato. Era maior do que o lugar onde morávamos na rue de Turenne. Foi assim que aconteceu. Foi assim que nós nos mudamos. Isso é tudo! Continuei a encará-lo e ele continuava a tremer. Eu nunca o tinha visto tão perturbado, tão perdido. Toquei a manga de sua camisa, hesitante.

– Você está bem, Edouard? – perguntei. Seu corpo tremia sob a minha mão. Eu me perguntei se ele estaria doente.

– Sim, estou bem – ele respondeu, mas sua voz estava rouca. Eu não conseguia entender por que ele estava tão agitado, tão lívido.

– Mame não sabe – ele continuou, baixando a voz. – Ninguém sabe. Você entende? Ela não deve saber. Ela não deve saber nunca.

Fiquei perplexa.

– Saber o quê? – perguntei. – Do que você está falando, Edouard? – Julia – ele disse, com seus olhos penetrando nos meus - você sabe quem era a família, você viu os nomes deles.

– Não estou entendendo – murmurei.

– Você viu os nomes deles, não viu? – ele vociferou, fazendo-me dar um salto. – Você sabe o que aconteceu. Não sabe? Eu devo ter parecido completamente perdida, porque ele suspirou e enterrou o rosto nas mãos.

Eu fiquei sentada lá, muda. Mas, afinal de contas, do que ele estava falando? O que havia acontecido que ninguém sabia? – A menina – ele disse finalmente, levantando os olhos, com a voz tão baixa que eu mal podia ouvir. – O que você descobriu sobre a menina? – Como assim? – perguntei, petrificada.

Havia algo em sua voz e em seus olhos que me assustou. – A menina – ele repetiu, com a voz abafada e estranha. – Ela voltou. Algumas

semanas depois que nós nos mudamos. Ela voltou para a rue de Saintonge. Eu

tinha 12 anos. Nunca vou me esquecer. Nunca vou me esquecer de Sarah Starzynski.

Para meu horror, vi seu rosto desabar. As lágrimas começaram a escorrer devagar pelas suas faces. Eu não conseguia falar. Eu só conseguia esperar e ouvir. Aquele não era mais o meu sogro arrogante.

Aquela era outra pessoa. Alguém que carregava um segredo há muitos anos. Sessenta anos.

## Capítulo 38

FOI UMA VIAGEM RÁPIDA de metrô até a rue de Saintonge. Apenas algumas estações e uma baldeação em Bastille. Quando viraram na rue de Bretagne, o coração de Sarah começou a bater mais rápido. Ela estava indo para casa. Ela estaria em casa daqui a alguns minutos. Talvez, enquanto estivera fora, seu pai ou sua mãe tivessem conseguido voltar e talvez estivessem todos esperando por ela, com Michel, no apartamento, esperando por sua volta. Ela estava louca por pensar isso? Estaria fora de si? Ela não podia ter esperança, não tinha permissão para tal? Tinha 10 anos e queria ter esperança, queria acreditar, mais do que tudo, mais do que a própria vida.

Puxando com força a mão de Jules, apressando-o a subir a rua, Sarah sentia a esperança crescer como uma planta louca e selvagem que ela não conseguia mais domar. Uma voz baixa e grave dentro dela dizia: “Sarah, não tenha esperança, não acredite, tente ficar preparada, tente imaginar que ninguém está esperando por você, que Papa e Maman não estão lá, que o apartamento está todo sujo e empoeirado, e que Michel... Michel...” O número 26 surgiu à frente deles. Ela percebeu que nada havia mudado na rua. Ainda era a mesma rua estreita e silenciosa que ela sempre havia conhecido. Ela se perguntou como era possível que vidas inteiras pudessem mudar, ser destruídas, e que as ruas e os prédios continuassem os mesmos.

Jules empurrou a porta pesada para abri-la. O pátio estava exatamente do mesmo jeito, com suas folhagens verdes, o cheiro de poeira bolorenta, de umidade. Ao passar pelo pátio, Madame Royer abriu a porta de seu quarto e colocou a cabeça para fora. Sarah soltou a mão de Jules e se precipitou para as escadas. Rápido agora, ela tinha que ser rápida, finalmente estava em casa, não havia tempo a perder.

Ela ouviu a frase inquisitiva da concierge quando chegou ao primeiro andar, já sem fôlego: – Procurando alguém? A voz de Jules a seguiu escada acima: – Estamos procurando pela família Starzynski.

Sarah ouviu a risada de Madame Royer, um som perturbador e irritante: – Foram embora, Monsieur! Desapareceram! Vocês não vão encontrá-los aqui, com certeza.

Sarah fez uma pausa no alto das escadas do segundo andar e espiou o pátio. Ela via Madame Royer lá de pé, com seu avental azul sujo, com a pequena Suzanne sobre seu ombro. Foram embora... Desapareceram... O que a concierge queria dizer com isso? Desapareceram e foram para onde? Quando? Não havia tempo a perder, não havia tempo para pensar nisso agora, pensou a menina, havia mais dois lances de escada antes de chegar em casa. Mas a voz aguda da concierge chegava até ela enquanto subia as escadas rapidamente: – Os policiais vieram buscá-los, Monsieur. Vieram buscar todos os judeus da área. Levaram todos em um ônibus enorme. Há muitos apartamentos vazios aqui agora, Monsieur. O senhor está procurando um apartamento para alugar? O dos Starzynski já foi alugado, mas eu poderia ajudar. Há um apartamento muito agradável no segundo andar, se estiverem interessados. Posso mostrá-lo a vocês! Ofegante, Sarah chegou ao quarto andar. Ela estava tão sem fôlego que precisou se apoiar na parede e pressionar o punho contra a dor na lateral do corpo.

Ela esmurrou a porta do apartamento dos pais com golpes rápidos e incisivos

usando as palmas das mãos. Nenhuma resposta. Ela bateu novamente, mais forte, com os punhos.

Então, ouviu passos atrás da porta. Ela se abriu.

Surgiu um menino de 12 ou 13 anos.

– Pois não? – ele perguntou.

Quem era ele? O que ele estava fazendo no apartamento dela? – Vim buscar meu irmão – ela gaguejou. – Quem é você? Onde está Michel? – Seu

irmão? – disse o menino lentamente. – Não há nenhum Michel aqui. Ela o empurrou com brutalidade, mal percebendo os quadros novos na parede da entrada, uma estante desconhecida e um estranho tapete vermelho e verde. Atônito, o menino gritou, mas ela não parou, disparando pelo corredor comprido e familiar e virando à esquerda, para o seu quarto. Ela não percebeu o novo papel de parede, a cama nova, os pertences que nada tinham a ver com ela.

O menino gritou pelo pai e houve um tumulto surpreso de passos no cômodo ao lado.

Sarah arrancou a chave de seu bolso e pressionou o dispositivo com a palma da mão. A fechadura oculta ficou à mostra.

Ela ouviu a campainha da porta soar e um murmúrio de vozes alarmadas se aproximando. A voz de Jules. A voz de Geneviève e a voz desconhecida de um homem.

Rápido agora, ela tinha que ser rápida. Ela murmurava repetidamente “Michel, Michel, Michel, sou eu, Sirká”. Seus dedos tremiam tanto que ela deixou a chave cair.

Atrás de seu ombro, o menino chegou correndo, sem fôlego. – O que você está fazendo? – ele disse ofegante. – O que você está fazendo no meu quarto? Ela o ignorou e apanhou a chave. Atrapalhou-se com a fechadura. Estava nervosa demais, impaciente demais. Ela levou alguns instantes para conseguir fazê-la funcionar. A fechadura finalmente fez um clique e ela puxou a porta secreta para abri-la.

Um cheiro putrefato golpeou-a como um soco. Ela se afastou. O menino ao seu lado recuou, assustado. Sarah caiu de joelhos.

Um homem alto de cabelos grisalhos invadiu o quarto, seguido por Jules e Geneviève.

Sarah não conseguia falar, ela apenas tremia. Seus dedos cobriam os olhos e o nariz, bloqueando o cheiro.

Jules se aproximou, pôs uma das mãos sobre o ombro dela, deu uma olhada para dentro do armário. Ela o sentiu envolvendo-a em seus braços, tentando carregá-la dali.

Ele murmurou em seu ouvido: – Venha, Sarah, venha comigo. Ela lutou com todas as suas forças, arranhando, chutando, mordendo – ela era toda dentes e unhas - e conseguiu se desvencilhar para voltar para a porta aberta do armário.

No fundo do armário, ela viu a pequena massa de um corpo imóvel, enroscado. E então ela viu o amado rostinho, enegrecido, irreconhecível.

Ela caiu novamente de joelhos, e gritou com todas as suas forças. Gritou por sua mãe, por seu pai, por Michel.

## Capítulo 39

EDOUARD TÉZAC APERTO O VOLANTE com as mãos até que os nós de seus dedos ficaram brancos. Eu o encarava com os olhos arregalados, hipnotizada.

– Ainda posso ouvir o grito dela – ele sussurrou. – Não consigo esquecer. Jamais. Eu me sentia atordoada com o que sabia agora. Sarah Starzynski havia escapado de Beaune-la-Rolande. Ela voltara à rue de Saintonge. Ela havia feito uma horrível descoberta.

Eu não conseguia falar. Conseguia somente olhar para o meu sogro. Ele continuou com uma voz rouca e baixa.

– Houve um momento assustador, quando meu pai olhou para dentro do armário. Tentei olhar também. Ele me puxou. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Havia aquele cheiro... O cheiro de algo podre, fétido. Depois, meu pai lentamente retirou o corpo de um menino morto. Uma criança de não mais de 3 ou 4 anos de idade. Eu nunca tinha visto um cadáver na vida. Foi uma visão muito dolorosa. O menino tinha cabelos louros ondulados. Estava enrijecido, enroscado, com o rosto pousado sobre as mãos. Tinha uma cor esverdeada, horrível.

Ele parou de falar. As palavras o faziam engasgar. Pensei que ele fosse vomitar. Toquei seu cotovelo, tentei transmitir minha solidariedade, meu calor humano. Era uma situação irreal, eu tentando confortar meu sogro orgulhoso e arrogante reduzido a lágrimas – um senhor trêmulo. Ele enxugou os olhos com dedos inseguros. Depois, continuou.

– Ficamos todos lá, horrorizados. A menina desmaiou. Ela caiu direto no chão. Meu pai a tomou nos braços e a colocou sobre a minha cama. Ela voltou a si, viu o rosto dele e recuou, gritando. Comecei a compreender, ouvindo meu pai e o casal que havia chegado com ela. O menino morto era seu irmãozinho. Nosso apartamento novo havia sido a casa dela. O menino fora escondido lá no dia da batida policial do Vel' d'Hiv, 16 de julho. A menina pensou que iria conseguir voltar para libertá-lo, mas ela foi levada para um campo fora de Paris.

Uma nova pausa que me pareceu interminável.

– E depois? O que aconteceu? – perguntei, finalmente conseguindo falar. – O casal veio de Orléans. A menina havia escapado de um campo próximo e acabou chegando à propriedade deles. Eles haviam decidido ajudá-la, trazendo-a de volta Paris, para sua casa. Meu pai lhes disse que nossa família havia se mudado no fim de julho. Ele não sabia sobre o armário que ficava no meu quarto. Nenhum de nós sabia. Eu tinha percebido um forte mau cheiro e meu pai pensou que havia algo errado com o esgoto. Estávamos aguardando o encanador naquela semana.

– O que seu pai fez com... o menininho? – Eu não sei. Eu lembro que ele disse que queria cuidar de tudo. Ele estava em estado de choque, terrivelmente triste. Acho que o velho casal levou o corpo. Não tenho certeza. Não me lembro.

– E depois? – indaguei, sem fôlego. Ele me lançou um olhar sarcástico. – E depois? E depois? – Uma risada amarga. – Julia, você consegue imaginar como nós nos

sentimos depois que a menina foi embora? O modo como ela olhou para nós. Ela nos odiava. Tinha aversão a nós. Para ela, nós éramos os responsáveis. Éramos criminosos. Criminosos da pior espécie. Havíamos nos mudado para a casa dela. Havíamos deixado o irmão dela morrer. Seus olhos... Tanto ódio, tanta dor, tanto desespero! Os olhos de uma mulher no rosto de uma menina de 10 anos.

Eu conseguia ver aqueles olhos também. Estremeci. Edouard suspirou e esfregou seu rosto cansado e empalidecido com as palmas das mãos.

– Depois que eles foram embora, meu pai se sentou e colocou a cabeça nas mãos. Ele chorou. Por muito tempo. Eu nunca havia visto meu pai chorar. Ele era um homem forte e rude. Disseram-me que os homens da família Tézac nunca choram e nunca demonstram suas emoções. Foi um momento terrível. Ele disse que algo de monstruoso havia acontecido. Algo de que ele e eu nos lembraríamos durante toda a nossa vida. Depois, ele começou a me dizer coisas que jamais havia mencionado. Disse que eu tinha idade suficiente para saber. Disse que não perguntou a Madame Royer sobre quem morava no apartamento antes que nos mudássemos. Ele sabia que havia sido uma família judia, e que eles haviam sido presos durante aquela grande batida policial. Mas ele fechara os olhos. Ele fechou os olhos, como tantos outros parisienses, durante aquele terrível ano de 1942. Fechou os olhos no dia da batida policial, quando viu todas aquelas pessoas sendo levadas, amontoadas em ônibus, sabe Deus para onde. Ele sequer perguntou por que o apartamento estava vazio, o que havia acontecido com os pertences da família. Ele agiu como qualquer outro membro de uma família parisiense, ávido por se mudar para um lugar maior e melhor. Ele fechou os olhos. E, depois, aconteceu isso. A menina voltou e o menininho estava morto. Ele provavelmente já estava morto quando nós nos mudamos. Meu pai disse que nós jamais conseguiríamos esquecer. Nunca. E ele estava certo, Julia. Ficou lá, dentro de nós. E está aqui dentro de mim há sessenta anos.

Ele parou de falar, com o queixo ainda pressionado contra o peito. Tentei imaginar o que deve ter sido para ele carregar aquele segredo por tanto tempo.

– E Mame? – perguntei, determinada a fazê-lo falar, a arrancar dele a história toda. Ele balançou a cabeça lentamente.

– Mame não estava lá naquela tarde. Meu pai não queria que ela descobrisse o que havia acontecido. Ele se sentiu dominado pela culpa, sentia como se fosse culpado, mesmo que, é claro, não fosse. Não suportava a idéia de que ela ficasse sabendo. E de que talvez o julgasse. Ele me disse que eu tinha idade suficiente para guardar um segredo. Ela jamais deve saber, ele disse. Ele parecia tão desesperado, tão triste. Então, eu concordei em guardar segredo.

– E ela ainda não sabe? – falei baixinho.

Ele suspirou de novo, profundamente.

– Não tenho certeza, Julia. Ela sabia sobre a batida policial. Todos nós sabíamos, aconteceu bem na nossa frente. Quando ela voltou para casa naquela noite, meu pai e eu estávamos tão estranhos, tão esquisitos, que ela sentiu que algo havia acontecido. Naquela noite, e muitas noites depois, eu continuava vendo o menino morto. Eu tinha



pesadelos. Eles duraram até os vinte e poucos anos. Fiquei aliviado ao nos mudarmos daquele apartamento. Acho que talvez minha mãe soubesse. Acho que talvez ela estivesse a par da situação pela qual meu pai passou e como ele deve ter se sentido. Talvez ele tenha finalmente contado a ela, porque era demais para suportar tudo sozinho. Ela nunca conversou comigo sobre isso.

– E Bertrand? E suas filhas? E Colette? – Eles não sabem de nada. – Por que não? – perguntei.

Ele colocou uma das mãos sobre o meu pulso. Estava gelada, e seu toque frio penetrava na minha pele como gelo.

– Porque eu prometi ao meu pai, em seu leito de morte, que não contaria aos meus filhos ou à minha mulher. Ele carregou sua culpa com ele pelo resto da vida. Não podia dividi-la com ninguém. Não podia falar com ninguém sobre esse assunto. E eu respeitei isso. Você entende? Assenti.

– É claro.

Fiz uma pausa.

– Edouard, o que aconteceu com Sarah? Ele sacudiu a cabeça. – Entre 1942 e o momento final em seu leito de morte, meu pai nunca pronunciou

o nome dela. Sarah tornou-se um segredo. Um segredo no qual jamais parei de pensar. Acho que meu pai nunca percebeu quanto eu pensava nela. Como seu silêncio com relação a ela me fazia sofrer. Eu ansiava por saber como e onde ela estava, o que havia acontecido com ela. Mas toda vez que eu tentava perguntar, ele me fazia calar. Eu não conseguia acreditar que ele não se importava mais, que ele havia virado a página, que ela não significava mais nada para ele. Era como se ele quisesse enterrar tudo no passado.

– Você guardou rancor por ele com relação a isso? Ele fez que sim com a cabeça. – Guardei. Eu tinha rancor dele. Minha admiração por ele estava manchada para sempre. Mas eu não podia lhe dizer isso. E nunca disse.

Ficamos em silêncio por um pequeno instante. As enfermeiras provavelmente estavam começando a se perguntar por que Monsieur Tézac e sua nora estavam sentados no carro há tanto tempo.

– Edouard, você não quer saber o que aconteceu a Sarah Starzynski? Ele sorriu pela primeira vez.

– Eu não saberia por onde começar – ele respondeu. Também sorri. – Mas esse é o meu trabalho. Eu posso ajudá-lo.

Seu rosto pareceu menos perturbado, menos pálido. Seus olhos subitamente brilharam, cheios de uma nova luz.

– Julia, há uma última coisa. Quando meu pai morreu, quase trinta anos atrás, o advogado dele me disse que alguns papéis confidenciais estavam guardados no cofre.

– Você os leu? – perguntei. Meu pulso se acelerou. Ele baixou os olhos. – Dei uma olhada, rapidamente, logo após a morte de meu pai. – E...? – eu disse, sem fôlego.

– Apenas papéis da loja, coisas relativas a pinturas, móveis, prataria. – Isso é tudo? Ele sorriu com meu evidente desapontamento. – Creio que sim.

– Como assim? – perguntei, perplexa.

– Eu nunca li os papéis novamente depois disso. Examinei a pilha rapidamente e me lembro de ficar furioso por não haver nada lá sobre Sarah. Fiquei ainda mais magoado com meu pai.

Mordi o lábio.

– Então você está me dizendo que não tem certeza de que não há nada lá. – E eu nunca verifiquei novamente.

– Por que não? Ele apertou os lábios.

– Por que eu não queria ter certeza de que não há nada lá. – E se sentir ainda pior com relação ao seu pai.

– Isso – ele admitiu.

– Então você não sabe com certeza o que tem lá. Você não sabe há trinta anos. – Não – respondeu ele.

Nossos olhos se encontraram. Levou apenas alguns segundos. Ele deu a partida no carro. Dirigiu como um alucinado para onde presumi ser o

local do banco. Eu jamais vira Edouard dirigir tão velozmente. Os motoristas brandiam punhos furiosos. Os pedestres corriam para os lados, aterrorizados. Não dissemos uma só palavra enquanto nos movíamos rapidamente, mas nosso silêncio era caloroso e animado. Estávamos compartilhando aquilo. Estávamos compartilhando algo pela primeira vez. Ficávamos olhando um para o outro e sorrindo.

Mas quando encontramos um lugar para estacionar na avenue Bos-quet e correremos para o banco, este estava fechado para o almoço, outro costume tipicamente francês que me irritava, especialmente hoje. Fiquei tão desapontada que quase chorei.

Edouard me beijou nas duas faces e me afastou gentilmente. – Vá, Julia. Voltarei às duas, quando abrir. Eu ligo se houver alguma coisa lá. Caminhei pela avenida e peguei o ônibus 92, que me deixaria em frente ao escritório, sobre o Sena.

Enquanto o ônibus se afastava, eu me virei e vi Edouard esperando na frente do banco – uma figura rígida e solitária em seu casaco verde-escuro.

Eu me perguntei como ele se sentiria se não houvesse nada no cofre sobre Sarah, apenas pilhas de papéis sobre pinturas antigas e porcelanas.

E senti afeição por ele.

## Capítulo 40

TEM CERTEZA DISSO, Miss Jarmond? – minha médica perguntou. Ela me olhava por cima dos óculos em forma de meia-lua.

– Não – respondi com sinceridade. – Mas no momento preciso tomar essas providências.

Ela correu os olhos pela minha ficha médica.

– Ficarei feliz por marcar esses exames, mas não tenho certeza de que você está inteiramente confortável com sua decisão.

Meus pensamentos voltaram para a noite anterior. Bertrand havia sido excepcionalmente carinhoso e atencioso. Ele passou a noite toda comigo nos braços, repetiu diversas vezes que me amava, que precisava de mim, mas que ele não conseguia encarar a perspectiva de ter um filho tão tarde. Ele sentia que envelhecer nos faria ficar mais próximos, que poderíamos viajar com frequência, enquanto Zoé estava ficando mais independente. Ele havia visualizado os nossos 50 anos como uma segunda lua-de-mel.

Eu o ouvi, com as lágrimas descendo pelo meu rosto no escuro, sentindo a ironia da situação toda. Ele estava dizendo tudo, cada palavra, que eu sempre havia sonhado ouvir dele. Estava tudo lá, a gentileza, o comprometimento, a generosidade. Mas o obstáculo era que eu estava carregando um bebê que ele não queria. Minha última chance de ser mãe. Eu ficava pensando no que Charla havia dito: “Essa criança também é sua.” Durante anos eu desejei dar a Bertrand outro filho. Provar a mim mesma que eu podia ser a esposa perfeita que os Tézac aprovassem e respeitassem. Mas agora eu percebia que queria essa criança para mim mesma. Meu bebê. Meu último filho. Eu desejava sentir o peso de seu corpinho em meus braços. Eu ansiava pelo aroma suave e leitoso de sua pele. Meu bebê. Sim, Bertrand era o pai, mas essa criança era minha. Minha carne. Meu sangue. Eu ansiava pelo nascimento, pela sensação da cabeça do bebê saindo de mim, por aquela sensação pura e inconfundível de trazer uma criança ao mundo, ainda que com dor e lágrimas. Eu queria aquelas lágrimas, eu queria aquela dor. Eu não queria a dor do vazio, as lágrimas de um ventre infértil e cicatrizado.

Sai do consultório de minha médica e fui em direção a Saint-Ger-main, onde iria encontrar Hervé e Christophe para um drinque no Café de Flore. Eu não havia planejado revelar nada, mas eles deram uma olhada em meu rosto e suspiraram de preocupação. Então, a coisa saiu. Como sempre, eles tinham opiniões opostas. Hervé achava que eu devia abortar, pois meu casamento era o assunto mais importante. Christophe insistiu que o bebê era o ponto crucial. Não havia como não ter essa criança. Eu iria me arrepender pelo resto da minha vida.

A discussão entre eles ficou tão acalorada que se esqueceram da minha presença e começaram a brigar. Eu não podia agüentar. Eu os interrompi batendo na mesa com o punho cerrado, fazendo com que os copos chacoalhassem. Eles olharam para mim com surpresa. Esse não era o meu estilo. Pedi desculpas, disse que estava muito cansada para continuar discutindo o assunto e fui embora. Eles ficaram embasbacados e consternados. Não importa, pensei. Eu daria um jeito nisso, em outra ocasião. Eles

eram os meus amigos mais antigos. Eles compreenderiam.

Fui para casa andando, passando pelo Jardim de Luxemburgo. Não tinha notícias de Edouard desde o dia anterior. Será que isso significava que ele tinha examinado o cofre do pai e não havia achado nada relativo a Sarah? Eu podia imaginar a mágoa e o ressentimento voltando à tona. O desapontamento também. Eu me sentia culpada, como se fosse tudo culpa minha, esfregando sal em sua velha ferida.

Caminhei lentamente pelas alamedas tortuosas e floridas, evitando os atletas que corriam, caminhantes, idosos, jardineiros, turistas, namorados, viciados em tai chi, jogadores de pétanque, adolescentes, pessoas que liam, outras que tomavam banho de sol. A gente habitual do Luxemburgo. E tantos bebês! E cada bebê que eu via, é claro, fazia-me pensar no minúsculo ser que eu carregava dentro de mim.

Naquele dia, mais cedo, antes da consulta com minha médica, conversei com Isabelle. Ela me apoiou de forma particularmente encorajadora, como sempre, e chamou minha atenção para o fato de que a escolha era minha, não importando com quantos terapeutas ou amigos eu conversasse, de que lado eu estava examinando a questão nem a opinião de quem eu estivesse levando em consideração. Era minha escolha, ponto final, e era exatamente isso que fazia tudo ainda mais doloroso.

Uma coisa eu sabia: Zoé tinha que ficar fora disso a todo custo. Ela estaria de férias dentro de alguns dias, pronta para passar parte do verão em Long Island com os filhos de Charla, Cooper e Alex, e depois com meus pais, em Nahant. De certa forma, eu estava aliviada. Isso significava que o aborto seria realizado enquanto ela estivesse fora. Caso eu realmente concordasse com o aborto.

Quando cheguei em casa, havia um grande envelope bege em cima da minha escrivaninha. Zoé, no telefone com uma amiga, gritou do quarto que a concierge havia acabado de entregar.

Sem endereço, somente com minhas iniciais rabiscadas com tinta azul. Eu o abri e puxei de dentro um arquivo vermelho desbotado.

O nome “Sarah” saltou-me aos olhos.

Eu soube imediatamente o que era aquele arquivo. Obrigada, Edouard, eu disse para mim mesma fervorosamente. Obrigada, obrigada, obrigada.

## Capítulo 41

DENTRO DO ARQUIVO, HAVIA dúzias de cartas em papel fino azul, datadas de setembro de 1942 a abril de 1952, com caligrafia redonda e esmerada. Eu as li cuidadosamente. Eram todas de um certo Jules Dufaure, que morava perto de Orléans. Cada breve carta era sobre Sarah, seus progressos, sua educação escolar, sua saúde. Frases curtas e educadas. “Sarah está indo bem. Este ano, ela está aprendendo latim. Teve catapora na primavera passada.” “Sarah foi para a Bretanha neste verão com meus netos e visitou o Mont-Saint-Michel.” Presumi que Jules Dufaure era o senhor de idade que havia escondido Sarah depois que ela escapou de Beaune-la-Rolande, e que a havia levado para Paris no dia da horrível descoberta no armário. Mas por que Jules Dufaure estava escrevendo para André Tézac sobre Sarah? E com tantos detalhes? Eu não conseguia entender. Teria André pedido a ele que o fizesse? Depois, encontrei a explicação. Um extrato bancário. Todos os meses, André Tézac fazia com que seu banco enviasse dinheiro para os Dufaure, para Sarah. Percebi que era uma soma generosa. Isso aconteceu durante dez anos.

Durante esses anos, o pai de Edouard tentou ajudar Sarah, a seu próprio modo. Eu não conseguia parar de pensar no imenso alívio de Edouard quando descobriu tudo isso trancado no cofre. Eu o imaginei lendo essas mesmas cartas e fazendo a descoberta. Finalmente, era a redenção de seu pai, depois de tanto tempo.

Percebi que as cartas de Jules Dufaure não eram enviadas para a rue de Saintonge, mas para a antiga loja de André na rue de Turenne. Eu me perguntei a razão disso. Provavelmente por causa de Mame, supus. André não quis que ela soubesse. E ele também não quis que Sarah soubesse que ele estava enviando dinheiro para ela regularmente. A caligrafia caprichada de Jules Dufaure dizia: “Conforme sua solicitação, suas doações não foram reveladas a Sarah.” Na parte de trás do arquivo, encontrei um grande envelope de papel pardo. Retirei algumas fotografias de dentro dele. Os olhos oblíquos já conhecidos. Os cabelos claros. Como ela havia mudado desde a fotografia da escola em junho de 1942! Havia nela uma tristeza palpável. A alegria havia desaparecido de seu rosto. Ela já não era mais uma criança. Era uma jovem alta e esguia de cerca de 18 anos. Os mesmos olhos tristes, apesar do sorriso. Com ela, em uma praia, estavam dois rapazes mais ou menos da idade dela. Virei a foto. A caprichada caligrafia de Jules dizia: “Trouville, 1950. Sarah, com Gaspard e Nicolas Dufaure.” Pensei em tudo pelo que ela havia passado. O Vel’ d’Hiv. Beaune-la-Rolande. Seus pais. Seu irmão. Coisa demais para uma criança suportar.

Eu estava tão absorta em Sarah Starzynski que não senti a mão de Zoé roçar em meu ombro.

– Mamãe, quem é essa menina? Cobri rapidamente as fotos com o envelope, murmurando algo sobre um prazo apertado.

– Então, quem é ela? – Zoé perguntou.

– Ninguém que você conheça, querida – eu disse apressadamente, fingindo arrumar minha escrivainha.

Ela suspirou e disse com uma voz adulta e rápida: – Você anda esquisita, mãe.

Você acha que eu não sei, você acha que eu não vejo. Mas eu vejo tudo.

Ela se virou e saiu. Senti a culpa invadindo todo o meu ser. Levantei-me e a alcancei já no quarto.

– Você tem razão, Zoé. Eu ando esquisita. Sinto muito. Você não merece isso. Sentei-me em sua cama, incapaz de encarar seus olhos calmos e sábios. – Mamãe, por que você simplesmente não conversa comigo? Apenas me diga o que há de errado.

Senti uma dor de cabeça chegando. Uma daquelas fortes. – Você acha que eu não vou entender porque só tenho 11 anos, é isso? Assenti. Ela encolheu os ombros.

– Você não confia em mim, não é? – É claro que eu confio em você. Mas há coisas que eu não posso contar porque são tristes demais, difíceis demais. Eu não quero que você se magoe com essas coisas, da forma como elas me magoam.

Ela tocou em meu rosto carinhosamente, com os olhos brilhando. – Eu não quero ficar magoada. Você está certa, não me conte. Eu não vou dormir se souber. Mas me prometa que você vai ficar bem logo, logo. Eu a tomei em meus braços e dei-lhe um abraço apertado. Minha menina linda e corajosa. Minha linda filha. Eu tinha sorte em tê-la. Tanta sorte! Apesar do ataque violento de dor de cabeça, meus pensamentos deram uma guinada para o bebê. A irmã ou o irmão de Zoé. Ela não sabia de nada. Nada daquilo por que eu estava passando. Mordendo meu lábio, lutei contra as lágrimas. Depois de algum tempo, ela lentamente me afastou de si e olhou para mim.

– Me diz quem é aquela menina. A menina nas fotos em preto-e-branco. Aquelas que você estava tentando esconder de mim.

– Está bem – eu disse. – Mas é segredo, certo? Não diga nada a ninguém. Promete? Ela fez que sim com a cabeça.

– Prometo. Eu juro também.

– Você lembra que eu descobri quem morava no apartamento da rue de Saintonge antes de Mame se mudar para lá? Ela assentiu novamente.

– Você disse que era uma família polonesa que tinha uma menina da minha idade. – O nome dela é Sarah Starzynski. Aquelas fotos são dela. Zoé apertou os olhos para mim.

– Mas por que isso é segredo? Não estou entendendo.

– É um segredo de família. Algo muito triste aconteceu. Seu avô não quer que ninguém saiba a respeito. E seu pai não sabe nada sobre ela.

– Alguma coisa triste aconteceu com Sarah? – ela perguntou cuidadosamente. – Isso mesmo – respondi em voz baixa. – Uma coisa muito triste. – Você vai tentar encontrá-la? – ela perguntou, ficando séria com o meu tom de voz.

– Vou.

– Por quê? – Eu quero dizer a ela que nossa família não é o que ela pensa. Quero explicar o que aconteceu. Eu acho que ela não sabe o que seu bisavô fez para ajudá-la durante dez anos.

– E como ele a ajudou? – Ele enviava dinheiro para ela, todos os meses. Mas ele pediu que ela não soubesse.

Zoé ficou em silêncio por um momento.

– Como você vai encontrá-la? Suspirei.

– Eu não sei, querida. Apenas espero conseguir. Depois de 1952, não há nenhum sinal dela neste arquivo. Nem cartas, nem fotos. Nenhum endereço.

Zoé sentou-se sobre meus joelhos, pressionando suas costas esguias contra mim. Cheirei seus cabelos espessos e brilhantes, o familiar aroma adocicado típico de Zoé que sempre me lembrava de quando ela era pequenininha, e ajeitei com a palma da mão alguns fios de cabelo desarrumados.

Pensei em Sarah Starzynski, que tinha a idade de Zoé quando o horror entrou em sua vida.

Fechei os olhos. Mas eu ainda podia ver o momento no qual os policiais arrancaram as crianças de suas mães em Beaune-la-Rolande. Eu não conseguia tirar essa imagem de minha mente.

Abracei Zoé tão forte que ela respirou com dificuldade.

ESTRANHO COMO DATAS PODEM COINCIDIR . Quase irônico. Terça-feira, 16 de julho de 2002. A comemoração do Vel' d'Hiv. E precisamente a data do aborto que iria acontecer em uma clínica onde eu nunca estivera, em algum lugar do 175 arrondissement, perto da clínica de repouso de Mame. Eu havia solicitado outro dia, sentindo que a data de 16 de julho estava sobrecarregada de significados, mas não foi possível.

Zoé, recém-saída da escola, estava indo para Long Island via Nova York com sua madrinha, Alison, uma de minhas velhas amigas de Boston, que voava com frequência entre Manhattan e Paris. Eu iria me juntar à minha filha e à família de Charla no dia 27. Bertrand não tiraria férias antes de agosto. Normalmente, passávamos algumas semanas na Borgonha, na velha casa dos Tézac. Nunca gostei realmente dos verões que passei lá. Meus sogros eram tudo, menos relaxados. As refeições tinham que ser feitas pontualmente, as conversas eram amenas e as crianças eram vistas, mas não ouvidas. Eu me perguntava por que Bertrand sempre insistia para que passássemos algum tempo lá em vez de sairmos de férias apenas nós três. Felizmente, Zoé se dava bem com os meninos de Laure e Cécile. Bertrand jogava partidas de tênis intermináveis com os cunhados. E eu me sentia de fora, como sempre. Laure e Cécile ficavam a distância, ano após ano. Elas convidavam suas amigas divorciadas e passavam horas à beira da piscina bronzendo-se cuidadosamente. Elas queriam ficar com os seios bronzeados. Mesmo depois de 15 anos, eu ainda não estava acostumada. Eu jamais mostrava meus seios. E eu sentia como se elas rissem de mim pelas costas por eu ser a américaine pudica. Então, eu passava a maior parte dos meus dias caminhando pela floresta com Zoé, fazendo extenuantes passeios de bicicleta até que eu sentisse que conhecia a área de cor, e exibindo meu impecável nado borboleta enquanto as outras mulheres languidamente fumavam e se bronzeavam em seus minúsculos biquínis Erès que jamais entravam na piscina.

– Elas são apenas vacas francesas invejosas. Você fica bonita demais em um biquíni – zombava Christophe sempre que eu reclamava daqueles verões desagradáveis. – Elas falaria com você se você estivesse cheia de celulite e varizes.

Ele me fazia rir, ainda que eu não acreditasse muito nele. Mas eu amava a beleza do lugar, a casa antiga e silenciosa que estava sempre fresca, mesmo durante os verões mais quentes, com o grande jardim, cheio de velhos carvalhos e a vista sobre o sinuoso rio Yonne. E a floresta próxima, onde Zoé e eu fazíamos longas caminhadas, ficando maravilhadas com o gorjeio de um passarinho quando era bebê, com um galho de uma forma estranha ou com o brilho melancólico de um brejo escondido.

O apartamento da rue de Saintonge, de acordo com Bertrand e Antoine, ficaria pronto no início de setembro. Bertrand e sua equipe haviam feito um trabalho excelente. Mas eu ainda não me via morando lá, agora que eu sabia o que havia acontecido. A parede havia sido demolida, mas eu me lembrava do profundo armário escondido. O armário no qual o pequeno Michel esperara em vão pela volta de sua irmã.

Essa história estava me assombrando implacavelmente. Eu tinha que admitir que



não ansiava por morar naquele apartamento. Eu temia as noites lá. Temia trazer de volta o passado e não tinha idéia de como evitar isso.

Era difícil não poder conversar com Bertrand sobre o assunto. Eu precisava de sua abordagem prática, ansiava por ouvi-lo dizer que, apesar do horror, nós superaríamos tudo, encontraríamos um jeito. Eu não podia contar a ele. Tinha prometido ao seu pai. Eu me perguntava o que Bertrand pensaria da história toda. E suas irmãs? Tentei imaginar a reação delas. E a de Mame. Era impossível. Os franceses eram fechados como mariscos. Nada deveria ser mostrado. Nada deveria ser revelado.

Tudo tinha que permanecer calmo, sereno. É como as coisas eram. Como sempre haviam sido. E eu achava tudo cada vez mais difícil de suportar.

Depois da ida de Zoé para os Estados Unidos, a casa parecia vazia. Eu passava mais tempo no escritório, trabalhando em uma matéria interessante para a edição de setembro sobre jovens escritores franceses e o mundo literário parisiense. Interessante e demorado. Todas as noites eu achava cada vez mais difícil sair do escritório, desconcertada pela perspectiva dos cômodos silenciosos que me esperavam. Eu tomava o caminho mais longo para casa, aproveitando-me do que Zoé chamava de “os longos atalhos de mamãe”, apreciando a beleza flamejante da cidade ao pôr do sol. Paris começava a ter aquela aparência deliciosamente abandonada que assumia em meados de julho. As lojas haviam baixado suas grades de ferro, com letreiros que diziam FECHADO PARA FÉRIAS, ABRIREMOS EM 1 DE SETEMBRO. Eu tinha que caminhar por longos trechos para encontrar uma pharmacie, uma mercearia, uma boulangerie ou uma lavanderia abertas. Os parisienses estavam saindo da cidade para sua temporada de verão, deixando a cidade para os infatigáveis turistas. E enquanto eu caminhava para casa naquelas perfumadas noites de julho, andando direto do Champs-Élysées para Montparnasse, eu sentia que Paris sem os parisienses finalmente me pertencia.

Sim, eu amava Paris, sempre havia amado, mas enquanto eu caminhava ao crepúsculo pela Ponte Alexandre III, com a abóbada dourada dos Invalides brilhando como uma jóia gigantesca, eu sentia saudades dos Estados Unidos com tal pungência que a dor queimava na boca do meu estômago. Eu sentia saudade do meu país – o que eu tinha para chamar de país, mesmo que eu já tivesse vivido na França mais da metade da minha vida. Eu sentia falta da informalidade, da liberdade, do espaço, do desembaraço, da língua, da simplicidade de poder chamar todas as pessoas de “you”, e não os complicados vous e tu que eu jamais conseguí dominar com perfeição e que ainda me derrubavam. Eu tinha que admitir: sentia saudade da minha irmã, dos meus pais, eu tinha saudade dos Estados Unidos. Eu tinha saudade como jamais havia sentido antes.

À medida que eu me aproximava do nosso bairro, atraída pela austeridade alta e marrom da Tour Montparnasse que os parisienses amavam odiar (mas da qual eu gostava porque me permitia encontrar o caminho para voltar de qualquer arrondissement onde eu estivesse), repentinamente me perguntei como teria sido Paris sob a ocupação. A Paris de Sarah. Uniformes verde-acinzentados e capacetes redondos. O implacável toque de recolher e o Ausweis (o passe). Cartazes alemães escritos em letras góticas. Enormes suásticas pregadas sobre os nobres edifícios de pedra.

E crianças usando a estrela amarela.

A CLÍNICA ERA UM LUGAR ELEGANTE, agradável, com enfermeiras sorridentes, recepcionistas solícitas e cuidadosos arranjos de flores. O aborto seria feito na manhã seguinte, às sete horas. Pediram-me que chegasse na noite anterior, no dia 15 de julho. Bertrand havia viajado para Bruxelas para fechar um negócio importante. Eu não insisti para que fosse comigo. De alguma forma eu me sentia melhor se ele não estivesse por perto. Era mais fácil me ajeitar sozinha no quarto pintado com uma delicada cor de damasco. Em outro momento, eu teria me perguntado por que a presença de Bertrand pareceria supérflua. O que era surpreendente, considerando que ele era parte integrante da minha vida diária. Ainda assim, ali estava eu, atravessando a crise mais grave da minha vida sem ele, e aliviada com sua ausência.

Eu me movia como um robô, dobrando minhas roupas mecanicamente, colocando minha escova de dentes na prateleira sobre a pia, olhando pela janela para as fachadas burguesas da rua silenciosa. Que diabos você está fazendo? – sussurrou uma voz interior que eu vinha tentando ignorar o dia todo. Você está maluca? Você realmente vai até o fim com isso? Eu não havia contado minha decisão final a ninguém. Ninguém mesmo, exceto Bertrand. Eu não queria pensar em seu sorriso de felicidade quando contei a ele que o faria, no modo como ele me abraçou, beijando o topo da minha cabeça com incontido ardor.

Sentei-me na cama estreita e tirei o arquivo de Sarah de minha bolsa. Sarah era a única pessoa em quem eu agüentava pensar nesse momento. Encontrá-la parecia uma missão sagrada, a única forma possível de manter minha cabeça erguida, de afastar a tristeza na qual minha vida estava imersa. Encontrá-la, sim, mas como? Não havia nenhuma Sarah Dufaure ou Sarah Starzynski na lista telefônica. Assim teria sido fácil demais. O endereço nas cartas de Jules Dufaure já não existia. Então, eu havia decidido tentar rastrear seus filhos, ou netos, os rapazes na fotografia tirada em Trouville: Gaspard e Nicolas Dufaure, homens que supus que deveriam estar por volta dos sessenta ou setenta e poucos anos.

Infelizmente, Dufaure era um nome comum. Havia centenas deles na área de Orléans. Isso significava telefonar para cada um deles. Trabalhei muito nisso na semana anterior, passei horas na internet, debruçada sobre listas telefônicas, fazendo ligações sem fim, e depois encarando decepçantes becos sem saída.

E então, naquela mesma manhã, falei com uma certa Nathalie Dufaure, cujo número estava na lista telefônica de Paris. Uma voz jovem e alegre me atendeu. Repeti a rotina costumeira, o que eu havia dito vezes intermináveis para estranhos do outro lado da linha: “Meu nome é Julia Jarmond, sou jornalista e estou tentando encontrar Sarah Dufaure, nascida em 1932, e os únicos nomes que eu tenho são Gaspard e Nicolas Dufaure...” Ela me interrompeu. Sim, Gaspard Dufaure era seu avô. Ele morava em Aschères-le-Marché, bem perto de Orléans. Seu número não constava da lista. Fiquei agarrada ao telefone, sem fôlego. Perguntei a Nathalie se ela de alguma forma se lembrava de Sarah Dufaure. A moça riu. Era uma risada gostosa. Ela explicou que havia nascido em 1982 e que não sabia muito sobre a infância do avô. Não, ela nunca ouvira falar de Sarah Dufaure. Pelo menos, não se lembrava de nada específico. Ela podia ligar

para o avô se eu quisesse. Ele era um homem rude, não gostava de telefones, mas ela podia fazer isso e me ligar de volta. Ela pediu meu número. Depois ela disse: “Você é americana? Adoro seu sotaque.” Esperei pelo telefonema dela o dia todo. Nada. Eu ficava verificando o celular, checando se as baterias estavam carregadas, se estava ligado. Ainda assim, nada. Talvez Gaspard Dufaure não estivesse interessado em falar com uma jornalista sobre Sarah. Talvez eu não tivesse sido persuasiva o suficiente. Talvez eu tenha sido persuasiva demais. Talvez não devesse ter dito que era jornalista. Eu deveria ter dito que era uma amiga da família. Mas, não, eu não podia dizer isso. Não era verdade. Eu não podia mentir. Eu não queria mentir.

Aschères-le-Marché. Procurei no mapa. Um pequeno vilarejo a meio caminho entre Orléans e Pithiviers, o campo-irmão de Beaune-la-Rolande, que também não era longe. Não era o antigo endereço de Jules e Geneviève. Então, não era onde Sarah havia passado dez anos de sua vida.

Fui ficando cada vez mais impaciente. Eu deveria ligar novamente para Nathalie Dufaure? Enquanto eu brincava com a idéia, o celular tocou. Eu o agarrei, respirei, e disse: “Alô?” Era meu marido, ligando de Bruxelas. Senti a decepção me abalar os nervos.

Percebi que eu não queria falar com Bertrand. O que eu poderia dizer a ele?

## Capítulo 44

A NOITE FOI CURTA E INQUIETA . Ao amanhecer, uma enfermeira matronal surgiu com uma roupa de papel azul dobrada em seus braços. Eu iria precisar dela para “a operação”. Ela sorriu. Também havia um gorro e chinelos do mesmo papel azul. Ela voltaria dentro de meia hora e eu seria levada de maca diretamente para a sala de cirurgia. Ela me fez lembrar, ainda com o mesmo sorriso amável, que eu não podia comer ou beber nada por causa da anestesia. Foi embora, fechando a porta gentilmente. Eu imaginei quantas mulheres ela iria acordar naquela manhã com aquele sorriso, quantas mulheres grávidas prestes a ter bebês curetados de seus ventres. Como eu.

Vesti o traje, dócil. O toque do papel na minha pele me fazia sentir coceira. Não havia nada mais a fazer a não ser esperar. Liguei a televisão, procurei o LCI, o canal de notícias 24 horas. Assisti sem conseguir me concentrar. Minha mente parecia entorpecida, em branco. Dentro de mais ou menos uma hora, estaria acabado. Eu estava pronta para isso? Eu podia lidar com isso? Eu era forte o bastante? Eu me sentia incapaz de responder a essas perguntas. Eu podia somente ficar lá deitada, com minha roupa e meu gorro de papel, e esperar. Esperar para ser levada de maca até a sala de cirurgia. Esperar para ser posta para dormir. Esperar para que o médico realizasse o procedimento. Eu não queria pensar sobre os movimentos exatos que ele iria fazer dentro de mim, entre minhas pernas abertas. Rapidamente expulsei o pensamento de minha mente, concentrando-me em uma loura esbelta fazendo amplos gestos profissionais com unhas bem-feitas sobre um mapa da França pontilhado com rostos redondos em forma de sol. Lembrei-me da última sessão com o terapeuta, uma semana antes. A mão de Bertrand sobre o meu joelho.

– Não, nós não queremos essa criança. Nós dois concordamos com isso. Permaneci em silêncio. O terapeuta olhou para mim. Eu havia concordado com a cabeça? Eu não conseguia me lembrar. Lembro-me de me sentir sedada, hipnotizada. E depois, Bertrand, no carro: – Foi a coisa certa a fazer, amor. Você vai ver. Isso tudo vai acabar logo.

E o modo como ele me beijou, apaixonado, quente. A loura desapareceu. Um apresentador surgiu e ouvi o jingle familiar do jornal televisivo.

– Hoje, 16 de julho de 2002, marca o sexagésimo aniversário da batida policial do Vélodrome d'iver, no qual milhares de famílias judias foram presas pela polícia francesa. Um momento negro no passado da França.

Rapidamente aumentei o volume. Enquanto a câmera mostrava a rue Nélaton, pensei em Sarah, onde quer que ela estivesse agora. Ela iria se lembrar do dia de hoje. Não precisava que a fizessem lembrar. Nunca. Para ela, e para todas aquelas famílias que haviam perdido entes queridos, 16 de julho jamais seria esquecido, e nesta manhã, mais do que em todas as manhãs, eles abririam os olhos pesados de tanta dor. Eu queria dizer a ela, dizer a eles, dizer a todas aquelas pessoas – como? eu pensei, me sentindo desamparada, inútil - eu queria gritar, gritar para ela, para eles, que eu sabia, que eu me lembrava, e que eu não conseguia esquecer.

Vários sobreviventes – alguns dos quais eu havia conhecido e entrevistado –

foram apresentados em frente à placa do Vel' d'Hiv. Percebi que eu ainda não vira a edição desta semana do Seine Scenes com meu artigo publicado. Ela saía hoje. Decidi deixar uma mensagem no celular de Bamber, pedindo a ele que enviasse uma cópia para a clínica. Liguei meu telefone, com os olhos fixos na televisão. Surgiu o rosto grave de Franck Lévy. Ele falou sobre a comemoração e comentou que iria ser mais importante do que nos anos anteriores. O telefone emitiu um bip, indicando que havia mensagem na caixa postal. Uma mensagem era de Bertrand, bem tarde ontem à noite, dizendo que me amava.

A mensagem seguinte era de Nathalie Dufaure. Ela pedia desculpas por ligar tão tarde, mas não havia conseguido ligar antes. Ela tinha boas notícias: seu avô havia concordado em se encontrar comigo e poderia me contar tudo sobre Sarah Dufaure. Ele parecia tão excitado que despertou a curiosidade de Nathalie. Sua voz animada abafou o tom calmo de Franck Lévy: – Se você quiser, posso levá-la a Aschères amanhã, terça-feira. Podemos ir no meu carro, sem problema. Eu realmente quero ouvir o que Papy tem a dizer. Por favor, me ligue para que possamos nos encontrar em algum lugar.

Meu coração estava acelerado, de forma quase dolorosa. O apresentador estava de volta à tela, apresentando outro tópico. Era cedo demais para ligar para Nathalie Dufaure agora. Eu teria que esperar algumas horas. Meus pés dançavam de expectativa dentro dos chinelos de papel. “... contar tudo sobre Sarah Dufaure.” O que Gaspard Dufaure teria para contar? O que eu iria descobrir? Uma batida na porta me sobressaltou. O sorriso afetado da enfermeira me sacudiu de volta à realidade.

– Hora de irmos, madame – ela disse animadamente, mostrando dentes e gengivas.

Ouvi as rodas emborrachadas da maca rangerem do outro lado da porta. De repente, tudo ficou perfeitamente claro. Nunca estivera tão claro, tão fácil. Levantei-me e a encarei.

– Sinto muito – eu disse em voz baixa. – Mudei de idéia. Arranquei o gorro de papel. Ela me olhava fixamente, sem piscar.

– Mas madame... – ela começou.

Rasguei o vestido de papel. A enfermeira desviou os olhos chocados de minha repentina nudez.

– Os médicos estão esperando – ela falou.

– Eu não me importo – eu disse com firmeza. – Não vou fazer isso. Quero ter meu bebê.

Sua boca estremeceu de indignação.

– Vou mandar o médico vir vê-la imediatamente.

Ela se virou e saiu. Ouvi o clique severo de desaprovação de suas sandálias batendo no linóleo. Enfiei um vestido de jeans pela cabeça, calcei os sapatos, peguei minha bolsa e sai do quarto. Descendo as escadas, passando por enfermeiras surpresas carregando bandejas de café-da-manhã, percebi que havia deixado minha escova de

dentes, as toalhas, o xampu, o sabonete, o desodorante, o kit de maquiagem e o creme facial no banheiro. E daí? pensei, passando correndo pela entrada pomposa e arrumada. E daí? E daí? A rua estava vazia, com aquela aparência fresca e cintilante que as calçadas parisienses ostentam de manhã cedo. Chamei um táxi e fui para casa.

Dezesseis de julho de 2002.

Meu bebê. Ele estava seguro dentro de mim. Eu queria rir e chorar. E o fiz. O motorista de táxi me olhou diversas vezes pelo espelho retrovisor, mas eu não me importei. Eu iria ter essa criança.

FAZENDO UMA ESTIMATIVA POR ALTO, contei mais de 2 mil pessoas reunidas à margem do Sena, ao longo da ponte Bir-Hakeim. Os sobreviventes. As famílias. Filhos e netos. Rabinos. O prefeito da cidade. O primeiro-ministro. O ministro da Defesa. Vários políticos. Jornalistas. Fotógrafos. Franck Lévy. Milhares de flores, um grande toldo bem alto, uma placa branca. Uma multidão impressionante. Guillaume estava ao meu lado, com o rosto solene e os olhos tristes.

Num átimo, me lembrei da senhora da rue Nélaton. O que ela tinha dito mesmo? “Ninguém se lembra. Por que se lembrariam? Aqueles foram os dias mais negros de nosso país.” De repente, desejei que ela estivesse aqui agora, fitando as centenas de rostos silenciosos e emocionados à minha volta. Da tribuna, uma linda mulher de meia-idade com um volumoso cabelo ruivo cantava. Sua voz límpida elevou-se sobre o ruído do tráfego das redondezas. Então, o primeiro-ministro começou seu discurso.

– Há sessenta anos, bem aqui, em Paris, mas também em toda a França, a aterrorizante tragédia começou a acontecer. A marcha na direção do horror estava se acelerando. A sombra da Shoah já havia mergulhado na tristeza as pessoas inocentes agrupadas no Vélodrome d’Hiver. Este ano, como em todos os anos, estamos reunidos neste lugar para lembrar, de modo a não esquecer nada sobre as perseguições, as capturas, as mortes e o destino massacrado de tantos judeus franceses.

Um senhor à minha esquerda tirou um lenço do bolso e chorou sem fazer ruído. Senti afeição por ele. Por quem ele estaria chorando? eu me perguntava. Quem ele teria perdido? À medida que o primeiro-ministro continuava seu discurso, meus olhos se moviam pela multidão. Haveria alguém aqui que conhecesse ou se lembrasse de Sarah Starzynski? Será que ela estaria aqui? Agora mesmo, neste exato momento? Será que ela estaria aqui com seu marido, um filho, um neto? Atrás de mim, na minha frente? Cuidadosamente, escolhi mulheres por volta dos 70 anos, examinando rostos enrugados, solenes, em busca dos oblíquos olhos verdes. Mas eu não me senti confortável fitando esses estranhos angustiados. Baixei o olhar. A voz do primeiro-ministro parecia crescer em força e clareza, ribombando sobre nós.

– Sim, Vel’ d’Hiv, Drancy e todos os campos de trânsito, aquelas antecâmaras da morte, foram organizados, administrados e guarnecidos por franceses. Sim, o primeiro ato da Shoah aconteceu bem aqui, com a cumplicidade do Estado francês.

Os muitos rostos à minha volta pareciam serenos, ouvindo o primeiro-ministro. Eu os observava enquanto ele continuava com a mesma voz poderosa. Mas cada um daqueles rostos continha uma dor que jamais poderia ser apagada. O discurso do primeiro-ministro foi aplaudido por um longo tempo. Percebi pessoas chorando e se abraçando.

Ainda com Guillaume, fui falar com Franck Lévy, que estava carregando uma cópia do Seine Scenes debaixo do braço. Ele me cumprimentou efusivamente e nos apresentou a alguns jornalistas. Pouco depois, fomos embora. Eu disse a Guillaume que havia descoberto quem morava no apartamento dos Tézac, e que de alguma forma isso havia me aproximado de meu sogro, que havia mantido um segredo obscuro durante sessenta anos. E que eu estava tentando encontrar Sarah, a menininha que havia



escapado de Beaune-la-Rolande.

Dentro de meia hora, eu iria encontrar Nathalie Dufaure na frente da estação Pasteur do metrô. Ela iria me levar de carro a Orléans, até seu avô. Guillaume me beijou calorosamente e me abraçou. Ele me desejou boa sorte.

Ao atravessar a congestionada avenida, acariciei minha barriga com a mão. Se eu não tivesse saído da clínica naquela manhã, estaria neste momento recobrando a consciência em meu aconchegante quarto cor de damasco, observada por uma enfermeira sorridente. Um saboroso café-da-manhã – croissant, geléia e café au lait - e eu teria deixado o lugar sozinha, à tarde, um pouco oscilante, com um absorvente entre as pernas e uma dor imprecisa no ventre. Um vácuo em minha mente e em meu coração.

Não havia uma só palavra de Bertrand. A clínica teria telefonado para ele para informá-lo de que eu havia saído antes de fazer o aborto? Eu não sabia. Ele ainda estava em Bruxelas e deveria voltar hoje à noite.

Eu me perguntei como eu contaria a ele. Como ele iria reagir. Enquanto eu caminhava pela avenue Emile Zola, ansiosa por não me atrasar para o

encontro com Nathalie Dufaure, perguntei-me se eu ainda me importava com o que Bertrand pensava, com o que Bertrand sentia. Esse pensamento perturbador me assustou.

QUANDO VOLTEI DE ORLÉANS no início daquela noite, o apartamento parecia quente e sufocante. Fui abrir uma janela e me curvei sobre o barulhento Boulevard du Montparnasse. Era estranho imaginar que logo estaríamos nos mudando para a silenciosa rue de Saintonge. Passamos 12 anos aqui. Zoé nunca havia morado em outro lugar. Seria nosso último verão ali, pensei de modo passageiro. Eu havia me afeiçoado a este apartamento, com a luz do sol invadindo a grande e branca sala de estar todas as tardes, o Jardim de Luxemburgo logo ali na rue Vavin, a facilidade de estar localizada em um dos arrondissements mais movimentados de Paris, um dos lugares onde você podia realmente sentir as batidas do coração da cidade, seu pulso rápido e excitante.

Chutei minhas sandálias para o alto e me deitei no sofá macio e bege. O peso do dia caiu sobre mim como chumbo. Fechei os olhos e fui imediatamente trazida de volta à realidade com um sobressalto causado pelo telefone. Era minha irmã, ligando de seu escritório de frente para o Central Park. Eu a imaginei atrás de sua vasta mesa, com seus óculos de leitura encarapitados na ponta do nariz. Contei a ela que não tinha feito o aborto.

– Ai, meu Deus – respirou Charla aliviada. – Você não fez. – Eu não consegui – eu disse. – Foi impossível.

Eu podia ouvi-la sorrindo do outro lado da linha, aquele sorriso largo e irresistível. – Que menina corajosa, maravilhosa – ela disse. – Estou orgulhosa de você, querida.

– Bertrand ainda não sabe – eu disse. – Ele só vai voltar tarde da noite. Provavelmente pensa que eu fiz.

Uma pausa transatlântica.

– Você vai contar a ele, não vai? – Mas é claro. Tenho que contar, mais cedo ou mais tarde.

Depois da conversa com minha irmã, deitei no sofá por um longo tempo, com minha mão dobrada sobre a barriga como um escudo protetor. Pouco a pouco, senti a vitalidade pulsando novamente dentro de mim.

Como sempre, pensei em Sarah Starzynski, e no que eu sabia agora. Eu não precisei gravar o que Gaspard Dufaure me disse. Nem anotar nada. Estava tudo escrito dentro de mim.

UMA CASA PEQUENA E LINDA nos arredores de Orléans. Canteiros de flores bem cuidados. Um cachorro velho e plácido com problemas de visão. Uma velha senhora cortando legumes na pia, que me cumprimentou com a cabeça quando entrei.

A voz áspera de Gaspard Dufaure. Sua mão com veias azuis afagando a cabeça enrugada do cachorro. E o que ele disse.

– Meu irmão e eu sabíamos que houve problemas durante a guerra. Mas éramos pequenos na época e não nos lembrávamos de que tipo de problemas havia. Foi somente depois que meus avós morreram que eu descobri por intermédio de meu pai que Sarah Dufaure na verdade se chamava Starzynski e que era judia. Meus avós a esconderam durante todos aqueles anos. Havia algo triste em Sarah, ela não era uma pessoa alegre, extrovertida. Era difícil se aproximar dela. Disseram-nos que ela havia sido adotada por meus avós porque seus pais haviam morrido durante a guerra. Isso é tudo o que sabíamos. Mas podíamos dizer que ela era diferente. Quando ia à igreja conosco, seus lábios nunca se moviam durante o Pai-nosso. Ela nunca rezava. Ela nunca comungava. Ficava com os olhos fixos à frente dela com uma expressão congelada que me assustava. Meus avós sorriam para nós firmemente e nos diziam para deixá-la em paz. Meus pais faziam o mesmo. Pouco a pouco, Sarah se tornou parte de nossas vidas, a irmã mais velha que não tínhamos. E ela cresceu e se tornou uma moça adorável e melancólica. Ela era muito séria, muito madura para a sua idade. As vezes, depois da guerra, íamos a Paris, com meus pais, mas Sarah nunca queria ir junto. Ela dizia que odiava Paris. Dizia que jamais voltaria lá.

– Ela alguma vez falou sobre o irmão? Sobre seus pais? – perguntei. Gaspard sacudiu a cabeça.

– Nunca. Só fiquei sabendo da história do irmão e do que aconteceu com ele através de meu pai, quarenta anos atrás. Quando morava com ela, eu não sabia.

A voz de Nathalie Dufaure entrou na conversa.

– O que aconteceu com o irmão dela? – ela perguntou.

Gaspard Dufaure olhou para sua neta fascinada, atenta a cada palavra. Depois, ele olhou para a sua mulher, que não havia falado durante toda a conversa, mas que nos olhava com benevolência.

– Vou lhe contar em outra ocasião, Natou. É uma história muito triste. Houve uma longa pausa.

– Monsieur Dufaure – eu disse - preciso saber onde Sarah Starzynski está agora. É por isso que eu vim vê-lo. O senhor pode me ajudar? Gaspard Dufaure coçou a cabeça e me lançou um olhar zombeteiro.

– O que eu realmente preciso saber, Mademoiselle Jarmond – ele sorriu - é por que isso é tão importante para você.

## Capítulo 48

O TELEFONE TOCOU NOVAMENTE . Era Zoé, de Long Island. Ela estava se divertindo bastante, o clima estava ótimo, ela estava bronzada, tinha uma bicicleta nova, seu primo Cooper era “legal”, mas ela estava com saudade de mim. Eu disse a ela que eu também estava com saudade dela e que estaria com ela em menos de dez dias. Depois, baixou a voz e perguntou se eu tinha feito algum progresso para localizar Sarah Starzynski. Eu tive que sorrir diante da seriedade de seu tom. Respondi que, na verdade, eu tinha feito progressos, e eu iria lhe contar tudo em breve.

– Ah, mamãe, que tipo de progresso? – ela implorou. – Eu preciso saber! Agora! – Está bem – respondi, cedendo ao entusiasmo dela. – Hoje eu encontrei um homem que a conheceu quando ela era criança. Ele me disse que Sarah saiu da França em 1952 e foi para a cidade de Nova York para ser babá de uma família americana.

Zoé soltou um gritinho.

– Quer dizer que ela está nos Estados Unidos? – Acho que sim – respondi. Um breve silêncio.

– Como você vai encontrá-la nos Estados Unidos, mamãe? – ela perguntou, com sua voz claramente menos animada. – Os Estados Unidos são um país muito maior do que a França.

– Só Deus sabe, querida – suspirei. Enviei beijos calorosos pelo telefone, mandei todo o meu amor para ela e desliguei.

“O que eu realmente preciso saber, Mademoiselle Jarmond – ele sorriu – é por que isso é tão importante para você.” Eu havia decidido, no impulso do momento, contar a verdade para Gaspard Dufaure. Como Sarah Starzynski havia entrado na minha vida. Como eu havia descoberto seu terrível segredo. E como ela estava ligada aos parentes de meu marido. Como, agora que eu sabia sobre os fatos do verão de 1942 (tanto os fatos públicos – Vel’ d’Hiv, Beaune-la-Rolande – quanto os particulares – a morte do pequeno Michel Starzynski no apartamento dos Tézac), encontrar Sarah havia se tornado um objetivo importante, algo pelo qual eu estava lutando com todas as minhas forças.

Gaspard Dufaure ficou surpreso com a minha obstinação. Por que encontrá-la, para quê? ele perguntou, balançando sua cabeça grisalha. Respondi que era para dizer a ela que nós nos importávamos. Para dizer a ela que não havíamos esquecido.

– Nós? – ele sorriu. – Quem são “nós”? Os parentes de seu marido, o povo francês? Eu retruquei, ligeiramente irritada com seu sorriso: – Não. Eu, apenas eu. Queria pedir desculpas, queria dizer a ela que eu não conseguia esquecer a batida policial, o campo, a morte de Michel e o trem direto para Auschwitz que havia separado seus pais para sempre.

– Desculpas por quê? – Ele retaliou. – Por que você, uma americana, deveria pedir desculpas? Seus compatriotas não libertaram a França em junho de 1944? Você não tem nada por que pedir desculpas – ele disse rindo.

Olhei para ele diretamente nos olhos.

– Desculpas por não saber. Desculpas por ter 45 anos e não saber de nada.

SARAH DEIXOU A FRANÇA no fim de 1952 e foi para os Estados Unidos. – Por que Estados Unidos? – perguntei.

– Ela nos disse que tinha que ir para um lugar que não houvesse sido diretamente atingido pelo Holocausto da forma como a França fora. Ficamos todos aborrecidos. Especialmente meus avós. Eles a amavam como a filha que nunca tiveram. Mas ela não se deixou influenciar. Foi embora e nunca mais voltou. Pelo menos, não que eu saiba.

– E depois, o que aconteceu a ela? – perguntei, soando como Nathalie, usando o mesmo entusiasmo, o mesmo interesse.

Gaspard Dufaure encolheu os ombros e suspirou profundamente. Ele havia se levantado, seguido pelo velho cão cego. Sua esposa havia preparado para mim outra xícara de café forte e acre. Sua neta permanecia em silêncio, enroscada na poltrona, com seus olhos indo dele para mim de forma silenciosa e afetuosamente. Ela se lembraria disso, pensei. Ela se lembraria de tudo.

Seu avô veio se sentar novamente com um resmungo, entregando-me o café. Ele olhou em torno da pequena sala, para as fotografias desbotadas na parede, para a mobília desgastada. Coçou a cabeça e suspirou. Eu aguardei e Nathalie também. Finalmente, ele falou.

Eles não ouviram mais falar de Sarah depois de 1955.

– Ela escreveu algumas cartas para os meus avós. E, um ano mais tarde, enviou um cartão dizendo que ia se casar. Eu me lembro de meu pai nos contar que Sarah iria se casar com um ianque. – Gaspard sorriu. – Ficamos felizes por ela. Mas depois não houve mais telefonemas, não chegaram mais cartas. Nunca mais. Meus avós tentaram localizá-la. Eles fizeram tudo o que puderam para encontrá-la, ligaram para Nova York, escreveram cartas, enviaram telegramas. Tentaram localizar seu marido. Nada. Sarah havia desaparecido. Foi horrível para eles. Esperaram, ano após ano, por um sinal, um telefonema, um cartão. Não veio nada. Então, meu avô faleceu no início dos anos 60, logo seguido por minha avó alguns anos mais tarde. Acho que eles estavam com o coração despedaçado.

– O senhor sabe que seus avós poderiam ser declarados “justos entre as nações”? – eu disse.

– O que significa isso? – ele perguntou, perplexo.

– O Instituto Yad Vashem, de Jerusalém, concede medalhas àqueles que, sendo não-judeus, salvaram judeus durante a guerra. Elas também podem ser obtidas postumamente.

Ele pigarreou, desviando os olhos de mim.

– Apenas a encontre. Por favor, encontre-a, Mademoiselle Jarmond. Diga-lhe que sinto saudade dela. Meu irmão Nicolas também. Diga a ela que nós lhe mandamos todo o nosso amor.

Antes de sair, ele me entregou uma carta.

– Minha avó escreveu esta carta para meu pai depois da guerra. Talvez você queira dar uma olhada. Você pode devolver para Nathalie depois que terminar de ler.

## Capítulo 49

MAIS TARDE, EM CASA, sozinha, decifrei a caligrafia em estilo antigo. Ao lê-la, chorei. Consegui me controlar, enxuguei as lágrimas e assoei o nariz.

Depois, liguei para Edouard e a li em voz alta para ele pelo telefone. Ele soou como se estivesse chorando, mas parecia estar tentando tudo que podia para me fazer pensar que não. Ele me agradeceu com a voz embargada e desligou.

8 de setembro de 1946 Alain, meu querido filho, Quando Sarah voltou na semana passada, depois de passar o verão com você e Henriette, suas bochechas estavam rosadas... E ela sorria. Jules e eu ficamos surpresos e emocionados. Ela irá lhe escrever em breve para agradecer ela mesma, mas eu queria lhe dizer como estou agradecida por sua ajuda e hospitalidade. Os quatro últimos anos foram horríveis, como você sabe. Quatro anos de prisões, de medo, de privações. Para todos nós, para nosso país. Quatro anos que custaram um preço altíssimo, para Jules e para mim, mas especialmente para Sarah. Eu acho que ela jamais irá superar o que aconteceu no verão de 1942, quando nós a levamos de volta ao apartamento de sua família no Marais. Naquele dia, algo se partiu dentro dela. Algo desmoronou.

Nada disso foi fácil, e seu apoio tem sido inestimável. Esconder Sarah do inimigo, mantendo-a a salvo daquele distante verão até o Armistício, foi horrível. Mas Sarah agora tem uma família. Nós somos sua família. Seus filhos, Gaspard e Nicolas, são seus irmãos. Ela é uma Dufaure. Ela tem o nosso sobrenome.

Eu sei que ela jamais irá esquecer. Por trás das faces rosadas e do sorriso, há uma dureza nela. Ela jamais será uma criança normal de 14 anos de idade. Ela é como uma mulher, uma mulher amarga. Às vezes parece que ela é mais velha do que eu. Nunca fala sobre sua família, sobre seu irmão. Mas eu sei que ela os carrega dentro de si, sempre. Sei que ela vai ao cemitério toda semana, às vezes mais do que isso, para visitar o túmulo do irmão. Ela quer ir sozinha, recusando a minha companhia. Às vezes eu a sigo, somente para ter certeza de que ela está bem. Ela se senta na frente da pequena lápide e fica muito quieta. Às vezes fica sentada lá durante horas, segurando aquela chave de metal que ela carrega consigo o tempo todo. A chave do armário em que o pobrezinho do irmão morreu. Quando ela volta para casa, seu rosto está frio e fechado. Para ela é difícil conversar, fazer contato comigo. Eu tento lhe dar todo o amor que tenho porque ela é a filha que nunca consegui ter.

Ela nunca fala sobre Beaune-la-Rolande. Se alguma vez passamos de carro perto do vilarejo, ela fica pálida. Ela vira a cabeça para o outro lado e fecha os olhos. Eu me pergunto se um dia o mundo irá saber o que aconteceu lá, se tudo aquilo será mostrado. Ou se permanecerá um segredo para sempre, enterrado em um passado escuro e tumultuado.

No ano passado, desde o fim da guerra, Jules tem ido ao Lutétia com frequência, às vezes com Sarah, para se informar sobre as pessoas que estão voltando dos campos para casa. Com esperança, sempre com esperança. Todos tínhamos esperança, com todas nossas forças. Mas agora nós sabemos. Seus pais jamais voltarão. Eles foram assassinados em Auschwitz, durante aquele terrível verão de 1942.

As vezes fico imaginando quantas crianças como ela passaram por aquele inferno e sobreviveram, e agora têm que continuar sem seus entes queridos. Tanto sofrimento, tanta dor! Sarah precisou desistir de tudo o que era: sua família, seu sobrenome, sua religião. Nós nunca conversamos sobre isso, mas eu sei como o vácuo é profundo, como a perda dela é cruel. Sarah fala em ir embora do país, em começar uma nova vida, em outro lugar, longe de tudo que ela conhece, longe de tudo o que ela passou. Ela ainda é pequena, frágil demais para ir embora da fazenda, mas esse dia chegará. Jules e eu teremos que deixá-la ir embora.

Sim, a guerra acabou, finalmente acabou, mas, para seu pai e para mim, nada é a mesma coisa. Nada será a mesma coisa novamente. A paz tem um gosto amargo. E o futuro é de mau agouro. Os eventos que ocorreram mudaram a face do mundo. E da França. A França ainda está se recuperando de seus anos mais negros. Eu me pergunto se algum dia ela irá se recuperar. Esta não é mais a França que eu conheci quando era menina. Esta é outra França que eu não reconheço. Agora estou velha e sei que meus dias estão contados. Mas Sarah, Gaspard e Nicolas ainda são jovens. Eles terão que viver nesta nova França. Tenho pena deles, e sinto medo pelo que vem pela frente.

Meu filho querido, esta carta não tinha a intenção de ser triste. Ai de mim, acabou ficando assim e realmente sinto muito por isso. O jardim precisa de cuidados, as galinhas precisam de comida e eu vou terminando por aqui. Deixe-me agradecer novamente por tudo o que fez por Sarah. Deus abençoe a vocês dois pela generosidade, pela lealdade, e que Deus abençoe os meninos, Sua mãe amorosa, Geneviève



## Capítulo 50

OUTRO TELEFONEMA. MEU CELULAR . Eu deveria tê-lo desligado. Era Joshua. Fiquei surpresa em ouvir a voz dele. Em geral, ele não liga tão tarde.

– Acabei de vê-la no noticiário, meu bem – ele falou lentamente. – Bonita como uma pintura. Um pouquinho pálida, mas deslumbrante.

– Noticiário? – respirei. – Que noticiário? – Liguei a TV para assistir ao noticiário na TF 1 e lá estava a minha Julia, logo abaixo do primeiro-ministro.

– Ah – eu disse - a cerimônia do Vel' d'Hiv.

– Ótimo discurso, você não achou? – Muito bom.

Uma pausa. Ouvi o clique de seu isqueiro ao acender um Marlboro suave, o da caixa prateada, do tipo que você só consegue nos Estados Unidos. Eu estava imaginando o que ele teria para me dizer.

– O que foi, Joshua? – perguntei cautelosamente.

– Nada, na verdade. Só liguei para dizer que você fez um bom trabalho. Andam falando bastante sobre aquela sua matéria a respeito do Vel' d'Hiv. Eu só queria lhe dizer isso. As fotos de Bamber também estão ótimas. Vocês dois conseguiram se sair muito bem.

– Ah – eu disse. – Obrigada.

Mas eu o conhecia melhor do que isso.

– Mais alguma coisa? – acrescentei cuidadosamente.

– Há uma coisa que me incomoda.

– Continue – eu disse.

– Na minha opinião, faltou uma coisa. Você falou com os sobreviventes, com as testemunhas, com o velho em Beaune-la-Rolande etc, tudo ótimo. Ótimo, ótimo. Mas você esqueceu algumas coisas. Os policiais. Os policiais franceses.

– E então? – perguntei, começando a sentir a irritação me beliscar. – O que é que há com os policiais franceses? – Teria sido perfeito se você tivesse conseguido que alguns daqueles policiais que participaram da batida falassem sobre ela, se você tivesse encontrado alguns daqueles sujeitos, apenas para ouvir o lado deles da história. Mesmo que eles estejam velhos agora. O que esses caras diziam para os seus filhos? As famílias deles sabiam? Ele estava certo, é claro. Eu não tinha pensado nisso antes. A irritação diminuiu. Arrasada, eu não disse nada.

– Ei, Julia, sem problema – Joshua riu. – Você fez um ótimo trabalho. Talvez aqueles policiais não quissem falar, de qualquer forma. Você provavelmente não leu muito sobre eles em sua pesquisa, leu? – Não – respondi. – Pensando bem, no material que eu li, não há nada sobre como a polícia francesa se sentiu com relação a isso. Eles estavam apenas fazendo o trabalho deles.

– Sim, o trabalho deles – repetiu Joshua. – Mas com certeza eu teria gostado de

saber como eles conviviam com isso. E, falando nesse assunto, e os maquinistas que conduziram aquela quantidade sem fim de trens de Drancy para Auschwitz? Eles sabiam o que estavam transportando? Eles realmente pensavam que era gado? Eles sabiam que estavam levando aquelas pessoas, o que iria acontecer com elas? E todos os caras dirigindo aqueles ônibus? Eles sabiam de alguma coisa? Ele estava certo novamente, é claro. Permaneci em silêncio. Uma boa jornalista teria investigado esses tabus mais a fundo. A polícia francesa, o sistema ferroviário francês, as linhas de ônibus francesas.

Mas eu fiquei obcecada com as crianças do Vel' d'Hiv. E com uma criança em particular.

– Você está bem, Julia? – sua voz voltou.

– Mais do que bem – menti.

– Você precisa de férias – ele declarou. – Precisa entrar num avião e ir para o seu país.

Era exatamente isso que eu tinha em mente.

## Capítulo 51

O ÚLTIMO TELEFONEMA DA NOITE foi de Nathalie Dufaure. Ela parecia em êxtase. Eu imaginei seu rosto delicado e frágil iluminado de animação, com seus olhos castanhos brilhando.

– Julia! Eu olhei todos os papéis de vovô e achei. Achei o cartão de Sarah! – Cartão de Sarah? – repeti, perdida.

– O cartão que ela enviou para dizer que iria se casar, o último cartão. Ela menciona o nome do marido.

Apanhei uma caneta, tateei à minha volta em vão em busca de um pedaço de papel. Nada de papel. Apontei a ponta da esferográfica para as costas de minha mão.

– E qual é o nome? – Ela escreveu para dizer que iria se casar com Richard J. Rainsferd – ela soletrou o nome. – O cartão está datado de 15 de março de 1955. Sem endereço. Nada. Só isso.

– Richard J. Rainsferd – repeti, escrevendo em letra de forma sobre minha pele. Agradei a Nathalie, prometi mantê-la informada sobre meus progressos e depois liguei para o número de Charla em Manhattan. Falei com a assistente dela, Tina, que me fez esperar um pouco. Depois, ouvi a voz de Charla.

– Você de novo, meu amor? Fui diretamente ao assunto. – Como é que se encontra uma pessoa nos Estados Unidos, como você localiza alguém? – Pela lista telefônica – ela disse.

– É assim tão fácil? – Há outros meios – ela respondeu enigmaticamente. – E uma pessoa que desapareceu em 1955? – Você tem o número do seguro social, o número da placa do carro ou mesmo um endereço? – Não. Nada. Ela assoviou por entre os dentes.

– Vai ser difícil. Pode não funcionar. Mas vou tentar, tenho alguns amigos que podem ajudar. Dê-me o nome.

Naquele momento eu ouvi a porta da frente bater e o ruído de chaves sendo jogadas sobre a mesa.

Meu marido, voltando de Bruxelas.

– Eu ligo de volta – sussurrei para minha irmã e desliguei.

## Capítulo 52

BERTRAND ENTROU NA SALA . Ele parecia tenso, pálido, seu rosto estava abatido. Ele veio até mim e me tomou em seus braços. Senti seu queixo se aninhar no alto de minha cabeça. Senti que tinha que falar rápido.

– Eu não fiz – eu disse. Ele mal se moveu.

– Eu sei – ele respondeu. – O médico me telefonou. Afastei-me dele. – Eu não consegui, Bertrand.

Ele deu um sorriso estranho, desesperado. Foi até a bandeja perto da janela na qual estavam as bebidas e serviu-se de um copo de conhaque. Percebi como ele bebeu rápido, jogando a cabeça para trás com um movimento brusco. Foi um gesto feio e que me incomodou.

– E agora? – ele disse, colocando o copo sobre a bandeja, num gesto firme. – O que faremos agora? Tentei sorrir, mas pude sentir que era um sorriso falso, melancólico. Bertrand se sentou no sofá e afrouxou a gravata, abrindo os dois primeiros botões da camisa.

Então ele disse: – Não consigo encarar a idéia de ter essa criança, Julia. Tentei dizer a você. Você não quis ouvir.

Algo em sua voz me fez olhar para ele mais de perto. Parecia vulnerável, enfraquecido. Por uma fração de segundo eu vi o rosto cansado de Edouard Tézac, a expressão que ele tinha no carro quando me contou sobre a volta de Sarah.

– Não posso impedir que você tenha esse bebê. Mas eu preciso que você saiba que não consigo lidar com isso. Ter essa criança irá me destruir.

Eu queria expressar pena – ele parecia perdido, indefeso - mas, em vez disso, uma inesperada sensação de ressentimento tomou conta de mim.

– Destruir você? – repeti.

Bertrand se levantou e serviu-se de outra bebida. Desviei o olhar enquanto ele bebia.

– Alguma vez você já ouviu falar de crise da meia-idade, amour? Vocês americanos gostam tanto dessa expressão! Você anda tão envolvida com seu trabalho, seus amigos, sua filha, que nem percebeu pelo que estou passando. Para dizer a verdade, você não se importa. Não é verdade? Eu o encarei, chocada.

Ele se reclinou no sofá, lenta e cuidadosamente, olhando para o teto. Gestos lentos e cautelosos que eu nunca o tinha visto usar. A pele de seu rosto parecia enrugada. De repente, eu estava olhando para um marido que estava envelhecendo. O jovem Bertrand já não existia mais. Bertrand sempre fora triunfantemente jovem, vibrante, enérgico. O tipo de pessoa que nunca fica quieta, sempre em movimento, alegre, rápido, ávido. O homem para quem eu estava olhando era como um fantasma do meu marido de antes. O que aconteceu? Como é que eu não percebi isso? Bertrand e sua tremenda gargalhada. Suas piadas. Sua audácia. As pessoas sussurravam, admiradas, espantadas: “Esse é o seu marido?” Bertrand nos jantares monopolizava as conversas,

mas ninguém se importava; ele era tão interessante! O modo como Bertrand olhava para você, o brilho poderoso de seus olhos azuis e aquele sorriso travesso e diabólico.

Esta noite não havia nada firme, nada em ordem com ele. Parecia ter se deixado abandonar. Estava lá sentado, frouxo, fraco. Seus olhos estavam pesarosos, suas pálpebras, caídas.

– Você nunca percebeu, não é, pelo que eu venho passando. Percebeu? Sua voz estava monótona, sem modulação. Sentei-me ao seu lado, acariciei sua mão. Como eu poderia jamais admitir que não havia percebido? Como eu poderia explicar quanto eu me sentia culpada? – Por que você não me disse, Bertrand? Os cantos de sua boca se viraram para baixo.

– Eu tentei. Nunca consegui.

– Por quê? Seu rosto se endureceu. Ele soltou uma pequena risada seca. – Você não me ouve, Julia.

E eu sabia que ele estava certo. Naquela noite horrível, quando sua voz ficou rouca. Quando ele expressou seu maior medo, o de envelhecer. Quando eu percebi quanto ele estava frágil. Muito mais frágil do que eu jamais havia imaginado. E eu desviara o olhar. Aquilo havia me perturbado, me incomodado, e ele sentiu. Ele não ousara me dizer como isso o fizera se sentir mal.

Sentada ao lado dele, segurando sua mão, eu nada disse. A ironia da situação começou a se manifestar em mim. Um marido deprimido. Um casamento falindo. Um bebê a caminho.

– Por que não saímos para comer um pouco, no Select ou no Rotonde? – sugeri carinhosamente. – Podemos conversar para tentar resolver tudo isso.

Ele se ergueu.

– Talvez outra hora. Agora estou cansado.

Ocorreu-me que ele andava cansado com bastante frequência nos últimos meses. Cansado demais para ir ao cinema, cansado demais para ir correr no Jardim de Luxemburgo, cansado demais para levar Zoé a Versalhes numa tarde de domingo. Cansado demais para fazer amor. Fazer amor... Quando fora a última vez? Há semanas. Eu o observei se mover com dificuldade ao atravessar a sala com um caminhar pesado. Ele havia engordado. Eu também não havia percebido isso. Bertrand tinha tanto cuidado com sua aparência! “Você anda tão envolvida com seu trabalho, seus amigos, sua filha, que você nem percebeu... Você não me ouve, Julia.” Senti a vergonha me invadir. Eu não precisava encarar a verdade? Bertrand não vinha sendo parte da minha vida nas últimas semanas, mesmo que dividíssemos a mesma cama e morássemos sob o mesmo teto. Eu não contei a ele sobre Sarah Starzynski. Sobre meu novo relacionamento com Edouard. Eu não havia deixado Bertrand fora de tudo o que era importante para mim? Eu o havia cortado de minha vida, e a ironia era que eu estava carregando um filho dele.

Da cozinha, eu o ouvi abrir a geladeira. Percebi o ruído do papel-alumínio. Ele voltou para a sala com uma coxa de galinha em uma das mãos e o papel-alumínio na

outra.

– Só uma coisa, Julia.

– Sim? – Quando eu lhe disse que não conseguiria encarar ter essa criança, eu falei sério. Você tomou sua decisão. Tudo bem. Eu preciso de tempo para mim mesmo. Preciso de umas férias. Você e Zoé irão se mudar para a rue de Saintonge depois do verão. Eu vou procurar outro lugar para morar nas proximidades. Depois veremos como ficam as coisas. Talvez mais tarde eu consiga aceitar essa gravidez. Se eu não conseguir, nós iremos nos divorciar.

Não fiquei surpresa. Eu já estava esperando por isso. Levantei-me, alisei meu vestido e disse calmamente: – A única coisa que importa agora é Zoé. O que quer que aconteça, temos que conversar com ela, você e eu. Temos que prepará-la e fazer a coisa do jeito certo.

Ele colocou a coxa de galinha de volta no papel-alumínio. – Por que você é tão difícil, Julia? – ele disse. Não havia sarcasmo em seu tom.

Somente amargura. – Você soa exatamente como sua irmã. Saí da sala sem responder. Fui ao banheiro e abri a torneira. Então, a ficha caiu: eu não fiz minha escolha? Escolhi o bebê em vez de Bertrand. Eu não me comovi com seu ponto de vista, seus medos interiores, eu não fiquei com medo de ele se mudar por alguns meses – ou definitivamente. Bertrand não podia desaparecer. Ele era o pai da minha filha e da criança dentro de mim. Ele nunca poderia sair completamente de nossas vidas.

Mas enquanto eu me olhava no espelho, com o vapor lentamente preenchendo o banheiro, apagando meu reflexo com seu bafo enevoado, senti que tudo havia mudado drasticamente. Eu ainda amava Bertrand? Eu ainda precisava dele? Como eu podia querer essa criança, mas não ele? Eu quis chorar, mas as lágrimas não desceram.

## Capítulo 53

EU AINDA ESTAVA NO BANHO quando ele entrou. Segurava o arquivo vermelho sobre Sarah que eu havia deixado em minha bolsa.

– O que é isso? – ele disse, sacudindo o arquivo. Sobressaltada, eu me movi abruptamente, fazendo com que a água transbordasse por um dos lados da banheira. Seu rosto estava confuso, afogueado. Ele prontamente se sentou sobre a privada fechada. Em outros tempos, eu teria rido às gargalhadas da comicidade de sua posição.

– Deixe-me explicar – comecei. Ele ergueu a mão.

– Você não consegue evitar, não é? Você não consegue deixar o passado em paz. Ele examinou o arquivo rapidamente, folheou algumas cartas de Jules Dufaure para André Tézac, examinou as fotografias de Sarah.

– O que é isso tudo? Quem deu isso a você? – Seu pai – respondi baixinho. Ele me encarou.

– O que meu pai tem a ver com tudo isso? Saí da banheira, apanhei uma toalha e virei de costas para ele enquanto me enxugava. Por alguma razão eu não queria os olhos dele sobre a minha pele nua.

– É uma longa história, Bertrand.

– Por que você teve que trazer tudo isso à tona? Essas coisas aconteceram há sessenta anos! Está tudo morto, tudo esquecido.

Eu me virei para encará-lo.

– Não, não está. Há sessenta anos algo aconteceu à sua família. Algo que você não sabe. Você e suas irmãs não sabem de nada. Nem Mame.

Ele ficou boquiaberto. Parecia aturdido.

– O que aconteceu? Diga! – ele exigiu.

Apanhei o arquivo das mãos dele com um gesto rápido, segurando-o contra o meu corpo.

– Agora você me diga o que estava fazendo, examinando minha bolsa. Parecíamos moleques brigando na hora do recreio. Ele revirou os olhos. – Eu vi o arquivo na sua bolsa. Eu me perguntei o que seria. Só isso. – Muitas vezes tenho arquivos em minha bolsa. Você nunca os examinou antes. – Essa não é a questão. Diga do que se trata isso tudo. Diga imediatamente. Sacudi a cabeça.

– Bertrand, ligue para seu pai. Diga a ele que você achou o arquivo. Pergunte a ele. – Você não confia em mim, é isso? Seu rosto ficou abatido. De repente, senti pena dele. Ele parecia magoado, incrédulo.

– Seu pai me pediu para não lhe contar – eu disse delicadamente. Bertrand se levantou do assento da privada como se estivesse exausto e estendeu a mão para a maçaneta da porta. Ele parecia derrotado, esgotado. Ele recuou um passo para acariciar meu rosto suavemente. Seus dedos estavam quentes de encontro à minha face.

– Julia, o que aconteceu conosco? Para onde foi tudo? Ele saiu do banheiro. As lágrimas desceram, e eu as deixei escorrer pelo meu rosto. Ele me ouviu soluçando, mas não voltou.



## Capítulo 54

NO VERÃO DE 2002 , sabendo que Sarah Starzynski havia saído de Paris há cinqüenta anos a caminho da cidade de Nova York, eu me senti impelida a atravessar o Atlântico novamente como uma peça de aço atraída por um poderoso ímã. Eu mal podia esperar para sair da cidade. Mal podia esperar para ver Zoé e procurar Richard J. Rainsferd. Mal podia esperar para embarcar naquele avião.

Eu me perguntava se Bertrand havia ligado para seu pai para descobrir o que acontecera no apartamento da rue de Saintonge muitos anos antes. Bertrand nada disse a respeito. Ele continuava cordial, mas indiferente. Eu sentia que ele também estava impaciente para que eu fosse logo embora. Para que ele pensasse em tudo? Para ver Amélie? Eu não sabia e não me importava. Eu disse a mim mesma que não me importava.

Algumas horas antes de minha partida para Nova York, liguei para meu sogro para me despedir. Ele não mencionou ter conversado com Bertrand e eu não lhe perguntei.

– Por que Sarah parou de escrever para os Dufaure? – perguntou Edouard. – O que você acha que aconteceu, Julia? – Eu não sei, Edouard. Mas eu vou fazer o melhor que puder para descobrir.

Essas mesmas perguntas me assombravam dia e noite. Quando embarquei no avião, algumas horas mais tarde, eu ainda estava me perguntando a mesma coisa.

Sarah Starzynski ainda estaria viva?

MINHA IRMÃ, COM SEUS brilhantes cabelos castanhos, suas covinhas, seus lindos olhos azuis. Sua compleição forte e atlética, tão parecida com a de nossa mãe. Les sœurs Jarmond. Mais altas do que todas as mulheres da família Tézac. Os sorrisos enigmáticos, alegres. Uma pontada de inveja. Por que vocês americanas são tão altas? É alguma coisa na comida, vitaminas, hormônios? Charla era ainda mais alta do que eu. Duas gravidezes não fizeram nada além de adicionar uma espécie de acolchoado à sua silhueta poderosa e elegante.

No instante em que viu meu rosto no aeroporto, Charla soube que eu tinha algo na cabeça, e que não tinha nada a ver com o bebê que eu decidira ter, ou com minhas dificuldades matrimoniais. Ao entrarmos de carro na cidade, seu telefone celular tocava incessantemente. Sua assistente, seu chefe, seus clientes, seus filhos, a babá. Ben, seu ex-marido de Long Island. Barry, seu marido atual em viagem de negócios a Atlanta – as ligações pareciam não ter fim. Eu estava tão feliz por vê-la que não me importei. Apenas o fato de estar perto dela, com nossos ombros se roçando, fazia com que eu me sentisse feliz.

Quando estávamos sozinhas no estreito prédio com fachada de arenito na East 81st Street, em sua impecável cozinha cromada, e depois de ela se servir de vinho branco e oferecer suco de maçã para mim (por causa da minha gravidez), a história toda saiu. Charla sabia pouco sobre a França. Ela não falava muito francês, sendo espanhol a única língua além do inglês em que ela era fluente. A França ocupada significava pouco para ela. Sentou-se em silêncio enquanto expliquei sobre a batida policial, os campos, os trens para a Polônia. Paris em julho de 1942. O apartamento da rue de Saintonge. Sarah e Michel, seu irmão.

Observei seu rosto adorável empalidecer de horror. O copo de vinho branco permanecia intacto. Ela apertava os lábios com força contra a boca e balançava a cabeça. Fui direto para o fim da história, para o último cartão de Sarah, datado de 1955, da cidade Nova York. Então ela disse: – Ai, meu Deus. – Tomou um pequeno gole do vinho. – Você veio aqui para encontrá-la, não foi? Concordei com um movimento de cabeça.

– Mas como você vai começar? – O nome que eu mencionei pelo telefone, lembra? Richard J. Rainsferd. Esse é o nome do marido dela.

– Rainsferd? – ela disse. Eu soletrei.

Charla se levantou agilmente e pegou o telefone sem fio. – O que você está fazendo? – perguntei.

Ela ergueu a mão, fazendo um gesto para que eu ficasse em silêncio. – Olá, telefonista, estou procurando um homem chamado Richard J. Rainsferd.

Estado de Nova York. Isso mesmo, RA.I.N.S.EE.RD. Nada? Está bem, pode verificar Nova Jersey por favor? Nada... Connecticut?... Ótimo. Sim, obrigada. Só um minuto.

Ela escreveu algo em um pedaço de papel. Depois, entregou-me com um floreio. –

Nós a encontramos – ela disse triunfalmente. Incrédula, eu li o número e o endereço.

Sr. e sra. R.J. Rainsferd, 2.299 Shepaug Drive, Roxbury, Connecticut. – Não é possível que sejam eles – murmurei. – Não pode ser tão fácil. – Roxbury – Charla refletiu. – Não fica no município de Litchfield? Eu tive um namorado lá. Você já tinha ido embora nessa época. Greg Tanner. Um gato. O pai dele era médico. É um lugar bonito, Roxbury. A cerca de 160 quilômetros de Manhattan.

Fiquei sentada no meu banquinho alto, perplexa. Eu simplesmente não conseguia acreditar que encontrar Sarah Starzynski tinha sido tão fácil, tão imediato. Eu mal tinha aterrissado. Ainda nem tinha falado com minha filha. E eu já tinha localizado Sarah. Ela ainda estava viva. Parecia impossível, irreal.

– Escute – eu disse - como podemos saber se é mesmo ela? Charla estava sentada à mesa, ocupada, usando o laptop. Ela vasculhou a bolsa em busca dos óculos e os posicionou sobre o nariz.

– Vamos descobrir agora mesmo.

Eu me coloquei atrás dela enquanto seus dedos corriam habilmente sobre o teclado.

– O que você está fazendo agora? – perguntei, confusa.

– Agüenta as pontas – ela me interrompeu de modo brusco, digitando vigorosamente. Sobre seu ombro, vi que ela já estava na internet.

A tela dizia: “Bem-vindo a Roxbury, Connecticut. Eventos, reuniões sociais, pessoas, imóveis.” – Perfeito. Exatamente o que estamos precisando – disse Charla, estudando a tela. Depois, ela delicadamente retirou o pedaço de papel de meus dedos, pegou o telefone novamente e digitou o número que estava no papel.

Estava indo tudo rápido demais. Eu estava ficando apavorada. – Charla! Espere! Mas o que é que você vai dizer, pelo amor de Deus?! Ela tampou

o fone com a palma da mão. Os olhos azuis ficaram indignados por cima dos aros dos óculos.

– Você confia em mim, não confia? Ela usou a voz da advogada poderosa, no controle da situação. Pude apenas concordar com a cabeça. Eu me sentia desamparada, em pânico. Levantei-me, andei pela cozinha mexendo nos eletrodomésticos, nas superfícies lisas.

Quando a olhei novamente, ela sorriu.

– Talvez você deva tomar um pouco de vinho, afinal de contas. E não se preocupe com a identificação da chamada, o prefixo 212 não aparece.

De repente ela levantou um dos dedos e apontou para o telefone. – Sim, oi, boa noite, quem está falando é... a... sra. Rainsferd? Eu não consegui

evitar um sorriso diante do tom anasalado. Ela sempre foi ótima em disfarçar a voz. – Ah, desculpe... Ela saiu? A sra. Rainsferd havia saído. Então realmente havia uma sra. Rainsferd. Continuei ouvindo, incrédula.

– Sim... aqui é Sharon Burstall da Biblioteca Minor Memorial na South Street. Eu estava imaginando se vocês estariam interessados em vir à nossa primeira reunião de verão, que está marcada para o dia 2 de agosto... Ah, entendo. Ah, sinto muito, senhora. Humm. Sim. Realmente sinto muito pelo incômodo, senhora. Obrigada. Adeus.

Ela desligou o telefone e me lançou um sorriso de satisfação consigo mesma. – E então? – perguntei, ofegante.

– A mulher com quem falei é a enfermeira de Richard Rainsferd. Ele está preso ao leito. Precisa de tratamento intensivo. Ela vai lá todas as tardes.

– E a senhora Rainsferd? – indaguei com impaciência.

– Volta a qualquer minuto.

Olhei para Charla inexpressivamente.

– E então, o que faço? – eu perguntei. – Simplesmente apareço lá? Minha irmã riu.  
– Você tem alguma outra idéia?

LÁ ESTAVA. NÚMERO 2.299 da Shepaug Drive. Desliguei o motor e fiquei no carro, com as mãos frias e úmidas pousadas sobre os joelhos.

De onde eu estava, conseguia ver a casa, além dos pilares gêmeos de pedra cinza do portão. Era uma construção baixa e larga, em estilo colonial, provavelmente construída no fim dos anos 30, eu imaginei. Menos impressionante do que as propriedades milionárias que eu vira no caminho, mas harmoniosa e de bom gosto.

Dirigindo pela estrada 67, fui atingida em cheio pela beleza rural e intocada do condado de Litchfield: montes ondulados, rios cintilantes, vegetação luxuriante, mesmo durante a explosão do verão. Eu havia esquecido como a Nova Inglaterra podia ser quente. Apesar do poderoso ar-condicionado, eu transpirava. Desejei ter trazido uma garrafa de água mineral comigo. Minha garganta estava ressecada.

Charla havia mencionado que os habitantes de Roxbury tinham alto poder aquisitivo. Roxbury era um daqueles lugares especiais: chique, com um sabor artístico dos velhos tempos, e de que ninguém nunca se cansava, ela explicou. Artistas, escritores, estrelas de cinema: aparentemente havia muitos deles por lá. Eu me perguntei o que Richard Rainsferd fazia para viver. Será que ele sempre teve casa aqui? Ou ele e Sarah haviam saído de Manhattan? E filhos? Quantos filhos eles teriam? Espiei através do pára-brisa para o exterior de madeira da casa e contei o número de janelas. Supus que havia provavelmente dois ou três quartos lá, a menos que os fundos fossem maiores do que eu pensava. Filhos que talvez tivessem a minha idade. E netos. Estiquei o pescoço para ver se havia algum carro estacionado em frente à casa. Só pude distinguir uma garagem fechada, separada da casa.

Dei uma olhada no relógio. Pouco depois das duas. Só levei algumas horas para ir de carro da cidade. Charla havia me emprestado seu Volvo, que era tão impecável quanto sua cozinha. De repente, desejei que ela pudesse estar comigo hoje. Mas ela não pôde cancelar seus compromissos.

– Vai dar tudo certo, irmãzinha – ela disse, jogando as chaves do carro para mim. – Mantenha-me informada, está bem? Fiquei sentada no Volvo, a ansiedade crescendo com o calor sufocante. Mas, afinal de contas, o que eu iria dizer para Sarah Starzynski? Eu nem mesmo podia chamá-la assim. Nem Dufaure. Ela agora era a sra. Rainsferd, ela vinha sendo a sra. Rainsferd durante os últimos cinqüenta anos. Sair do carro e tocar o sino de metal que eu podia ver logo à direita da porta da frente parecia impossível.

– Sim, olá, sra. Rainsferd, a senhora não me conhece, meu nome é Julia Jarmond, mas eu só queria conversar com a senhora sobre a rue de Saintonge e o que aconteceu, a família Tézac, e...

Eu parecia pouco convincente, artificial. O que eu estava fazendo aqui? Por que vim de tão longe? Eu deveria ter-lhe escrito uma carta e esperado que ela respondesse. Vir aqui era ridículo. Uma idéia ridícula. O que eu esperava, afinal de contas? Que ela me recebesse de braços abertos, que me servisse uma xícara de chá e murmurasse “é claro que eu perdoo a família Tézac”? Loucura. Surreal. Eu vim aqui para nada. Tenho que ir embora, e agora mesmo.

Eu estava prestes a recuar e ir embora quando uma voz me sobressaltou. – Está procurando alguém? Girei sobre o assento úmido para encontrar uma mulher bronzeada na casa dos 30 anos. Ela tinha cabelos curtos e escuros e uma silhueta sólida.

– Estou procurando a sra. Rainsferd, mas não tenho certeza de que estou na casa certa.

A mulher sorriu.

– Você está na casa certa. Mas minha mãe saiu. Foi fazer compras, mas volta daqui a vinte minutos. Sou Ornella Harris. Moro na casa ao lado.

Eu estava olhando para a filha de Sarah. A filha de Sarah Starzynski. Tentei me manter perfeitamente calma e consegui dar um sorriso educado.

– Sou Julia Jarmond.

– Prazer em conhecê-la – ela disse. – Posso ajudá-la em alguma coisa? Quebrei a cabeça à procura de algo para dizer.

– Bem, eu esperava encontrar sua mãe. Eu deveria ter telefonado, mas eu estava passando por Roxbury e pensei em parar para dizer olá.

– Você é amiga da mamãe? – ela disse.

– Não exatamente. Eu conheci um de seus primos recentemente, e ele me disse que ela morava aqui.

O rosto de Ornella se iluminou.

– Ah, você provavelmente conheceu Lorenzo! Isso foi na Europa? Tentei não parecer perdida. Quem poderia ser Lorenzo? – Na verdade, sim, foi em Paris. Ornella deu uma risadinha.

– É, ele é uma figura. Tio Lorenzo. Mamãe o adora. Ele não vem nos ver com muita frequência, mas telefona bastante.

Ela ergueu o queixo na minha direção.

– Ei, você quer entrar e tomar um chá gelado ou algo parecido? Está quente demais aqui fora. Assim você pode esperar por mamãe. Ouviremos seu carro quando ela entrar.

– Eu não quero incomodar...

– Meus filhos estão passeando de barco no lago Lillinonah com o pai, então por favor, fique à vontade! Saí do carro, sentindo-me cada vez mais nervosa, e segui Ornella até o pátio de uma casa vizinha no mesmo estilo da residência dos Rainsferd. A grama estava coberta de brinquedos espalhados, frisbees, bonecas Barbie sem cabeça e peças de Lego. Sentando-me sob a sombra fresca, me perguntei com que frequência Sarah Starzynski vinha aqui ver seus netos brincarem. Como ela vivia na casa ao lado, provavelmente vinha todos os dias.

Ornella me entregou um copo grande de chá gelado, que aceitei agradecida. Bebemos em silêncio.

– Você mora por aqui? – ela finalmente perguntou.

– Não, moro em Paris. Eu me casei com um francês.

– Paris, puxa! – ela elogiou. – Lugar lindo, hein? – É verdade, mas estou muito feliz por estar no meu país. Minha irmã mora em Manhattan e meus pais moram em Boston. Vim passar o verão com eles.

O telefone tocou e Ornella foi atender. Ela murmurou algumas palavras em voz baixa e voltou para o pátio.

– Era Mildred – ela disse.

– Mildred? – perguntei inexpressivamente.

– A enfermeira de meu pai.

A mulher com quem Charla conversou ontem. Que havia mencionado um senhor preso a uma cama.

– Seu pai... está melhor? – perguntei hesitante. Ela sacudiu a cabeça. – Não, não está. O câncer está muito adiantado. Ele não vai sobreviver. Ele nem mesmo consegue falar, está inconsciente.

– Lamento muito – murmurei.

– Graças a Deus mamãe é muito forte. É ela quem está me dando força para passar por tudo isso, e não o contrário. Ela é maravilhosa. Meu marido Eric também. Eu não sei o que faria sem esses dois.

Eu assenti. Então nós ouvimos o ruído de rodas de carro sobre o cascalho. – É mamãe! – disse Ornella.

Ouvi uma porta de carro bater e o rangido de passos nas pedrinhas. Então veio uma voz sobre a cerca viva, suave e aguda: – Nella! Nella! Havia um sotaque estrangeiro e cantado em sua voz.

– Estou indo, mãe.

Meu coração pulava dentro do peito. Tive que colocar minha mão sobre o esterno para acalmá-lo. Seguindo o vaivém dos quadris achatados de Ornella de volta sobre a grama, eu me senti desfalecer de excitação e agitação.

Eu ia conhecer Sarah Starzynski. Eu ia vê-la com meus próprios olhos. Só Deus sabe o que eu iria dizer a ela.

– Mamãe, esta é Julia Jarmond, uma amiga do tio Lorenzo. Ela é de Paris, está só de passagem por Roxbury.

A mulher sorridente que vinha na minha direção estava usando um vestido vermelho que chegava até os tornozelos. Ela tinha quase 60 anos. Tinha a mesma compleição forte da filha: ombros redondos, coxas roliças e braços grossos e generosos. Cabelos negros ficando grisalhos presos em um coque, pele bronzeada, curtida, e olhos muito negros.

Olhos negros.

Essa não era Sarah Starzynski. Isso eu sabia.



ENTÃO VOCÊ AMIGA DO LORENZO , si? Prazer em conhecê-la! O sotaque era bem italiano. Não havia dúvidas quanto a isso. Tudo naquela mulher era italiano. Fiquei tímida, gaguejando bastante.

– Sinto muito, sinto muitíssimo.

Ornella e sua mãe me olharam fixamente. Seus sorrisos ficaram em suspenso e desapareceram.

– Acho que encontrei a sra. Rainsferd errada.

– A sra. Rainsferd errada? – repetiu Ornella.

– Estou procurando Sarah Rainsferd – eu disse. – Acho que cometi um erro. A mãe de Ornella suspirou e afagou meu braço.

– Por favor, não se preocupe. Essas coisas acontecem.

– Estou indo embora agora – murmurei, com meu rosto pegando fogo. – Sinto muito por ter desperdiçado seu tempo.

Eu me virei e comecei a ir em direção ao carro, tremendo de vergonha e decepção. – Espere! – Veio a voz clara da sra. Rainsferd. – Senhorita, espere! Parei. Ela veio até mim e pôs sua mão roliça sobre meu ombro.

– Olhe, você não fez erro nenhum, senhorita. Franzia a sobrançelha. – Como assim? – A moça francesa, Sarah, era a primeira esposa de meu marido. Eu a encarei.

– Você sabe onde ela está? – murmurei.

A mão roliça me afagou novamente. Os olhos negros pareciam tristes. – Querida, ela está morta. Morreu, 1972. Sinto muito por lhe dizer isso. Suas palavras levaram séculos para penetrar em minha mente. Minha cabeça estava rodando. Talvez fosse o calor, o sol me martelando.

– Nella! Traga um pouco d'água! A sra. Rainsferd pegou meu braço, me levou de volta à varanda e ajudou-me a me sentar em um banco de madeira almofadado. Ela me deu um pouco d'água. Bebi, com os dentes fazendo ruído contra a borda do copo, e o entreguei a ela depois de terminar.

– Sinto tanto por lhe dar essas notícias, acredite.

– Como ela morreu? – perguntei em voz baixa.

– Acidente de carro. Richard e ela já estavam morando em Roxbury desde o início dos anos 60. O carro de Sarah derrapou no gelo no asfalto. Bateu contra uma árvore. As estradas muito perigosas aqui no inverno, sabe? Ela morta instantaneamente.

Eu não conseguia falar. Me sentia absolutamente desolada. – Você chateada, pobre querida, agora – ela murmurou, acariciando minha face com um gesto fortemente maternal.

Sacudi minha cabeça e murmurei algo. Eu me sentia esgotada, extenuada. Uma

concha vazia. A idéia do longo percurso de carro de volta a Nova York me fazia querer gritar. E depois... O que eu iria dizer a Edouard, a Gaspard? Como? Que ela estava morta? Simples assim? Que não havia mais nada a fazer? Ela estava morta. Ela morrerá aos 40 anos de idade. Ela se fora. Morta. Fim.

Sarah estava morta. Eu nunca conseguiria falar com ela. Eu jamais poderia pedir desculpas a ela, pedir desculpas por Edouard, dizer a ela quanto a família Tézac se importava. Eu jamais poderia dizer a ela que Gaspard e Nicolas Dufaure sentiam saudades dela, que eles mandavam lembranças. Era tarde demais. Trinta anos de atraso.

– Eu nunca a conheci, sabe – a sra. Rainsferd continuou. – Só conheci Richard alguns anos mais tarde. Ele um homem triste. E o menino...

Levantei a cabeça, prestando total atenção.

– Menino? – Sim, William. Você conhece William? – Filho de Sarah? – Sim, filho de Sarah.

– Meu meio-irmão – disse Ornella.

A esperança começou a se manifestar novamente.

– Não, eu não o conheço. Conte-me sobre ele.

– Pobre bambino, ele só 12 anos quando mãe morre, sabe? Um menino com o coração partido. Eu o criei como meu. Eu dei a ele amor pela Itália. Casou moça italiana de meu vilarejo natal.

Ela sorria com orgulho.

– Ele mora em Roxbury? – perguntei. Ela sorriu, afagou minha face novamente. – Mamma mia, não. William mora na Itália. Ele saiu de Roxbury em 1980, com 20 anos. Casou com Francesca em 1985. Tem duas meninas adoráveis. Volta para ver seu pai de vez em quando, e eu e Nella, mas não muitas vezes. Ele odeia este lugar. Lembra a morte da mãe dele.

Eu me senti muito melhor, de repente. Estava menos calor, menos abafado. Descobri que conseguia respirar melhor.

– Sra. Rainsferd – comecei.

– Por favor – ela disse. – Pode me chamar de Mara.

– Mara – concordei. – Preciso falar com William. Preciso encontrá-lo. É muito importante. A senhora poderia me dar o endereço dele na Itália?

A LIGAÇÃO ESTAVA RUIM e eu quase não conseguia ouvir a voz de Joshua. – Você precisa de um adiantamento? – ele disse. – No meio do verão? – Preciso! – gritei, espantada diante da descrença em sua voz.

– Quanto? Eu disse a ele.

– E aí, o que está acontecendo, Julia? O garanhão do seu marido virou pão-duro ou o quê? Eu suspirei impacientemente.

– Você vai me dar ou não, Joshua? É importante.

– É claro que eu vou dar – ele disse rispidamente. – É a primeira vez em muitos anos que você me pede dinheiro. Espero que não esteja com problemas.

– Não estou com problemas. Apenas preciso viajar. Só isso. E preciso viajar depressa.

– Ah – ele disse, e eu podia sentir sua curiosidade aumentando. – E para onde você vai? – Vou levar minha filha para a Toscana. Eu explico melhor em outra ocasião.

Meu tom foi claro e determinado. Ele provavelmente sentiu que era inútil tentar arrancar mais alguma coisa de mim. De Paris, eu podia sentir sua contrariedade pulsar. O adiantamento estaria em minha conta no fim daquela tarde, ele disse laconicamente. Agradei e desliguei.

Depois, coloquei minhas mãos sob o queixo e pensei. Se eu dissesse a Bertrand o que estava fazendo, ele faria uma cena. Iria tornar as coisas complicadas, difíceis. Eu não agüentaria. Eu poderia contar a Edouard... Não, era muito cedo. Cedo demais. Tinha que conversar com William Rainsferd primeiro. Eu já tinha o endereço dele e seria fácil localizá-lo. Conversar com ele era outra questão.

E havia Zoé. Como ela iria reagir com suas travessuras em Long Island sendo interrompidas? E não ir a Nahant, para a casa dos avós? Isso me preocupou no início. De alguma forma eu não pensava que ela iria se importar. Ela nunca tinha estado na Itália. E eu poderia fazê-la participar do segredo. Eu poderia dizer a verdade a ela, dizer que estávamos indo conhecer o filho de Sarah Starzynski.

E depois, havia meus pais. O que eu poderia dizer a eles? Como eu começaria? Eles também estavam esperando por mim em Nahant depois da estadia em Long Island. O que eu iria dizer a eles? – E – disse Charla lentamente, mais tarde, quando expliquei tudo isso a ela - você acha que está certo correr para a Toscana com Zoé, encontrar esse cara e simplesmente pedir desculpas sessenta anos depois? Hesitei diante da ironia na voz dela.

– Bem, por que não? – perguntei.

Ela suspirou. Estávamos sentadas na grande sala da frente que ela usava como escritório no segundo andar da casa. Seu marido iria chegar mais tarde naquela noite. O jantar estava esperando na cozinha. Nós o tínhamos preparado juntas mais cedo. Charla adorava cores brilhantes, assim como Zoé. A sala era uma mistura de verde-pistache, vermelho-rubi e laranja vivo. A primeira vez que entrei lá, minha cabeça começou a

latejar, mas eu me acostumei a elas e secretamente achava tudo intensamente exótico. Eu sempre tive inclinação por cores neutras e suaves como marrom, bege, branco ou cinza, mesmo no meu guarda-roupa. Charla e Zoé preferiam exagerar em tudo o que era de cor viva, mas ambas sabiam resolver a questão lindamente. Eu tanto invejava quanto admirava a audácia delas.

– Pare de ser a irmã mais velha mandona. Você está grávida, não se esqueça disso. Não sei se fazer essas viagens todas é a coisa certa neste momento.

Eu não disse nada. Ela tinha certa razão. Levantou-se e foi colocar um velho disco de Carly Simon para tocar. “You’re So Vain”, com Mick Jagger choramingando nos vocais.

Então, ela se virou e me encarou.

– Você tem mesmo que encontrar esse homem agora, neste minuto? Quero dizer, isso não pode esperar? Mais uma vez, ela tinha razão. Devolvi o olhar.

– Charla, não é tão simples. E não pode esperar. Não, não consigo explicar. É importante demais. E a coisa mais importante da minha vida neste momento. Além do bebê.

Ela suspirou novamente.

– Essa música da Carly Simon sempre me lembra o seu marido. “You’re so vain, betcha think this song is about you...” Soltei uma risada irônica.

– O que você vai dizer para o papai e a mamãe? – ela perguntou. – Sobre não ir para Nahant? E sobre o bebê? – Só Deus sabe.

– Pense nisso, então. Pense nisso com cuidado.

– Já pensei. Estou pensando.

Ela veio por trás de mim e esfregou meus ombros.

– Isso significa que você já tem tudo organizado? – Já.

– Rapidinha, hein! Suas mãos me provocaram uma sensação gostosa nos ombros, fazendo com que eu me sentisse sonolenta e aquecida. Olhei em torno da colorida sala de trabalho de Charla, a mesa coberta de arquivos e livros, as cortinas leves cor de rubi se movendo ao sabor da brisa suave. A casa estava silenciosa sem os filhos de Charla.

– E onde esse cara mora? – ela perguntou.

– Ele tem um nome. William Rainsferd. Mora em Lucca.

– Onde é isso? – Uma cidadezinha entre Florença e Pisa. – O que ele faz para viver? Nota de rodapé: “Você é tão vaidoso, aposto que pensa que essa canção é sobre você.” (N. da E.) Fim da nota de rodapé. – Eu pesquisei sobre ele na internet, mas sua madrastra me disse de qualquer maneira. É crítico de gastronomia. A mulher dele é escultora. Eles têm dois filhos. – E quantos anos tem William Rainsferd? – Você parece uma policial. Ele nasce em 1959.

– E você vai simplesmente entrar na vida desse homem e virar tudo de cabeça para

baixo.

Afastei as mãos dela, exasperada.

– Claro que não! Eu só quero que ele conheça o nosso lado da história. Eu quero ter certeza de que ele saiba que ninguém esqueceu o que aconteceu.

Um sorriso irônico.

– Ele provavelmente também não esqueceu. A mãe dele carregou tudo com ela durante toda a vida. Talvez ele não queira ser lembrado.

Uma porta bateu no andar de baixo.

– Alguém em casa? A linda mulher e sua irmã de Paris? O som surdo de passos subindo as escadas.

Barry, meu cunhado. O rosto de Charla se iluminou. Tão apaixonada, pensei. Eu me senti feliz por ela. Depois de um divórcio doloroso e cansativo, ela estava verdadeiramente feliz de novo.

Ao vê-los se beijarem, pensei em Bertrand. O que iria acontecer com nosso casamento? Que direção tomaria? Nosso casamento voltaria a ser o que era? Afastei tudo isso de minha mente enquanto seguia Charla e Barry até o primeiro andar.

Mais tarde, na cama, as palavras de Charla sobre William Rainsferd voltaram à minha mente. “Talvez ele não queira ser lembrado.” Eu me virei e me debati durante a maior parte da noite. Na manhã seguinte, eu disse a mim mesma que iria descobrir em breve se William Rainsferd tinha algum problema em falar sobre sua mãe e seu passado. Eu iria vê-lo, afinal de contas. Iria conversar com ele. Dentro de dois dias, Zoé e eu partiríamos do JFK e viajaríamos para Paris, e depois seguiríamos para Florença.

William Rainsferd sempre passava as férias de verão em Lucca. Mara havia me dito isso ao me dar o endereço dele. E Mara telefonou-lhe para dizer que eu estava procurando por ele.

William Rainsferd estava ciente de que uma tal Julia Jarmond iria ligar para ele. Isso era tudo o que ele sabia.

## Capítulo 59

O CALOR DA TOSCANA NADA tinha a ver com o calor da Nova Inglaterra. Era absurdamente seco, isento de qualquer vestígio de unidade. Saindo do aeroporto de Peretola de Florença com Zoé a reboque, o calor era tão devastador que pensei que iria murchar imediatamente, desidratada. Eu ficava culpando a gravidez por tudo, tentando me consolar, dizendo a mim mesma que normalmente não me sentia assim esgotada, ressecada. O jet lag também não ajudava. O sol parecia me morder, comendo minha pele e meus olhos apesar do chapéu de palha e dos óculos escuros.

Eu havia alugado um carro, um Fiat de aparência modesta, que estava esperando por nós no meio de um estacionamento banhado pelo sol. O ar-condicionado era mais do que brando. Ao dar marcha a ré, me perguntei repentinamente se iria conseguir fazer o percurso de 45 minutos até Lucca. Eu necessitava de um quarto fresco, sem sol, sentindo compulsão por dormir em lençóis leves e macios. A energia de Zoé me impulsionava. Ela não parava de falar, apontava para a cor do céu – um azul profundo, sem nuvens - os ciprestes beirando a estrada, as oliveiras plantadas em pequenas fileiras, as velhas casas em ruínas avistadas a distância, empoleiradas nos cumes dos montes.

– Agora vem Montecatini – ela dizia com a voz aguda, sabendo de tudo, apontando e lendo de um guia - famosa por seu luxuoso spa e por seu vinho.

Enquanto eu dirigia, Zoé lia em voz alta sobre Lucca. Era uma das raras cidades toscanas a manterem suas famosas muralhas medievais circundando um centro intacto onde poucos carros podiam entrar. Havia muita coisa a ser vista, Zoé continuou: a catedral, a igreja de San Michele, a torre Guinigi, o museu Puccini, o Palazzo Mansi... Eu sorria para ela, divertida com sua animação. Ela me olhou de volta.

– Acho que não vamos ter muito tempo para fazer turismo – ela sorriu. – Temos trabalho a fazer, não é, mamãe? – Temos mesmo – concordei.

Zoé já havia encontrado o endereço de William Rainsferd no seu mapa local de Lucca. Não era longe da via Fillungo, a artéria principal da cidade, uma grande rua de pedestres onde eu havia reservado quartos na Casa Giovanna, uma pequena pensão.

Ao nos aproximarmos de Lucca e do confuso labirinto de estradas que a margeiam, descobri que eu tinha que me concentrar nos estranhos métodos de direção dos carros à minha volta, que ficavam arrancando, parando ou virando sem qualquer tipo de sinalização. Definitivamente piores do que os parisienses, decidi, começando a me sentir perturbada e irritada. Também havia um lento puxão na parte inferior de minha barriga de que eu não gostei, que parecia estranhamente com a sensação de que minha menstruação estava para chegar. Algo que eu havia comido no avião e que não me caiu bem? Ou algo pior? Senti a apreensão palpando dentro de mim.

Charla estava certa. Era loucura vir aqui neste estado. Eu ainda não tinha chegado aos três meses de gravidez e poderia ter esperado. William Rainsferd poderia ter esperado mais seis meses por minha visita.

Mas então olhei para o rosto de Zoé. Estava lindo, iluminado de alegria e animação. Ela ainda não sabia nada sobre a minha separação de Bertrand. Ainda estava

inocente, preservada de todos os nossos planos. Esse seria um verão que ela jamais esqueceria.

Ao dirigir o Fiat para um dos estacionamentos grátis perto das muralhas da cidade, eu soube que queria fazer com que essa parte fosse para ela tão maravilhosa quanto possível.

Eu DISSE A Zoé que precisava colocar os pés para cima durante algum tempo. Enquanto ela batia papo no saguão com a amável Giovanna, uma mulher de aparência saudável e de voz quente, tomei um banho frio e me deitei na cama. A dor no meu baixo-ventre diminuiu aos poucos.

Nossos quartos contíguos eram pequenos, em um dos últimos andares do prédio antigo e alto, mas perfeitamente confortável. Fiquei pensando na voz de minha mãe quando liguei para ela do apartamento de Charla para dizer que eu não ia para Nahant, que eu iria levar Zoé de volta para a Europa. Eu sabia, por causa das breves pausas e do modo como pigarreou, que ela estava preocupada. Finalmente, ela me perguntou se estava tudo bem. Respondi alegremente que estava tudo bem, que eu tinha uma oportunidade de visitar Florença com Zoé e que depois voltaria para os Estados Unidos para estar com ela e papai.

– Mas você mal chegou! E por que ir embora quando você ficou com Charla apenas alguns dias? – ela protestou. – E por que interromper as férias de Zoé aqui? Eu simplesmente não entendo. E você estava dizendo quanto sentia saudades dos Estados Unidos. Isso tudo está me parecendo tão apressado! Sentime culpada. Mas como eu poderia explicar a história toda para ela e papai pelo telefone? Um dia, pensei. Não agora. Eu ainda me sentia culpada, deitada sobre a colcha rosa-claro que recendia levemente a lavanda. Eu nem tinha contado ainda para mamãe sobre a gravidez. E nem para Zoé. Eu desejava contar o segredo a eles, assim como a papai também. Mas algo me impedia. Alguma bizarra superstição, alguma apreensão profundamente enraizada em mim que eu jamais havia sentido antes. Nos últimos meses, minha vida parecia ter sutilmente mudado de direção.

Teria algo a ver com Sarah, com a rue de Saintonge? Ou era apenas um amadurecimento tardio? Eu não sabia dizer. Eu só sabia que me sentia como se tivesse emergido de uma neblina suave, protetora, que havia durado muito tempo. Agora meus sentidos estavam aguçados, perspicazes. Não havia neblina. Não havia nada suave. Havia somente fatos. Encontrar esse homem. Dizer a ele que sua mãe jamais fora esquecida pelos Tézac, pelos Dufaure.

Eu estava impaciente para vê-lo. Ele estava bem aqui, nesta mesma cidade, talvez caminhando pelo alvoroço da via Fillungo agora, neste exato momento. De alguma forma, enquanto eu estava deitada em meu pequeno quarto, os sons das vozes e das risadas que vinham da rua estreita através da janela aberta, acompanhados pelo ronco ocasional de uma Vespa ou o som agudo da sineta de uma bicicleta, me senti próxima a Sarah, mais perto do que jamais estivera antes, porque eu estava prestes a conhecer o filho dela, sua carne, seu sangue. Isso era o mais próximo que eu jamais estaria da menininha com a estrela amarela.

Simplesmente estenda a mão, pegue esse telefone e ligue para ele. Simples. Fácil.

Ainda assim eu estava me sentindo incapaz de fazer isso. Eu olhava inerte e fixamente para o telefone preto e obsoleto, e suspirei de desespero e irritação. Continuei deitada, me sentindo uma idiota, quase envergonhada. Percebi que estava tão obcecada pelo filho de Sarah que nem havia levado em conta a cidade de Lucca, com seu charme e sua beleza. Eu havia me arrastado por ela como uma sonâmbula, seguindo Zoé, que parecia deslizar pela complexidade das antigas ruas sinuosas como se ela sempre tivesse vivido aqui. Eu não tinha visto nada de Lucca. Nada importava para mim, exceto William Rainsferd. E eu nem conseguia ligar para ele.

Zoé entrou e se sentou na beira da cama.

– Você está bem? – ela perguntou.

– Dei uma boa descansada – respondi.

Ela me inspecionou, com seus olhos cor de avelã percorrendo meu rosto. – Acho que você deveria descansar mais um pouco, mamãe. Franzi as sobrancelhas.

– Pareço cansada? Ela fez que sim com a cabeça.

– Apenas descanse, mamãe. Giovanna me deu alguma coisa para comer. Você não precisa se preocupar comigo. Está tudo sob controle.

Não consegui evitar um sorriso diante de tanta seriedade. Quando chegou perto da porta, ela se virou.

– Mamãe...

– Sim, querida? – Papai sabe que estamos aqui? Eu ainda não havia contado a Bertrand sobre trazer Zoé a Lucca. Ele sem dúvida explodiria quando descobrisse.

– Não, querida, ele não sabe.

Ela mexeu na maçaneta da porta com os dedos.

– Você e papai brigaram? Era inútil mentir para aqueles olhos claros e solenes. – Brigamos sim, querida. Papai não concorda com a minha tentativa de descobrir mais coisas sobre Sarah. Ele não ficaria feliz se soubesse. – Vovô sabe.

Eu me ergui, sobressaltada.

– Você falou com seu avô sobre isso tudo? Ela confirmou com a cabeça. – Falei. Ele realmente se importa com Sarah. Eu liguei para ele de Long Island e disse a ele que você e eu estávamos vindo aqui para conhecer o filho dela. Eu sabia que você iria ligar para ele mais cedo ou mais tarde, mas eu estava tão animada que tinha que contar a ele.

– E o que ele disse? – perguntei, fascinada com a franqueza de minha filha. – Ele disse que estávamos certas em vir aqui. E que ele iria dizer isso a papai caso ele fizesse algum rebuliço. Ele disse que você é uma pessoa maravilhosa. – Edouard disse isso? – Disse.

Sacudi a cabeça, confusa e emocionada.

– Vovô disse mais uma coisa. Ele disse que você tinha que ir com calma, que eu tinha que cuidar para que você não se cansasse demais.



Então Edouard sabia. Ele sabia que eu estava grávida. Ele havia conversado com Bertrand. Foi provavelmente uma longa conversa entre pai e filho. E Bertrand, agora, estava ciente do que havia acontecido no apartamento da rue de Saintonge no verão de 1942.

A voz de Zoé arrancou Edouard dos meus pensamentos. – Por que você simplesmente não liga para William, mamãe? Por que não marca um horário com ele? Eu me sentei na cama.

– Você está certa, meu amor.

Peguei o pedaço de papel que continha o número de William, escrito com a caligrafia de Mara, e disquei no telefone antiquado. Meu coração batia com força. Isso era surreal, pensei. Aqui estava eu, ligando para o filho de Sarah.

Ouvi alguns toques irregulares e depois o chiado de uma secretária eletrônica. Uma voz de mulher em italiano rápido. Desliguei rapidamente, sentindo-me ridícula.

– Mas isso foi burrice – observou Zoé. – Nunca desligue diante de uma máquina. Você me disse isso milhares de vezes.

Disquei novamente, sorrindo diante do desgosto adulto que ela estava sentindo com relação a mim. Desta vez eu esperei pelo bipe. E, quando eu falei, saiu tudo maravilhosamente bem, como se eu tivesse ensaiado durante dias.

– Boa tarde, aqui é Julia Jarmond, estou ligando em nome da sra. Mara Rainsferd. Minha filha e eu estamos em Lucca, hospedadas na Casa Giovanna na via Fillungo. Estaremos aqui durante alguns dias. Aguardo notícias suas. Obrigada, até logo.

Aliviada, mas também desapontada, recoloquei o fone no gancho preto. – Muito bem – disse Zoé. – Agora continue descansando. Veja você mais tarde. Ela deu um beijo em minha testa e saiu do quarto.

## Capítulo 60

JANTAMOS EM UM RESTAURANTEZINHO agradável atrás do hotel, perto do anfiteatro – um grande círculo de casas antigas onde, séculos atrás, costumavam ser realizados jogos medievais. Sentime renovada depois de descansar e apreciei o desfile colorido de turistas, dos habitantes de Lucca, dos vendedores de rua, das crianças, dos pombos. Descobri que os italianos amam as crianças. Zoé era chamada de principessa pelos garçons e pelos vendedores das lojas. Ela era bajulada, recebida com sorrisos, beliscavam suas orelhas, apertavam seu nariz, acariciavam seu cabelo. No início, isso me deixou nervosa, mas ela se divertia, esforçando-se arduamente em falar seu italiano rudimentar: “Sono francese e americana, mi chiama Zoé.” O calor diminuía, deixando correntes de ar fresco em seu rastro. Entretanto, eu sabia que estaria quente e abafado em nossos pequenos quartos, bem acima da rua. Os italianos, como os franceses, não gostam de ar-condicionado. Eu não teria me importado com a rajada gelada de um ar-condicionado à noite.

Quando voltamos para a Casa Giovanna, entorpecidas pelo jet lag, havia um recado afixado em nossa porta. “Perfavore telefonare William Rainsferd.” Fiquei paralisada, atônita. Zoé soltou um gritinho.

– Agora? – eu disse.

– Bem, são só 15 para as nove – disse Zoé.

– Está bem – respondi, abrindo a porta com dedos trêmulos. Com o fone preto grudado no ouvido, disquei o número pela terceira vez naquele dia. Secretária eletrônica, eu disse a Zoé apenas movimentando os lábios. Fale, ela me respondeu também sem fazer qualquer som. Depois do bipe, murmurei meu nome, hesitei, e estava prestes a desligar quando uma voz masculina disse: – Alô? Um sotaque americano. Era ele.

– Oi – eu disse. – Aqui é Julia Jarmond.

– Oi – ele disse. – Estou no meio do jantar.

– Ah, sinto muito...

– Não tem problema. Você quer se encontrar comigo amanhã antes do almoço? – É claro – respondi.

– Há um ótimo café no alto das muralhas, logo depois do Palazzo Mansi. Poderíamos nos encontrar lá ao meio-dia? – Está bem – eu disse. – Hum... Como nos reconheceremos? Ele riu.

– Não se preocupe. Lucca é um lugar minúsculo. Eu vou encontrá-la. Uma pausa. – Até logo – ele disse, e desligou.

NA MANHÃ SEGUINTE, a dor na minha barriga havia voltado. Não era muito forte, mas me incomodou com uma discreta persistência. Decidi ignorá-la. Se eu ainda estivesse com dor depois do almoço, pediria a Giovanna para chamar um médico. Caminhando para o café, eu me perguntei como iria abordar o assunto com William. Eu havia parado de pensar nisso e percebia agora que não deveria tê-lo feito. Iria remexer em lembranças tristes e dolorosas. Talvez ele não quisesse conversar sobre a mãe. Talvez essa história fosse algo que ele tivesse deixado no passado. Ele tinha a vida dele aqui, longe de Roxbury, longe da rue de Saintonge. Uma vida bucólica e pacata. E cá estava eu trazendo de volta o passado. Os mortos.

Zoé e eu descobrimos que a gente na verdade podia caminhar sobre as grossas muralhas medievais que circundavam a pequena cidade. Elas eram altas e largas, e em seu topo havia uma trilha larga guarnecida por uma densa fileira de castanheiras. Nós nos misturamos à incessante correnteza de pessoas correndo e caminhando, ciclistas, patinadores, mães com os filhos, senhores conversando em voz alta, adolescentes em lambretas, turistas.

O café era um pouco mais adiante, sob a sombra de árvores frondosas. Eu me aproximei com Zoé, sentindo-me estranhamente tola, quase entorpecida. O terraço estava vazio, exceto por um casal de meia-idade que tomava sorvete e alguns turistas alemães debruçados sobre um mapa. Baixei meu chapéu sobre os olhos e alisei minha saia amarrotada.

Eu estava ocupada lendo o menu para Zoé quando ele disse meu nome. – Julia Jarmond.

Ergui os olhos e me deparei com um homem alto e forte, de quarenta e poucos anos. Ele se sentou em frente a Zoé e a mim.

– Oi – disse Zoé.

Descobri que não conseguia falar. Eu conseguia somente encará-lo. Seu cabelo era louro-escuro e salpicado de cinza. Entradas na testa. Maxilar quadrado. Um lindo nariz.

– Oi – ele disse para Zoé. – Peça o tiramisú. Você vai amar. Depois, ele levantou os óculos escuros, empurrando-os para trás sobre a testa para colocá-los sobre a cabeça. Os olhos da mãe. Oblíquos e cor de turquesa. Ele sorriu.

– Então você é jornalista, presumo? Baseada em Paris? Pesquisei sobre você na internet.

Eu tossi, mexendo com os dedos nervosamente no meu relógio. – Eu também pesquisei sobre você, sabe? Foi um livro fabuloso, seu último, Tuscan Feasts.

William Rainsferd suspirou e deu uns tapinhas na barriga. – Ah, aquele livro contribuiu muito para que eu ganhasse mais 5 quilos. E nunca consegui me livrar deles.

Sorri alegremente. Ia ser difícil mudar dessa conversa agradável e tranquila para o que eu sabia que estava à frente. Zoé olhou para mim intencionalmente.

– Foi muito gentil da sua parte vir aqui nos encontrar... Obrigada... Minha voz

soava perdida, pouco convincente.

– Tudo bem – ele sorriu, estalando os dedos para chamar o garçom. Pedimos tiramisú, uma Coca-Cola para Zoé e dois cappuccinos.

– É a sua primeira vez em Lucca? – ele perguntou.

Assenti. O garçom nos rodeava. William Rainsferd falou com ele em italiano rápido e fluente. Ambos riram.

– Venho a este café com muita frequência – ele explicou. – Gosto de ficar aqui. Mesmo em um dia quente como este.

Zoé experimentou o tiramisú, com sua colher tinindo contra a tigelinha de vidro. Um repentino silêncio caiu sobre nós.

– O que posso fazer para ajudá-la? – ele perguntou sorridente. – Mara mencionou algo sobre minha mãe.

Em meu íntimo, agradei a Mara. Parecia que ela havia tornado as coisas mais fáceis.

– Eu não sabia que sua mãe havia falecido – eu disse. – Lamento. – Tudo bem. – Ele encolheu os ombros, colocando um torrão de açúcar em seu

café. – Aconteceu há muito tempo. Eu era criança. Você a conheceu? Parece um pouco jovem demais para isso.

Sacudi a cabeça.

– Não, não conheci sua mãe. Acontece que eu estou me mudando para o apartamento onde ela morava durante a guerra. Rue de Saintonge, em Paris. E eu conheço pessoas que eram próximas a ela. É por isso que estou aqui. É por isso que eu vim vê-lo.

Ele colocou a xícara de café sobre a mesa e olhou para mim em silêncio. Os olhos claros estavam calmos e pensativos.

Sob a mesa, Zoé colocou uma mão úmida sobre meu joelho nu. Observei alguns ciclistas passarem por nós. O calor estava nos massacrando novamente. Respirei fundo.

– Não tenho certeza de como começar – titubeei. – E eu sei que deve ser difícil para você ter que pensar nesse assunto novamente, mas eu senti que tinha que fazer isto. Os parentes de meu marido, os Tézac, conheceram sua mãe na rue de Saintonge, em 1942.

Pensei que o nome Tézac poderia fazê-lo lembrar-se de algo, mas ele permaneceu imóvel. Rue de Saintonge também não pareceu lembrá-lo de nada.

– Depois do que aconteceu, quero dizer, os trágicos eventos de julho de 1942, e a morte de seu tio, eu apenas queria lhe assegurar que a família Tézac jamais conseguiu esquecer sua mãe. Meu sogro, especialmente, pensa nela todos os dias.

Houve um silêncio. Os olhos de William Rainsferd pareciam estar se contraindo. – Sinto muito – eu disse rapidamente – eu sabia que tudo isso seria doloroso para

– você. Sinto muito.

Quando ele finalmente falou, sua voz parecia estranha, quase sufocada. – O que você quer dizer com trágicos eventos?

– Bem, a batida policial do Vel’ d’Hiv – balbuciei. – Famílias judias, presas em Paris, em julho de 1942...

– Continue – ele disse.

– E os campos... As famílias enviadas de Drancy para Auschwitz... William Rainsferd espalmou as mãos, sacudiu a cabeça.

– Desculpe, mas eu não vejo o que isso tem a ver com a minha mãe. Zoé e eu trocamos olhares desconfortáveis.

Um longo minuto se arrastou. Eu me sentia gravemente desconfortável. – Você mencionou a morte de um tio? – ele disse finalmente. – Sim... Michel. O irmãozinho de sua mãe. Na rue de Saintonge. Silêncio. – Michel? – Ele parecia perplexo. – Minha mãe nunca teve um irmão chamado

Michel. E eu nunca ouvi falar da rue de Saintonge. Sabe, acho que não estamos falando sobre a mesma pessoa.

– Mas o nome de sua mãe era Sarah, certo? – murmurei, confusa. Ele assentiu. – Isso mesmo. Sarah Dufaure.

– Sim, Sarah, Dufaure, é ela – eu disse avidamente. – Ou melhor, Sarah Starzynski. Eu esperava que os olhos dele se iluminassem.

– Como é que é? – ele disse, com as sobrancelhas se inclinando para baixo. – Sarah o quê? – Starzynski. O nome de solteira de sua mãe.

William Rainsferd me olhou fixamente, erguendo o queixo. – O nome de solteira de minha mãe era Dufaure.

Um sinal de alerta disparou em minha cabeça. Havia algo errado. Ele não sabia. Ainda havia tempo para ir embora, tempo para sair antes que eu destruísse a paz da vida desse homem.

Colei um sorriso jovial em meu rosto, murmurei algo sobre um engano e arrastei minha cadeira para trás alguns centímetros, instando Zoé carinhosamente a deixar sua sobremesa. Eu não iria mais desperdiçar o tempo dele. Eu lamentava muitíssimo. Levantei-me de minha cadeira. Ele também se levantou.

– Acho que estamos falando da Sarah errada – ele disse, sorrindo. – Não importa, aproveite sua estada em Lucca. Foi bom conhecê-la, de qualquer forma.

Antes que eu pudesse emitir qualquer som, Zoé colocou sua mão em minha bolsa e entregou algo a ele.

William Rainsferd baixou os olhos para a fotografia da menininha com a estrela amarela.

– Essa é sua mãe? – Zoé perguntou baixinho.

Parecia que tudo havia ficado silencioso à nossa volta. Nenhum ruído vinha da rua movimentada. Mesmo os pássaros pareciam ter parado de gorjear. Havia somente o calor. E o silêncio.

– Meu Deus – ele disse.

Então ele se sentou de novo, pesadamente.

## Capítulo 62

A FOTOGRAFIA ESTAVA POUSADA ENTRE NÓS , sobre a mesa. William Rainsferd olhava da foto para mim e de mim para a foto, repetidamente. Ele leu a legenda no verso diversas vezes, com uma expressão incrédula, perplexa.

– Parece exatamente com a minha mãe quando era criança – ele disse finalmente. – Isso eu não posso negar.

Zoé e eu permanecemos em silêncio.

– Eu não entendo. Não pode ser. Não é possível.

Ele esfregava as mãos uma na outra nervosamente. Percebi que usava uma aliança de casamento de prata. Ele tinha dedos longos e delgados.

– A estrela... – Ele ficava sacudindo a cabeça. – Essa estrela em seu peito... Seria possível que esse homem não soubesse a verdade sobre o passado de sua mãe? Sua religião? Seria possível que Sarah não houvesse contado nada aos Rainsferd? Observando seu rosto perplexo, sua ansiedade, eu entendi. Não, ela não havia contado a eles. Ela não havia revelado nada sobre sua infância, suas origens, sua religião. Ela havia rompido totalmente com seu terrível passado.

Desejei estar longe dali. Longe desta cidade, deste país, da incompreensão desse homem. Como pude ter sido tão cega? Como não consegui prever isso? Nem uma vez imaginei que Sarah pudesse ter mantido tudo aquilo em segredo. Seu sofrimento havia sido enorme. Eis por que ela nunca escreveu para os Dufaure. Eis por que ela jamais contou ao filho sobre quem ela realmente era. Ela quis começar uma nova vida na América.

E cá estava eu, uma estranha, revelando a dura verdade para esse homem, uma desajeitada portadora de más notícias.

William Rainsferd empurrou a fotografia de volta para mim, com a boca tensa. – Para que você veio aqui? – ele falou em voz baixa. Minha garganta estava seca. – Para me dizer que minha mãe tinha outro nome? Que ela estava envolvida em uma tragédia? É por isso que você está aqui? Eu podia sentir minhas pernas tremendo debaixo da mesa. Não era isso que eu imaginara. Eu havia imaginado dor, pesar, mas não isso. Não a raiva dele.

– Pensei que você soubesse – arrisquei. – Eu vim porque minha família se lembra de tudo pelo que ela passou em 1942. É por isso que estou aqui.

Ele sacudiu a cabeça, remexeu os cabelos com dedos agitados. Seus óculos escuros caíram com um estrépito sobre a mesa.

– Não – ele respirou. – Não. Não, não. Isso é loucura. Minha mãe era francesa. Ela se chamava Dufaure e nasceu em Orléans. Ela perdeu os pais durante a guerra. Ela não tinha irmãos, não tinha família. Ela nunca morou em Paris, nessa rue de Saintonge. Essa menininha judia não pode ser ela. Você cometeu um grande engano.

– Por favor – eu disse suavemente. – Deixe-me explicar, deixe-me contar-lhe a história toda...

Ele levantou e empurrou as palmas das mãos na minha direção, como se quisesse me afastar.

– Eu não quero saber. Guarde a “história toda” para você mesma. Senti a dor familiar repuxar as minhas entranhas, corroendo meu útero por dentro com uma fisgada.

– Por favor – eu disse debilmente. – Por favor, escute o que tenho a dizer. William Rainsferd ficou de pé, com um gesto rápido e leve para um homem tão grande. Ele baixou os olhos para mim, com o rosto sombrio. – Vou ser muito claro. Eu não quero ver você novamente. Não quero falar a

respeito disso novamente. Por favor, não me telefone mais. E foi embora.

Zoé e eu ficamos paralisadas. Tudo isso por nada. Essa viagem toda, todos os esforços, para isso. Para esse beco sem saída. Eu não conseguia acreditar que a história de Sarah acabava aqui, tão rapidamente. Simplesmente não podia se esgotar assim.

Ficamos sentadas em silêncio por um longo momento. Depois, trêmula, apesar do calor, paguei a conta. Zoé não disse uma palavra. Ela parecia atordoada.

Eu me levantei, com a exaustão impedindo cada movimento. E agora? Para onde ir? De volta a Paris? De volta para a casa de Charla? Eu me arrastei. Meus pés pesavam como chumbo. Podia ouvir a voz de Zoé me chamando, mas eu não queria me virar. Queria voltar para o hotel, e rápido. Para pensar. Para prosseguir com a minha vida. Para ligar para a minha irmã. E para Edouard e Gaspard.

A voz de Zoé estava alta agora, ansiosa. O que ela queria? Por que ela estava choramingando? Percebi transeuntes me olhando. Voltei-me na direção da minha filha, irritada, dizendo a ela para se apressar.

Ela correu para o meu lado e agarrou minha mão. Seu rosto estava pálido. – Mamãe... – ela sussurrou com a voz fina e tensa.

– O quê? O que foi? – falei rapidamente.

Ela apontou para as minhas pernas. Começou a choramingar como um cachorrinho.

Olhei para baixo. Minha saia branca estava encharcada de sangue. Olhei de volta para a minha cadeira, manchada com uma meia-lua cor de carmim. Grossos filetes vermelhos escorriam lentamente pelas minhas coxas.

– Você está machucada, mamãe? – Zoé perguntou, com a voz sufocada. – O bebê – eu disse, aterrorizada. Zoé me encarou.

– O bebê? – ela gritou, com seus dedos apertando o meu braço. – Mamãe, que bebê? Do que você está falando? Seu rosto pontiagudo gradualmente desapareceu da minha frente. Minhas pernas se dobraram. Aterrissei primeiro com o queixo na rua quente e seca.

Depois, o silêncio. E a escuridão.



## Capítulo 63

ABRI OS OLHOS e vi o rosto de Zoé a alguns centímetros do meu. Eu sentia o inconfundível cheiro de hospital à minha volta. Um quarto pequeno e verde. Soro intravenoso no meu antebraço. Uma mulher usando uma blusa branca rabiscando algo em uma tabela.

– Mamãe... – sussurrou Zoé, apertando minha mão. – Mamãe, está tudo bem. Não se preocupe.

A jovem se postou ao meu lado, sorriu e afagou a cabeça de Zoé. – Você vai ficar bem, Signora – ela disse, em inglês surpreendentemente bom. – Perdeu bastante sangue, mas agora está bem.

Minha voz saiu como um gemido.

– E o bebê? – O bebê está bem. Fizemos uma tomografia. Havia um problema com a placenta. Agora você precisa descansar. Nada de levantar por algum tempo.

Ela saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente atrás dela. – Você me deu um susto do cacete – disse Zoé. – E eu posso dizer “cacete” hoje.

Eu não acho que você vá me dar uma bronca.

Eu a puxei para perto de mim, abraçando-a o mais forte que consegui, apesar do soro em meu braço.

– Mamãe, por que você não me contou sobre o bebê? – Eu ia contar, querida. Ela levantou os olhos para mim.

– É por causa do bebê que você e papai estão tendo problemas? – É. – Você quer o bebê mas o papai não quer, não é isso?

– Mais ou menos isso.

Ela afagou minha mão com carinho.

– Papai está vindo.

– Ai, meu Deus – eu disse.

Bertrand aqui. Bertrand no meio das conseqüências disso tudo. – Eu liguei para ele – disse Zoé. – Ele estará aqui dentro de algumas horas. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas que escorreram lentamente pelo meu rosto.

– Mamãe, não chore – implorou Zoé, enxugando meu rosto freneticamente com as mãos. – Está tudo bem, está tudo bem agora.

Dei um sorriso cansado, assentindo para tranquilizá-la. Mas meu mundo parecia insignificante, vazio. Eu não parava de pensar em William Rainsferd indo embora. “Eu não quero ver você novamente. Eu não quero falar a respeito disso novamente. Por favor, não me telefone mais. Seus ombros curvados, caídos. A tensão em sua boca.

Os dias, as semanas e os meses a seguir se estenderam, tristes e cinzentos. Eu jamais havia me sentido tão desesperada, tão perdida. O meu ângulo havia sido

arrancado. O que eu ainda tinha? Um bebê que meu futuro ex-marido não queria e que eu teria que criar sozinha. Uma filha que logo seria adolescente e que poderia não ser mais a maravilhosa menininha que era agora. De repente, o que havia para esperar? Bertrand chegou, calmo, eficiente, carinhoso. Eu me coloquei nas mãos dele, ouvi-o conversando com o médico, observei-o confortar Zoé com um ocasional olhar enternecido. Ele cuidou de todos os detalhes. Eu deveria permanecer lá até que o sangramento parasse totalmente. Depois, deveria viajar de volta a Paris e levar tudo com calma até o outono, até o quinto mês. Bertrand não mencionou Sarah uma só vez. Ele não fez uma só pergunta. Recolhi-me em um silêncio confortável. Eu não queria falar sobre Sarah.

Comecei a me sentir como uma velhinha, levada para cá e para lá, como Mame era levada para cá e para lá, dentro dos limites de seu “lar”, recebendo os mesmos sorrisos plácidos, a mesma benevolência insípida. Era fácil deixar outra pessoa controlar sua vida. De qualquer maneira, eu não tinha muito por que lutar. Com exceção desta criança.

A criança que Bertrand também não mencionou uma vez sequer.

## Capítulo 64

ALGUMAS SEMANAS MAIS TARDE , quando aterrissamos em Paris, parecia que havia se passado um ano inteiro. Eu ainda me sentia cansada e triste. Pensava em William Rainsferd todos os dias. Diversas vezes peguei o telefone, ou uma caneta e um papel, com a intenção de conversar com ele, escrever, explicar, dizer algo, pedir desculpas – mas não tinha coragem.

Eu deixava os dias passarem e vi o verão se transformar em outono. Ficava deitada na cama e lia, escrevia meus artigos no laptop, falava com Joshua, Bamber, Alessandra, com minha família e meus amigos pelo telefone. Meu quarto era meu local de trabalho. Tudo pareceu complicado no início, mas funcionou. Minhas amigas Isabelle, Holly e Susannah se revezavam para vir e preparar meu almoço. Uma vez por semana, uma de minhas cunhadas ia ao Inno ou ao Franprix mais próximo para comprar mantimentos com Zoé. Cécile, roliça e sensual, fazia crepes fofinhos pingando manteiga e a harmoniosa e angular Laure criava exóticas saladas com baixo teor calórico que eram surpreendentemente saborosas. Minha sogra vinha com menos frequência, mas enviava a faxineira, a dinâmica e perfumada Madame Leclère, que passava o aspirador de pó com uma energia tão terrível que me dava contrações. Meus pais vieram ficar comigo durante uma semana e se hospedaram em seu hotelzinho favorito na rue Delambre, em êxtase com a idéia de serem avós novamente.

Edouard vinha me visitar todas as sextas-feiras com um buquê de rosas cor-de-rosa. Ele se sentava na poltrona próxima à cama e, repetidamente, pedia que eu descrevesse a conversa que acontecera entre William e eu em Lucca. Ele balançava a cabeça e suspirava. Ele disse, diversas vezes, que deveria ter previsto a reação de William. Como nem ele e nem eu imaginamos que William não sabia, que Sarah jamais contara uma só palavra? – Nós não podemos ligar para ele? – ele perguntava, com olhos esperançosos. – Não posso ligar para ele e explicar? – Depois, ele olhava para mim e murmurava – Não, claro, não posso fazer isso, que idiota eu sou! Que ridículo da minha parte! Perguntei à minha médica se eu poderia fazer uma reuniãozinha em casa, deitada no sofá da sala. Ela concordou e me fez prometer que eu não carregaria nada pesado e permaneceria na horizontal, à la Récamier. Uma noite, no fim do verão, Gaspard e Nicolas Dufaure vieram conhecer Edouard. Nathalie Dufaure também estava lá. E eu havia convidado Guillaume. Foi um momento mágico e emocionante. Três senhores de idade avançada que tinham uma menininha inesquecível em comum. Eu os observei se debruçando sobre as velhas fotos de Sarah, sobre as cartas. Gaspard e Nicolas nos perguntaram sobre William e Nathalie ouvia, ajudando Zoé a servir comida e bebidas.

Nicolas, uma versão ligeiramente mais jovem de Gaspard, com o mesmo rosto redondo e cabelos brancos em tufos, falou de seu relacionamento particular com Sarah, e de como ele costumava provocá-la por causa de seu silêncio que tanto o incomodava, e como qualquer reação, ainda que fosse encolher os ombros, um insulto ou um chute eram um triunfo porque ela, por um instante, emergia de seu mundo secreto, de seu isolamento. Ele nos contou sobre a primeira vez que ela tomou banho de mar, em Trouville, no começo dos anos 50. Ela havia ficado olhando para o oceano em absoluto êxtase, e depois estendeu os braços, gritou de prazer e correu para a água com suas

pernas ágeis e magrelas, e se arremessou contra as ondas frias e azuis com gritinhos de alegria. E eles a seguiram, gritando tão alto quanto ela, extasiados com uma nova Sarah que eles nunca tinham visto.

– Ela era linda – Nicolas recordou. – Uma linda garota de 18 anos reluzindo de vida e energia, e eu senti naquele dia, pela primeira vez, que havia felicidade dentro dela, que havia esperança para ela mais à frente.

Dois anos mais tarde, entretanto, Sarah saiu da vida dos Dufaure para sempre, carregando seu passado secreto para a América. E vinte anos mais tarde ela estava morta. Eu me perguntava como aqueles vinte anos na América haviam sido. Seu casamento, o nascimento de seu filho. Ela tinha sido feliz em Roxbury? Somente William tinha essas respostas, eu pensava. Somente William poderia nos contar. Meus olhos encontraram os de Edouard, e eu podia dizer que ele estava pensando a mesma coisa.

Ouvi a chave de Bertrand na fechadura e meu marido surgiu, bronzeado, lindo, exalando Habit Rouge, sorrindo jovialmente, apertando as mãos das pessoas com tranquilidade, e eu não pude deixar de me lembrar da letra daquela música de Carly Simon que fazia Charla se lembrar de Bertrand: “You walked into the party like you were walking onto ayacbt.” Nota de rodapé: “Você entrou na festa como se estivesse embarcando em um iate.” (N. do T.) Fim da nota de rodapé.

## Capítulo 65

BERTRAND DECIDIU ADIAR A MUDANÇA para a rue de Saintonge por causa dos problemas com minha gravidez. Nessa nova vida esquisita à qual eu ainda não conseguia me acostumar, ele estava presente fisicamente de forma útil e amistosa, mas não estava comigo espiritualmente. Ele viajava mais do que o normal, chegava em casa tarde e saía cedo. Ainda compartilhávamos a mesma cama, mas não era mais uma cama matrimonial. O muro de Berlim havia brotado no meio dela.

Zoé parecia aceitar tudo isso sem dificuldade ou hesitação. Ela muitas vezes falava sobre o bebê, quanto ele significava para ela, como ela estava animada. Ela foi fazer compras com minha mãe durante a estada de meus pais, e ambas ficaram loucas na Bonpoint, a boutique de roupas para bebês exorbitantemente cara e chique na rue de l'Université.

A maioria das pessoas reagiu como minha filha, meus pais e minha irmã, meus sogros e Mame: elas estavam emocionadas com o nascimento que estava por vir. Até Joshua, mal-afamado por seu desprezo por bebês e licenças por motivo de saúde, parecia interessado.

– Eu não sabia que era possível alguém ter um filho na meia-idade – ele disse maliciosamente.

Ninguém jamais mencionou a crise que meu casamento estava atravessando. Ninguém parecia perceber. Será que eles acreditavam secretamente que Bertrand, depois do nascimento da criança, voltaria ao juízo normal? Que ele iria aceitar esse filho com os braços abertos? Percebi que Bertrand e eu havíamos nos trancado em um estado de torpor, de não conversar, de não dizer nada. Estávamos os dois esperando o nascimento. Depois veríamos como tudo ficaria e teríamos que seguir adiante. Depois, seria necessário tomar as decisões.

Uma manhã, senti o bebê começar a se mexer lá dentro de mim, a dar aqueles primeiros chutezinhos que geralmente as pessoas confundem com gases. Eu queria o bebê fora de mim, em meus braços. Odiava esse estado de silenciosa letargia, essa espera. Sentia-me aprisionada. Eu queria pular direto para o inverno, para o início do ano que vem, para o nascimento.

Eu odiava o fim do verão que se protelava, o calor diminuindo aos poucos, a poeira, os furtivos minutos que escorriam devagar com a lentidão do melão. Odiava a palavra em francês para o início de setembro, a volta às aulas e o reinício depois do verão: la rentrée, repetida infinitamente no rádio, na televisão, nos jornais. Eu odiava as pessoas me perguntando qual seria o nome do bebê. A amniocentese havia revelado o sexo, mas eu não quis saber. O bebê não tinha nome ainda. O que não significava que eu não estava pronta para ele.

Eu marcava com um X no meu calendário cada dia que passava. Setembro se transformou em outubro. Minha barriga ficou bonita, redonda. Eu já podia levantar, voltar para o escritório, pegar Zoé na escola, ir ao cinema com Isabelle, encontrar Guillaume no Select para almoçar.

Mas embora meus dias parecessem mais cheios, ocupados, o vazio e a dor

permaneciam.

William Rainsferd. Seu rosto. Seus olhos. Sua expressão quando ele olhou para a menininha com a estrela. “Meu Deus.” Sua voz ao pronunciar essas palavras.

Como estaria sua vida agora? Ele teria apagado tudo de sua mente no momento em que virara as costas para mim e para Zoé? Ele já teria esquecido ao chegar em casa? Ou seria diferente? Seria um inferno para ele porque não conseguia parar de pensar no que eu lhe contara, porque a revelação que eu fizera havia mudado sua vida inteira? Sua mãe havia se tornado uma estranha. Alguém com um passado sobre o qual ele nada sabia.

Eu me perguntei se ele havia dito algo para sua esposa, para suas filhas. Algo sobre uma mulher americana aparecendo em Lucca com uma criança, mostrando uma foto, dizendo a ele que sua mãe era judia, que ela havia sido presa durante a guerra, que havia sofrido, perdido um irmão, e pais dos quais ele nunca ouvira falar.

Perguntei-me se ele havia pesquisado informações relativas ao Vel' d'Hiv, se havia lido artigos e livros sobre o que aconteceu em julho de 1942 no coração de Paris.

Perguntei-me se ele ficava acordado à noite na cama e pensava em sua mãe, em seu passado, na verdade sobre esse passado, no que permanecia em segredo, calado, encoberto pela escuridão.

## Capítulo 66

O APARTAMENTO DA RUE DE SAINTONGE estava quase pronto. Bertrand acertou tudo para que Zoé e eu nos mudássemos logo depois do nascimento do bebê, em fevereiro. Estava lindo, diferente. A equipe dele havia feito um trabalho maravilhoso. Não tinha mais a marca de Mame, e eu imaginei que em nada lembrava o apartamento que Sarah havia conhecido.

Mas ao percorrer os cômodos recém-pintados, a nova cozinha, meu escritório particular, eu me perguntei se conseguiria suportar morar aqui. Morar onde o irmãozinho de Sarah havia morrido. O armário secreto não existia mais, fora destruído quando dois quartos foram transformados em um – mas de alguma forma aquilo não mudou nada para mim.

Foi aqui que tudo aconteceu. E eu não poderia apagar isso da minha memória. Eu não contara à minha filha sobre a tragédia que havia acontecido aqui. Mas ela sentia, de seu modo particular e emocional.

Em uma manhã úmida de novembro, fui ao apartamento para começar a trabalhar na escolha de cortinas, papel de parede, carpete. Isabelle foi particularmente útil e me acompanhou a lojas e mais lojas de departamento. Para alegria de Zoé, decidi ignorar os tons calmos e plácidos aos quais recorri no passado e resolvi investir em cores novas e ousadas. Bertrand fez um gesto indiferente com a mão: – Você e Zoé tomam as decisões, é o seu lar, afinal de contas.

Zoé se decidiu por verde-limão e lilás para seu quarto. Era tão semelhante ao gosto de Charla que eu tive que sorrir.

Uma montanha de catálogos me esperava sobre as tábuas corridas ainda nuas. Eu os estava folheando cuidadosamente quando meu celular tocou. Reconheci o número da clínica de repouso de Mame. Ultimamente ela andava cansada, irritável, às vezes insuportável. Era difícil fazê-la sorrir, e mesmo Zoé passava por dificuldades nesse sentido. Ela estava impaciente com todos. Visitá-la, recentemente, havia se tornado uma tarefa desagradável.

– Miss Jarmond? Aqui é Véronique, da clínica de repouso. Lamento informar que não tenho boas notícias. Madame Tézac não está bem, ela teve um derrame.

Endireitei as costas, com o choque me fazendo estremecer. – Um derrame? – Ela está um pouco melhor, o Docteur Roche está com ela agora, mas a senhora deve vir até aqui. Já entramos em contato com seu sogro. Mas não estamos conseguindo falar com seu marido.

Desliguei me sentindo agitada, em pânico. Ouvi a chuva lá fora tamborilando contra as vidraças. Onde estaria Bertrand? Liguei para ele e caiu na caixa postal. Em seu escritório perto da Madeleine, ninguém parecia saber onde ele estava, nem mesmo Antoine. Eu disse a Antoine que estava na rue de Saintonge, e pedi a ele que fizesse Bertrand me ligar assim que possível. Disse que era muito urgente.

– Mon Dieu, o bebê? – ele gaguejou.

– Não, Antoine, não o bebê, a grand-mère – respondi e desliguei. Olhei para fora.

A chuva havia engrossado. Era uma cortina cinza e reluzente. Eu iria me molhar. Tanto pior, pensei. Que se dane. Mame. Querida e maravilhosa Mame. Minha Mame. Não, Mame não podia ir embora agora, eu precisava dela. Era cedo demais. Eu não estava preparada. Mas como eu poderia estar preparada para a morte dela? – pensei. Olhei à minha volta, para a sala de estar, lembrando-me de que este havia sido o lugar exato onde eu a havia conhecido. E mais uma vez eu me senti esmagada pelo peso de todos os eventos que aconteceram aqui, e que pareciam voltar para me assombrar.

Decidi ligar para Cécile e Laure para ter certeza de que elas sabiam e estavam a caminho. Laure soou profissional e breve, já estava no carro. Ela me veria lá, disse. Cécile pareceu-me mais emocional, frágil, com um sinal de lágrimas em sua voz.

– Ah, Julia, não consigo suportar a idéia de Mame... Você sabe... É horrível demais... Eu disse a ela que não conseguia encontrar Bertrand. Ela pareceu surpresa. – Mas eu acabei de falar com ele – ela disse.

– Você conseguiu falar com ele pelo celular? – Não – ela respondeu, sua voz hesitante.

– No escritório, então? – Ele está vindo me buscar e chegará a qualquer minuto. Vai me levar para a clínica.

– Eu não consegui entrar em contato com ele.

– Ah, é? Entendo.

Então eu compreendi. Senti a raiva me invadir.

– Ele estava na casa da Amélie, não é? – Amélie? – ela repetiu suavemente. Bati o pé no chão com impaciência.

– Ora, vamos, Cécile. Você sabe exatamente de quem eu estou falando. – A campanha está tocando, é Bertrand – ela falou baixinho, apressada. E desligou. Fiquei no meio da sala vazia, com minha mão apertando o celular firmemente como uma arma. Pressionei minha testa contra o frio da vidraça. Eu queria bater em Bertrand. Não era mais seu interminável caso com Amélie que me atingia. Era o fato de que as irmãs dele tinham o número daquela mulher e sabiam onde encontrá-lo em caso de emergências como esta. E eu não. Era o fato de que, mesmo que nosso casamento estivesse chegando ao fim, ele ainda não tinha coragem de me dizer que ainda estava vendo essa mulher. Como sempre, eu era a última a saber. A eterna esposa vaudevillesque traída.

Fiquei lá por muito tempo, imóvel, sentindo o bebê me chutar. Eu não sabia se devia rir ou chorar.

Ainda me importava com Bertrand, era por isso que eu me sentia magoada? Ou era só uma questão de orgulho ferido? Amélie e seu glamour e perfeição parisienses, seu apartamento atrevidamente moderno com vista para o Trocadéro, seus filhos bem-educados – “Bonjour, Ma-damé” – e seu poderoso perfume que ficava entranhado nos cabelos e nas roupas de Bertrand. Se ele a amava, e não me amava mais, por que ele tinha medo de me dizer? Ele tinha tanto medo de me magoar? De magoar Zoé? O que o fazia ter tanto medo? Quando ele iria perceber que não era sua infidelidade que eu não conseguia suportar, mas sua covardia? Fui para a cozinha. Minha boca estava ressecada.



Abri a torneira e bebi diretamente dela, com minha barriga incômoda roçando de encontro à pia. Olhei para fora novamente. A chuva parecia ter diminuído. Vesti a capa de chuva, apanhei a bolsa e me dirigi para a porta.

Alguém bateu. Três batidas curtas.

Bertrand, pensei com desgosto. Antoine ou Cécile provavelmente disseram a ele para ligar ou vir.

Imaginei Cécile esperando no carro lá embaixo. Seu embaraço. O silêncio nervoso e tenso que se seguiria tão logo eu entrasse no Audi.

Bem, eu iria mostrar a eles. Eu iria dizer a eles. Não iria bancar a esposa francesa tímida e boazinha. Iria pedir a Bertrand que me dissesse a verdade de agora em diante.

Abri a porta com força.

Mas o homem que esperava por mim na soleira não era Bertrand. Reconheci a altura e os ombros largos imediatamente. Cabelos louro-acinzentados escurecidos e colados na cabeça por causa da chuva.

William Rainsferd.

Recuei, atônita.

– Cheguei em má hora? – ele perguntou.

– Não – consegui dizer.

Mas o que diabos ele estava fazendo aqui? O que ele queria? Nós nos encaramos. Algo em seu rosto havia mudado desde a última vez que o vi. Ele parecia melancólico, assombrado. Não era mais o simpático gourmet bronzeado.

– Eu preciso falar com você – ele disse. – É urgente. Desculpe, eu não consegui descobrir seu telefone. Por isso vim aqui. Você não estava em casa na noite passada, então pensei em voltar hoje de manhã.

– Como você conseguiu este endereço? – perguntei, confusa. – Ainda não está na lista telefônica, ainda não nos mudamos.

Ele tirou um envelope do bolso da jaqueta.

– O endereço estava aqui. A mesma rua que você mencionou em Lucca. Rue de Saintonge.

Sacudi a cabeça.

– Não entendi.

Ele me entregou o envelope. Estava velho, desgastado nos cantos. Não havia nada escrito nele.

– Abra-o – ele disse.

Retirei de dentro dele um caderno fino, muito gasto, um desenho desbotado e uma longa chave de latão que caiu no chão com um tinido. Ele se curvou para pegá-la, aninhando-a na palma da mão para que eu pudesse vê-la.

– O que significa isso tudo? – perguntei cautelosamente. – Quando você foi embora de Lucca, fiquei em estado de choque. Eu não

conseguia tirar aquela fotografia da minha mente. Não conseguia parar de pensar nela. – Sim – eu disse, com meu coração batendo rapidamente. – Viajei para Roxbury para ver meu pai. Ele está muito doente, conforme eu acho que você sabe. Morrendo de câncer. Ele não consegue mais falar. Vasculhei sua escrivaninha e encontrei este envelope. Ele o guardou, mesmo depois de todos esses anos. Ele nunca o havia mostrado para mim.

– Por que você está aqui? – sussurrei. Havia dor em seus olhos, dor e medo. – Porque eu preciso que você me conte o que aconteceu. O que aconteceu com minha mãe quando ela era criança. Eu preciso saber de tudo. Você é a única pessoa que pode me ajudar.

Olhei para a chave em sua mão. Depois olhei para o desenho. Um desajeitado esboço de um menininho com cabelos claros e encaracolados. Ele parecia estar em um pequeno armário, com um livro sobre seus joelhos e um ursinho de pelúcia perto dele. No fundo, um rabisco desbotado: “Michel, 26, rue de Saintonge.” Folheei o caderno. Não havia datas. Frases curtas rabiscadas como um poema, em francês, difíceis de entender. Algumas palavras se sobressaíam diante de meus olhos: “le camp”, “La clef”, “ne jamais oublier”, “mourir”.

– Você leu isso? – perguntei.

– Eu tentei, mas meu francês é péssimo. Só consigo entender partes disso. O telefone tocou, sobressaltando-nos. Remexi o bolso à procura dele. Era Edouard. – Onde você está, Julia? – ele perguntou carinhosamente. – Ela não está bem. Ela quer ver você.

– Estou indo – respondi.

William Rainsferd baixou os olhos para mim.

– Você tem que ir? – Tenho. Uma emergência de família. A avó de meu marido. Ela teve um derrame.

– Lamento.

Ele hesitou, depois colocou uma das mãos sobre meu ombro. – Quando posso ver você? Conversar com você? Abri a porta da frente, virei-me

para ele e baixei os olhos para a mão sobre meu ombro. Era estranho mover-me e vê-lo na soleira da porta daquele apartamento, o mesmo lugar que havia causado tanta dor à sua mãe, tanta tristeza, e pensar que ele ainda não sabia o que havia acontecido aqui, à sua família, aos seus avós, ao seu tio.

– Você vem comigo – eu disse. – Há uma pessoa que eu quero que você conheça.

## Capítulo 67

O ROSTO CANSADO E SEM VIÇO DE MAME . Ela parecia adormecida. Falei com ela, mas não tinha certeza de que ela me ouvia. Depois, senti seus dedos em torno de meu pulso. Ela estava apertando. Ela sabia que eu estava ali.

Atrás de mim, a família Tézac estava em volta da cama. Bertrand. Sua mãe, Colette. Edouard. Laure e Cécile. E, atrás deles, hesitante no corredor, estava William Rainsferd. Bertrand havia olhado na direção dele uma ou duas vezes, perplexo. Ele provavelmente pensou que fosse meu novo namorado. Em qualquer outra ocasião, eu teria rido. Edouard olhou para ele diversas vezes, curioso, com os olhos arregalados, e depois de volta para mim com insistência.

Foi mais tarde, quando estávamos saindo da clínica de repouso, que eu peguei o braço de meu sogro. Docteur Roche havia acabado de nos dizer que o quadro de Mame era estável. Mas ela estava fraca. Não havia como dizer o que iria acontecer em seguida. Tínhamos que nos preparar, ele disse. Tínhamos que nos convencer uns aos outros de que esse provavelmente era o fim.

– Estou tão triste e lamento tanto, Edouard! – murmurei. Ele acariciou meu rosto. – Minha mãe ama você, Julia. Ela ama você de todo coração. Bertrand apareceu com o rosto carrancudo. Olhei para ele, pensando rapidamente em Amélie, brincando com a idéia de dizer algo que o magoasse, que o atingisse, mas desisti. Afinal, haveria tempo depois para discutir o assunto. Isso não importava agora. No momento, somente Mame importava. E a silhueta alta esperando por mim no corredor.

– Julia – disse Edouard, olhando para trás por cima do ombro - quem é esse homem? – O filho de Sarah.

Admirado, Edouard encarou a figura alta durante alguns minutos. – Você ligou para ele? – Não. Ele descobriu recentemente alguns papéis que seu pai havia escondido todo esse tempo. Algo que Sarah escreveu. Ele está aqui porque quer saber a história toda. Chegou hoje.

– Eu gostaria de falar com ele – disse Edouard.

Fui buscar William, disse-lhe que meu sogro queria conhecê-lo. Ele me seguiu, fazendo parecer menos importantes Bertrand e Edouard, Colette e suas filhas.

Edouard Tézac ergueu os olhos para ele. Seu rosto estava calmo, compenetrado, mas seus olhos estavam úmidos.

Ele estendeu a mão. William a pegou. Foi um momento poderoso, silencioso. Ninguém falou.

– O filho de Sarah Starzynski – murmurou Edouard.

Olhei na direção de Colette, Cécile e Laure, que observavam a cena com educada e curiosa incompreensão. Elas não conseguiam entender o que estava acontecendo. Somente Bertrand compreendia, somente ele sabia da história toda, embora jamais a houvesse discutido comigo desde a noite em que achou o arquivo vermelho intitulado “Sarah”. Ele sequer mencionou o assunto depois de conhecer os Dufaure em nosso

apartamento, alguns meses antes.

Edouard pigarreou. Suas mãos ainda estavam enlaçadas. Ele falou em inglês decente, com um forte sotaque francês.

– Sou Edouard Tézac. Esta é uma hora difícil para conhecer você. Minha mãe está morrendo.

– Sim, eu sinto muito – disse William.

– Julia irá lhe contar a história toda. Mas sua mãe, Sarah... Edouard fez uma pausa. Sua voz ficou embargada. Sua esposa e filhas olhavam para ele, surpresas.

– Mas o que é que está havendo? – murmurou Colette, preocupada. – Quem é Sarah?

– É uma história que aconteceu há sessenta anos – disse Edouard, lutando para controlar sua voz.

Lutei contra o desejo de ir até ele e passar o braço em torno de seus ombros. Edouard respirou fundo e alguma cor voltou ao seu rosto. Ele sorriu para William, um sorriso pequeno, tímido, que eu nunca vira Edouard usar antes.

– Eu jamais esquecerei sua mãe. Jamais.

Seu rosto se contraiu, o sorriso desapareceu, e eu vi a dor e a tristeza fazerem com que ele respirasse fundo outra vez, com dificuldade, como ele tinha feito no dia em que me contou a história.

O silêncio ficou pesado, insuportável, e as mulheres observavam a cena, perplexas. – Estou extremamente aliviado por poder lhe dizer isso hoje, depois de todos esses anos.

William Rainsferd assentiu.

– Obrigado, senhor – ele disse em voz baixa. Percebi que seu rosto também estava pálido. – Eu não sei muita coisa, vim até aqui para entender. Acredito que minha mãe tenha sofrido. E eu preciso saber por quê.

– Fizemos por ela o que pudemos – disse Edouard. – Isso eu posso jurar. Julia irá lhe dizer. Ela irá explicar e contar a história de sua mãe. Irá lhe relatar o que meu pai fez por sua mãe. Adeus.

Ele recuou, e repentinamente era um senhor enrugado e abatido. Os olhos de Bertrand o observavam, curiosos, imparciais. Ele provavelmente jamais havia visto seu pai tão emocionado. Eu me pergunto que efeito isso causou nele, o que significava para ele.

Edouard se afastou, seguido pela esposa e pelas filhas, bombar-deando-o de perguntas. Seu filho os seguiu, com as mãos no bolso, em silêncio. Eu me perguntei se Edouard iria contar a verdade a Colette e às filhas. Muito provavelmente, pensei. E eu imaginei o choque delas.

## Capítulo 68

WILLIAM RAINSFERD E EU ficamos sozinhos no corredor da clínica de repouso. Do lado de fora, na rue de Courcelles, ainda estava chovendo.

– Que tal um café? – ele disse. Ele tinha um sorriso lindo. Caminhamos sob o chuvisco até o café mais próximo. Sentamo-nos e pedimos

dois expressos. Por alguns instantes, ficamos lá sentados em silêncio. Então ele perguntou: – Você é íntima daquela senhora? – Sou – eu disse. – Muito íntima.

– Vejo que você está esperando um bebê. Afaguei minha barriga arredondada. – Vai nascer em fevereiro. Finalmente, ele disse lentamente: – Conte-me a história de minha mãe.

– Isso não vai ser fácil – eu disse.

– Eu sei. Mas preciso ouvi-la. Por favor, Julia.

Lentamente, comecei a falar, com uma voz sussurrada, apenas levantando os olhos para ele de vez em quando. Enquanto eu falava, meus pensamentos iam para Edouard, provavelmente sentado em sua elegante sala de estar cor de salmão na rue de l'Université, contando exatamente a mesma história para sua mulher, suas filhas, seu filho. A batida policial. O Vel' d'Hiv. O campo. A fuga. A menininha que voltou. A criança morta no armário. Duas famílias ligadas pela morte e por um segredo. Duas famílias ligadas pela tristeza. Parte de mim queria que esse homem soubesse toda a verdade. Outra parte ansiava por protegê-lo, defendê-lo da áspera realidade. Daquela horrível imagem da menina e seu sofrimento. Sua dor, sua perda. A dor dele, a perda dele. Quanto mais eu falava, quanto mais detalhes eu fornecia, quanto mais respostas eu dava às perguntas dele, mais eu sentia as minhas palavras penetrando nele como lâminas, ferindo-o.

Quando terminei, ergui meus olhos para ele. Seu rosto e seus lábios estavam pálidos. Ele tirou o caderno do envelope e o entregou para mim em silêncio. A chave de latão estava pousada sobre a mesa, entre nós.

Segurei o caderno entre minhas mãos, devolvendo-lhe o olhar. Seus olhos me encorajavam a continuar.

Abri o caderno. Li a primeira frase para mim mesma. Depois eu li em voz alta, traduzindo do francês diretamente para nossa língua materna. Era um processo lento. A caligrafia, um rabisco miúdo e inclinado, era difícil de ler.

Onde está você, meu pequeno Michel? Meu lindo Michel. Onde você está agora? Será que você se lembra de mim? Michel.

Eu, Sarah, sua irmã.

Aquela que jamais voltou. Aquela que deixou você no armário. Aquela que pensou que você estaria seguro.

Michel.

Os anos se passaram e eu ainda tenho a chave.

A chave do nosso esconderijo secreto.

Está vendo? Eu a guardei, dia após dia, tocando-a, lembrando-me de você. Jamais me separei dela desde o dia 16 de julho de 1942. Ninguém aqui sabe. Ninguém aqui sabe sobre a chave, sobre você. Sobre você no armário. Sobre papai e mamãe. Sobre o campo.

Sobre o verão de 1942. Sobre quem eu realmente sou.

Michel.

Nem um dia se passou sem que eu pensasse em você.

Sem me lembrar da rue de Saintonge número 26.

Eu carrego o peso de sua morte como carregaria um filho. Vou carregar esse peso até o dia em que eu morrer.

As vezes eu quero morrer.

Não consigo suportar o peso de sua morte.

Da morte de mamãe, da morte de papai.

Visões de trens de gado levando-os para a morte.

Ouço os trens em minha mente, eu os ouço repetidamente há trinta anos. Não consigo suportar o peso de meu passado. Ainda assim, não consigo me desfazer da chave do seu armário. É a única coisa concreta que me liga a você, além de seu túmulo.

Michel.

Como eu posso fingir que sou outra pessoa? Como eu posso fazê-los acreditar que sou outra mulher? Não, não consigo esquecer.

O estádio.

O campo.

O trem.

Jules e Geneviève.

Alain e Henriette.

Nicolas e Gaspard.

Meu filho não me deixa esquecer. Eu o amo. Ele é meu filho. Meu marido não sabe quem eu sou.

Qual é a minha história.

Mas eu não consigo esquecer.

Vir aqui foi um terrível engano.

Pensei que eu pudesse mudar. Pensei que eu poderia deixar tudo para trás. Mas não consigo.

Eles foram para Auschwitz. Foram assassinados.

Meu irmão. Ele morreu no armário.

Não me resta mais nada.

Pensei que restasse, mas eu estava enganada.

Um filho e um marido não são suficientes.

Eles nada sabem.

Eles não sabem quem eu sou.

Eles jamais saberão.

Michel.

Em meus sonhos, você vem me buscar.

Você me pega pela mão e me leva embora.

Esta vida é demais para eu agüentar.

Olho para a chave e sinto saudade de você e do passado. Dos dias inocentes e tranquilos de antes da guerra.

Agora eu sei que minhas cicatrizes jamais irão se curar.

Espero que meu filho me perdoe.

Ele jamais saberá.

Ninguém jamais saberá.

Zakhor. Al Tichkah. Lembre-se. Nunca esqueça.

## Capítulo 69

O CAFÉ ERA UM LUGAR barulhento e animado. Ainda assim, cresceu em torno de William e de mim uma bolha de silêncio total.

Fechei o caderno, desolada com o que sabíamos agora.

– Ela se matou – William disse, abatido. – Não foi acidente. Ela jogou aquele carro diretamente contra a árvore.

Eu não disse nada. Não conseguia falar, não sabia o que dizer. Eu queria estender a mão e tocar a mão dele, mas algo me impediu. Respirei fundo. Mas as palavras ainda não saíam.

A chave de latão estava pousada sobre a mesa, entre nós, como uma testemunha silenciosa do passado, da morte de Michel. Eu senti que William se fechava, como ele já havia feito uma vez em Lucca, quando ele levantou as palmas das mãos, como se quisesse me afastar dele. Ele não se moveu, mas eu senti claramente que ele se distanciava. Mais uma vez, resisti à necessidade poderosa e compulsiva de tocá-lo, de abraçá-lo. Por que eu sentia que havia tanto a compartilhar com esse homem? De alguma forma, ele não era um estranho para mim e, de forma ainda mais bizarra, eu sentia que era ainda menos estranha para ele. O que havia nos aproximado? Minha busca, minha sede pela verdade, minha compaixão por sua mãe? Ele não sabia nada sobre mim, sobre meu casamento falido, meu quase-aborto em Lucca, minha profissão, minha vida. O que eu sabia sobre ele, sua mulher, seus filhos, sua carreira? Seu presente era um mistério. Mas seu passado e o passado de sua mãe estavam gravados em mim como tochas flamejantes ao longo de uma estrada escura. E eu desejava mostrar a esse homem que eu me importava, que o que aconteceu com a mãe dele havia modificado a minha vida.

– Obrigado – ele disse finalmente. – Obrigado por me contar tudo isso. A voz dele parecia estranha, artificial. Percebi que eu quis que ele desmoronasse,

que chorasse, que me mostrasse alguma forma de emoção. Por quê? Sem dúvida porque eu mesma precisava de alívio, precisava de lágrimas que levassem para longe a dor, a tristeza, o vazio. Precisava compartilhar meus sentimentos com ele, em uma comunhão particular, íntima.

Ele estava indo embora, levantando-se da mesa, pegando a chave e o caderno. Eu não suportava a idéia de ele ir tão cedo. Estava convencida de que, se ele fosse embora agora, eu jamais ouviria falar dele novamente. Ele não iria querer me ver ou falar comigo. Eu perderia a última ligação com Sarah. Eu o perderia. E, por alguma razão obscura ou por estar desolada, William Rainsferd era a única pessoa com quem eu queria estar naquele exato momento.

Ele deve ter lido algo em meu rosto, porque ele hesitou, parado em frente à mesa. – Eu vou a esses lugares – ele disse. – Beaune-la-Rolande e rue Nélaton. – Eu posso ir com você, se quiser que eu vá.

Seus olhos pousaram sobre mim. Novamente percebi o contraste de sentimentos, pois o que eu sabia inspirava nele um fardo complexo de ressentimento e gratidão.



– Não, prefiro ir sozinho. Mas eu gostaria que você me desse os endereços dos irmãos Dufaure. Eu gostaria de visitá-los também.

– É claro – respondi, olhando em minha agenda e rabiscando para ele os endereços em um pedaço de papel.

De repente, ele se sentou de novo, pesadamente.

– Sabe, eu poderia beber alguma coisa – ele disse.

– Está bem. É claro – eu disse, fazendo um sinal para o garçom. Pedimos vinho para William e um suco de fruta para mim.

Bebendo em silêncio, percebi intimamente como eu me sentia confortável com ele. Dois compatriotas americanos apreciando calmamente uma bebida. De alguma forma, não precisávamos conversar. E isso não causava nenhuma sensação esquisita. Mas eu sabia que, assim que ele terminasse as últimas gotas de seu vinho, ele iria embora.

Esse momento chegou.

– Obrigado, Julia, obrigado por tudo.

Ele não disse “vamos manter contato, trocar e mails, conversar por telefone de vez em quando”. Não, ele não disse nada. Mas eu sabia o que o silêncio dele dizia, em alto e bom som. Não me telefone. Por favor, não entre em contato comigo. Preciso repensar a minha vida inteira. Preciso de tempo e de silêncio, e de paz. Preciso descobrir quem eu sou agora.

Eu o observei se afastar sob a chuva, com sua figura alta desaparecendo na rua barulhenta.

Pousei as mãos entrelaçadas sobre minha barriga arredondada, deixando a solidão me invadir.

## Capítulo 70

QUANDO CHEGUEI EM CASA naquela noite, encontrei toda a família Tézac esperando por mim. Eles estavam sentados com Bertrand e Zoé em nossa sala de estar. Imediatamente percebi a tensão na atmosfera.

Parecia que eles haviam se dividido em dois grupos: Edouard, Zoé e Cécile, que estavam “do meu lado”, aprovando o que eu havia feito, e Colette e Laure, que desaprovavam.

Bertrand nada disse, permanecendo estranhamente em silêncio. Seu rosto estava pálido, com os cantos de sua boca caídos. Ele não olhou para mim.

Como eu tinha sido capaz de fazer tal coisa? explodiu Colette. Rastrear aquela família, entrar em contato com aquele homem, que no fim das contas nada sabia sobre o passado da mãe.

– Aquele pobre homem – ecoou minha cunhada, tremendo. – Imagine só, agora ele descobre quem realmente é, que sua mãe era judia, que sua família toda foi liquidada na Polônia, que seu tio morreu de fome. Julia deveria tê-lo deixado em paz.

Edouard se levantou abruptamente, erguendo as mãos para o ar. – Meu Deus! – ele rugiu. – O que se abateu sobre esta família? – Zoé veio se abrigar sob meu braço. – Julia fez algo de muita coragem, algo generoso – ele continuou, tremendo de raiva. – Ela quis se certificar de que a família da menina soubesse que nos importávamos, que soubesse que meu pai se importava o bastante para garantir que uma família adotiva cuidasse de Sarah Starzynski, que ela fosse amada.

– Ah, papai, por favor – interrompeu Laure. – O que Julia fez foi patético. Trazer de volta o passado nunca é uma boa idéia, especialmente o que quer que tenha acontecido durante a guerra. Ninguém quer se lembrar daquilo, ninguém quer pensar nisso.

Ela não olhou para mim, mas percebi todo o peso de sua animosidade. Eu conseguia ler seus pensamentos facilmente. Exatamente o tipo de coisa que uma americana faria. Nenhum respeito pelo passado. Nenhuma idéia do que seja um segredo de família. Nenhuma educação. Nenhuma sensibilidade. Uma americana grosseira e sem instrução: l'Américaine avec ses gros sabots.

– Eu discordo! – disse Cécile, com sua voz estridente. – Estou feliz que você tenha me contado o que aconteceu, Père. É uma história horrível, aquele menininho morrer no apartamento, a menina voltar. Acho que Julia estava certa ao entrar em contato com aquela família. Afinal de contas, nós não fizemos nada de que possamos nos envergonhar.

– Talvez! – disse Colette, comprimindo os lábios. – Mas se Julia não tivesse sido tão enxerida, Edouard jamais teria mencionado essa história. Certo? Edouard encarou a mulher. Seu rosto estava frio, assim como sua voz.

– Colette, meu pai me fez prometer que eu jamais revelaria o que aconteceu. Respeitei seu desejo, com dificuldade, durante os últimos sessenta anos. Mas agora estou feliz que vocês saibam. Agora eu posso compartilhar com vocês o que aconteceu,

mesmo que aparentemente isso perturbe alguns de vocês.

– Graças a Deus Mame não sabe de nada – suspirou Colette, passando a mão nos cabelos louro-acinzentados para arrumá-los.

– Ah, Mame sabe – falou a voz de Zoé.

Suas faces ficaram rubras como uma beterraba, mas ela nos encarou corajosamente.

– Ela me contou o que aconteceu. Eu não sabia sobre o menininho, eu acho que mamãe não queria que eu soubesse dessa parte. Mas Mame me contou tudo sobre isso.

Zoé continuou.

– Ela sabe sobre a história desde que aconteceu, a concierge disse a ela que Sarah havia voltado. E ela disse que vovô tinha todos aqueles pesadelos sobre uma criança morta em seu quarto. Ela disse que era horrível saber e nunca poder conversar sobre isso com seu marido, seu filho e, mais tarde, com a família. Ela disse que o episódio transformou meu bisavô, que aquilo tinha causado algo a ele, algo sobre o que ele não podia conversar, nem mesmo com ela.

Olhei para meu sogro. Ele olhava fixamente para minha filha, incrédulo. – Zoé, ela sabia? Ela sabia da história todos esses anos? Zoé fez que sim com a cabeça.

– Mame disse que era um terrível segredo para se carregar, que ela nunca parou de pensar na menina, e disse que estava feliz que eu soubesse disso agora. Ela disse que deveríamos ter conversado sobre isso muito antes, que nós deveríamos ter feito o que mamãe fez, nós não deveríamos ter esperado. Deveríamos ter encontrado a família da menina. Estivemos errados em manter tudo oculto. Foi isso o que ela me disse. Logo antes de seu derrame.

Houve um longo e doloroso silêncio.

Zoé se ergueu. Ela encarou Colette, Edouard, suas tias e seu pai. E a mim. – Há mais uma coisa que eu quero dizer a vocês – ela acrescentou, suavemente mudando do francês para o inglês e acentuando seu sotaque americano. – Eu não me importo com o que alguns de vocês pensam. Eu não me importo se vocês pensam que mamãe estava errada, se vocês pensam que mamãe fez uma besteira. Eu estou muito orgulhosa do que ela fez. Como ela encontrou William, como ela contou a ele. Vocês não têm idéia do que isso custou, do que isso significou para ela. E o que isso significa para mim. E provavelmente o que isso significa para ele. E vocês querem saber de uma coisa? Quando eu crescer, eu quero ser como ela. Eu quero ser uma mãe de quem meus filhos tenham orgulho. Bonne nuit.

Ela fez uma pequena reverência engraçada, saiu da sala e silenciosamente fechou a porta.

Permanecemos em silêncio por um longo tempo. Observei o rosto de Colette ficar pétreo, quase rígido. Laure verificou sua maquiagem com um espelho de bolsa. Cécile parecia petrificada.

Bertrand não havia dito uma só palavra. Ele estava de frente para a janela, com as

mãos atrás das costas, sem olhar para mim uma só vez. Ou para qualquer um de nós.

Edouard se levantou, afagou minha cabeça com um gesto carinhoso e paternal. Seus olhos de um azul pálido piscaram para mim. Ele murmurou algo em francês, por sobre a minha orelha.

– Você fez a coisa certa. Você agiu bem.

Mais tarde naquela noite, enquanto eu estava deitada em minha cama solitária, incapaz de ler, pensar ou fazer qualquer outra coisa a não ser ficar deitada examinando o teto, fiquei imaginando coisas.

Pensei em William, onde quer que ele estivesse, tentando encaixar as novas peças de sua vida.

Pensei na família Tézac, por uma vez tendo que sair da concha, tendo que comunicar o triste e sombrio segredo debatido abertamente. Pensei em Bertrand virando suas costas para mim.

” Tu asfait ce quil fallait. Tu as bienfait”, Edouard havia me dito. Edouard estaria certo? Eu não sabia. Eu ainda me perguntava isso. Zoé abriu a porta, subiu na minha cama engatinhando como um comprido e silencioso cãozinho e se aninhou a mim. Ela pegou minha mão, lentamente a beijou e descansou a cabeça no meu ombro.

Eu ouvia o som abafado do tráfego no Boulevard du Montparnas-se. Estava ficando tarde. Bertrand estava com Amélie, sem dúvida. Eu o sentia distante de mim, como um estranho. Como alguém que eu praticamente desconhecia.

Duas famílias que eu havia juntado, só por hoje. Duas famílias que jamais seriam as mesmas novamente.

Será que fiz a coisa certa? Eu não sabia o que pensar. Eu não sabia em que acreditar.

Zoé pegou no sono ao meu lado, com sua respiração lenta fazendo cócegas em meu rosto. Pensei na criança por nascer, e senti um tipo de paz me invadindo. Um sentimento sereno que me confortou por alguns instantes.

Mas a dor e a tristeza continuavam.

Nova Tor 2005 ZOÉ! – GRITEL – Pelo amor de Deus, segure a mão da sua irmã. Ela vai cair daí e quebrar o pescoço! Minha filha de pernas compridas me lançou um olhar zangado.

– Você é uma mãe incrivelmente paranóica.

Ela pegou o braço roliço da criança e a empurrou de volta para seu velocípede. Suas perninhas pedalavam furiosamente pelo caminho, com Zoé cercando-a por trás. Meu bebê balbuciava de prazer, esticando o pescoço para ter certeza de que eu estava olhando, com a evidente vaidade de uma criança de 2 anos de idade.

Central Park e a primeira promessa provocante de primavera. Estiquei minhas pernas e inclinei meu rosto na direção do sol.

O homem ao meu lado acariciou minha face.

Neil. Meu namorado. Um pouquinho mais velho do que eu. Advogado. Divorciado. Morava no bairro Flatiron com seus filhos adolescentes. Foi-me apresentado por minha irmã. Eu gostava dele. Não estava apaixonada, mas apreciava sua companhia. Era um homem inteligente, culto. Ele não tinha intenção de se casar comigo, graças a Deus, e aturava minhas filhas de vez em quando.

Houve alguns namorados desde que viemos morar aqui. Nada sério. Nada importante. Zoé os chamava de meus pretendentes. Charla, de meus galãs, no estilo Scarlett. Antes de Neil, o último pretendente se chamava Peter, tinha uma galeria de arte, uma área careca na parte de trás da cabeça que lhe causava desgosto e um sôtão ventoso em Tribeca. Eram homens decentes, levemente entediados, totalmente americanos, de meia-idade. Educados, sérios e meticulosos. Tinham bons empregos, boa instrução, eram cultos e geralmente divorciados. Eles vinham me buscar e depois me deixar, ofereciam o braço e o guarda-chuva. Eles me levavam para almoçar, ao Met, ao MoMA, à City Opera, ao NYCB, aos shows na Broadway, para jantar e, às vezes, para a cama. Eu suportava. Sexo era algo que eu agora fazia porque eu sentia que tinha que fazer. Era mecânico e enfadonho. Nessa área, também, algo havia desaparecido. A paixão. A excitação. O calor. Tudo havia desaparecido.

Eu sentia que alguém – eu? – havia avançado o filme da minha vida, e lá eu aparecia como um personagem de Charles Chaplin feito de madeira, fazendo tudo de forma apressada e desajeitada, como se eu não tivesse outra escolha, com um sorriso rijo colado em meu rosto, agindo como se estivesse feliz com minha nova vida.

As vezes, Charla me olhava furtivamente e perguntava: – Ei, tudo bem com você? Ela me cutucava e eu resmungava: – Ah, sim, tudo bem.

Ela não parecia convencida, mas por algum tempo me deixava em paz. Minha mãe, também, examinava meu rosto com os olhos e franzia os lábios,

preocupada.

– Está tudo bem, querida? Eu afastava sua ansiedade com um sorriso despreocupado.

UMA GLORIOSA E CLARA MANHÃ de Nova York. Do tipo que nunca se vê em Paris. Ar muito fresco. Céu completamente azul. A silhueta da cidade nos cercando por sobre as árvores. A massa pálida do Dakota de frente para nós. O cheiro de cachorros-quentes e pretzels flutuando na brisa.

Estendi minha mão e acariciei o joelho de Neil, com os olhos ainda fechados contra o crescente calor do sol. Nova York e seu clima violento e contrastante. Verões escaldantes. Invernos brancos congelantes. E a luz que caía sobre a cidade, uma luz prateada, forte e brilhante que eu tinha aprendido a amar. Paris e sua chuva fina e cinza pareciam pertencer a outro mundo.

Abri meus olhos e fiquei olhando minhas filhas fazendo travessuras. De um dia para o outro, ou assim me parecia, Zoé havia crescido e se tornado uma adolescente espetacular, mais alta do que eu, com pernas fortes e ágeis. Ela parecia com Charla e Bertrand, pois havia herdado a classe deles, seu fascínio, seu charme, aquela combinação poderosa e animada de Jarmond e Tézac que me encantava.

A pequenininha era outra coisa. Mais macia, mais redonda, mais frágil. Ela precisava de abraços, de beijos, de mais cuidados e atenção do que Zoé precisara quando tinha a idade dela. Era porque o pai não estava por perto? Porque Zoé, o bebê e eu havíamos trocado a França por Nova York, não muito tempo depois do nascimento? Eu não sabia e não me questionava demais.

Foi um retorno estranho voltar a morar nos Estados Unidos depois de tantos anos em Paris. Ainda parecia estranho, às vezes. Ainda não parecia que eu estava em casa. Perguntava-me quanto tempo ainda levaria para que eu me sentisse em casa. Mas acontecceu. Foi difícil. Não foi uma decisão fácil de tomar.

O nascimento do bebê foi prematuro, causa para pânico e dor. Ela nasceu logo depois do Natal, dois meses antes da data prevista. Passei por uma cesariana horrivelmente longa na emergência do Saint-Vincent de Paul Hospital. Bertrand estava lá, curiosamente tenso, emocionado, apesar do que sentia pelo bebê. Uma menininha pequena e perfeita. Ele ficou desapontado? eu me perguntei. Eu não estava. Essa criança significava tanto para mim! Eu lutei por ela. Eu não cedi. Ela era a minha vitória.

Logo depois do parto e logo antes da mudança para a rue de Saintonge, Bertrand reuniu a coragem necessária para me dizer que amava Amélie, que queria viver com ela dali em diante, que queria se mudar para o apartamento do Trocadéro com ela, que não podia mais mentir para mim e para Zoé, que teríamos que nos divorciar, mas que poderia ser rápido e fácil. Foi então, observando-o realizar sua cansativa e complicada confissão, observando-o percorrer a sala para cima e para baixo, com suas mãos atrás das costas, seus olhos baixos, que me ocorreu a primeira idéia de mudar para a América. Ouvi Bertrand até o fim. Ele parecia esgotado, abalado, mas conseguiu. Ele foi honesto comigo, finalmente. E honesto consigo mesmo. E eu devolvi o olhar para meu marido lindo e sensual e agradei. Ele parecia surpreso. Ele admitiu que esperava uma reação mais forte, mais amarga. Gritos, insultos, uma confusão. O bebê em meus braços gemeu, agitando seus pequenos punhos.

– Sem confusão – eu disse. – Sem gritos, sem insultos. Tudo bem? – Tudo bem – ele disse. Ele me beijou, e também o bebê.

Já parecia que ele estava fora da minha vida. Como se ele já tivesse ido embora. Naquela noite, toda vez que eu me levantava para amamentar a criança faminta, eu pensava nos Estados Unidos. Boston? Não, eu odiava a idéia de voltar ao passado, à cidade da minha infância.

Então me veio a idéia.

Nova York. Zoé, o bebê e eu iríamos para Nova York. Charla estava lá, meus pais não muito longe. Nova York. Por que não? Eu não conhecia muito bem a cidade, eu nunca tinha morado lá por muito tempo, a não ser pelas visitas anuais à minha irmã.

Nova York. Talvez a única cidade que pudesse competir com Paris por causa de sua completa e absoluta diferença. Quanto mais eu pensava nisso, mais a idéia me agradava secretamente. Não falei sobre esse assunto com meus amigos. Eu sabia que Hervé, Christophe, Guillaume, Susannah, Holly, Jan e Isabelle ficariam aborrecidos com a idéia da minha partida. Mas sabia que eles também compreenderiam e aceitariam.

E depois, Mame havia falecido. Ela foi morrendo aos poucos desde o derrame em novembro. Nunca mais conseguiu falar, embora tenha recuperado a consciência. Foi transferida para a UTI do hospital Cochin. Eu esperava sua morte, preparando-me para encarar o fato, mas ainda assim a notícia me chocou.

Foi depois do enterro, que aconteceu na Borgonha, no pequeno e triste cemitério, que Zoé me disse: – Mamãe, temos que ir morar na rue de Saintonge? – Acho que seu pai espera que sim.

– Mas você quer morar lá? – ela perguntou.

– Não – respondi sinceramente. – Desde que eu descobri o que aconteceu lá, não tenho vontade.

– Eu também não. Então ela disse: – Mas para onde poderíamos nos mudar então, mamãe? E respondi, jocosamente, brincando, esperando que ela bufasse de desaprovação: – Bem, o que você acha da cidade de Nova York?

COM ZOÉ, FOI FÁCIL ASSIM . Bertrand não ficou feliz com nossa decisão sobre sua filha se mudar para tão longe. Mas Zoé foi firme com relação a ir embora. Ela disse que voltaria, a intervalos de alguns meses, e que Bertrand poderia ir visitá-la também para vê-la e ao bebê. Expliquei a Bertrand que não havia nada decidido, nada definitivo sobre a mudança. Não era para sempre. Seria apenas por alguns anos. Para deixar Zoé compreender o lado americano dela. Para me ajudar a continuar com a minha vida. Para começar algo novo. Ele já tinha se estabelecido com Amélie. Oficialmente, eles formavam um casal. Os filhos de Amélie eram quase adultos. Moravam fora de casa e também passavam um tempo com o pai. Bertrand teria ficado tentado pela perspectiva de uma nova vida sem a responsabilidade diária de criar filhos – dele ou dela? Talvez. Ele finalmente disse sim. E depois, comecei a tomar as providências.

Após uma estada inicial em sua casa, Charla me ajudou a encontrar um lugar para morar, um apartamento branco e simples de dois quartos, com “vista livre para a

cidade” e porteiro, na West 86th Street, entre a Amsterdam e a Columbus. Eu o subloquei de um de seus amigos que havia se mudado para Los Angeles. O prédio estava cheio de famílias e pais divorciados, era uma colméia barulhenta de bebês, crianças, bicicletas, carrinhos de bebê, patinetes. Era um lar confortável e aconchegante, mas, lá também, algo estava faltando. O quê? Eu não sabia dizer.

Graças a Joshua, fui contratada como correspondente em Nova York de um moderno site francês na internet. Eu trabalhava em casa e ainda usava Bamber como fotógrafo quando precisava de fotos de Paris.

Encontramos uma nova escola para Zoé, o Trinity College, a alguns quarteirões de distância.

– Mamãe, eu nunca vou me adaptar, agora eles me chamam de “a francesinha” – ela reclamava, e eu não conseguia evitar um sorriso.



OS HABITANTES DE NOVA YORK eram fascinantes de se observar, com seus passos determinados, seus gracejos, sua cordialidade. Meus vizinhos diziam “Oi” no elevador, ofereceram-nos flores e doces quando nos mudamos e brincavam com o porteiro. Eu havia esquecido isso tudo. Eu estava tão acostumada ao mau humor parisiense e às pessoas morando no mesmo corredor e mal se cumprimentando umas às outras com a cabeça ao se cruzarem nas escadas.

Talvez a coisa mais curiosa sobre tudo isso era que, apesar do redemoinho excitante de vida que eu tinha agora, eu sentia saudade de Paris. Sentia saudade da Torre Eiffel iluminada pontualmente, todas as noites, como uma mulher sedutora adornada de jóias que brilhavam. Sentia saudade das sirenes antiaéreas uivando sobre a cidade toda primeira quarta-feira, ao meio-dia, para o exercício mensal. Sentia saudade da feira ao ar livre aos sábados no Boulevard Edgar-Quinet, onde o verdureiro me chamava de “map’tite dame embora eu fosse provavelmente sua freguesa mais alta. Como Zoé, eu também me sentia francesinha, embora fosse americana.

Ir embora de Paris não foi tão fácil como eu previra. Nova York, com sua energia, suas nuvens de vapor se elevando dos bueiros, sua vastidão, suas pontes, seus prédios e o trânsito sempre engarrafado, ainda não era o meu lar. Eu sentia saudade de meus amigos parisienses, embora houvesse feito novos e maravilhosos amigos aqui. Eu sentia saudade Edouard, de quem tinha ficado próxima e que me escrevia todos os meses. Eu sentia saudade, especialmente, do modo como os homens franceses olham as mulheres, o que HoUy costumava chamar de olhar “nu”. Eu havia me acostumado a isso lá, mas agora, em Manhattan, só havia alegres motoristas de ônibus para gritar “Ei, magrela!” para Zoé e “Ei, lourinha!” para mim. Sentime como se tivesse ficado invisível. Eu me perguntava por que minha vida parecia tão vazia. Era como se um furacão a tivesse devastado. Como se eu tivesse perdido o chão.

E as noites.

As noites eram solitárias, mesmo aquelas que eu passava com Neil. Deitar na cama, ouvir os sons da grande e pulsante cidade e deixar as imagens voltarem à mente, como a maré lentamente subindo na praia.

SARAH . Ela nunca me deixou. Ela havia me modificado para sempre. Sua história, seu sofrimento, eu os carregava dentro de mim. Eu sentia como se a conhecesse. Eu a conhecia como criança. Como uma jovem. Como a dona de casa de 45 anos que jogou o carro contra uma árvore em uma estrada coberta de gelo na Nova Inglaterra. Podia ver seu rosto perfeitamente. Os olhos verdes oblíquos. O formato de sua cabeça. Sua postura. Suas mãos. Seu raro sorriso. Eu a conhecia. Eu poderia tê-la parado na rua se ela ainda estivesse viva.

Zoé era perspicaz. Ela me pegou em flagrante pesquisando sobre William Rainsferd no Google.

Eu não percebi que ela havia voltado da escola. Em uma tarde de inverno, ela entrou em casa sem que eu a ouvisse.

– Há quanto tempo você vem fazendo isso? – ela perguntou, soando como uma mãe que encontra o filho adolescente fumando maconha.

Ruborizada, admiti que eu andei pesquisando sobre ele regularmente no último ano.

– E...? – ela insistiu, com os braços cruzados, franzindo o cenho para mim. – Bem, parece que ele saiu de Lucca – confessei.

– Ah. Então onde é que ele está? – Ele voltou para os Estados Unidos tem alguns meses.

Eu não conseguia mais agüentar seu olhar, então me levantei e fui para a janela, olhando para a movimentada Amsterdam Avenue lá embaixo.

– Ele está em Nova York, mamãe? Sua voz estava mais suave agora, menos ríspida. Ela veio por trás de mim e colocou sua linda cabeça em meu ombro.

Assenti. Eu não conseguia encará-la e dizer a ela como fiquei excitada quando descobri que ele também estava aqui. Como fiquei emocionada, maravilhada por terminar na mesma cidade que ele, dois anos depois do nosso último encontro. Seu pai era nova-iorquino, recordei. Ele provavelmente morou aqui quando era criança.

Ele estava na lista telefônica. No West Village. A apenas 15 minutos de metrô daqui. E durante dias, durante semanas, eu me perguntei em agonia se deveria telefonar para ele ou não. Desde Paris, ele jamais tentara entrar em contato comigo. Eu nunca mais ouvi falar dele desde aquela vez.

A excitação diminuiu gradualmente depois de algum tempo. Eu não tinha coragem de ligar para ele. Mas continuava pensando nele, noite após noite. Dia após dia. Em segredo, em silêncio. Imaginava se algum dia eu iria esbarrar com ele, no parque, em alguma loja de departamentos, num bar, num restaurante. Ele estaria aqui com a mulher e as filhas? Por que ele tinha voltado para os Estados Unidos, como eu? O que teria acontecido? – Você entrou em contato com ele? – Zoé perguntou.

– Não.

– Vai fazer isso? – Eu não sei, Zoé. Comecei a chorar em silêncio. – Ai, mamãe,

por favor – ela suspirou.

Enxuguei as lágrimas com raiva, sentindo-me uma idiota. – Mamãe, ele sabe que você agora mora aqui. Tenho certeza de que ele sabe. Ele

também pesquisou sobre você. Ele sabe o que você faz aqui e sabe onde você mora. Esse pensamento nunca tinha me ocorrido. William pesquisando sobre mim no Google. William procurando meu endereço. Será que Zoé tinha razão? Ele saberia que eu morava em Nova York também, no Upper West Side? Será que ele pensava em mim? O que ele sentia, exatamente, quando pensava? – Você tem que esquecer, mãe. Você tem que deixar essa história para trás. Ligue para Neil, veja-o com mais frequência, continue com sua vida.

Eu me virei para ela, com minha voz soando alta e ríspida. – Não consigo, Zoé. Eu preciso saber se o que eu fiz por ele o ajudou. Eu preciso

saber. É pedir muito? É algo impossível? O bebê começou a chorar no quarto ao lado. Eu havia perturbado seu sono. Zoé foi pegá-la e voltou com sua irmã roliça e com soluços.

Zoé acariciou meu cabelo carinhosamente por sobre os cachos da minha filha menor.

– Acho que você nunca vai saber, mãe. Eu não acho que ele algum dia estará preparado para lhe dizer. Você mudou a vida dele. Você a virou de cabeça para baixo, lembre-se disso. Ele provavelmente nunca irá querer ver você novamente.

Arranquei a criança dos braços dela e a pressionei com força contra mim, saboreando seu calor, sua fofura. Zoé tinha razão. Eu precisava virar a página, continuar com a minha vida.

Como fazer isso, era outro assunto.

## Capítulo 74

EU ME MANTINHA OCUPADA . Não tinha um único minuto para mim mesma, dividindo-me entre Zoé, sua irmã, Neil, meus pais, meus sobrinhos, meu trabalho e o rosário sem fim de festas para as quais Charla e o marido Barry me convidavam e às quais eu ia sem cessar. Conheci mais pessoas em dois anos do que tinha conhecido em toda a minha estada em Paris, uma mistura de raças cosmopolita com a qual me divertia.

Sim, eu deixara Paris para sempre, mas sempre que eu voltava por causa do meu trabalho ou para ver meus amigos, ou Edouard, eu sempre acabava me encontrando no Marais, e voltava mais e mais vezes, como se meus passos não conseguissem evitar me levar lá. Rue des Rosiers, rue du Roi-de-Sicile, rue des Ecouffes, rue de Saintonge, rue de Bretagne, eu as via desfilar diante de mim com novos olhos que se lembravam do que aconteceu aqui em 1942, mesmo que tenha ocorrido muito antes de eu nascer.

Perguntei-me quem estaria morando no apartamento da rue de Saintonge agora, quem ficaria junto à janela observando o pátio frondoso, quem correria a mão ao longo do mármore liso da lareira. Eu me perguntei se os novos inquilinos tinham qualquer suspeita de que um menininho havia morrido dentro da casa deles, e que a vida de uma menina havia sido transformada naquele dia para sempre.

Eu também voltava ao Marais em meus sonhos. Às vezes, os horrores do passado que eu não testemunhei surgiam com tal cruzeza que eu tinha que acender a luz para afastar o pesadelo.

Foi durante uma daquelas noites insones e vazias, quando eu estava deitada na cama, fatigada pela conversa social, com a boca seca depois do copo extra de vinho ao qual eu não deveria ter cedido, que a antiga dor voltou e veio me assombrar.

Os olhos dele. O rosto dele quando eu li em voz alta a carta de Sarah. Aquilo tudo voltou e me deixou sem sono, mergulhando em meu íntimo.

A voz de Zoé me arrastou de volta ao Central Park, ao lindo dia de primavera, e à mão de Neil sobre a minha coxa.

– Mãe, este monstinho quer um picolé.

– De jeito nenhum – respondi. – Nada de picolé. O bebê se jogou com o rosto na grama e gritou.

– Ela é impressionante, não é? – Neil comentou.

## Capítulo 75

JANEIRO DE 2005 TAMBÉM ME LEVAVA , vez após outra, a Sarah e a William. A importância da sexagésima comemoração da libertação de Auschwitz estava nas manchetes do mundo todo. Parecia que jamais a palavra “Shoah” fora pronunciada antes com tanta frequência.

E, toda vez que eu a ouvia, meus pensamentos saltavam dolorosamente para ele e para ela. E eu me perguntava, enquanto assistia à cerimônia em memória de Auschwitz na TV, se William alguma vez pensava em mim quando ele também ouvia a palavra, quando ele também via as monstruosas imagens em preto-e-branco do passado preenchendo a tela, os corpos esqueléticos empilhados e sem vida, os crematórios, as cinzas, o horror daquilo tudo.

A família dele morrera naquele lugar terrível. Os pais de sua mãe. Como ele podia não pensar nisso? eu refletia. Na tela, com Zoé e Charla ao meu lado, eu assisti aos flocos de neve caírem no campo, o arame farpado, a torre de vigilância atarracada. A multidão, os discursos, as orações, as velas. Os soldados russos e sua marcha característica.

E a visão final e inesquecível do cair da noite e as estradas de ferro chamejantes, brilhando através da escuridão com uma lancinante e comovente mistura de luto e recordações.

## Capítulo 76

O TELEFONEMA ACONTECEU EM UMA TARDE DE MAIO , quando eu menos esperava. Eu estava em minha mesa de trabalho, brigando com os caprichos de um novo computador. Peguei o telefone e meu “sim” soou ríspido até para mim mesma.

– Oi. Aqui é William Rainsferd.

Endireitei as costas, com o coração agitado, tentando permanecer calma. – William Rainsferd.

Eu não disse nada, emudecida, apertando o fone contra o meu ouvido. – Você está aí, Julia? Engoli em seco.

– Sim, estou apenas tendo alguns problemas com o computador. Como vai você, William? – Bem – ele disse.

Um breve silêncio. Mas não pareceu tenso ou forçado.

– Há quanto tempo! – eu disse de maneira pouco convincente. – É verdade – ele respondeu. Outro silêncio.

– Estou sabendo que você agora é nova-iorquina – ele disse finalmente. – Pesquisei sobre você.

Então Zoé estava certa.

– Bem, o que acha de nos encontrarmos? – ele perguntou. – Hoje?

– Se você puder.

Pensei na criança que dormia no quarto ao lado. Ela estivera na creche de manhã, mas eu podia levá-la comigo. No entanto, ela não ia gostar de ter sua soneca interrompida.

– Posso – eu disse.

– Ótimo. Eu vou até o seu bairro. Tem alguma idéia de onde poderíamos nos encontrar? – Você conhece o Café Mozart? Na West 70th Street com a Broadway? – Conheço, está ótimo. Vejo você lá daqui a meia hora? Desliguei. Meu coração estava batendo tão rápido que eu quase não conseguia respirar. Fui acordar minha filha, ignorei seus protestos, vesti-a, armei o carrinho de bebê e saí.

ELE JÁ ESTAVA LÁ QUANDO CHEGAMOS . Primeiramente vi suas costas, os ombros poderosos e seus cabelos, prateados e volumosos, não tendo mais qualquer vestígio de louro. Ele estava lendo um jornal, mas se virou quando me aproximei, como se pudesse sentir meus olhos sobre ele. Então, ele se levantou e houve um momento embaraçoso e divertido quando não soubemos se deveríamos apertar as mãos ou nos beijar. Ele riu. Eu também ri, e ele finalmente me deu um abraço, um grande abraço apertado, empurrando meu queixo contra sua clavícula e afagando a parte de baixo das minhas costas, e depois se curvando para admirar minha filha.

– Que linda garotinha – ele murmurou.

Ela solenemente entregou a ele sua girafa de borracha favorita. – E então, qual é o seu nome? – ele perguntou.

– Lucy – ela ciciou.

– Esse é o nome da girafa – comecei, mas William já havia começado a apertar o brinquedo. Os guinchos abafaram a minha voz, fazendo o bebê rir de alegria.

Encontramos uma mesa e nos sentamos, deixando a criança no carrinho. Ele deu uma olhada no cardápio.

– Já experimentou o cheesecake Amadeus? – ele perguntou, erguendo uma das sobrancelhas.

– Já – respondi. – É um convite ao pecado. Ele sorriu.

– Ei, você está fabulosa, Julia. Nova York certamente lhe faz bem. Corei como uma adolescente, imaginando Zoé me olhando e revirando os olhos. Então, o celular dele tocou. Ele atendeu. Eu podia dizer pela expressão em seu rosto que era uma mulher. Eu me perguntei quem seria. Sua esposa? Uma de suas filhas? A conversa continuou. Ele parecia perturbado. Curvei-me sobre minha filha, brincando com a girafa.

– Desculpe – ele disse, guardando o telefone. – Era a minha namorada. – Ah.

Eu devo ter soado confusa, porque ele soltou uma risada. – Estou divorciado agora, Julia.

Ele olhou diretamente para mim. Seu rosto ficou sério.

– Sabe? Depois do que você me contou, tudo mudou. Finalmente ele estava me dizendo o que eu precisava saber. O resultado. As conseqüências.

Eu não sabia bem o que dizer. Eu receava que, se dissesse uma só palavra, ele parasse. Mantive-me ocupada com minha filha, entregando a ela a garrafa d'água, certificando-me de que ela não a derramasse sobre si mesma, arrumando um guardanapo de papel.

A garçonete veio anotar nossos pedidos. Dois cheesecakes Amadeus, dois cafés e uma panqueca para minha filha.

William disse: – Tudo desmoronou. Foi um inferno. Um ano terrível. Nada

dissemos por alguns minutos, olhando à nossa volta para as mesas

movimentadas. O café era um lugar barulhento e animado, com música clássica emanando de caixas de som camufladas. Minha filha balbuciava para si mesma, sorrindo para mim e para William, sacudindo seu brinquedo. A garçonete trouxe nossos pedidos.

– Você está bem agora? – perguntei hesitante.

– Estou – ele respondeu rapidamente. – Sim, estou. Levei algum tempo para me acostumar a essa nova parte de mim. Compreender e aceitar a história de minha mãe. Lidar com toda a dor que ela causava. Às vezes ainda não consigo. Mas estou trabalhando nisso, e muito. Fiz algumas coisas necessárias.

– Como o quê? – perguntei, dando pedacinhos melados de panqueca amassada para a minha filha.

– Percebi que eu não podia mais carregar tudo aquilo sozinho. Eu me sentia isolado, destruído. Minha esposa não conseguia compreender o que eu estava atravessando. E eu simplesmente não conseguia explicar, a comunicação entre nós era inexistente. Levei minhas filhas para Auschwitz comigo, no ano passado, antes da celebração pelo sexagésimo aniversário. Precisei contar o que aconteceu aos bisavós delas. Não era fácil, e essa foi a única forma que encontrei para fazer isso. Mostrar a elas. Foi uma viagem comovente e cheia de lágrimas, mas eu me senti em paz, finalmente, e senti que minhas filhas compreenderam.

Seu rosto estava triste, pensativo. Eu não falei nada, deixei que ele falasse quanto precisasse. Limpei o rosto do bebê e dei mais água a ela.

– Fiz uma última coisa, em janeiro. Voltei a Paris. Há um novo memorial ao Holocausto no Marais, talvez você saiba sobre ele. – Concordei com um movimento de cabeça. Eu tinha ouvido falar dele e planejava ir lá na minha próxima viagem. – Chirac o inaugurou no fim de janeiro. Há um muro de nomes logo na entrada. Um enorme muro de pedra cinzenta gravado com 76 mil nomes. Os nomes de cada judeu deportado da França.

Observei seus dedos brincarem com a borda da xícara de café. Eu estava sentindo como era difícil olhar para o rosto dele diretamente.

– Fui lá para encontrar os nomes deles. E lá estavam. Wladyslaw e Rywka Starzynski. Meus avós. Senti a mesma paz que eu havia sentido em Auschwitz. A mesma dor. Eu me senti grato por eles serem lembrados, pelo fato de os franceses se lembrarem deles e os homenagearem daquela maneira. Julia, havia pessoas chorando na frente daquele muro. Pessoas jovens, pessoas de idade, pessoas da minha idade, tocando o muro com as mãos e chorando.

Ele fez uma pausa, respirando cuidadosamente pela boca. Mantive meus olhos na xícara, nos dedos dele. A girafa do bebê guinchava, mas nós não a estávamos ouvindo.

– Chirac fez um discurso. Eu não entendi, é claro. Pesquisei mais tarde na internet e li a tradução. Um bom discurso. Instando as pessoas a se lembrarem da responsabilidade da França durante a batida policial do Vel' d'Hiv e o que se seguiu.



Chirac pronunciou as mesmas palavras que minha mãe escreveu no fim de sua carta. Zakhor, Al Tichkab. Lembre-se. Nunca esqueça. Em hebraico.

Ele se curvou e apanhou um grande envelope de papel pardo na mochila que estava a seus pés e o entregou para mim.

– Essas são fotos que eu tenho dela e eu queria mostrá-las a você. De repente, eu descobri que não sabia quem era minha mãe, Julia. Quero dizer, eu sabia como era a aparência dela, seu sorriso, mas nada sobre sua vida interior.

Limpei a calda de meus dedos para poder pegar nelas. Sarah no dia de seu casamento. Alta, esguia, com seu sorriso leve, seus olhos misteriosos. Sarah segurando William quando era bebê. Sarah com William quando ele estava aprendendo a andar, segurando-o pela mão. Sarah, por volta dos 30 anos, usando um vestido de baile cor de esmeralda. E Sarah, logo antes de sua morte, em um grande close-up colorido. Percebi que seus cabelos estavam grisalhos. Prematuramente grisalhos e estranhamente bonitos. Como os dele, agora.

– Eu me lembro dela sendo alta, magra e silenciosa – disse William enquanto eu olhava cada foto com crescente emoção. – Ela não ria muito, mas era uma pessoa intensa e uma mãe amorosa. Mas ninguém jamais mencionou suicídio depois de sua morte. Nunca. Nem mesmo papai. Eu acho que papai nunca leu aquele caderno. Ninguém leu. Talvez ele o tenha encontrado muito tempo depois da morte dela. Todos pensávamos que tinha sido um acidente. Ninguém sabia quem era minha mãe, Julia. Nem mesmo eu. E é com isso que eu ainda acho tão difícil conviver. O que a levou à morte, naquele dia frio e nevado. Como ela tomou aquela decisão. Por que nós nunca soubemos nada sobre seu passado? Por que ela escolheu não contar ao meu pai? Por que ela manteve todo o seu sofrimento, toda a sua dor, para si mesma? – Essas fotos são lindas – eu disse finalmente. – Obrigada por tê-las trazido.

Fiz uma pausa.

– Há algo que eu preciso perguntar – eu disse, guardando as fotos, reunindo coragem e finalmente olhando para ele.

– Pode perguntar.

– Você guarda alguma mágoa de mim? – perguntei com um sorriso leve. – Sinto como se eu tivesse destruído a sua vida.

Ele sorriu.

– Não guardo mágoa nenhuma, Julia. Eu apenas precisava pensar. Compreender. Juntar novamente todas as peças. Levei algum tempo. É por isso que você não teve notícias minhas por tanto tempo.

Senti o alívio me invadir.

– Mas eu sabia o tempo todo onde você estava – ele sorriu. – Passei um bom tempo rastreando você. – Mamãe, ele sabe que você agora mora aqui. Ele também pesquisou sobre você. Ele sabe o que você faz aqui e sabe onde você mora. – Quando exatamente você se mudou para Nova York? – ele perguntou.

– Pouco depois do nascimento da minha filha. Na primavera de 2003. – Por que você saiu de Paris? Se você não se importar em me dizer... Dei um sorriso triste.

– Meu casamento estava terminado. Eu tinha acabado de ter esse bebê. Não consegui morar no apartamento da rue de Saintonge depois de tudo o que aconteceu lá. E senti vontade de me mudar novamente para os Estados Unidos.

– Então como você fez, realmente? – Ficamos com minha irmã durante algum tempo, no Upper East Side, e depois ela encontrou um lugar para sublocar de um de seus amigos. E meu ex-chefe encontrou para mim um ótimo emprego. E você? – A mesma história. A vida em Lucca simplesmente não parecia mais possível. E minha mulher e eu... – Sua voz extinguiu-se aos poucos. Ele fez um pequeno gesto com os dedos como se a dizer até logo, adeus. – Eu morei aqui quando era garoto, antes de Roxbury. E a idéia rondava a minha cabeça já havia algum tempo. Então eu finalmente resolvi pôr em prática. Primeiramente fiquei com um de meus amigos mais antigos, no Brooklyn, e depois encontrei um lugar no Village. Estou fazendo aqui o mesmo trabalho de antes. Crítico de gastronomia.

O telefone de William tocou. A namorada, de novo. Eu me virei, tentando dar a ele a privacidade de que precisava. Ele finalmente guardou o telefone.

– Ela é um pouco possessiva – ele disse timidamente. – Acho que vou desligá-lo durante algum tempo.

Ele mexeu no telefone.

– Há quanto tempo vocês estão juntos?

– Alguns meses. – Ele olhou para mim. – E você? Está saindo com alguém? – Estou. – Pensei no sorriso meigo e cortês de Neil. Seus gestos cuidadosos. O sexo rotineiro. Eu quase acrescentei que não era importante, que era só pela companhia, porque eu não conseguia ficar sozinha, porque todas as noites eu pensava nele, William, e na mãe dele, todas as noites, durante os últimos dois anos e meio, mas fiquei de boca fechada. Disse apenas: – Ele é uma boa pessoa. Divorciado. Advogado.

William pediu mais café. Enquanto ele me servia, percebi, mais uma vez, a beleza das mãos dele, seus longos dedos afilados.

– Cerca de seis meses depois de nosso último encontro – ele disse - voltei à rue de Saintonge. Eu tinha que ver você. Falar com você. Eu não sabia onde encontrá-la, não tinha o seu número e não conseguia me lembrar do nome de seu marido, então eu nem podia procurar na lista telefônica. Pensei que você ainda estava morando lá. Eu não tinha idéia de que você tinha se mudado.

Ele fez uma pausa, correu a mão pelo cabelo espesso e prateado. – Eu li tudo sobre a batida policial do Vel' d'Hiv, fui a Beaune-la-Rolande e à rua

onde era o estádio. Fui ver Gaspard e Nicolas Dufaure. Eles me levaram ao túmulo de meu tio no cemitério de Orléans. Que homens gentis! Mas foi difícil, foi duro passar por isso. E eu desejei que você estivesse lá comigo. Eu jamais deveria ter feito

aquilo tudo sozinho, eu deveria ter dito sim quando você pediu para ir junto.

– Talvez eu devesse ter insistido – eu disse.

– Eu deveria ter ouvido você. Era muita coisa para suportar sozinho. E então, quando finalmente voltei à rue de Saintonge, e quando aquelas pessoas desconhecidas abriram a porta, eu tive a sensação de que você tinha me abandonado.

Ele baixou os olhos. Coloquei a minha xícara de café de volta no pires, sentindo o ressentimento me invadir. Como ele poderia pensar isso depois de tudo o que eu tinha feito por ele, depois de todo o tempo, os esforços, a dor, o vazio? Ele deve ter decifrado algo em meu rosto, porque rapidamente colocou a mão sobre a minha manga.

– Desculpe por ter dito isso – ele murmurou.

– Eu nunca o abandonei, William.

Minha voz soou tensa.

– Eu sei disso, Julia. Desculpe.

A voz dele estava profunda, vibrante.

Relaxe. Consegui dar um sorriso. Bebemos nossos cafés em silêncio. Às vezes nossos joelhos se esbarravam sob a mesa. Era uma sensação natural, estar com ele. Como se fizéssemos isso há anos. Como se esta não fosse apenas a terceira vez que nos víamos.

– Seu marido não se importa que você more aqui com as crianças? – ele perguntou.

Encolhi os ombros. Baixe os olhos para a criança que havia adormecido no carrinho.

– Não foi fácil. Mas ele está apaixonado por outra pessoa. Está apaixonado já há algum tempo. Isso ajudou. Ele não vê muito as meninas, no entanto. Ele vem aqui às vezes e Zoé passa as férias na França.

– A mesma coisa com minha ex-mulher. Ela teve outro filho. Um menino. Vou a Lucca sempre que posso para ver minhas filhas. Ou elas vêm aqui, porém mais raramente. Elas estão bem crescidas agora.

– Quantos anos elas têm? – Stefania tem 21 e Giustina, 19. Soltei um assobio. – Você as teve bem jovem.

– Talvez jovem demais.

– Eu não sei – eu disse. – Às vezes eu me sinto esquisita com o bebê. Queria que ela tivesse nascido antes. Há uma diferença de idade tão grande entre ela e Zoé! – Ela é um bebê adorável – ele disse, dando uma saudável mordida em seu cheesecake.

– É sim. A favorita da mãe coruja. Nós dois rimos muito. – Você se ressentiu de não ter tido um menino? – ele perguntou. – Não. Você sente isso? – Não. Eu amo as minhas filhas. Talvez elas tenham netos,

no entanto. O nome dela é Lucy, então? Eu o encarei. Depois olhei para ela. – Não,

essa é a girafa de brinquedo – eu disse. Houve uma pequena pausa. – O nome dela é Sarah – eu disse baixinho.

Ele parou de mastigar, colocou o garfo no prato. Seus olhos mudaram. Ele olhou para mim, para a criança adormecida e não disse nada.

Depois, ele enterrou o rosto nas mãos e ficou assim durante vários minutos. Eu não sabia o que fazer. Toquei no ombro dele.

Silêncio.

Sentime novamente culpada, como se eu tivesse feito algo imperdoável. Mas eu sempre soube, o tempo todo, que esse bebê tinha que se chamar Sarah. Assim que me disseram que era menina, no momento de seu nascimento, eu soube qual era o seu nome.

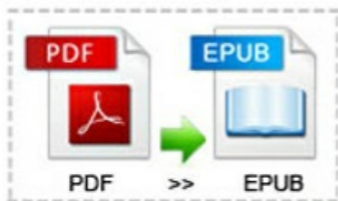
Não havia outro nome que minha filha pudesse ter. Ela era Sarah. Minha Sarah. Um eco da outra Sarah, da menina com a estrela amarela que havia mudado a minha vida.

Finalmente ele afastou as mãos e vi seu rosto sofrido, lindo. A dor aguda, a emoção em seus olhos. Ele não tinha medo de me deixar vê-los. Ele não lutou contra as lágrimas. Parecia que ele queria que eu as visse todas, a beleza e a dor de sua vida, ele queria que eu visse seus agradecimentos, sua gratidão, sua dor.

Tomei sua mão e a apertei com força. Eu não conseguia mais olhar para ele, então eu fechei meus olhos e coloquei a mão dele contra o meu rosto. Chorei com ele. Senti seus dedos ficarem molhados com as minhas lágrimas, mas eu mantive a mão dele ali.

Continuamos sentados por um longo tempo, até que a multidão à nossa volta diminuiu, até que o sol se deslocou e a luz mudou. Até sentirmos que nossos olhos poderiam se encontrar novamente, sem lágrimas.

FIM



# Conversão & Formatação



JÚLIO CESAR



<https://www.facebook.com/julioacwmaciel>

julioacwmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -